

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**DOS SERTÕES DESCONHECIDOS ÀS CIDADES**  
**CORROMPIDAS:**  
**UM ESTUDO SOBRE A OBRA DE JOÃO DE MINAS (1929-1936)**

**LEANDRO ANTONIO DE ALMEIDA**

**São Paulo**  
**2008**

**LEANDRO ANTONIO DE ALMEIDA**

**DOS SERTÕES DESCONHECIDOS ÀS CIDADES  
CORROMPIDAS:  
UM ESTUDO SOBRE A OBRA DE JOÃO DE MINAS (1929-1936)**

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-graduação em História Social da  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas da Universidade de São Paulo  
como requisito para obtenção do grau  
de Mestre em História Social

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Elias Thomé Saliba

São Paulo  
2008

ALMEIDA, Leandro Antonio de.

Dos Sertões Desconhecidos às Cidades Corrompidas: um estudo sobre a obra de João de Minas (1929-1936) / Leandro Antonio de Almeida.

São Paulo: FFLCH/USP, 2008.

232 f.; il.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008.

Orientação: Elias Thomé Saliba

Inclui anexo e bibliografia.

1. João de Minas. I. Título.

**Contato:**  
**leandroalmeida@hotmail.com**

Comissão Julgadora

---

Elias Thomé Saliba  
(Orientador)

---

Paula Ester Janovitch

---

Lilia Katri Moritz Schwarcz

À querida sempre

Maria Helena  
pela eterna companhia.

## Agradecimentos

A Ariosto Palombo, objeto deste estudo, mas também sujeito histórico, que pela sua vida e pelos escritos, forneceram a oportunidade de realização desta dissertação.

À FAPESP, que nos financiou, através de bolsa de mestrado, propiciando as condições materiais de sobrevivência para realização da pesquisa.

Às pessoas que generosamente contribuíram para a dissertação, seja no auxílio à pesquisa, como a Tamiko da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, seja com informações sobre João de Minas ou ajuda bibliográfica (acompanhadas frequentemente de agradáveis horas de conversa e troca de experiências), como Paulo Valadares, Cláudio Giordano da oficina do livro Rubens Borba de Moraes, Nelson Zanotti, aos escritores Caio Porfírio Carneiro e Rui Ribeiro da UBE, à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Cristina Cortez Wissembach, ao Prof. Dr. Marco Antonio Arantes, de Ribeirão Preto, ao Guido Bilharinho, de Uberaba, e Regis Palombo. Nos encontros com vários deles, aprendemos com as difíceis tentativas de obter informações sobre Ariosto, e todos os incentivos à realização do estudo foi de suma importância para nós.

Aos professores Dra Lilia Schwarcz, Dra Paula Janovitch e Dr. José Geraldo Vinci de Moraes, pela importante avaliação preliminar e final do estudo que segue, rigorosamente contribuindo para a melhoria da dissertação, iluminando os pontos para nós obscuros. Agradecemos a José Geraldo, em particular, por acompanhar desde o projeto de pesquisa o desenvolvimento de nosso estudo.

Aos colegas de pós-graduação, em especial Patrícia Raffaini, Camila Koshiba, Ana Karícia e João Vilhena, Maria Margareth, cuja convivência acadêmica, além de contribuir com conversas a partir das inquietações próprias de cada pesquisa, agregando a experiência de quem se iniciou antes na jornada do mestrado, foi marcada pela alegria das festas e comemorações semestrais, raras no ambiente acadêmico.

Aos amigos da Faculdade de História da USP, em especial Marcelo Meira Amaral Bogaciovass, Marcelo Ferreira, Marcos Antonio Lopes Veiga, Daniel Lago Monteiro, Thiago Lima Nicodemo, Karen Kossling, pela fraternal convivência desde a graduação, a qual permanece com o passar dos anos; mesmo que os caminhos seguidos por cada vida pessoal sejam distintos, a amizade e paixão pela História nos une.

Aos mestres e professores que nos marcaram durante o tempo que estivemos na graduação ou pós-graduação, nas mais diversas áreas do conhecimento, como Nicolau Sevchenko, Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, Jorge Grespan, Roseli Baumel, Gladson Silva, Umberto Fabri. Ensinarão, além de um conhecimento rigoroso porém sensível, a coerência entre sua prática docente e as diversas dimensões da vida, contribuindo para a formação não só do pesquisador, mas do ser humano que realiza esta dissertação.

Aos amigos da Cohab de Carapicuíba, em especial Fernando Brito Miranda, Jamilton Alves e Eduardo Camacho, pelos anos de convivência e amizade sincera.

A Laíla Rodrigues Soares e Gabriel Rodrigues Soares, pela calorosa recepção em Salvador e pelo jeito de ser, através do qual, talvez sem o saber, nos ensinaram bastante sobre a vida.

A meus pais Antonio Francisco de Almeida e Penha Maria de Almeida, por todo apoio e sacrifício empreendidos, pelo carinho e confiança no caminho seguido, pela vibração com as vitórias conseguidas na luta, no amor e no aprendizado do dia-a-dia. A meus irmãos Lauro Marreiros de Almeida e Leosmar Marreiros de Almeida, pelo companheirismo que nossa convivência sempre trouxe. Que esta dissertação lhes inspire perseverança e esperança na

realização dos seus ideais. Ao pequeno Nickolas, cuja graciosidade e luz infantil nos enche de alegria e renova o nosso compromisso com um futuro melhor.

Ao mestre Elias Thomé Saliba, cujas virtudes profissionais e éticas de pesquisador, orientador, escritor e professor constituem nosso modelo e parâmetro. Foi quem desde muito cedo na graduação adotou a orientação das pesquisas por nós empreendidas, e apresentou-nos o objeto desta pesquisa. A base de nossa formação acadêmica se deve às divertidas e instigantes conversas e orientações recebidas ao longo dos anos, onde aprendemos entre muitas outras coisas a paixão pela História e o real significado de ser um Historiador.

À querida Maria Helena, ser humano maravilhoso a quem tanto amamos, cujo amor sobre-humano possibilitou o início e o término dessa dissertação. As inúmeras palavras de agradecimento não são suficientes para dizer o quanto lhe somos gratos. Temos a certeza inquebrantável de que a alegria da vitória pelo término do trabalho é principalmente sua, e esperamos que nele esteja expresso o que há de melhor de nossa rica convivência.

É possível saber se se é feliz, ouvindo o vento. Este lembra ao infeliz a fragilidade de sua casa e basta para arrancá-lo de seu sono leve ou de algum pesadelo. A quem é feliz, a canção do vento sugere segurança e proteção: o furioso silvar do vento anuncia que este último não tem mais poder sobre aquele.

***Adorno, Minima Moralia, 29***



## RESUMO

O objetivo desta dissertação é entender as modificações temáticas ocorridas na obra literária de João de Minas (pseudônimo do jornalista Ariosto Palombo, 1896-1984), autor de 12 livros entre 1929 e 1936. O principal caminho utilizado é a análise temática de suas narrativas, buscando-se como o escritor configura o “mundo da obra” literária, revelador das escolhas e temas significativos para o escritor no período estudado. Diversas mudanças temáticas em sua literatura estão relacionadas ao impacto exercido na vida do autor pelo movimento de outubro de 1930. Em função de seus antigos vínculos com o Partido Republicano Paulista, o evento gerou em João de Minas um sentimento de deslocamento social, que o levou, de 34 em diante, a tratar de forma mais crítica da história, da sociedade e da política de seu tempo. Tal percepção reverberou no seu fazer literário: deixou de se preocupar com uma realidade distante e desconhecida do sertão ou de defender o regime oligárquico vigente até 1930, mas passou a refletir distanciada e ironicamente sobre as mazelas e convenções da vida urbana. Descolado do PRP, João de Minas se sentiu livre para representar o que via como o obscuro da vida política e da vida social das grandes cidades.

**Palavras-Chave:** João de Minas, Ariosto Palombo, Revolução de 30, Literatura brasileira.

## **ABSTRACT**

The main goal of this dissertation is to understand the changing of themes in João de Minas' literary work (pseudonym of the journalist Ariosto Palombo, 1896-1984), author of 12 books published in 1929-1936. The methodology used was to analyze the themes of his stories, searching how the writer configured the literary "world of the work", that show us the choices and the main themes used by the writer in that time. Several changes in the themes of his literary work concern the impact which the "1930's Revolution" had in his life. For João de Minas, due to his ancient links with Paulista Republican Party, the "revolution" brought a feeling of a social displacement that lead him, since 1934, to treat critically of history, society and politics of his time. That feeling affected the author's literature: he stopped writing about a far and unknown reality of wilderness or support oligarchic established regime, which lasted until 1930, and began to reflect distant and ironically about customs and problems of urban life. Unattached to PRP, João de Minas was free to draw what he saw as the obscene in political and social life of the great cities.

**Keywords:** João de Minas, Ariosto Palombo, Revolution of 1930, Brazilian literature.

## **LISTA DE FIGURAS**

Fotos de Ariosto Palombo	29
Escritos Sertanistas	60
Escritos Sexuais	115
Escritos Policiais	117
Ciência Divina ou Cura Divina Total	202

## SUMÁRIO

<b>Veredas iniciais de uma busca</b>	14
<b>Ariosto Palombo, vulgo João de Minas</b>	
<i>Preâmbulo</i>	30
<i>Alguns perfis</i>	31
<i>Ouro Preto e Belo Horizonte: infância e juventude (1894?-1920)</i>	33
<i>Uberaba: política local e jornalismo itinerante (1921-1929)</i>	38
<i>Rio de Janeiro: um sertanista na capital num ano turbulento (1930)</i>	42
<i>São Paulo: atividade intelectual no novo regime (1932-1937)</i>	44
<i>Atividades jornalísticas e primeiros tempos da Igreja (1935-c. 1950)</i>	49
<i>Dedicação integral à Igreja Brasileira Cristã Científica (c. 1950 -1969?)</i>	54
<i>Retiro e morte (1970? -1984)</i>	57
<b>Parte I: Farras nos sertões desconhecidos</b>	
<i>Rumo ao sertão, imperativo da brasilidade</i>	
Os sertões de João de Minas	62
Passeio pelas paragens interioranas	67
Sentimentos predominantes das personagens do sertão	82
O desfalecimento do nacionalismo	86
<i>Rotas de fuga: meandros do fantástico em João de Minas</i>	
Veracidade fantástica	92
Flertes com o mundo especial ou entre o século XX e a crença	97
Guias e feiticeiros ou a busca da natureza desconhecida	105
<b>Parte II: Um sertanista desabusado na metrópole</b>	
<i>Aspectos do inferno urbano</i>	
Prelúdio: Os contos de Fêmeas e Santas	118
À moda de Benjamin Costallat: os romances sexuais	124
No rastro de Paulo Borborema: o gênero policial	145
<i>Perspectivas de Revolução</i>	
Depois, miseravelmente depois...	156
30 e 32 na literatura urbana de João de Minas	161
“Meu reino...”	173

## **A encruzilhada de João de Minas**

<i>Olvidamento</i>	187
<i>Uma obra garantujada de sangue</i>	191
<i>Caminho inusitado</i>	198

## **Referências**

### *Fontes*

Livros de João de Minas	204
Colaborações em periódicos	204
Documentos diversos sobre sua vida	205

### *Bibliografia*

Sobre João de Minas – recente	206
Literatura e História do Brasil	207
Teórico- Metodológica	213

## **Anexos: contos de João de Minas**

<i>A- Sertão Próximo: A Pergunta do morto</i>	217
<i>B- Sertão Profundo: Deus é qui varia...</i>	219
<i>C- Fêmeas e Santas: O Meu encontro pessoal com Jesus Cristo</i>	221
<i>D- Temática Sexual: Arranha-céu Rádio</i>	225
<i>E- Policial: O Misterioso assassinio do milionário das estatuas de ouro</i>	228

# *Introdução*

## Veredas iniciais de uma busca

*O método é uma arma social e política*

Jean Paul Sartre,  
Questão de Método

Um dos maiores historiadores do século XX, Marc Bloch, pouco antes de ser fuzilado pelos alemães em 1944, deixou inacabado um livro com orientações sobre seu ofício. Entre as orientações, há o seguinte conselho:

À frente das obras históricas do gênero sério, o autor em geral coloca uma lista das cotas de arquivos que vasculhou, das coletâneas que fez uso. Isso é muito bom, mas não basta. Todo livro de história digno desse nome deveria comportar um capítulo ou [caso se prefira], inserida nos pontos de inflexão da exposição, uma série de parágrafos que se intitulariam algo como: ‘Como posso saber o que vou lhes dizer?’ Estou convencido de que, ao tomar conhecimento dessas confissões, inclusive os leitores que não são do ofício experimentariam um verdadeiro prazer intelectual. O espetáculo da busca, com seus sucessos e reveses, raramente entedia. É o tudo pronto que espalha o gelo e o tédio.<sup>1</sup>

Ao deleite propiciado pela leitura de tais confissões liga-se uma importante questão metodológica nas ciências históricas: desde finais do século XIX, numa crítica à escola metódica, percebeu-se que os aspectos subjetivos da pesquisa são constituintes de qualquer investigação acadêmica, pois o sujeito não pode se despir de sua bagagem individual e cultural nem das questões que lhe inquietam. Porém, além da subjetividade do historiador, o trecho de Bloch permite considerar que as contingências e os caminhos da pesquisa também constituem o objeto. O “espetáculo da busca, com seus sucessos e reveses” é condicionante fundamental na reconstrução de qualquer passado, pois o olhar sobre sua fugaz realidade depende da disponibilidade das fontes. Tal busca raramente era (e talvez ainda seja) explicitada no corpo trabalho final, ocultando o caminho da pesquisa, assim como seus limites. Logo, o “tudo pronto” acaba por mutilar o objeto construído aos olhos do leitor ao criar a falsa impressão de completude. Eis o motivo pelo qual Bloch pensa serem obrigatórias as considerações sobre o processo da pesquisa no corpo do texto, conferindo ao relato da “busca” a mesma importância dada às referências bibliográficas e à relação das fontes utilizadas, ambas imprescindíveis numa “obra histórica do gênero sério”.

---

<sup>1</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001, p. 83.

A relevância da assertiva de Marc Bloch inspirou-nos a iniciar este trabalho pelo relato de nossa busca, ou seja, mostrar como tomamos contato com as fontes e constituímos a problemática que nos guia.

Ao longo do ano de 2002 e primeiros meses de 2003 estudávamos os contos do escritor norte-americano H.P. Lovecraft com o intuito de construir um projeto de mestrado sobre as relações entre o fantástico e os limites da ciência no início do século XX. Depois de apresentar um esboço ao nosso orientador, ele nos indicou a leitura de livros do escritor João de Minas nos quais havia semelhanças temáticas com Lovecraft, mas com a vantagem de ser brasileiro e nunca haver sido estudado<sup>2</sup>. Uma primeira leitura despertou nosso interesse, levando-nos a agradecer a preciosa indicação e aceitar a empreitada.

A primeira tarefa com a qual nos deparamos já representou um desafio próprio de qualquer pesquisador sobre João de Minas: encontrar a obra<sup>3</sup> e dados biográficos sobre o escritor. Um dos guias mais importantes foi o posfácio de Aderbal Freire-Filho à *A Mulher Carioca aos 22 anos*<sup>4</sup>, que nos forneceu um primeiro panorama sobre sua vida assim como a relação dos livros publicados, tendo em vista a não existência de informações sobre João de Minas nas histórias<sup>5</sup> e nos dicionários ou enciclopédias de literatura brasileira<sup>6</sup>. Paralelamente à busca de fontes biográficas, procuramos localizar os livros do escritor<sup>7</sup>.

---

<sup>2</sup> Sob o viés do humor, Elias Thomé Saliba se dedica ao estudo de escritores e cronistas brasileiros pouco ou nada considerados pelo cânone literário, cujo trabalho mais conhecido é *Raízes do Riso: A Representação Humorística na História Brasileira: Da Belle Époque aos Primeiros Tempos do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>3</sup> A palavra obra, no campo da literatura e das ciências humanas em geral, têm um duplo sentido em português, podendo se referir a um livro único publicado por um escritor, quando acompanhado do título (podendo ser utilizada no plural), ou ao conjunto publicado de seus livros, geralmente acompanhado do nome do escritor. Assim, por exemplo, a **obra** (livro) *Jantando um Defunto* faz parte da **obra** (conjunto dos livros publicados) de João de Minas. Mantivemos o duplo sentido da palavra, que pode ser precisado conforme o critério acima.

<sup>4</sup> FREIRE FILHO, Aderbal. Quem é Esse Cara? In: Minas, João de. *A Mulher Carioca aos 22 anos*. Rio de Janeiro: Dantes, 1999, p 211-266.

<sup>5</sup> CANDIDO, Antonio & CASTELO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: História e Crítica*. 10<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, v. 2.; BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 33<sup>a</sup> ed., São Paulo: Cultrix, 1995; COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 3a. ed., rev. e atualizada, Rio de Janeiro; Niterói : J. Olympio Editora: Universidade Federal Fluminense, 1986, v. 5 e 6

<sup>6</sup> COUTINHO, Afrânio & SOUZA, J. Galante (dir.) *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, 2<sup>a</sup> ed. rev., amp., atual. e ilust. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/DNL e Academia Brasileira de Letras, 2001, 2v.; MENEZES, Raimundo. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2<sup>a</sup> ed. rev., amp., atual. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978; Moisés, Massaud (org. e dir.). *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*, 5<sup>a</sup> ed. atual., São Paulo: Cultrix, 1999. Onde localizamos informações sobre o escritor, num estágio já adiantado da pesquisa, foi em MARTINS, Mário Ribeiro. *Dicionário Bibliográfico de Goiás*. Rio de Janeiro: Master, 1999, pp. 45-46 (AG Pinto), 571 (João de Minas), 1055-1056 (Teófilo Neto).

<sup>7</sup> Em São Paulo existem três livros no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP e quatro na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, todos livros sertanistas, contando viagens do autor ao interior do país. Nessa biblioteca também há uma coleção do *O Paiz* (RJ), no qual João de Minas colaborou, o que dispensava algumas viagens ao Rio de Janeiro. Aproveitando as férias de julho de 2004, realizamos buscas nessa cidade, encontrando pela primeira vez dois livros do autor ambientado em cidades (*A Datilógrafa Loura e Nos Misteri-*



Após a sondagem inicial, preferimos trabalhar com os textos sertanistas de João de Minas disponíveis na capital paulista. Chamou-nos a atenção a conexão entre o tema sertanejo desses livros e as inúmeras referências aos políticos paulistas de finais dos anos 20, levando-nos a elaborar um projeto de mestrado que se resume a

estudar as narrativas do escritor João de Minas que tematizam o sertão a partir de sua colaboração nos jornais *O Paiz* e *Correio Paulistano* no período de 1927 a 1930, e de seu livros *Jantando um Defunto*, *Farras com o Demônio*, *Mulheres e Monstros*, *Pelas Terras Perdidas*, *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, *Fêmeas e Santas*, publicados entre 1929 e 1935.

Foi para trabalhar essa problemática que adentramos ao Programa de Pós-Graduação em História Social da USP em fevereiro de 2005. No primeiro semestre cursamos a disciplina *Sociologia da Literatura*, no departamento de letras, ministrada pelo Professor Dr. Jaime Ginzburg, a qual propiciou subsídio teórico suplementar para a problemática de se trabalhar historicamente com textos literários, partindo das teorias de Lucács, Benjamin, Adorno e Antonio Cândido. Ao mesmo tempo, a disciplina *Nacionalismo e Produção Cultural no Brasil: Dilemas Metodológicos e Perspectivas de Pesquisa*, ministrada pelo nosso orientador Elias Thomé Saliba, forneceu-nos uma oportunidade para estudar os debates entre intelectuais brasileiros nos anos 20 e 30. No segundo semestre, cursamos a disciplina *História da Cultura e Cultura Popular: Interveniências Temáticas, Analíticas e Conceituais*, ministrada pelo Professor Dr. Nicolau Sevcenko, que nos fez perceber como os escritos sertanejos de João de Minas dialogavam com temas ligados à cultura popular do interior do país<sup>8</sup>.

Ainda no segundo semestre de 2005, quando a pesquisa seguia os rumos delineados pelo projeto, conhecemos Cláudio Giordano e a Oficina do Livro Rubem Borba de Moraes<sup>9</sup>. No acervo da oficina está depositado toda a obra de João de Minas, à exceção de *Sangue de Ilusões*. Dotado de rara gentileza, Cláudio Giordano, além de indicações preciosas para pes-

---

*osos Subterrâneos de São Paulo*). Além desses, descobrimos um inédito e extremamente raro, de título *Sangue de Ilusões*, o que sugeria que a obra de João de Minas poderia ser maior do que a referida por Aderbal.

<sup>8</sup> Como fruto da frequência nas disciplinas, elaboramos trabalhos que se transformaram em artigos complementares à dissertação: da primeira resultou ALMEIDA, Leandro A. Reflexões sobre a pergunta do morto de João de Minas. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, NEHAC-UFU, vol. 4, ano IV, n. 3, julho /agosto /setembro de 2007, site acessado em 17/01/2008 e disponível em <http://www.revistafenix.pro.br/PDF12/secaolivre.artigo.2-Leandro.Antonio.de.Almeida.pdf>, no qual analisamos uma crônica do escritor à luz da teoria literária de Adorno. Como resultado da segunda, ver ALMEIDA, Leandro A. Leituras de *Jantando um Defunto*. *Revista de História*, DH-USP, n. 155, 2º semestre de 2006, pp. 261-282, onde tratamos da recepção do primeiro livro do autor junto à crítica em 1929. Como trabalho final da terceira, estudamos o tema do fantástico na obra sertaneja de João de Minas, que forneceu a base para o segundo capítulo da parte I, e foi primeiramente publicado inicialmente em ALMEIDA, Leandro A. Realidades sobrenaturais nos sertões de João de Minas. In: CAMPOS, A. P. et. al. (Org.). *Anais eletrônicos do congresso internacional UFES/Université de Paris-Est: Impérios, religiosidades e etnias*. Vitória: GM Editora, 2007, p. 1-13.

<sup>9</sup> O pivô do contato foi o artigo: GIORDANO, Cláudio. Um João Esquecido. *Jornal Pró-Arte*. Disponível em [http://www.jornalproarte.com.br/index.php?issue=3&session=mater&\\_id=7](http://www.jornalproarte.com.br/index.php?issue=3&session=mater&_id=7), acessado em 20/01/2005.

quisa e agradáveis conversas, disponibilizou para cópia todos os livros do autor. A partir de então iniciamos uma leitura atenta e repetida das narrativas do escritor mineiro.

A primeira percepção que tivemos dessas fontes foi que elas se compõem de histórias divididas basicamente em dois grandes temas: os escritos sertanistas, originais como *Jantando um Defunto* (1929), *Farras com o Demônio* (1930), *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* (1934), ou reedições destas obras, como *Mulheres e Monstros* (1933) e *Pelas Terras Perdidas* (1934); e os escritos urbanos, como *A mulher Carioca aos 22 Anos* (1934), *A Dattilógrafa Loura* (1934), *Uma Mulher Mulher* (1935), *Fêmeas e Santas* (1935), *A Prostituta do Céu* (1935) e *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo* (1936). Os livros sertanejos tratam de viagens de João de Minas às regiões centrais do Brasil, onde se descreve, em primeira pessoa participante, um mundo definido pelo exotismo que mereceria ser descrito e conhecido. Já as obras sobre as cidades são narradas em terceira pessoa e apresentam um problema distinto: as agruras das personagens em um mundo governado pelas paixões, ganância e ambição, no qual as personagens se valem de pessoas e ideais diversos como meios para atingir seus fins.

Após o contato com todas suas narrativas, consideramos mais interessante mudar as fontes. Primeiramente, notamos que todos os seus livros foram publicados entre 1929 e 1936, ao contrário de seus textos jornalísticos, dispersos em jornais e revistas de várias cidades brasileiras no período entre 1915 a 1945. Do ponto de vista metodológico, a mudança no escopo das fontes permitiu-nos mapear os temas com os quais lidava o autor (o que nunca foi feito antes) e delimitar melhor as próprias fontes, visto que ainda não realizamos um levantamento sistematizado das suas colaborações em periódicos. Em segundo lugar, não gostaríamos de excluir da análise uma das partes mais interessantes da obra: os seus romances. A problemática que trazem permite entender como o autor representou o tema das grandes metrópoles a partir de uma crítica à política, ao progresso tecnológico e à sociedade. Em terceiro lugar percebemos, pela leitura integral dos livros, que nossa visão dos sertões de João de Minas no projeto estava presa ao sentido estritamente político – mais imediato – de sua obra. A pesquisa mostrou que essa perspectiva era reducionista, pois apagava a experiência que o próprio autor tinha daquelas regiões. Assim, delimitamos as fontes principais desta dissertação, que se tornaram todos os livros de narrativas publicados por João de Minas<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Para fornecer subsídio ao estudo das narrativas, o trabalho com as fontes periódicas não foi descartado. Realizamos um levantamento nos jornais, encontrando textos em *O Paiz*, do Rio de Janeiro, entre 1927 e 1929; *O Correio Paulistano*, de São Paulo, entre 1929 e 1930; as colaborações pontuais em *Ilustração Brasileira* e *O Cruzeiro* do ano de 1930; *O Jornal do Estado* (Diário Oficial de SP), entre junho e julho de 1933; semanário *O Malho*, do Rio de Janeiro, entre 1933 e 1934; a *Noite Ilustrada* entre 1933 e 1934; e a revista trimestral *Sul América*, do Rio de Janeiro, entre 1933 e 1937. Também contamos com a generosidade do pesquisador Dr.

Ao mesmo tempo, decidimos ampliar o objeto da pesquisa ao estudar as mudanças na problemática que orientam as histórias desses livros. Além da divisão entre obra urbana e obra sertaneja, após sucessivas leituras das fontes notamos mudanças no fazer literário do autor após 1930, ocorridas em vários níveis: temático, ideológico e estilístico. Nossa percepção coincide com a sensação de João de Minas em 1934 de que seu destino e o do país tomaram um rumo inesperado com o movimento de outubro. Unindo a nossa impressão inicial à sensação do escritor, consideramos frutífero pensar que tal mudança literária estaria relacionada ao impacto exercido na trajetória e na vivência do autor pelo movimento de 1930.

Nossa leitura da bibliografia sobre o final dos anos 20 e início dos anos 30 pareceu indicar que a relação acima estabelecida não era destituída de fundamento. Destacamos nesse campo duas vertentes de pesquisa que nos interessam neste trabalho.

A primeira critica o estabelecimento do evento de 1930 como marco periodizador. A análise de Vavy Pacheco Borges sobre a historiografia política mostra que a questão da “revolução de 30” como continuidade ou ruptura marcou por meio século as considerações sobre o tema. Segundo a autora, esse problema mantém posturas do debate político de início dos anos 30, somando-se a elas a noção de processo linear e o conceito de ideologia auridos das análises marxistas que permearam o debate universitário entre os anos 50 e fins de 70<sup>11</sup>.

Já os trabalhos de Carlos Alberto Vesentini<sup>12</sup> e Edgar de Decca<sup>13</sup> tomam outro rumo: priorizam a análise das possibilidades históricas existentes no período de final da década de 20 e início de 30, criticando o estabelecimento do movimento de outubro como marco periodizador para a História ao mostrar como a construção do fato “Revolução de 30” foi empreendida pelo grupo vencedor. Dedicam-se os autores a construir outra periodização cujo marco é 1928, ano no qual as possibilidades revolucionárias para o Brasil eram debatidas pelos diversos setores sociais como a burguesia industrial, os tenentes e o Bloco Operário Camponês. O marco ainda pode ser retrocedido se englobarmos outros eventos que mostram um quadro

---

Marco Antonio Arantes, docente do Centro Universitário Moura Lacerda (em Ribeirão Preto-SP), que nos enviou os escritos de João de Minas no jornal *O Imparcial* de Araraquara em novembro e dezembro de 1932. Mas não foi possível dar conta de tudo: das fontes periódicas a consultar, restam os artigos do jornal *O Paiz* do ano de 1930, os artigos do jornal *Lavoura e Comércio*, de Uberaba, MG, entre 1920 e 1945; as possíveis colaborações em *O Jornal*, do Rio de Janeiro; os possíveis artigos existentes em jornais pertencentes aos *Diários Associados*, de São Paulo, entre 1933 e 1937, como *O Dia* e o *Diário de São Paulo*; e a revista *Falena*, de São Paulo, do ano de 1934 em diante, dirigida por João de Minas.

<sup>11</sup> BORGES, Vavy Pacheco. Anos 30 e política: História e Historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 165-171

<sup>12</sup> VESENTINI, Carlos Alberto. *A Teia do Fato: uma Proposta de Estudo sobre a Memória Histórica*. São Paulo: Editora Hucitec / História Social – USP, 1997

<sup>13</sup> DE DECCA, Edgar Salvatori. *1930: O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981

geral de descontentamento com a República na década de 20: Episódio dos 18 do Forte (1922), tomada e bombardeio de São Paulo (1924), Marcha da Coluna Prestes (1924-1927).

Ao mesmo tempo, outra frente de estudos se abriu no início dos anos 80: o da representação dos agentes sobre 1930. O próprio livro de Vesentini possui um momento no qual é analisada a memória de vários intelectuais sobre o período<sup>14</sup>. Outro esforço nesse sentido teve caráter bibliográfico, com o levantamento coordenado por Lúcia Lippi de Oliveira dos livros de época que tematizam, sob múltiplas perspectivas políticas, o papel do movimento de outubro<sup>15</sup>. Ao mencionar essa coletânea, Boris Fausto conclui o prefácio de 1997 ao seu *A Revolução de 1930*, dizendo que vale apenas tratar de um tema pouco explorado

o da percepção que a gente urbana letrada teve dos tempos que estava vivendo nos anos subsequentes à Revolução de 30. Um bom indicador é o dos livros publicados naquele período acerca dos problemas brasileiros (...) Um olhar arrogante poderia ironizar os programas de salvação nacional contidos naqueles escritos, esquecido de que o olhar arrogante do presente rapidamente se converte em passado. Prefiro assinalar que aquela gente tinha a percepção de estar vivendo novos tempos e, para o bem ou para o mal, não estava enganada.<sup>16</sup>

Vavy Pacheco comenta essa guinada ocorrida nos estudos históricos: “sublinho mais uma vez uma passagem: de referência às interpretações da revolução a partir do conceito de ideologia, para um enfoque mais amplo, em torno do conceito de representação”<sup>17</sup>.

Ao partir de uma perspectiva política, esses estudos priorizam a análise de textos de intelectuais do período em torno dos debates colocados pela nova situação institucional. Um dos trabalhos recentes dessa tendência é a tese de Ilka S. Cohen “*Para onde Vamos?*” *Alternativas políticas no Brasil (1930-1937)*, que se propõe a “examinar as reflexões de intelectuais, jornalistas, juristas e políticos dos anos 30 acerca das mazelas de seu tempo, no intuito de compreender os mecanismos político-ideológicos que sustentam a ordem política instaurada

---

<sup>14</sup> VESENTINI, Carlos Alberto. *A Teia do Fato: uma Proposta de Estudo sobre a Memória Histórica*. São Paulo: Editora Hucitec / História Social – USP, 1997, especialmente o capítulo 1 (se bem que essa análise é retomada em outros momentos da obra).

<sup>15</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. (coord.) *Elite Intelectual e debate político nos anos 30: uma bibliografia comentada da Revolução de 30*. Rio de Janeiro: FGV, 1980. Uma introdução à obra procura mapear os temas presentes no debate, a partir das obras listadas.

<sup>16</sup> FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: História e Historiografia*. 16ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 25-26

<sup>17</sup> BORGES, Vavy Pacheco. Anos 30 e política: História e Historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 182

em 1937.”<sup>18</sup> Partindo do estudo de periódicos, a autora identifica o papel de outubro de 1930 na construção dos discursos sobre a transformação social veiculados pela imprensa<sup>19</sup>.

Portanto, por um lado se relativizou “1930” como marco historiográfico periodizador, abrindo campo para o estudo das possibilidades históricas não realizadas e tecendo um quadro geral de debate acirrado em torno das soluções revolucionárias para a República no final dos anos 20. Por outro, têm-se estudado a representação de 30 nos debates intelectuais com o intuito de apreender os significados e implicações da valorização desse evento na ação dos indivíduos que viveram naqueles tempos. Tais considerações iluminam a idéia por nós levantada acerca da mudança na obra de João de Minas em função de 30, seja por dar relevo à pluralidade do momento histórico em torno dos debates sobre a sucessão de Washington Luís, no qual João de Minas se engajou, seja por contextualizar como e porque o escritor deu bastante importância à “Revolução”.

Mas, longe de se constituir numa solução, a historiografia nos levou a pensar no modo de tratamento das fontes. Marc Bloch aponta como um dos paradoxos da profissão do historiador o fato de “se quase todo problema humano importante pede assim o manejo de testemunho de tipos opostos, é, ao contrário, de absoluta necessidade que as técnicas eruditas se distingam por tipos de testemunhos. O aprendizado de cada uma delas é longo; sua posse plena exige uma prática mais longa ainda e quase constante.”<sup>20</sup> Esta consideração vale para um trabalho como o nosso que tem como fonte principal a obra literária de João de Minas.

A especificidade da literatura repousa no não compromisso com uma “verdade” referencial do mundo cotidiano, mas com possibilidades imaginativas cuja finalidade é de cunho artístico. Apesar de o escritor utilizar elementos da realidade com a qual se relaciona, elabora-os dando-lhes um caráter ficcional, criando assim efeitos estéticos. Mas a liberdade para compor sua obra tem limites, sejam aspectos próprios do campo literário, como gênero e forma narrativa, sejam aqueles elementos sociais e históricos dos quais se apropria<sup>21</sup>.

Pensando a relação entre a literatura e a experiência individual, Paul Ricoeur mostra como o escritor de narrativas ficcionais lida artisticamente com ações e padecimentos existen-

---

<sup>18</sup> COHEN, Ilka Stern. “*Para onde Vamos?*” *Alternativas políticas no Brasil (1930-1937)*, São Paulo, USP, 1997, Tese (Doutorado) em História, p. 3.

<sup>19</sup> COHEN, Ilka Stern. “*Para onde Vamos?*” *Alternativas políticas no Brasil (1930-1937)*, São Paulo, USP, 1997, Tese (Doutorado) em História, p. 4.

<sup>20</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001p. 81. Na página 79 o autor nota que “a diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele.”

<sup>21</sup> Parágrafo formulado a partir de SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 20-21 (introdução).

tes em seu mundo cotidiano, ao configurá-los por uma intriga que apresenta possíveis modos de “ser-no-mundo”. O ato mediador entre o mundo do escritor e o do leitor é a configuração literária, cujo resultado é o mundo da obra, imanente ao texto literário. Para Ricoeur:

De fato, o que deve ser interpretado num texto é uma *proposição de mundo*, de um modo tal como posso habitá-lo para nele projetar um de meus possíveis mais próprios. É o que chamo de o mundo do texto, o mundo próprio a esse texto único. O mundo do texto de que falamos não é, pois, o da linguagem cotidiana. (...) Pela ficção, pela poesia, abrem-se novas possibilidades de ser-no-mundo na realidade cotidiana. Ficção e poesia visam ao ser, mas não sob o modo do ser dado, mas sob a maneira do poder-ser. Sendo assim, a realidade cotidiana se metamorfoseia em favor daquilo que poderíamos chamar das variações imaginativas que a literatura opera sobre o real<sup>22</sup>

Logo, “o que um leitor recebe é não somente o sentido da obra, mas, por meio de seu sentido, sua referência, ou seja, a experiência que ela faz chegar à linguagem e, em última análise, o mundo e sua temporalidade, que ela exhibe diante de si”<sup>23</sup>. O mundo possível da obra, enraizado numa experiência prévia (do escritor), por causa do próprio caráter de possibilidade que é aberto, tem o poder de modificar, pelo ato da leitura, a ação cotidiana do leitor.

Notemos que configuração (e refiguração) não pressupõe uma coerência completa da obra. Para Adorno, a realidade social e a obra não são espelhos um do outro, mas contém elementos de tensão e mesmo contradições inerentes, levando este filósofo a explicitar seu caminho de análise nas seguintes palavras:

eu gostaria de concretizar, em alguns poemas, a relação que o sujeito poético, que sempre representam um sujeito coletivo muito mais universal, mantém com a realidade social que lhe é antitética. Nesse processo, os elementos materiais, dos quais nenhuma composição de linguagem, nem mesmo a *poésie pure*, é capaz de despojar-se inteiramente, precisarão de interpretação tanto quanto os assim chamados elementos formais. Será especialmente enfatizado o modo como ambos se interpenetram, pois somente em virtude dessa interpenetração o poema lírico captura realmente, em seus limites, as badaladas do tempo histórico<sup>24</sup>

Mesmo tratando da análise de um poema, a orientação de Adorno para interessante para a análise de narrativas, respeitadas suas especificidades. E, como Ricoeur, tem como pressuposto o fato de qualquer obra literária conter elementos de determinadas experiências sociais e históricas, mesmo contraditórias, articuladas em níveis diferentes de referência.

---

<sup>22</sup> Ricoeur, P. A Função Hermenêutica do Distanciamento In: *Interpretação e Ideologias*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 56-57. Uma análise de textos literários segundo essa perspectiva encontra-se em no último capítulo de *Idem. Tempo e Narrativa*, Campinas: Papirus, 1995, v. 2. Ver também, sobre o mundo da obra, o capítulo 4 da segunda parte do tomo 3.

<sup>23</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papirus, 1994, v. 1, p. 120.

<sup>24</sup> ADORNO, Theodor. Palestra sobre Lírica e Sociedade In: *Notas de Literatura I*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2003, p. 78-79.

Ambos ressaltam que o procedimento para melhor compreendê-los deve partir de uma análise interna, pois a referência ao exterior da obra deve ser indicada de dentro e não trazida arbitrariamente de fora. Dominick LaCapra problematizou detidamente a arbitrariedade da relação dos contextos pertinentes – intenções do escritor, sua vida, a sociedade em que vive, a cultura da época, o corpus do escritor e modos discursivos<sup>25</sup> – com um texto. Aponta que tais contextos têm um caráter problemático para uma interpretação histórica, visto que interação de formas diferentes com a obra e podem mesmo contradizê-la. Logo, *apriori* nenhum deles é mais determinante que outro no processo interpretativo.

Entendemos que essa proposição não invalida o esforço de estabelecimento de relações pertinentes entre texto e contextos com a finalidade de se iluminarem mutuamente, mas serve de alerta e reforço ao mostrar a necessidade de estudos concretos, caso a caso. Como lembra um famoso historiador, se “numa perspectiva do gênero, falar de realidades situadas fora do texto seria uma ingenuidade positivista”, por outro lado “os textos têm fendas”, da qual pode sair algo inesperado<sup>26</sup>.

Buscamos uma dessas fendas ao analisar a obra do escritor mineiro, pois notamos que a configuração do mundo das narrativas de João de Minas se altera entre 1929 e 1936. Os livros compostos e publicados até outubro de 1930 diferem daqueles compostos após esse ano e publicados a partir de 1934. Já os livros delineados em 30 mas lançados nos anos seguintes apresentam um caráter misto. Entender os porquês e os entornos de tal alteração foi o que perseguimos nesta dissertação. Para isso, procuramos analisar o papel e as valorações dos temas e subtemas na estrutura das narrativas, ou seja, como são configurados os mundos das histórias de João de Minas em momentos distintos. Esse nível de análise revela mudanças na abordagem de temas e problemas, assim como mostra as ambigüidades inerentes à literatura do escritor. Desse modo, a mudança notada em sua obra a partir de 1930 não é explicada por uma “Revolução de Outubro” externa à obra de João de Minas, mas aparece em seu interior a partir articulação dos possíveis dentro de suas narrativas.

Todavia, a análise interna por si só não esclarece o porquê a configuração e os temas de suas narrativas mudaram. Responder a essa questão exigiu-nos o trabalho de confrontar as obras com a biografia do escritor e com a bibliografia especializada sobre os temas mobilizados ao longo dos textos, as quais apontam para problemas políticos, sociais e culturais de final

---

<sup>25</sup> LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTÍ, Elias Jose (org.) “*Giro Lingüístico*” e *Historia Intelectual*. Universidad Nacional de Quilmes, s/d, p. 252 e ss.

dos anos 20 e início dos anos 30 no Brasil. A finalidade desse confronto é iluminar e contextualizar os problemas presentes nas narrativas, possibilitando a percepção das questões históricas mais amplas assim como das respostas, mesmo que contraditórias, oferecidas por João de Minas; e relativizar o peso de 30 como marco de mudança histórica, apontando problemas de média e longa duração pertinentes à história brasileira.

Após esse trajeto, estamos em condições de enunciar a hipótese de trabalho: é provável que a mudança na configuração dos temas e problemas na literatura do autor esteja relacionada ao impacto do movimento de outubro de 1930 em sua vida. Para João de Minas, o evento representou uma perda de referências em função de seus antigos vínculos com o Partido Republicano Paulista, que o levou, de 34 em diante, a tratar problematizadamente da história, da sociedade e da política de seu tempo. O escritor mineiro, parte daquele grupo político dirigente derrotado em 1930, não foi incorporado e não se identificou com o novo regime. Ele achou que seu destino e o destino do país tomaram um rumo inesperado com o movimento de outubro. Tal percepção reverberou no seu fazer literário: sentindo-se deslocado em relação a um novo presente, buscou menos abordar e incorporar a realidade distante e desconhecida do sertão que refletir distanciada e ironicamente sobre aquilo que lhe era mais próximo, as mazelas e convenções da vida urbana. Descolado do PRP, João de Minas se sentiu livre para representar o obscuro da vida política e social das grandes cidades.

À medida que a pesquisa foi se desenvolvendo, deparamo-nos com o dilema de como organizar a apresentação dos resultados da dissertação. Pensamos em duas opções. A primeira, mais óbvia, priorizava uma organização que levasse em conta posturas ideológicas semelhantes, independente do tema. Com isso, de um lado teríamos a análise de *Jantando um Defunto*, *Farras com o Demônio* e *Fêmeas e Santas* os quais, quanto à sua composição, dizem respeito a um universo de problemas tratados por João de Minas antes de setembro de 1930; e o restante de sua obra publicada a partir de 34 formaria outro conjunto com outra gama de questões. A segunda opção era priorizar os grandes temas que dividem sua obra – sertanejos e urbanos. De certa forma, unimos ambas as alternativas: no quadro mais geral, preferimos a divisão temática, que se reflete nas duas partes deste trabalho; mas no desenvolvimento delas o leitor percebe o desenrolar dos problemas de acordo com o período que o livro foi publicado. Essa estruturação permitiu-nos captar tanto o que há de semelhante em suas obras sertane-

---

<sup>26</sup> GINZBURG, Carlo. As Vozes do Outro – Uma revolta indígena nas ilhas Marianas. In: *Relações de Força: História, Retórica, Prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 99-100. Também inserido no debate entre ficção e história está seu mais recente livro: *O Fio e Os Rastros*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.



jas e urbanas – elementos estruturais recorrentes – quanto mudanças operadas no interior dos grandes temas, além de tornar menos repetitivo as referências ao gênero literário em questão.

A organização dos capítulos deve muito à nossa perspectiva teórica e mais ainda ao que não pudemos realizar. A intenção inicial era abordar a obra de João de Minas a partir do modelo da tríplice mimese de Paul Ricoeur, não para achar resultados predeterminados, mas para percorrer concretamente o arco hermenêutico de prefiguração (aquilo que um autor utiliza do mundo da vida em suas obras), configuração (como ficcionaliza aqueles elementos, dentro de uma tradição literária, gênero, etc.) e refiguração (como o leitor absorve aqueles elementos e muda ou ratifica seu modo de ser)<sup>27</sup>. Dessa forma, cada parte relativa a cada tema – sertanejo e urbano – teria três capítulos: um sobre a vida e atuação do intelectual João de Minas numa situação histórica particular, outro com a análise de suas narrativas e um terceiro sobre a recepção de suas obras em momentos diferentes. A dificuldade repousou no fato de não encontrarmos nenhuma crítica ou documento que diga respeito à recepção de seus romances, sexuais e policiais, além da existência de poucos dados biográficos que justificassem a construção de dois capítulos separados<sup>28</sup>.

Por isso, centramo-nos na análise da configuração de suas narrativas. Ela é precedida por um capítulo sobre a trajetória intelectual do escritor, intitulado **Ariosto Palombo, vulgo João de Minas**, que foi sugerido pela banca de qualificação por se tratar de um escritor pouco conhecido. Além dessa função informativa, tal biografia configura um dos contextos de considerável importância em torno da obra, pois permite entrever com detalhes como muitos de seus livros estão relacionados com sua atividade intelectual e suas posições políticas.

No que toca à análise da configuração das narrativas de João de Minas propriamente dita, cada parte é composta de dois capítulos. Os primeiros apresentam o “mundo da obra” ficcionalizado pelo autor, com um mapa geral dos temas, dos problemas, das ambigüidades e conflitos inerentes, relacionadas ao momento histórico de final dos anos 20 e início dos anos 30. Os segundos capítulos constituem um recorte temático em relação aos primeiros, mas com um critério preciso: visam dar conta do principal problema enfrentado pelo autor em cada momento de sua trajetória, iluminando o sentido geral de suas narrativas da parte em questão.

---

<sup>27</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papyrus, 1995, v. 1, parte I, cap. 3.

<sup>28</sup> Não perdemos essa perspectiva de vista. O leitor que quiser saber concretamente como se operou parte dessa análise, leia a biografia de João de Minas até o item “*Rio de Janeiro: Um sertanista na capital num ano turbulento (1930)*”. Em seguida, leia a parte I deste trabalho, sobre o sertão. Então leia por fim o artigo *Leituras de Jantando um Defunto*, supracitado.

Na parte I, **Farras nos sertões desconhecidos**, exploramos o tema dos sertões na obra do autor, estruturado em torno da idéia de que o sertão é visto como espaço exótico e uma realidade distinta a ser apresentada ao leitor urbano. O primeiro capítulo intitula-se *Rumo ao sertão, imperativo da brasilidade*, que trata como João de Minas configura os temas sertanejos, priorizando nesse momento a representação da paisagem, dos animais, dos indígenas, das fazendas, das estradas, do impacto das novas tecnologias nesses espaços (em especial o automóvel). Também abordamos a representação do homem do sertão e da Coluna Prestes, assim como a mudança de posição do autor em relação ao nacionalismo que prega a incorporação desses espaços interioranos ao Estado a partir do mote da brasilidade. Feito isso, no segundo capítulo, *Rotas de fuga: meandros do fantástico em João de Minas*, abordamos o tema das realidades que fogem à alçada da ciência oficial da época, muitos deles caros à cultura popular interiorana e ao espiritualismo. A sensibilidade do escritor considera imprescindível relatar eventos estranhos que se passariam nos sertões, levando o narrador a oscilar entre desqualificar tais eventos ou aderir à sua possível veracidade, cuja síntese é tentada a partir de concepções científicas que não considere apenas a materialidade dos fenômenos.

Já na parte II, **Um sertanista desabusado na metrópole**, exploramos a literatura urbana do escritor, cujo aspecto central é apresentar um mundo corrompido. No primeiro capítulo, *Aspectos do inferno urbano*, realizamos um mapa dos temas e problemas tendo como fio condutor os gêneros nos quais atuou: os contos de *Fêmeas e Santas*, cuja composição deve muito à visão do autor próxima aos primeiros escritos sertanejos; os romances sexuais, que tratam das agruras das protagonistas frente ao mundo torpe à sua volta; e o romance policial, cuja narrativa centrada na investigação sobre os crimes de gangsters permite ao escritor representar as vilezas das instituições políticas e policiais e da alta sociedade paulistana. Tal mapa temático aponta para as causas, na própria obra do autor, dos fatores considerados determinantes desse estado de coisas, em especial o movimento de outubro de 30, assunto principal do capítulo seguinte intitulado *Perspectivas de Revolução*. Nele primeiramente abordamos a crônica “Depois, Miseravelmente Depois...”, na qual o autor expõe sua sensação de deslocamento gerada pela “revolução”. Em seguida, analisamos como os movimentos de 1930 e 1932 fazem parte da configuração dos seus romances, seja demarcando os destinos das personagens seja refletindo sobre o poder através dos diálogos das personagens e comentários do narrador. Por fim, como o estilo adotado pelo autor repousa na ironia e no humor, buscamos captar nas próprias obras quais os valores sustentados pelo autor.

Consideramos necessário o percurso realizado porque as duas partes mostram concretamente como em dois momentos de sua trajetória João de Minas configurava diferentemente a realidade de suas obras, o que é indício de uma mudança efetiva no seu olhar sobre o mundo. Com isso, é possível explicitar o principal motivo que nos levou a trabalhar com a obra literária do autor em detrimento dos artigos em periódicos: porque por um lado ela é uma fonte privilegiada para captar, através da ficcionalização e da projeção das possibilidades, as angústias e problemas inerentes às vivências do escritor; por outro, sua literatura deve muito à percepção que João de Minas tinha de duas situações históricas particulares. O balanço e significado da mudança são retomados nas **Considerações finais**.

Tendo em vista a dificuldade de se encontrar ou ter acesso à maioria de seus livros, o item **Anexos** contém histórias curtas que são representativas dos diversos gêneros literários nos quais João de Minas atuou. Sua importância reside em dar ao leitor uma noção concreta do modo como o autor estruturou suas narrativas, visto que na análise contida no corpo da dissertação lidamos basicamente com fragmentos textuais, perdendo-se o todo da configuração. Uma sugestão possível é iniciar a leitura da dissertação por aqui, para que o leitor tenha suas próprias impressões sobre as narrativas do escritor.

Para terminar esta introdução, cabe algumas palavras sobre as contribuições deste estudo, indagação que coloca à vista as expectativas do pesquisador. A primeira das contribuições é a recuperação da obra de um autor quase completamente desconhecido, fato atestado pela ausência de referência sobre o autor em manuais e dicionários de história literária e pela extrema dificuldade de localização das fontes (com muitas pistas falsas), visto que mesmo nos tradicionais sebos sua obra é inexistente. Salvo engano, nosso trabalho é o primeiro a empreender uma análise acadêmica da obra desse escritor. Se ensejarmos interesse e novos estudos sobre João de Minas, estaremos satisfeitos.

Ademais, a recuperação do passado pela disciplina histórica traz implícita que esse passado pode conter um significado importante para o presente. Talvez ao estudar os temas do sertão e os da metrópole, concordemos ou não com o autor, João de Minas pode ter algo importante a nos dizer. Levando em conta a distância histórica e a ficcionalização das narrativas, o tema do sertão suscita a problemática de como se lidar com uma realidade e com uma cultura diferente, apontando para a oscilação presente até hoje nas políticas públicas entre a integração numa cultura nacional e a conservação / necessidade de se considerar a perspectiva das populações fora da perspectiva oficial ou dominante. Já a abordagem da metrópole aponta para vários problemas atuais, como o impacto do progresso tecnológico no cotidiano, configu-

rando muitas vezes objeto de exploração das classes menos favorecidas por setores de elite política e social que usam de discursos diversos para atenderem seus próprios interesses.

Mas não nos limitamos a ser porta-vozes do autor, visto que para isso bastariam indicações bibliográficas, e consideramos a obra de João de Minas por si bastante interessante, merecedora de reedições. Esta dissertação pretende contar uma história, a qual o leitor já conhece sumariamente e terá oportunidade de conhecer a fundo: a história do engendramento de uma mudança de atitude diante de dois presentes determinados (ambos considerados em suas continuidades e rupturas), perceptível em textos literários. Deixando para o final do estudo os significados dessa história, começamos a abordá-la a partir de agora.

*Vida de*

*João de Minas*

## Fotos de Ariosto Palombo



Publicada em *O Minas Gerais*, por J. Seixas Sobrinho, em 1991. Provavelmente de 1915.



Publicada em *O Paiz*, em 1928



Publicada em *Nos Mistérios Subterrâneos de São Paulo*, em 1936



Publicada no *Jornal do Estado*, em 1933



Publicada no *Horrores e Mistérios dos Sertões Desconhecidos*, em 1934



Publicada em *O Malho*, em 1934



Publicada em *A Vida Começa na Ciência Divina*, em 1957



Publicada no *Diário Popular*, em 1963

## Ariosto Palombo, vulgo João de Minas

### *Preâmbulo*

A finalidade do esboço biográfico abaixo é contextualizar as fontes principais desta dissertação ao apresentar um quadro geral da vida de João de Minas. Se em muitos casos a biografia de um escritor não é importante para explicar seus livros, aqui a consideramos fundamental, pois vários textos derivaram diretamente da atuação intelectual e política do autor. Não sendo a influência da vida sobre a obra mecânica nem previsível, retomamos os aspectos biográficos na análise de sua literatura na tentativa de iluminá-los reciprocamente. Por esse motivo, optamos neste capítulo por uma narrativa estrita à vida e à trajetória intelectual de João de Minas, ressaltando as mudanças ocorridas em sua vida, as atividades intelectuais e políticas exercidas e os indivíduos e grupos sociais aos quais se vinculava.

As fontes que permitem reconstituir a biografia de João de Minas são escassas. A grande parte delas foi produzida pelo próprio autor com finalidade pública, como artigos de jornal, livros, propagandas sobre sua religião etc. Assim como a Aderbal Freire-Filho, a nós parece que a maioria dessas fontes conduz a um buraco negro<sup>29</sup>, gerando a sensação de andar em círculos, pois as parcas e fragmentárias informações fornecidas pelo escritor sobre ele mesmo não conduzem a um avanço na pesquisa sobre sua vida. Muitas levam a pistas falsas, como as recorrentes menções a entrevistas inexistentes. Para nossa frustração, não encontramos documentos de natureza privada, como cartas, diários, notas etc., que permitiriam um contraponto confiável à sua imagem pública. Por esse motivo, nos valemos de indícios esparsos em artigos e livros para tentar rastrear suas atividades. Na medida do possível, procuramos rastrear informações recorrentes em textos do autor escritos em momentos diversos, que poderiam atestar um grau mínimo de plausibilidade. Tal princípio justificou, por exemplo, o uso de informações contidas na parte biográfica de sua bíblia *A Vida Começa na Ciência Divina*: este relato *sui generis* da vida do escritor, concebido sob o ponto de vista hagiográfico de sua religião, pode conter alguns dados biográficos verdadeiros que podem ser confrontados com informações extraídas de textos escritos antes da fase religiosa.

Outro conjunto de fontes versa sobre João de Minas. Uma parte constitui-se de recentes tentativas de biografia do escritor, como a de Aderbal Freire-Filho, Caio Porfírio Carneiro e José Seixas Sobrinho, importantes por fornecer informações documentais ou memorialísti-

---

<sup>29</sup> FREIRE FILHO, Aderbal., p. 216.

cas sobre o escritor, às quais não tivemos acesso. Outras fontes, encontradas na imprensa da época, compõe-se de resenhas de seus livros, notícias políticas e literárias, pequenas entrevistas, reportagens, perfis intelectuais etc, que nos fornecem pistas sobre o que João de Minas estava fazendo ou produzindo em determinados momentos. Também conseguimos alguns documentos oficiais, como processos, prontuários policiais, estatutos, certidões de casamento e óbito etc, colhidas pelo Estado e suas instituições. Por fim, ainda tivemos oportunidade de encontrar pessoas que conviveram com o escritor. Apesar de não terem sido gravadas por nós, as conversas com Nelson Zanotti e Regis Palombo nos ajudaram muito, seja com dados biográficos que não conhecíamos, os quais fatalmente se perderiam, quanto por nos apresentar um João de Minas ainda vivo em suas lembranças.

### *Alguns perfis*

Nas fontes existem pouquíssimas caracterizações de João de Minas. Mas as que encontramos permitem vislumbrar como esse homem foi superficialmente visto por alguns intelectuais, em momentos diferentes de sua vida. Eduardo Frieiro, companheiro do jovem escritor no jornal *O Minas Gerais*, comentou: “era de temperamento irrequieto, ranzinza e apressado”<sup>30</sup>. No final da década de 20, João de Minas rapidamente se encontrou com o escritor Menotti Del Picchia, que publicou o seguinte perfil na coluna social do *Correio Paulistano*:

Conhecendo as letras do estilista, desejo agora rabiscar a fisionomia do homem. Há sempre curiosidade em se saber como é, qual o tipo da pessoa cujos escritos amamos. Conheço pouco João de Minas. Tivemos uma palestra relâmpago aqui em São Paulo. Foi numa tarde apressada (...) Tive, durante um quarto de hora, diante de mim essa figura forte e loura, marcadamente brasileira, apesar de, às vezes, a cintilação metálica do olhar lembrar nele um saxão. João de Minas deu-me a impressão de uma criatura enérgica, ativa, nervosa. Cruzam-se relâmpagos em sua pupila, que fuzilaram antes na sua inteligência. Parece que o agitam instantâneas borrascas. É um combativo. Moço ainda – esta informação é para as leitoras – irradia a simpatia dos inteligentes, por isso fixei na memória o recorte enérgico do perfil desse escritor que as melindrosas poderão não achar bonito<sup>31</sup>.

Por fim, o escritor Caio Porfírio Carneiro, ao pesquisar sobre João de Minas, relatou-nos a impressão que ele e sua obra causaram em vários escritores brasileiros. Antonio Delier, secretário da UBE na década de 60, disse-lhe: “Ah... É um cara muito curioso. É um tipo humano. Ele em si, Caio, é uma personagem. (...) o que ele conta, ninguém sabe se é verdade, se é mentira, ele mistura uma coisa, outra, se levanta, sai, volta, ele diz que esqueceu uma coisa,

<sup>30</sup> *Apud* SEIXAS SOBRINHO, J., p. 9

<sup>31</sup> HÉLIOS (Menotti Del Picchia). Crônica Social – João de Minas. *Correio Paulistano*, 17/10/1929, p. 6. Segundo João de Minas, o encontro com Menotti ocorreu quando o escritor mineiro foi recebido no gabinete do então candidato a presidente Júlio Prestes. Cf. Minas, João de. *Sangue de Ilusões*, p. 28.



ninguém sabe se o esquecimento é uma potoca ou se é verdade”<sup>32</sup>. E indicou algumas informações sobre a Igreja de João de Minas, que Caio não teve tempo de procurar.

Tempos depois, em Goiás, Caio conversou com o escritor Bernardo Ellis, que informou ter conhecido o escritor mineiro em Goiânia. Bernardo, mesmo reconhecendo o papel dos livros de João de Minas em sua carreira, disse algo semelhante ao Delier:

É um tipo falador, cheio de coisas, que viu fantasma não sei onde, que viu não sei o que lá... e fazia palestras. E tinha um poder de convencimento muito grande. (...) era muito mentiroso, mas não era mentiroso. Você conversando com ele, ele não mentia, ele conversava normalmente. Mas se você dissesse qualquer coisa, dizendo que viu um bicho de dois metros ele dizia que viu um de três, ele não queria ficar por baixo, não tinha jeito de ficar por baixo. Se você dissesse que esteve no Vaticano conversando com o Papa ele era capaz de dizer que todo mundo tava na praça de São Pedro, vendo aquele homem de branco do lado de João de Minas. Ele era um exagerado, um exagerado. Exagerava, exagerava, exagerava que catava você. Mas no normal ele conversava bem.<sup>33</sup>

Prosseguindo sua busca, Caio Porfírio conversou com o escritor Paulo Dantas e com Rolando Roque da Silva em São Paulo, que em linhas gerais confirmaram o temperamento agitado e a capacidade de convencimento que tinha João de Minas. Por contingências inúmeras, Caio Porfírio interrompeu a procura de informações sobre João de Minas, mas reconhece o talento literário do autor. O mesmo aconteceu com vários pesquisadores que se interessaram pelo escritor mas não puderam prosseguir suas investigações. Novamente agradecemos a todos imensamente tanto por contribuírem e mesmo ceder parte do material coletado para a realização desse trabalho, quanto pelo incentivo constante. Procuramos levar adiante esse esforço de busca por dados biográficos de João de Minas, cujo resultado, provavelmente tão temporário como os outros, é apresentado a seguir.

### *Ouro Preto e Belo Horizonte: infância e juventude (1894?-1920)*

João de Minas chamava-se Ariosto Palombo. Algumas vezes assinou Ariosto Orlando Palombo, como na sua Bíblia da Ciência Divina<sup>34</sup>, ou ainda Ariosto de Colona e Morosini

<sup>32</sup> Esse depoimento foi gravado por nós na União Brasileira de Escritores (UBE) em outubro de 2006. CARNEIRO, Caio Porfírio. Depoimento concedido a Leandro Antonio de Almeida, p. 2

<sup>33</sup> CARNEIRO, Caio Porfírio. Depoimento concedido a Leandro Antonio de Almeida, p. 4, 4-5. A influência literária de João de Minas parece ter sido forte no próprio Bernardo Ellis. Ver entrevista desse escritor em: Britto, Haroldo de *et. Alii*. Entrevista Histórica com Bernardo Ellis. *Jornal Opção*, Goiânia, julho de 1996, parte 1ª, item “Um trágico Sertão”. Acesso feito em 19 de janeiro de 2005 no site <http://www.jornalopcao.com.br/index.asp?secao=Especiais&subsecao=Especiais&idjornal=14&idesp=14>

<sup>34</sup> MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 93

Palombo, como numa dedicatória de um de seus livros na Biblioteca Nacional, encontrada por Aderbal Freire-Filho<sup>35</sup>. Parece que as indefinições e ambigüidades fazem parte de sua biografia, mesmo em documentos oficiais.

Até agora não encontramos nenhum documento que ateste seu nascimento. Ele próprio nos dá duas datas de seu nascimento: sua Bíblia diz que veio “entre vós, meus amados, em 16 de dezembro de 1894”<sup>36</sup>, enquanto que um artigo de 1º de maio de 1930 nos informa 16 de dezembro de 1896<sup>37</sup>, a mais provável de todas. O atestado de seu óbito diz que ele morreu à idade de 77 anos em 1984, ou seja, teria nascido em 1907<sup>38</sup>, data que nos parece improvável. Mas, até encontrarmos sua certidão de nascimento, ficam em aberto as alternativas.

Sua mãe chamava-se Percília Palombo e seu pai Pompílio Palombo<sup>39</sup>. No romance *A Prostituta do Céu* o autor diz que “de passagem, informo que sou filho do barão veneziano Pompílio Doria e Ferrara Palombo. Não recomenda nada ser-se barão... Mas é a verdade”<sup>40</sup>. Não sabemos se Pompílio tinha tal título de nobreza, mas devia trabalhar na mineração de ouro de aluvião na região de Ouro Preto<sup>41</sup>, talvez na profissão de funileiro<sup>42</sup>. De origem italiana, sua família paterna é oriunda da região do Veneto, no noroeste da Itália<sup>43</sup>, tendo emigrado para o Brasil em 1892<sup>44</sup>. Ariosto caracteriza seu pai assim: “Pompílio, italiano, era um homem elegante, com brilhantes no peitilho e nos punhos engomados. Manso e bonito, amigo dos livros, comerciante minerador, ele no entanto era uma fera”<sup>45</sup>. Nas horas vagas gostava de caçadas, nas quais levava o filho, sendo esse um dos divertimentos de infância do garoto.<sup>46</sup>

Conforme diversas fontes, teria nascido num casarão defronte a um cruzeiro de pedra, posteriormente destruído por um raio, que dava nome ao Largo do Cruzeiro, aonde se chegava

---

<sup>35</sup> FREIRE FILHO, Aderbal. Quem é esse cara. *Mulher Carioca Aos 22 Anos*, p. 243

<sup>36</sup> MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 93

<sup>37</sup> MINAS, João de. Minha Candidatura a Deputado Federal, In: *Sangue de Ilusões*, p. 266

<sup>38</sup> Registro de Óbito, Ofício de Registro Civil..., Boituva-SP, nº ordem 694, livro C nº 11, folhas 033-F.

<sup>39</sup> Nomes como aparecem nas certidões de casamento e óbito de Ariosto. Seixas Sobrinho fornece outros nomes do casal: Pompílio Antonio Palombo e Persiliana Indômila A. dos Santos. SEIXAS SOBRINHO, J., p. 8

<sup>40</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 9. Em artigo de anos anteriores Ariosto afirma: “eu sou filho de italianos, dos barões de Doria Palombo, de Veneza”. PALOMBO, Ariosto. A Filosofia do Sr. Oswaldo Aranha, em frente de um Bento de Abreu Sampaio Vidal. *O Imparcial*, Araraquara, 24/11/1932, p. 1

<sup>41</sup> MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 93, 95 e 103

<sup>42</sup> SEIXAS SOBRINHO, J., p. 8

<sup>43</sup> Extraído do site [www.regispalombo.com/origens.html](http://www.regispalombo.com/origens.html), acessado em 4/04/2005

<sup>44</sup> SEIXAS SOBRINHO, J., p. 8. Não sabemos se Pompílio veio casado da Itália ou conheceu Percília aqui no Brasil.

<sup>45</sup> MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 93

<sup>46</sup> MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 94 e 107.

ao descer pela rua da Barra<sup>47</sup>. Anos depois, em 1967, segundo José Correia Maia Filho, os adeptos da sua igreja pretendiam levantar no local uma estátua em homenagem a Ariosto<sup>48</sup>. Em função do caráter central de Ouro Preto, então capital mineira, e sede de cursos secundários e superiores, Ariosto nos diz que “a casa de Pompílio era uma das melhores, naquele tempo [sua infância], com inúmeros quartos, em baixo e em cima. Esta parte fora alugada ao dr. Feca, como filial do seu enorme e famoso colégio [o Colégio Mineiro]”<sup>49</sup>. O escritor Rui Ribeiro tentou localizar, sem sucesso, a residência e o Largo do Cruzeiro em Ouro Preto. Também informa Rui que provavelmente Ariosto teria se equivocado quanto ao Colégio Mineiro, pois não consta que tivesse filiais, podendo se tratar de outro educandário que funcionava à rua Felipe dos Santos com a Carlos Thomas nas primeiras décadas do século XX<sup>50</sup>.

Uma hipótese que levantamos acerca do casarão dos Palombo é que, se existisse nesses moldes, fosse talvez não uma filial, mas uma república ou pensão de estudantes, comum na época e hoje em Ouro Preto. A família deve ter convivido numa casa movimentada pelos estudantes, aspecto ressaltado nos livros do escritor ambientados em Ouro Preto. Por exemplo, é recorrente a figura de Durante, estudante “de porte hercúleo, rico filho de fazendeiros da Zona da Mata, emigrantes da Calábria. Sempre com revólveres e facas de alto preço, o ricaço era perverso e temido”. Ele teria maltratado bastante o menino Ariosto, a ponto de enforcar um quati que o garoto recebera de presente<sup>51</sup>. Uma personagem de mesmas características e nome aparece em *A Prostituta do Céu*, pagando para se deitar com a protagonista Cecília, dando início à sua carreira de meretriz em favor dos pobres.

Além da movimentação estudantil em sua casa, também parece ter marcado sua infância a convivência com uma “negra, que era da África da tribo de Umbanda, e santificada por uma vida inteira de trabalho e de fidelidade, de dedicação de burro de carga sempre amoroso”<sup>52</sup>. No meio de uma de suas histórias miraculosas, Ariosto nos apresenta a ex-escrava:

E vivia na casa de Pompílio uma antiga escrava, tratada carinhosamente por tia Teresa. Ela era da família, estimadíssima, com longos anos de idade, e nem se sabia quantos. Mãe preta do que ela chamava o sinhôsinho, tinha adoração por Ariosto. Uma certa noite, de frio terrível, tia Teresa perdeu o sono. Vici-

---

<sup>47</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 9. Seixas Sobrinho informa que o casal Palombo estabeleceu-se na ladeira das Mercês, de baixo. Não tivemos a oportunidade de ir à cidade para verificar se se referiam ao mesmo lugar.

<sup>48</sup> Arquivo Público do Rio de Janeiro, Fundo de Polícia Política, Atuação do Exército Mundial da Polícia de Cristo, nov. 1967, fundo polícia política, pasta 86, fl. 18

<sup>49</sup> MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 95

<sup>50</sup> RIBEIRO, Rui, p. 3

<sup>51</sup> MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 104

<sup>52</sup> MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 101

ada na cachaça e no fumo, ela tomou uma boa golada da garrafa ao lado de sua cama, no seu quartinho. A boa velha preparou o seu cachimbo de barro, e foi na cozinha acendê-lo. Pôs uma enorme brasa ardente em cima do fumo, e voltava para a sua cama. Viu ela então Zíffio – seu filho, como ela em especial gostava de chamar o menino – dormindo nu, numa lage gelada, que dava para o quintal. Era comum o garoto, que dormia com sua mãe Percilian, levantar-se como um sonâmbulo, e ia dormir no chão desamparado em qualquer parte, como um legítimo animal.<sup>53</sup>

Provavelmente a lembrança dessa mesma pessoa fez, anos antes, Ariosto escrever a seguinte frase nas páginas iniciais de *A Prostituta do Céu*: “no oco sem fim da solidão, surge lá numa porta uma preta muito velha, que foi escrava. E fica olhando a eternidade, que num rio de indiferença vai passando, vai passando...”<sup>54</sup>.

Não sabemos onde cursou o ensino primário. Se acreditarmos num de seus contos, talvez tenha sido no colégio Caraça, pois um de seus professores, se referindo às aulas, ter-lhe-ia dito anos depois: “você foi o pior aluno de latim que eu já tive...”<sup>55</sup>. Sobre o ensino secundário, Ariosto nos informa que o cursou já na capital Belo Horizonte, no Ginásio Mineiro:

Mais tarde, por um concurso retumbante, entrou como catedrático de português do Ginásio Mineiro, oficial, de Belo Horizonte, o grande lingüista dr. Carlos Góes. Ariosto se mudara para a Capital, para estudar. Discípulo do novo mestre, teve nos exames as notas máximas, como tudo consta nos arquivos do severo estabelecimento.<sup>56</sup>

Não tivemos acesso aos arquivos para confirmar a informação, mas Seixas Sobrinho nos diz que Pompílio foi para Belo Horizonte, com a mulher e os filhos pequenos (Ariosto e Gesulminas), quinze anos após chegar em Ouro Preto, ou seja, em 1907<sup>57</sup>. Ariosto também fornece outras indicações sobre seu tempo de estudos no Ginásio Mineiro:

O Dr. Alcides Batista Ferreira eu o conheci em Belo Horizonte, algo desaperebidamente. (...) Formouse, e meteu-se no civilismo, escrevinhando no ‘Correio do Dia’, à rua Espírito Santo, dirigido pelo Dr. Carvalho Britto, sendo redator o Dr. Alberto Álvares, que nesse tempo ensinava um francês amacarro-

---

<sup>53</sup> MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 100

<sup>54</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 10

<sup>55</sup> Essa é uma informação cruzada das seguintes referências: MINAS, João de. “A creancinha, no ventre materno, defendia-se dos botes do punhal assassino”, *Fêmeas e Santas*, p. 47, onde há menção ao seu professor de latim do colégio Caraça; e MINAS, João de. “De uma Carta do Sr. Francisco de Campos a um Boletim do Sr. Getúlio Vargas”, *Correio Paulistano*, 25/10/1929, p. 2, no qual o autor reencontra num trem um padre (não há menção de seu nome) que fora seu professor de latim, e o padre lhe disse a frase citada. Temos portanto duas menções ao professor de latim, mas não sabemos se se trata da mesma pessoa.

<sup>56</sup> MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 119-120. Outra indicação sobre Carlos Góes, referido como seu “antigo mestre” encontra-se em MINAS, João de. De Mendes de Oliveira a Emílio de Menezes *O Paiz*, 25/11/1928, p. 1 e 6.

<sup>57</sup> Em 1930 a sua mãe e irmã deviam ainda morar na capital mineira. “Quando, em Belo Horizonte, ali se estava organizando a chapa da Concentração, eu ali fui – exclusivamente em visita à minha mãe, irmã e dois sobrinhos.” MINAS, João de. *Minha Candidatura a Deputado Federal*, In: *Sangue de Ilusões*, p. 266.

nado no Ginásio Mineiro (O Dr. Alberto Álvares, depois, foi meu professor. Ele nos fornecia nas aulas, pela manhã, uma salada de pirâmides do Egito, com molho de óleo de rícino... Era uma tristeza!)<sup>58</sup>

Nessa época, “adolescente e moço, robustíssimo, fanático da literatura”, seus autores prediletos eram “Flaubert, Dumas Filho (‘A Dama das Camélias’), o Eça, Bilac, Verlaine, Baudelaire, Gonzaga Duque (‘Mocidade Morta’), Dante (por causa das saias pálidas e muito compridas, em cauda de via-láctea, de Beatriz), Graça Aranha”; deste último, lembrava-se do “apaixonado amor que tinha a ‘Canaã’”<sup>59</sup>, obra que leu muitas vezes.

Se desde 1913 Ariosto assinava colaborações nas revistas acadêmicas de Belo Horizonte, seu trabalho constante iniciou-se em 1915, quando se tornou tarefeiro de *O Minas Gerais*, diário oficial da nova capital mineira, inicialmente como revisor<sup>60</sup> e já no ano seguinte como repórter<sup>61</sup>.

Um mês depois de entrar para o *Minas Gerais* seu pai faleceu, fato que interrompeu suas pretensões de cursar direito, passando a sustentar a família<sup>62</sup>, conforme a nota de falecimento dada pelo jornal:

Ocorreu ontem, à tarde, nesta Capital, o falecimento do sr. Pompílio Palombo, pai do nosso presado companheiro de trabalho, sr. Ariosto Palombo, da revisão do ‘Minas Gerais’. A morte do nosso distinto conterrâneo foi repentina, ocasionando o inesperado acontecimento intenso pesar no seio da boa sociedade de Belo Horizonte, onde os seus excelentes predicados sempre lhe mereceram consideração e respeito. O sr. Pompílio Palombo morreu com 76 anos de idade, sobrevivendo-lhe sua esposa e um casal de filhos.<sup>63</sup>

Mas Seixas Sobrinho nos diz que “embora não se realizasse como acadêmico, nunca se afastou da roda deles, das redações dos jornais, das revistas ou da porta das livrarias”<sup>64</sup>. De fato, a crônica abaixo parece referendar o fato com as próprias lembranças de Ariosto, que:

uma noite, pelas onze horas, eu mais Antenor Horta saímos do *Minas Gerais*, onde éramos revisores, e fomos ao *Diário de Minas* com a santa intenção de esfaquear algum amigo. Era só uma facadinha de dez. Á porta, parado, sozinho, estava o Sr. Francisco Campos, hoje secretário do interior de Minas. (...) Eu e Antenor Horta mergulhamos pela redação. Lá dentro havia um grande jubilo político, com garrafas

---

<sup>58</sup> MINAS, João de. Em torno à crônica trágica de Passos *O Paiz*, 28/10/1928, p. 1 e 7

<sup>59</sup> MINAS, João de. Infeliz Graça Aranha! In: *Sangue de Ilusões*, p. 138.

<sup>60</sup> SEIXAS SOBRINHO, J., p. 8

<sup>61</sup> “Tive por Bilac uma verdadeira loucura pessoal. Isso foi, desde que, no Club Belo Horizonte, na capital mineira, eu o vi recitar (...) Eu era insubordinado repórter do *Minas Gerais*, e Bilac fora a Belo Horizonte fazendo propaganda do escotismo.” MINAS, João de. Bilac não Morreu In: *Sangue de Ilusões*, p. 151. A ida de Bilac a Belo Horizonte para divulgar o escotismo ocorreu em agosto de 1916

<sup>62</sup> SEIXAS SOBRINHO, J., p. 8

<sup>63</sup> Notas Sociais, Falecimentos, *O Minas Gerais*, Seg e Ter, 11 e 12/10/1915, p. 10.

<sup>64</sup> SEIXAS SOBRINHO, J., p. 8

de cerveja abertas, um tinir especial de copos, flores, e pessoas precavidas que bebiam depressa e sorriam de vagar, em êxtase. O Mendes [de Oliveira], ao fundo, ao lado de Oswaldo Araújo, quase se deitava numa poltrona (...) Ocupado em beber e comer, mudo e de olho parado, eu só mais tarde é que cogitei saber do que se tratava. O Ramo Arantes ou o Arduino Bolívar é que me contou que aquela festa era porque o Sr. Delfim Moreira ia fazer o Mendes deputado. (...) Quando eu e Antenor Horta nos retiramos, meio bêbados, o Sr. Francisco Campos ainda estava no mesmo lugar, na porta da redação.<sup>65</sup>

Quando deixava as redações dos jornais, acompanhava seus amigos aos bares. Parece que o principal ponto de encontro era o Bar do Ponto, cujo “dono do bar, o Filipe Longo, discutia filologia, direito internacional e hebraico, com as moscas”<sup>66</sup>. Numa de suas crônicas Ariosto conta como, entre 1915 e 1918,

gostava muito de encontrar Fernando Barbosa em Belo Horizonte. Ele me convidava logo para tomarmos uma cerveja, no Bar do Ponto (que certa boemia chamava de Bar dos Prontos), do Felipe Longo. Não tardava a vir a segunda garrafa, e a terceira, e a quarta... Era de noite. Davam 10 horas profundas na matriz de S. José. A hoje fascinante avenida Afonso Pena, nesse tempo, era modesta, e se alargava mais benévola, romântica quase, com seus perfumes renques de magnólias. Tudo estava polvilhado de estrelas, mulheres nuas e sonhos pálidos. Rareavam os vultos práticos e duros. Surgiam os perfis magros e ermos dos boêmios, dos noctâmbulos, dos poetas, dos novos. Era Gastão Itabirano, que acabava de lançar o Pólen e que morreu louco, ferido na honra de seu lar de marido confiante. Era Antenor Horta, latinista. Mendes de Oliveira, o poeta dos Prélios Pagãos, amigo do peito de Bilac, tinha sempre uma pose, um charuto e um fraque. Era diretor do Diário de Minas, com Noraldino Lima, Oswaldo Araújo, Arduino Bolívar. Morreu na gripe. Abílio Barreto, Ramos Arantes, Gentil Romanelli, Sandoval Campos, Ramos César, Eugênio Detalonde, Columbano Duarte, Oscar Lima, Costa Júnior (Manoca)... Quanta gente de verdadeiro talento!...<sup>67</sup>

Talvez nessas rodas Ariosto Palombo tenha conhecido aquele que lhe inspirou o pseudônimo. Seixas Sobrinho nos informa que “em 1916 tornara-se amigo de João do Rio, que o visitou, depois, em Ouro Preto e o recebeu, muitas vezes, em sua residência, no Rio de Janeiro”<sup>68</sup>. E Caio Porfírio nos contou como teria ocorrido a apropriação do pseudônimo

me contou o Bernardo Ellis que ele passou a usar o nome João de Minas porque ele admirava muito o João do Rio. O João do Rio e o João do Norte que era o Gustavo Barroso. Certo? Então ele [Ariosto] dizia: ‘ó, tem o João do Norte que é do Ceará, tem o João do Rio carioca que dizem que até era viado. Porque que é que eu não posso ser o João de Minas? Eu sou o João de Minas!’<sup>69</sup>

Num artigo nervoso, o próprio Ariosto Palombo conta quando passou a utilizar o pseudônimo João de Minas (por volta de 1919), e como se impregnou à sua identidade:

<sup>65</sup> MINAS, João de. De Mendes de Oliveira a Emílio de Menezes *O Paiz*, 25/11/1928, p. 1 e 6.

<sup>66</sup> MINAS, João de. A grandeza de Três Corações. Bacharéis Pioneiros. *O Paiz*, 10/02/1929, p. 1 e 6.

<sup>67</sup> MINAS, João de. O Rei de Goiás. *Farras com o Demônio*, p. 148-151. Originalmente publicado em *O Paiz*, Rio de Janeiro, 29/01/1928.

<sup>68</sup> SEIXAS SOBRINHO, J., p. 8

Um vagabundo qualquer [segundo João de Minas, Edmundo Bittencourt], evidentemente um batedor de carteira, publicara nos *A pedidos do Correio da Manhã* uma descompostura no eminente presidente de Minas, assinada com o meu pseudônimo de João de Minas. Há coisa de dois anos, com a perseverança que me caracteriza, eu venho semanalmente escrevendo um artigo neste jornal [O Paiz] com a assinatura de João de Minas. Este meu pseudônimo é velho. Tem 10 anos. No meu Estado, eu sou exclusivamente conhecido pelo meu pseudônimo. Ora, vê-se logo que o artigo agressivo ao Sr. Antonio Carlos, forjado no purulento *Correio da Manhã*, teve a responsabilidade do meu pseudônimo com o fim perverso de me acanhar perante a boa opinião pública<sup>70</sup>

Entre 1918 e 1920 deixou o ofício de tarefeiro n' *O Minas Gerais*, sem esperar o resultado de concurso para o cargo, para dirigir a redação de *O Ouro Preto*, antigo jornal de sua cidade natal. Paralelamente tornou-se correspondente da revista TANK, dirigida pelo seu amigo Alberto Haas<sup>71</sup>. Provavelmente colaborou também na imprensa da cidade de Oliveira<sup>72</sup>, para *O Jornal*, do Rio de Janeiro<sup>73</sup>, e *Lavoura e Comércio*, de Uberaba<sup>74</sup>.

#### *Uberaba: política local e jornalismo itinerante (1921-1929)*

Em 1921, Ariosto Palombo recebeu do último jornal uma proposta para assumir uma de suas editorias. Então se mudou para o Triângulo Mineiro, talvez seguindo o conselho de Raul Seabra, chefe político de Rio Verde (MG): “vai pra Uberaba, trabalhar no **Lavoura e Comércio** e casar-se por lá.”<sup>75</sup> Mudando-se para a cidade, onde residiu pelos nove anos seguintes, foi uma das principais figuras jornalísticas desse diário, tendo se tornado muito amigo do dono Quintiliano Jardim, que fez de Ariosto redator-chefe. Em 1922, assumiu temporariamente a direção do jornal, quando Quintiliano teve que sair de viagem<sup>76</sup>. O próprio Ariosto, muitos anos mais tarde, informou que “amigo decidido de João de Minas, Quintiliano todas as noites, depois do cinema, saía com ele a passeio.”<sup>77</sup>

No trabalho, sua atividade era profícua:

---

<sup>69</sup> CARNEIRO, Caio Porfírio. Depoimento concedido a Leandro Antonio de Almeida, p. 4

<sup>70</sup> MINAS, João de. Satisfação ao Honrado Presidente de Minas *O Paiz*, 17/02/1929, p. 2

<sup>71</sup> SEIXAS SOBRINHO, J., p. 8

<sup>72</sup> FONSECA, Luís Gonzaga da. Imprensa Oliveirense. In: *História de Oliveira* Belo Horizonte: Ed. Centenário, 1961. Disponível em <http://www.acervoliveira.hpg.ig.com.br/imprensa.htm> acessado em 19/01/2005. O autor menciona apenas o nome de Ariosto Palombo, mas não informa o jornal no qual colaborava.

<sup>73</sup> FREIRE FILHO, Aderbal., p. 247. O artigo de João de Minas, segundo Aderbal, era intitulado “Um Grande Escritor Sertanista”, versando sobre Hugo de Carvalho Ramos.

<sup>74</sup> FREIRE FILHO, Aderbal., p. 248.

<sup>75</sup> Apud FREIRE FILHO, Aderbal., p. 248, grifo do autor.

<sup>76</sup> FREIRE FILHO, Aderbal., p. 240, menciona que a referida viagem foi para o Rio de Janeiro. Já Ariosto menciona o episódio de sua substituição em sua bíblia, mas informa que a viagem fora para Belo Horizonte, a pedido do PRM para possível candidatura a deputado por Quintiliano. MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 127.

<sup>77</sup> MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 122.

Sua primeira colaboração assinada sai em 26 de agosto de 1920. A partir daí faz de tudo no jornal: crítica, crônica política e reportagens. Publica também pequenos contos, trechos de um romance em elaboração (**A loucura dos amantes**) e, entre 1923 e 1926, mantém uma coluna regular chamada **Neste momento solene**. (...) Durante os meses de março e abril de 1925 publica uma série de **Impressões de Viagens**. (...) Já nos primeiros anos de **Lavoura & Comércio**, com as reportagens que envia de suas viagens pretendia editar um **Álbum Brasileiro**, ‘publicação filiada à publicidade moderna’, e cujo primeiro volume seria o **Álbum de Goiás**<sup>78</sup>

Tal atuação jornalística e os contatos estabelecidos contribuíram para, em 1925, participar, no cargo de orador, “da primeira diretoria da então recém fundada Associação de Imprensa do Brasil Central”<sup>79</sup>. Em em 6 de julho de 1929 o *Lavoura e Comércio*, ao comemorar 30 anos e se tornar diário, reapresenta o consagrado Ariosto ao público: “Também João de Minas trabalha conosco. Há 8 anos é nosso dedicado e insubstituível companheiro. Nome aureolado nas letras, João de Minas é uma das figuras mais brilhantes do jornalismo pátrio e hoje consagrado chefe de uma nova e vitoriosa escola literária.”<sup>80</sup>

Além de jornalista, Ariosto exerceu a profissão de advogado (provavelmente rábula) e professor, conforme os seguintes anúncios: “Ariosto Palombo (João de Minas) – advocacia no crime e no civil – sócio do Dr. Sebastião Fleury. Escritório nesta redação” e “Lições de português, francês, inglês, história, aritmética e geografia – por João de Minas. Trata-se nesta redação.”<sup>81</sup> Seu relacionamento com os coronéis da região aparecem na crônica abaixo:

Há uma semana, em Uberaba, apareceu-me um sujeito alto, queimado de sol, com um olho menor do que o outro. Dava a impressão de olhar só com o olho grande. Podia ter quarenta anos, e estava vestido com a honestidade caipira. Trazia-me uma longa carta de apresentação de um chefe do sudoeste goiano.

- Estou às suas ordens, meu excelente amigo – assegurei-lhe. O coronel Manoel Jaboatão – porque era ele – sorriu, e cruzou a perna. Ele não estava sem meias. Disse-me:

- O sior num vê qui eu perciso de um adevogado... Mais um adevogado qui sabe pulá corda, e dança agachadinho...

Interrompi o coronel Jaboatão, meio assustado:

- Será alguma demanda de terras?.. ou algum crime horrível?...

- Não sior. Eu perciso comprá um otomóve, e aosdispois não quero vortá prus garimpu sem vê o tar de arranha-céu [Martinelli, em São Paulo]!<sup>82</sup>

A segunda parte do conselho de Raul Seabra não tardou a ser seguida. Em 30 de julho de 1925, Ariosto Palombo casou-se com Adélia Maluf na Igreja Matriz de Uberaba<sup>83</sup>. Os pais

<sup>78</sup> FREIRE FILHO, Aderbal., p. 248-249, grifos do autor.

<sup>79</sup> FREIRE FILHO, Aderbal., p. 251.

<sup>80</sup> Apud. SEIXAS SOBRINHO, J., p. 8.

<sup>81</sup> Apud FREIRE FILHO, Aderbal., p. 250.

<sup>82</sup> MINAS, João. Diante do Vertiginoso Arranha-Céu do Sr. Martinelli, *O Paiz*, 04/03/1928, p. 1.



de Adélia chamavam-se Bárbara Moisés Queirós e Rachid Abraão Maluf, sobre o qual nos informa Seixas Sobrinho:

O escritor era casado em uma família de excelente tradição, na cidade mineira de Sacramento, berço dos Maluf. A maior parte dos Maluf vivia do alto comércio desenvolvido em Uberaba, Uberlândia e também no Vale do Aço. Amigo incondicional do sr. Rachid Maluf, seu sogro, João de Minas homenageou-o no dia de seu falecimento, – 7 de novembro de 1935 – dedicando-lhe um panegírico intitulado – ‘Homem de Bem’.<sup>84</sup>

A partir de julho 1927, sua atividade jornalística se expandiu, pois passou a colaborar quase semanalmente em um dos principais jornais brasileiros, *O Paiz*, de orientação pró-PRP, que circulava no Rio de Janeiro. Dois anos depois, em outubro de 1929, passou a colaborar também para o *Correio Paulistano*, principal jornal governista na capital paulista. Apesar de carecermos das informações contidas nas fontes de Uberaba, os jornais *O Paiz* e *Correio Paulistano* nos dão uma idéia dos dois principais temas dos artigos de Ariosto, reveladores das principais atividades nas quais estava envolvido: viagens e política.

A julgar pelos seus textos, Ariosto Palombo deve ter viajado bastante na década de 20 (a primeira referência é de 1924, mas o início delas pode ser anterior), a serviço da reportagem ou para explorar regiões sertanejas. Deve ter ido para o Amazonas<sup>85</sup>, Goiás (Goiânia, Santa Leopoldina, Anápolis, Rio Bonito, Natividade, Jataí, Itaberaí, Ituiutaba, Bela Vista, Caldas Novas, Morrinhos, Antão, Pedro Afonso, Pilar, Pouso Alto), Bahia, Ceará (Joazeiro), Mato Grosso (Campo Grande e regiões interioranas não especificadas), Triângulo Mineiro (Tupaciguara, Araxá, Sacramento, Uberabinha – atual Uberlândia), regiões cafeeiras do Sul de Minas (Monte Santo, Guaranésia, Muzambinho, Passos), São Paulo (capital e interior, como Casa Branca, Ribeirão Preto e Barretos), com incursões no Paraguai (Pontaporã e Assunção)<sup>86</sup>. Uma homenagem a Ariosto em Goiás mostra o escritor numa dessas viagens:

Pouso Alto, a 10 do corrente, se agitou numa carinhosa homenagem a um visitante ilustre, ali de passagem. Era o nosso confrade João de Minas, a quem todo o povo de Pouso Alto, por suas primeiras pesso-

---

<sup>83</sup> Registro de Casamento de Ariosto Palombo e Adélia Maluf, Cartório do Registro Civil das Pessoas Naturais da comarca de Uberaba, Oficial Yvonne Sallum Machado, livro 20, folha 85v, termo 131. A informação sobre a cerimônia na Igreja Matriz está na Bíblia do autor. Nela consta que Ariosto fora batizado por conta do casamento, a pedido de seu sogro. MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 124. Não fizemos busca pela certidão de batismo em Uberaba, mas o escritor Rui Ribeiro nos informou que não conseguiu localizar a certidão de batismo de Ariosto em Ouro Preto, onde nasceu.

<sup>84</sup> SEIXAS SOBRINHO, J., p. 8.

<sup>85</sup> Essa informação provém de CARNEIRO, Caio Porfírio. Depoimento concedido a Leandro Antonio de Almeida, p. 4. Teria sido dada por Bernardo Ellis Jr., no seguinte trecho “ele viajava muito nessa região, Goiânia, e subia até o Amazonas, ficava lá meses.”

<sup>86</sup> Nomes citados nas suas obras sertanejas e em suas colaborações em *O Paiz* e *Correio Paulistano*, como locais onde João de Minas diz ter estado entre 1924 e 1929.

as e autoridades, ia prestar uma inequívoca manifestação de apreço, que transcorreu cheia de intensa eloquência e sinceridade. Na noite desse dia, às 20 horas, uma comissão de cavalheiros e autoridades, tendo à frente o Sr. Coronel Antonio Martins Mundim, chefe político do município, foi buscar João de Minas à Pensão Gordo, onde o ilustre jornalista se hospedara, e o conduziu ao palacete do Sr. Coronel Wesquival Nogueira, já repleto de pessoas de relevo, cavalheiros, senhoras e senhoritas, estando as salas lindamente ornamentadas. Tocava a banda de música pouso-altense, dirigida pelo afamado maestro Sr. Lindolpho França. Feito silêncio, falou em primoroso discurso, saudando João de Minas, em nome de Pouso Alto, o prestigioso político e caridoso médico Sr. Dr. Elpenor de Oliveira, de importante e tradicional família de Ouro Preto, irmão do Sr. Dr. Clodomiro de Oliveira, que foi o secretário da Agricultura no governo Arthur Bernardes, em Minas.<sup>87</sup>

As notícias enviadas por Ariosto nessa época não diferiam da estrutura da notícia acima, feita pela redação de *O Paiz*. Nas viagens ou em Uberaba, o escritor sempre vinha acompanhado de autoridades, na grande maioria políticos e coronéis, comentando e noticiando os diversos acontecimentos das localidades. Partia sempre da perspectiva de ratificar a atuação do governo federal de Washington Luís e das lideranças regionais dos estados por onde passou, como Mato-Grosso, Goiás e São Paulo, detendo-se principalmente na política de Minas Gerais, com apoio ao PRM, expresso na figura de Antonio Carlos. A continuação de um artigo acima citado é reveladora:

vê-se logo que o artigo agressivo ao Sr. Antonio Carlos, forjado no purulento *Correio da Manhã*, teve a responsabilidade do meu pseudônimo com o fim perverso de me acanhar perante a boa opinião pública, que me tem lido e aplaudido as minhas reportagens *in loco*, calcadas na grandeza e no progresso que o Sr. Antonio Carlos está fundando em Minas, em continuação da obra portentosa de Melo Viana.<sup>88</sup>

Resultado e reunião de artigos, seu primeiro livro tem a mesma perspectiva e finalidade – defender o regime. *Jantando um Defunto*, que trata dos supostos horrores da passagem da Coluna Prestes por Goiás, foi publicado por volta de março de 1929 nas oficinas do próprio jornal carioca para o qual colaborava, que fundava então a editora *Alfa*<sup>89</sup>. Por conta do seu caráter polêmico, talvez foi o livro mais conhecido e debatido do autor e, num clima político no qual o tema da revolução estava na ordem do dia, alimentou o debate em torno do assunto a partir da figura de Prestes<sup>90</sup>.

Na produção jornalística de Ariosto, o clima de harmonia na alta política dos estados e do país durou entre meados de 1927 até 12 de outubro de 1929. A partir de então, no contexto da sucessão presidencial e da campanha para presidente a ocorrer no ano seguinte, Ariosto

---

<sup>87</sup> Homenagem a um ilustre jornalista, em Pouso Alto. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 13/01/1928, p. 2

<sup>88</sup> MINAS, João de. Satisfação ao Honrado Presidente de Minas *O Paiz*, 17/02/1929, p. 2

<sup>89</sup> O conteúdo do livro será tratado mais detalhadamente na parte I da dissertação.

<sup>90</sup> Sobre a recepção desse livro, ver o nosso: ALMEIDA, Leandro A. “Leituras de *Jantando um Defunto*” In: *Revista de História*, USP, n. 155, 2º sem. de 2006, pp. 261-282.

Palombo engajou-se intelectual e politicamente na Concentração Conservadora, em favor de Melo Viana, Fidelis Reis e Júlio Prestes, apoiando o PRP, travando oposição ferrenha à Aliança Liberal, atacando Getúlio Vargas e, principalmente, Antonio Carlos<sup>91</sup>.

*Rio de Janeiro: um sertanista na capital num ano turbulento (1930)*

O prestígio de Ariosto no *O Paiz* cresceu ao ponto de ele ser convidado a se mudar para o Rio de Janeiro. Seu último artigo assinado de Uberaba data de 10 de dezembro de 1929<sup>92</sup>. Em artigo de 22 de dezembro, disse estar há uma semana em São Paulo, onde tomou emprestado um cadillac de seu amigo Abner de Mello para assistir o cortejo de recepção ao candidato à presidência Júlio Prestes, que vinha do Rio de Janeiro<sup>93</sup>, e ainda assistiu Eugênia Álvaro Moreira no teatro Santana, “com toda a *elite* paulistana”. Em 1930 já estava no Rio para assumir a redação política do jornal carioca, passando o ano novo no Cassino Beira-Mar<sup>94</sup>.

Sua atividade intelectual nesse ano parece ter sido intensa, pois Ariosto Palombo disse passar “a maior parte da minha vida dentro de minha biblioteca, de quase quatro mil volumes”<sup>95</sup>, sem contar o trabalho na redação de *O Paiz*. Sua produção foi quase toda marcada pelo debate político em torno das eleições presidenciais de março, cujo resultado saiu em maio, com eleição do candidato paulista. Sua posição é a mesma assumida em Uberaba: total apoio com elogios laudatórios a Júlio Prestes ou Washington Luís e oposição desbocada a Antonio Carlos ou Getúlio Vargas. Por sua militância, seu nome chegou a ser cogitado por Carvalho Brito e Melo Viana para deputado federal, compondo a chapa da Concentração Conservadora, mas a indicação não foi adiante<sup>96</sup>.

Quando descansava da política, dividia sua produção entre publicar as narrativas que compunham seus livros anteriores ou por sair, escrever crônicas sobre diversos assuntos e fazer resenhas de livros com os quais simpatizava. Sobre essa tarefa, avalia: “Eu recebo muitos livros. Os autores, no geral, me aplicam uma dedicatória saborosa. As obras ruins, e são quase todas, eu não escrevo sobre elas. Sou avesso a xingar os maus literatos, que são animais

---

<sup>91</sup> A partir de 12 de outubro de 29, saem pelo *O Paiz* vários artigos de João de Minas com esse teor. Vale notar que é a partir também de 12 de outubro de 1929 que João de Minas passa a colaborar no *Correio Paulistano*, cujos artigos têm o mesmo teor. O livro *Sangue de Ilusões* mantém esse tom contundente.

<sup>92</sup> MINAS, João de. Minas Personificada em Melo Viana, *Correio Paulistano*, 13/12/1929, p. 2

<sup>93</sup> MINAS, João de. O que vi com meus olhos, *Correio Paulistano*, 24/12/1929, p. 5

<sup>94</sup> MINAS, João de. Naquela Noite, *Sangue de Ilusões*, p. 29-30

<sup>95</sup> MINAS, João de. A Ação construtora da presidência Washington Luís, *Correio Paulistano*, 12/09/1930, p. 3

<sup>96</sup> MINAS, João de. Minha Candidatura a Deputado Federal (uma explicação necessária), *Sangue de Ilusões*, p. 263-269. Publicado inicialmente no *O Paiz*, em 11/05/1930.

perigosos e gostam de travar polêmicas para se dar ares. Sobre os bons livros eu escrevo, e dou a minha opinião.”<sup>97</sup>

Assim, publicou sistematicamente artigos nos jornais *O Paiz*, *Correio Paulistano* e *A.B.C*<sup>98</sup>, e enviou crônicas e contos para *Cruzeiro* (junho) e o mensário *Ilustração Brasileira* (junho, julho e agosto). Nesse ínterim lançou dois livros, *Farras com o Demônio* (em março ou abril) e *Sangue de Ilusões* (em julho ou agosto), ambos – como *Jantando um Defunto* – resultantes de textos publicados no *O Paiz*<sup>99</sup>. Tinha planos de lançar *Nação Fulgurante*, focando a campanha do PRP nas eleições de 1930. Nunca encontramos tal livro.

Quando deixava sua biblioteca ou a redação, passeava de automóvel pela cidade e circular pelos salões da capital. Nesses passeios veio-lhe a idéia de fazer um livro sobre a mulher carioca, anunciado na crônica de 3 de setembro. Ariosto Palombo, “chegando ao Rio pitando (...) cigarro de fumo goiano de Bela Vista”, ironicamente se espantava com o efeito prolongado da capital em seu espírito:

Realmente, eu mesmo estou assombrado com a mudança que vai se operando em mim. De escritor sertanista feroz, e que já vestiu calças de couro, nas fundas viagens sertanejas, eu estou passando a macaco ensinado de salão... Sim, porque o ‘indivíduo’ competente para descrever as jóias da graça que adornam a alma feminina não é aquele que anda de esporas, de chapéu de couro, caracolando uma besta queimada, e sim justamente aquele honrado cavalheiro que se apurou na ciência das salas, das sorveterias, das casas de chá. Enfim, um sujeito de circo...<sup>100</sup>

Como exemplo de sua inserção o autor conta, no decorrer da crônica, que foi convidado para o recital de declamação de Marta Silva Gomes, ocorrido em 28 de agosto no Instituto Nacional de Música, em benefício da Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra Lepra. Estavam presentes Coelho Neto, Ademar Tavares e Olegário Mariano, além de Didi Caillet, miss Paraná de 1929. Após desconfiança inicial aprecia positivamente a performance da artista, com comentário que deixa entrever sua freqüência a tais eventos: “é que os recitais de declamação, no Rio, são em geral perigosos. A declamadora chega no palco, ou no meio da sala, puxa da faca, e começa a cortar as orelhas da gente... Eu tenho um medo que me pélo.”<sup>101</sup>

<sup>97</sup> MINAS, João de. Luz e Sombra, *Sangue de Ilusões*, p. 45.

<sup>98</sup> “Esses artigos [sobre a administração de Vitor Konder na Secretaria de Viação] saíram principalmente no ‘Correio Paulistano’, ‘O Paiz’ e ‘A.B.C’, órgãos de imprensa a que eu pertencço, profissionalmente, na qualidade de humilde e escuríssimo colaborador” MINAS, João de. A Ação construtora da presidência Washington Luís, *Correio Paulistano*, 12/09/1930, p. 3

<sup>99</sup> ALMEIDA, Leandro A. “Sangue de Ilusões: Um livro esquecido de um autor obscuro”, *Revista da ASBRAP*, n. 12, 2006, pp. 47-54.

<sup>100</sup> MINAS, João de. Alguns aspectos femininos cariocas, *Correio Paulistano*, 06/09/1930, p. 2

<sup>101</sup> MINAS, João de. Alguns aspectos femininos cariocas, *Correio Paulistano*, 06/09/1930, p. 2

Seu cotidiano estava com os dias contados. Um mês e meio depois desta crônica, em outubro de 30, o movimento liderado por Getúlio Vargas depôs o governo vigente e impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes. Ariosto Palombo, que nos meses anteriores militava a favor da situação, foi uma das pessoas visadas pelo novo regime. Estava na Cinelândia em companhia de Sertório de Castro quando recebeu voz de prisão, conseguindo escapar enquanto seu companheiro foi preso<sup>102</sup>. Foi então procurado pela polícia e liberado de uma primeira abordagem. Mas, avisado por amigos que a polícia estava novamente à sua procura, desta vez para não o deixar escapar (vivo), conseguiu sair do Rio de Janeiro com a mulher grávida às pressas, deixando seus pertences para trás<sup>103</sup>.

### *São Paulo: atividade intelectual no novo regime (1930-1937)*

O destino do casal foi a residência do pai de Adélia na conhecida Uberaba, cidade onde nasceu o (único) filho Regis Palombo<sup>104</sup>. Mas, sendo novamente procurado pela polícia, Ariosto fugiu para a Argentina, segundo palavras suas em 1933: “Estive durante três anos afastado da vida literária e da política... Também, tendo deixado o Rio em 1930, dando um passeio pela Argentina, não voltei para Minas para ali residir. Preferi o Estado de São Paulo (...)”<sup>105</sup>. O referido “passeio” deve ter ocorrido em 1931, ano em que teria metido rascunhos de um novo livro na mala antes de fazer uma longa viagem. No ano seguinte estava no interior paulista, lendo os rascunhos de *A Mulher Carioca aos 22 anos* a um de seus eminentes amigos: “Aí por meados de 1932, recebia eu em Franca a visita de Veiga Miranda, que ali é aparentado com os coronéis donos da formosa cidade paulista”<sup>106</sup>

Ariosto diz ter sido constitucionalista<sup>107</sup>, mas ainda não sabemos em que cidade estava quando irrompeu o movimento paulista em julho de 1932. De Franca parece ter ido para Araraquara, onde escreveu uma série de artigos no jornal local, o *Imparcial*, entre 15 de novembro e 15 de dezembro desse ano, curiosamente assinando Ariosto Palombo, não João de Minas, como de costume. Seus artigos tinham o título “Sugestões Bandeirantes de Araraquara” e versavam principalmente sobre política local, exaltando os paulistas da região e atacando o

---

<sup>102</sup> FREIRE FILHO, Aderbal., p. 251-252.

<sup>103</sup> Informação pessoal obtida em conversa com Regis Palombo.

<sup>104</sup> Informação pessoal obtida em conversa com Regis Palombo.

<sup>105</sup> Um escritor Consagrado [entrevista com João de Minas], *Jornal do Estado (Diário Oficial do Estado de São Paulo)*, 22/06/1933, p. 2

<sup>106</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 9

<sup>107</sup> Um escritor Consagrado [entrevista com João de Minas], *Jornal do Estado (Diário Oficial do Estado de São Paulo)*, 22/06/1933, p. 2

governo de Vargas, na onda dos balanços da derrota do Movimento Constitucionalista paulista. Pretendia lançar os artigos em livro intitulado “Araraquara”, para tal fundando uma empresa que levou para suas atividades realizadas nos anos seguintes. Numa propaganda, diz que:

acaba de se fundar aqui, sob a firma Silva & Palombo, a empresa de Publicidade e Cultura Grandeza Paulista, com sede à av. Brasil, n. 39, fone 31. Os seus fins imediatos são editar o livro ‘Araraquara’, que condensa em verídicas e minuciosas reportagens todo o valor e adiantamento da nossa gente (...) a empresa lançará em seguida, no mesmo gênero, uma coleção de esplêndidas reportagens sobre esta zona. Nesse sentido, e já a matéria do volume, vamos começar a publicar uma série de artigos.<sup>108</sup>

Noutro artigo, os fundadores da empresa se apresentam do seguinte modo: “Nós, Antonio Silva e Ariosto Palombo, jornalistas, homens que dedicamos escorrer pelo bico da pena uma porção de filosofias...”<sup>109</sup>.

Em meados do ano seguinte, 1933, Ariosto Palombo trabalhou para o outro lado. Desta vez, já morando na capital paulistana, em junho passou a colaborar no *Jornal do Estado*, o Diário Oficial do Estado. No final de maio, o então major Dilermando de Assis, chefe da diretoria de Estradas de Rodagem, assumiu a Secretaria de Viação e Obras Públicas, e chamou seu amigo Ariosto para ser seu assessor e secretário particular de gabinete. Quando Waldomiro Lima deixou a interventoria em finais de julho, Dilermando pediu exoneração do cargo, apesar de convidado a ficar. Por conta disso, foram dois meses de colaboração quase diária de Ariosto Palombo no Diário Oficial, assinando João de Minas. Resultando dessa colaboração, pretendia lançar um livro intitulado “O Estado de São Paulo em 1933”, que versaria sobre “A Paz Paulista”<sup>110</sup>, ou seja, as ações da interventoria Waldomiro Lima e, especificamente, da secretaria dirigida por seu amigo Dilermando, cujo feito central seria o plano quinquenal de rodovias a ser implementado pela Secretaria de Viação. Opera assim uma inversão em relação aos seus textos araraquarenses, mantendo todavia a mesma retórica do bandeirismo paulista. A publicação do livro seria feita sob os auspícios da “Empresa de Publicidade e Propaganda Grandeza Paulista”, a qual aparentemente dirige sozinho, como primeiro volume de uma série intitulada “Biblioteca da História Moderna de São Paulo”.

A partir da segunda metade do ano de 1933 sua atividade intelectual parece mais ligada à literatura ficcional do que ao jornalismo político. Talvez por isso percebemos uma diver-

---

<sup>108</sup> Reportagens Sensacionais – e um livro sobre o progresso de Araraquara, *O Imparcial*, 06/12/1932, p. 1. Agradecemos a Marco Antonio Arantes pelo envio das colaborações digitalizadas.

<sup>109</sup> Estupendas realizações agrícolas e industriais, *O Imparcial*, 11/12/1932, p. 1

<sup>110</sup> “Afim, se se tem escrito uma torre ebúrnea de livros sobre a guerra paulista – por amor a São Paulo – porque não se escreveu um livro sequer sobre... a paz paulista, – por amor ao Brasil? (...) E sabem de uma coisa: vamos escrever esse livro. Aí está” MINAS, João de. Não é possível lambusar de pixe o sol tropical da grandeza paulista. *Jornal do Estado*, 10/06/1933, p. 3

sificação nos periódicos onde Ariosto colaborou. Desde janeiro de 33 escreveu para a revista trimestral Sul América, editada no Rio de Janeiro pela seguradora homônima, em colaboração sistemática até 1937, na qual publicou principalmente contos inéditos e capítulos dos seus futuros livros. Ainda em 1933 mandou contos sertanistas para o carioca *O Malho*, mas no ano seguinte passou a publicar contos policiais. Em fevereiro e março de 34 enviou alguns textos sertanistas para *A Noite Ilustrada*, e provavelmente para o jornal paulistano *O Dia*, pertencente aos Diários Associados, onde teria publicado capítulos de um romance policial<sup>111</sup>. Além das colaborações, chegou a dirigir um periódico mensal junto com Lacerda Ortiz, de título *Phalena*, lançado em junho de 34, o qual deve ter durado alguns números. O *Correio Paulistano*, ao retornar suas atividades, nos dá notícia dessa publicação:

Está à venda em todo o Brasil o segundo número do magazine 'Phalena', dos nossos distintos confrades João de Minas e Lacerda Ortiz. Colaboram em inéditos exclusivos os srs. Armando Pajardo, em sensacional reportagem policial, Marques da Cruz, Ramon de Santos, Adolpho de Medeiros, Horácio de Andrade, Rocha Pereira, o coronel Samuel Borba, Benedicto Merlin, Americo Malheiros, Martins Capistrano, Amador de Toledo, professor Ascano Pimentel, etc. A capa são clichês de Nove de Julho, contendo o original magazine rica clicherie de São Paulo e Santos, como reportagem fotográfica completa da viagem do sr. interventor federal a Jaú, a Página Praiana, a Página Portuguesa, a Página de Bordados, a Página Esportiva, assim como de rádio, Sociedade, Educação, destacando-se ainda uma entrevista expressamente concedida por Ramon Navarro, que cita pessoalmente moças de Santos e de São Paulo que o impressionaram por sua fotogenia e uma entrevista com o Soldado Desconhecido de São Paulo, etc.<sup>112</sup>

Em paralelo à colaboração em jornais e revistas, o período que vai do segundo semestre de 1933 ao segundo de 1936 é o período onde Ariosto publicou o restante dos seus livros. Em agosto ou setembro de 1933 saiu, pela gráfica editora Unitas, o seu primeiro livro após 1930, intitulado *Mulheres e Monstros*. No ano seguinte saem *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, *A Datilógrafa Loura*, *Uma Mulher... Mulher*, *Pelas Terras Perdidas* e *A Mulher Carioca aos 22 anos*. Em 1935 são lançados *Fêmeas e Santas* e *A Prostituta do Céu*. Em julho de 1936 temos *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*. Vale lembrar que a data e a ordem de escritura não coincidem com a data de publicação.

---

<sup>111</sup> Aderbal Freire Filho diz que essa colaboração em *O Dia* iniciou-se em 1933, mas em consulta ao jornal nesse ano, disponível no Arquivo do Estado de São Paulo, não encontramos nenhuma matéria com assinatura de João de Minas. Em 1934, nas páginas iniciais do livro *Pelas Terras Perdidas*, Ariosto diz participar do jornal, mas não tivemos acesso aos exemplares do diário no ano de 34 e 35. No livro *Fêmeas e Santas* o autor diz que os capítulos do romance policial não saiu em *O Dia*, mas em quatro *Diários Associados* de Assis Chateaubriand. A verificação de onde se publicou seus escritos policiais ainda está por ser feita.

<sup>112</sup> Publicações, *Correio Paulistano*, 24/07/1934, p. 9. Outra notícia do mesmo número foi dada na mesma seção do jornal em 02/08/1934. O *Correio Paulistano* teve sua publicação interrompida em 1930 por conta da mudança de governo, retornando suas atividades em julho de 1934.

Dos livros publicados nessa época, o que mais chamou a atenção da imprensa foi *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, que trata de uma suposta viagem de Ariosto em busca de Fawcett e das maravilhas que existiram em Mato-Grosso. O conteúdo do livro é analisado por nós no corpo da dissertação, mas vale acompanhar o movimento para sua divulgação, que revela a forma como o autor se inseria no meio intelectual dos anos 30.

Foi a partir dos artigos publicados por Ariosto no *Jornal do Estado* em defesa do plano rodoviário e do petróleo que o autor mineiro estabeleceu contato com Monteiro Lobato. Além de tecer elogios à sua atividade jornalística e literária, Lobato o convidou para visitar seu escritório a fim de lhe apresentar seu programa petrolífero<sup>113</sup>. Meses depois Ariosto narra uma dessas conversas, na qual

Contei ao Lobato que as páginas sobre o Araguaia, que o haviam deslumbrado<sup>114</sup> tinham um seguimento, ainda inédito. (...) naquela visita a Monteiro Lobato, contei essa proeza [uma viagem para encontrar Fawcett] ao ilustre escritor, mostrando-lhe um caderno de notas curiosíssimas, uma espécie de diário dessa viagem maluca. Monteiro Lobato, espírito dinâmico, que vai dar soberania ao Brasil, dando-lhe petróleo e siderurgia, pediu-me a ler o meu diário.<sup>115</sup>

Lobato, em 12 de julho de 1933, no gabinete de Dilermando, ao devolver-lhe o diário, teria dito: “você vai me escrever um volume a respeito da matéria deste diário, para a Companhia Editora Nacional. Já falei ao Octales”. Ariosto completa: “Fechamos o contrato do livro. A matéria que o leitor leu pertence a essa obra, sendo a respectiva divulgação na imprensa ‘Copyright’ da Empresa de Publicidade e Cultura Grandeza Paulista”<sup>116</sup>. O contrato não foi adiante, e o livro saiu pela editora Record no ano seguinte.

A divulgação do livro iniciou-se no número de 21 de setembro de *O Malho*, onde há uma entrevista com Ariosto sobre o livro, realizada em seu escritório. Em 28 é publicado um capítulo do mesmo. Na mesma data, o carioca *A Pátria* publica uma entrevista com o autor: “fomos ouvir o já famoso escritor, em S. Paulo, à rua Florêncio de Abreu n. 25, sobrado, num escritório repleto de livros”<sup>117</sup>. O movimento deve ter durado mesmo após a publicação, pois

---

<sup>113</sup> Os artigos de Ariosto sobre Lobato são os seguintes, todos publicados no *Jornal do Estado*: De um editorial d’ “A Gazeta”, de Outro do Monteiro Lobato, às finalidades americanas da política econômica do general Waldomiro de Lima, 14/06/1933, p. 6; Em torno a dois telegramas, aos srs. Monteiro Lobato e Assis Chateaubriand, 28/06/1933, p. 2; Ouvindo e vendo Monteiro Lobato, ouvindo e vendo a imortalidade de Piratininiga, 11/07/1933, p. 4. Há também a carta de Lobato a João de Minas, publicada em 18/07/1933, p. 2

<sup>114</sup> Referência ao livro *Farras com o Demônio*

<sup>115</sup> MINAS, João de. Monstros e Histórias dos sertões desconhecidos do Brasil Central. *Sul América*, outubro de 1933, p. 49. A referida conversa publicada na *Revista Sul América* em outubro de 1933 é precedida de um dos capítulos do livro.

<sup>116</sup> MINAS, João de. Monstros e Histórias dos sertões desconhecidos do Brasil Central. *Sul América*, outubro de 1933, p. 51.

<sup>117</sup> Relatado em: MINAS, João de. Prefácio. In: idem. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*. p. IX



em março de 34 a *Noite Ilustrada* também publica um capítulo do livro. O frissom na imprensa foi causado pelo o teor de veracidade, visto que o autor afirmava de ter vivido tudo que é relatado, afirmando ter provas de tudo que se passou.

Mas essas matérias não podem ser entendidas isoladamente, sem nos referirmos a outra forma de divulgação dos livros, as suas palestras, em geral realizadas em teatros da capital paulistana. Sobre elas nos informa o escritor Caio Porfírio Carneiro:

que ele dava palestra em Goiânia. Se ele dava em Goiânia, dava em São Paulo, ele dava onde chegava. Ele queria é ganhar dinheiro. Até aí sem problema. Agora essas palestras pararam quando ele fundou a igreja. Então ele fazia palestras, tinha uma que ele queria provar que encontrou o jacaré-elefante. Diz que ele provava, e quando ele descia, e ele cobrava ingresso, quando o pessoal descia das palestras dele diziam que, saíam discutindo, porque alguns estavam convencidos que existia mesmo. Ele tinha um poder de convencimento incrível. Ele entrava por detalhes, ele dizia até a pulga onde estava no jacaré.<sup>118</sup>

O sistema de distribuição dos livros, em geral, era realizado pelo próprio autor que, segundo ainda Caio Porfírio,

andava e colocava livros nas livrarias, e depois ele ia, depois de uma semana, ‘como é aí, já vendeu?’ Já tinha vendido tudo. E ele pedia mais outra cota, e ele colocava. Não sei se ele fazia isso no Rio de Janeiro. Daí porque os livros dele não correram o norte do Brasil, correram mais no sul. Correram no Brasil, no norte do Brasil mais por referência, livros que chegavam lá devido à genialidade desse homem.<sup>119</sup>

Os últimos registros que encontramos sobre a literatura de Ariosto datam de 1937: trata-se de colaborações em revistas ilustradas e o lançamento de uma segunda edição de *A Mulher Carioca aos 22 Anos*. Entre os títulos de seus próximos livros, anunciados mas talvez nunca publicados, encontram-se: *Rei da Ilha do Bananal* (continuação de *Farras com o Demônio*<sup>120</sup>), *Gangsters Rio-São Paulo* (continuação de *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*<sup>121</sup>) e *A Pecadora do Céu* (2ª ed. de *A Prostituta do Céu*).

#### *Atividades jornalísticas e primeiros tempos da Igreja (1935-c. 1950)*

Mesmo não publicando livros, Ariosto procurou manter sua atividade de escritor. Aderbal Freire Filho informa que até 1949 ele ainda escreveu artigos, retomando a colaboração

---

<sup>118</sup> CARNEIRO, Caio Porfírio. Depoimento concedido a Leandro Antonio de Almeida, p. 8

<sup>119</sup> CARNEIRO, Caio Porfírio. Depoimento concedido a Leandro Antonio de Almeida, p. 7

<sup>120</sup> Ele chegou a publicar um capítulo do que seria essa nova aventura, na qual João de Minas sai em mais uma aventura rumo à Ilha do Bananal com Xaraim e Francisco, personagens de *Farras com o Demônio*. Cf. MINAS, João de. No curral das Feras prehistoricas, nos sertões desconhecidos do mundo. *Revista Sul-América*, julho de 1936, pp. 28-30 e 43-43.

<sup>121</sup> O sumário desse novo romance foi publicado na quarta capa de *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*.

no *Lavoura e Comércio* de Uberaba, mantendo a coluna “Cartas Mineiras de São Paulo”<sup>122</sup>. Funda e preside na mesma cidade a “Academia Nacional de Letras”, talvez rivalizando com a academia carioca, estando entre os primeiros membros não menos que “Dolor de Brito Franco (ex-deputado federal), A. de Assis (líder dos funcionários públicos de São Paulo), J. Alvim Domingos Laurito, Major Eduardo Augusto de Bastos, Gastão Novaes (irmão de Guiomar Novaes), Guiomar Novaes, Nestor Pereira Júnior e Waldemar Nunes (médico)”<sup>123</sup>

Seixas Sobrinho nos conta ainda a Fon-Fon recebeu uma consulta de Ariosto em 1941

Estimado Mestre Yves – Cordiais Saudações. Figuro entre seus alunos. Gosto de sua página e nela muito tenho aprendido, observando as correções feitas aos principiantes na poesia. Gosto de fazer sonetos e os faço defeituosos. Por esse motivo, desejando aperfeiçoar-me, envio-lhe um deles para que me faça o grande favor de apontar-me seus defeitos, ou se gostar do mesmo, publicá-lo. Grato por este inestimável serviço que me presta, subscrevo-me. (a) JOÃO DE MINAS.<sup>124</sup>

A resposta foi: “Seu soneto ‘Meu Brasil’, nas mãos de um poeta hábil, resultaria numa composição magnífica. Mas o senhor, com o seu neofitismo, fez dele um monstrengo. É pena”<sup>125</sup>.

Ariosto manteve uma vida itinerante, diversificando também as atividades nos anos 40, pois Aderbal nos conta que as últimas notícias encontradas sobre o escritor, jornalista e polemista vão de 1945 a 1950, e diz que

Em agosto de 45, por exemplo, sabe-se que diante de uma sugestão para que se candidatasse a deputado por Goiás, João de Minas declara que se lança candidato a deputado federal ‘*pelos xavantes*’. No fim da década, em 49, o encontramos apresentando um programa na Rádio Bandeirantes, em São Paulo, às quintas-feiras, das 23h30 às 24hs. Depois, não se sabe mais dele.<sup>126</sup>

Nessa época, foi nomeado presidente da sucursal goiana das Empresas Lavoura e Comércio, e tornou-se também dono de uma agência denominada Editora e Correspondente de Imprensa e Rádio Rumo ao Oeste, cujas especialidades eram “Serviços em todo o país, campanhas políticas e denúncias.”<sup>127</sup>

Na década de 60 pleiteou uma vaga na União Brasileira de Escritores:

por acaso, o Antonio Delier estava no bar, conversando, falando do João de Minas. Aí me interessou. Me sentei. Lembro-me bem. Eu, ele, Sérgio Milliet, estava o Rolando Roque da Silva. Aí eu disse: ‘Delier, me interessa saber melhor sobre João de Minas, que eu gostei muito dos livros dele’. Ele: ‘(...) En-

<sup>122</sup> FREIRE FILHO, Aderbal., p. 253.

<sup>123</sup> FREIRE FILHO, Aderbal., p. 255-256.

<sup>124</sup> A carta, enviada de Belo Horizonte, data de 1º de março de 1941. *Apud* SEIXAS SOBRINHO, J., p. 9.

<sup>125</sup> *Apud* SEIXAS SOBRINHO, J., p. 9.

<sup>126</sup> FREIRE FILHO, Aderbal., p. 259.

<sup>127</sup> *Apud* FREIRE FILHO, Aderbal., p. 249.

tão ele [João de Minas] queria entrar para a União Brasileira de Escritores. Eu sabia que ele tinha lançado vários livros, com muito sucesso. E eu disse. 'Faça a proposta de inscrição'. Ele fez a proposta. Ah, o carro parado na porta, com um motorista. Ele todo de branco. E perfumado. Eu peguei a proposta e disse: 'olha, eu vou levar para a reunião de diretoria a sua proposta, para ser aprovada, porque de fato aqui a idéia é assim de acordo com os estatutos. Quando, com sócio, é preciso que a diretoria aprove. Então ele paga taxa de inscrição, ele paga aí... se integra à entidade'. Quando eu levei a proposta para a reunião, o presidente que era o Paulo Duarte, olhou e disse: 'Ah, não, esse cafajeste não entra aqui não'. 'Você conhece?' 'Claro que eu conheço, quem não conhece. Esse cara no começo da década de 30 vendia livros aqui em São Paulo, vendeu no Brasil inteiro, enganando todo mundo. Que que é isso? De jeito nenhum!' Aí houve uma discussão grande na diretoria, porque uma parte dos diretores achavam que a diretoria não tinha nada a ver com a vida particular de cada um. O que valia era a obra. E a obra dele tinha méritos, inclusive alguns trabalhos dentro da obra tinham méritos maiores que muitos escritores consagrados. Só que ele era volúvel, subia e descia, porque era um homem sem muita disciplina ao escrever. Então entra, não entra, entra, não entra, entra não entra, a tal ponto que quando ele vinha aqui na UBE conversar comigo eu dizia: 'Olha, não houve reunião', ficava inventando, porque eu não podia dizer para ele que ele não podia entrar. Ele tinha que entrar, ele tinha uma obra, ele tinha já 8 ou 9 livros publicados. Isso foi em 1962 ou 63. Então a grande fase dele, que foi da década de 20, né, 25, 26, 28, a partir da... não, 30, 36. Isso foi em 60, em 1963. Bom, então, eu insisti, insisti, insisti. E, resultado, ele não sei se desistiu, vinha e voltava, ficava um tempo, conversava muito, pedia para eu ver a igreja dele, que a igreja dele tava muito bem movimentada, e me deu uma bíblia dele'.<sup>128</sup>

Estes parecem ser os estertores de sua carreira literária efetiva, pois, a partir de 1935, sua vida tomou um rumo diferente. Como percebemos pelo final do depoimento acima, Ariosto dedicou-se à religião.

O espiritualismo de Ariosto Palombo sempre esteve presente em suas obras escritas antes de 1930, com muita ênfase no catolicismo (religião que declarava pertencer), mas também com elementos espíritas. Esse espiritualismo torna-se bastante reduzido nas obras sexuais e do gênero policial, ganhando apenas poucas menções em seus livros.

Até o segundo semestre de 1934 não temos referência alguma a qualquer intenção em Ariosto de fundar uma religião. As referências começam a aparecer nos seus escritos de 1935 junto com o pseudônimo Mahatma Patiala, adotado para lidar com assuntos referentes à Igreja. Nos livros lançados nesse ano, *A Prostituta do Céu* e *Fêmeas e Santas*, o Mahatma foi citado como autor das epígrafes, uma das quais diz "O Universo está errado. A mulher é que está certa"<sup>129</sup>. Aderbal Freire Filho descreve assim a suposta origem do professor:

---

<sup>128</sup> CARNEIRO, Caio Porfírio. Depoimento concedido a Leandro Antonio de Almeida, p. 2-3. Há um resumo do incidente publicado em CARNEIRO, Caio Porfírio. O Incrível João de Minas. *DO Leitura*, São Paulo, 11(123), agosto de 1992, p. 10

<sup>129</sup> MINAS, João de. *Fêmeas e Santas*, p. 3.

O Mahatma Patiala surge em 1935, como personagem que vai ser jogado na vida para publicar sua própria obra. Enfim, um heterônimo. Teria chegado ao Brasil como acompanhante de Aga Khan, a convite de Oswaldo Aranha. Vivera 8 anos em Hollywood, onde aportou pela mãos de Rodolfo Valentino. Tem 35 anos e pesa 80 quilos. É alto e meio magro. Como estava disposto a ficar no Brasil por uns tempos, a **Grandeza Paulista** adquiriu o direito de divulgar, com exclusividade, o **Curso de It** do Mahatma. Seus ensinamentos, ainda segundo João de Minas, seriam simultaneamente disseminados através de **Crítica**, na Argentina, e do **New York Standart**, nos Estados Unidos.<sup>130</sup>

A primeira das inúmeras instituições e ordens fundadas pelo mahatma brasileiro foi a Academia de Ciências Ocultas, instalada em São Paulo em abril de 1935. Segundo Aderbal, em “junho já haviam matriculados mais de cem alunos, entre eles o deputado bahiano José João do Patrocínio”<sup>131</sup>. Desse deputado há um depoimento transcrito em favor da academia no último livro publicado de Ariosto, *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*<sup>132</sup>. Logo em seguida foi estabelecido o Partido Gandhista Brasileiro, expressão eleitoral da Academia, e a Legião das Sombras, “instrumento de operações democráticas” da Academia, uma “confraria do sistema indiano, espiritualista-socialista, adaptada às necessidades políticas e sociológicas do Brasil, nossa amada pátria”<sup>133</sup>. Em 1937 o Partido Ghandista transformou-se no Partido Espiritualista do Brasil<sup>134</sup>. A mudança dos nomes das suas instituições foi uma tônica na nova religião, mas seu nome oficial era Igreja Brasileira Cristã Científica, estabelecida em São Paulo desde fins de 1937, oficializada em 1940. A ela serão vinculadas as suas outras organizações, a Academia Brasileira de Ciência Divina e a Legião das Sombras. No Estatuto da Igreja, não há referencia ao partido político.

É importante notar que na Igreja havia uma distinção entre os associados. Podiam ser “acadêmicos, alunos sacerdotais da Academia Brasileira de Ciência Divina, e legionários Cristãos Científicos, ou membros da irmandade Legião das Sombras”. O papel da Legião ligava-se à crença que “somos ‘sombras’ que nos arrastamos por esse vale de lágrimas, em contraposição aos Guias de Luz do plano celestial”, enquanto que a Academia era um “seminário, distribuindo profunda cultura religiosa, com rituais ou práticas mais enérgicas”. A mensalidade de se associar a uma ou a outra era, por isso mesmo, diferenciada. Logo, dentro da própria religião, temos uma parte esotérica e outra exotérica, destinada ao público mais amplo<sup>135</sup>.

---

<sup>130</sup> FREIRE FILHO, Aderbal., p. 253, grifos do autor.

<sup>131</sup> FREIRE FILHO, Aderbal., p. 254.

<sup>132</sup> MINAS, João de. A Academia Brasileira de Ciências Ocultas. In: *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 192-193

<sup>133</sup> *Apud* FREIRE FILHO, Aderbal., p. 254.

<sup>134</sup> FREIRE FILHO, Aderbal., p. 255.

<sup>135</sup> Estatutos da Igreja Brasileira Cristã Científica. 1º Ofício de Registros de Títulos e Documentos, livro A, nº 3 reg. pessoas jurídicas, nº ordem 1772. Estatutos antigos, de 1940; Estatutos novos, de 1969.

Em 1939 ocorreu o primeiro enfrentamento da Igreja, pois Ariosto respondeu judicialmente pelo crime de Ocultismo. Através do processo percebemos que a sede da Igreja ficava no Brás, apesar de seu fundador residir na Vila Mariana; que no processo o autor defendia o Estado autoritário, regime que permitia ao mahatma fazer “milagres científicos”<sup>136</sup>. O processo aparentemente foi arquivado logo em seguida, pois dois anos depois Ariosto foi visto em Belo Horizonte fazendo palestras sobre a nova religião no Cine Brasil<sup>137</sup>.

O que mais caracteriza a doutrina religiosa é o seu ecletismo: a junção de diversos elementos numa formulação bastante singular. Considerando as matrizes religiosas, as principais influências são o catolicismo e o espiritismo, calcados num nacionalismo expressivo, no sentido de se ressaltar uma religião brasileira.

Nesses primeiros tempos, a ênfase recaiu sobre o aspecto “científico” da religião, fato evidenciado tanto pelas instituições que criou, pelo nome fantasia da seita – Ciência Divina – e por textos produzidos nessa primeira fase, como a propaganda da Academia Brasileira de Ciências Ocultas, anexa ao livro *Nos Misteriosos subterrâneos de São Paulo* (1936), e o Estatuto de 1940. Por exemplo, o artigo 1º do documento apresenta “os rumos ou finalidades desta nova ideologia religiosa” nestes termos:

- a) Ela ensina que a pesquisa científica prova e engrandece a Deus, e que quanto mais livre e positiva, mais amplia as belezas profundas do cosmos, como organismo divino
- b) Ela admite que Cristo Pai e mestre foi o maior precursor científico de todos os tempos, não tendo chegado o mundo moderno a ser o que é, com suas vertiginosas conquistas materiais, se não fosse a obra do Nazareno
- c) Ela prova que em toda doutrina do Cristo estão contidas minuciosas profecias científicas, que modernamente se vão verificando e cumprindo.
- d) Ela, esta sincera ideologia cultural, dando o esoterismo e a mediunidade como seus caminhos, fá-lo no sentido de se pesquisar cientificamente esses mananciais de verdade, indo ao ponto de pedir para os fenômenos da alma exames de laboratório
- e) A ‘Ciência Divina, cultivando os processos científicos, como os únicos que provam e que desalfabetizam, ou libertam o povo da dominação supersticiosa e fanática, procura da mesma forma as chaves da vida e da morte, assim como da felicidade, da beleza, da riqueza, etc., em leis rigorosas de causa e efeito, leis humanas, leis que o homem científico, que é o homem certo, pode controlar e criar
- f) Ela combate, por isso, sem caráter sectário, toda ignorância, como verdadeiro pecado mortal, ou o verdadeiro anti-cristianismo, esteja onde estiver, sendo a causa da felicidade humana.
- g) Ela promete a cada um dos seus adeptos e crentes, nascer de novo na luz, na vida eterna, pela prática de seus doze Evangelhos Científicos, ou regras religiosas de pureza, higiene, paz, harmonia, perdão, fraternidade, etc.

---

<sup>136</sup> “3º Cartório Criminal, processo no. 445, ano 1939, indiciado no artigo 157 do Código Penal. "Ocultismo". A Justiça versus Ariosto Palombo, vulgo João de Minas, e Mahatma Patiala diretor da Igreja Científica Brasileira e da Academia Brasileira de Ciência Divina, que prega um ocultismo de resultados práticos; apoio explícito ao Estado Forte, à Getúlia e contra o Estado Liberal”. A informação foi primeiramente obtida, e depois gentilmente fornecida, por Maria Cristina Cortês Wissenbach, no artigo: A mercantilização da magia na urbanização de São Paulo, 1910-1940. *Revista de História*, São Paulo, n. 150, 1o. sem. 2004, p. 11-39.

<sup>137</sup> SEIXAS SOBRINHO, J., p. 9

- h) Ela funda mais no Brasil, ou na América, a Mística do Poder, que confere inspiração divina a todo chefe supremo do Governo do Brasil, como Poder Constituído, assim fazendo que a lei seja respeitada como emanção da vontade divina, através do chefe legal da Nação
- i) Ela pratica e ensina a caridade e fundará, para tanto, os estabelecimentos que puder, assim como manterá toda a espécie de cursos científicos livres, sob a denominação geral Universidade Cristã Científica do Brasil, contendo toda a sabedoria cristã científica nacionalista.
- j) Ela ensina que Cristo Pai e Mestre se dirige aos humanos por meio de seres desencarnados, refulgentes de pureza, espíritos iluminados, os nossos Guias de Luz, sendo esses guias os Santos de nossa Igreja, e de preferência alma de brasileiros ilustres que, do invisível, continuam amando a nossa Pátria e ajudando os nossos patrícios nos seus ideais elevados
- k) Assim, essa ideologia religiosa é a primeira no mundo que faz dos heróis e grandes vultos da Pátria, depois de mortos, Santos e Guias dos vivos dessa mesma Pátria, no caso do nosso amado Brasil.

As finalidades do Estatuto se assemelham ao espiritismo nos seus ideais de união entre ciência e religião. Vários de seus itens, além de incentivar o nacionalismo, estão permeados pela profissão de fé não só no Cristo, mas na Ciência, que teria a finalidade de libertar o povo da superstição e da ignorância. Uma das propagandas da Academia de Ciências Ocultas informa que “a ACADEMIA é a primeira e a única da América Latina, e funda no Brasil o ocultismo científico e racional, não visando salvar a alma no outro mundo, mas salvar o corpo neste mundo, dando a felicidade terrena.”<sup>138</sup>. Esta propaganda, assim como aquela inserta na 2ª edição de *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, enfatiza o caráter teórico e “prático” do ocultismo ensinado pelo mahatma e professor Patiala em seus cursos na Academia; ensinaria “verdades mágicas biológicas, que jamais foram divulgadas no Ocidente. Verdades recolhidas de severos santuários orientais, de projeção imemorial, na cultura dos povos que, como os egípcios, operavam prodígios esotéricos”<sup>139</sup>.

#### *Dedicação integral à Igreja Brasileira Cristã Científica (c. 1950 -1969?)*

Essa orientação científicista alterou-se na década de 50: mesmo mantendo a divisão entre os associados, assim como o caráter científico, Ariosto passou a enfatizar os aspectos populares das práticas religiosas. Uma primeira evidência é a alteração do nome fantasia da Igreja, que passou a ser divulgada como “Cura Divina Total”. Tal alteração foi acompanhada por mudanças no teor dos textos e da publicidade veiculada. Significativamente, segundo se conta, após atingir a cifra de 100.000 fiéis, Ariosto publicou a Bíblia de sua religião, intitulada *A Vida Começa na Ciência Divina*, em 1957, acrescida de mais três volumes até 1969<sup>140</sup>.

<sup>138</sup> MINAS, João de. *A Academia Brasileira de Ciências Ocultas. In: Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 195

<sup>139</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 264

<sup>140</sup> Uma notícia do jornal *O Estado de Minas*, de 26 de abril de 1960, informa que o 1º volume estava em vias de terceira edição. Os outros volumes provavelmente foram publicados nas seguintes datas: o 2º já havia saído em 15 de fevereiro de 1963, não havendo menções a ele antes dessa data. O 3º volume saiu entre maio e outubro de 1963, em separata, e teve sua segunda edição em janeiro de 1964, com capa colorida. O 4º e último volume foi publicado provavelmente entre 1965 e 1969, quando temos referência à sua existência.

Esse caráter popular já estava presente na questão relativa aos santos, previstos no estatuto de 1940. Aderbal informa que foi “no seu quarto de pensão goiana que começa o culto aos três santos da Igreja Comunista Cristã Científica”<sup>141</sup>: Padre Cícero, Eurípedes Barsanulfo e Antoninho Marmo, personalidades com bastante apelo popular respectivamente no Nordeste, no Triângulo Mineiro e São Paulo. Até 57 foram esses os santos padroeiros do Brasil, mas a lista aumentou com o tempo, incorporando não apenas santos brasileiros. Em 1966, segundo o jornal “O Triângulo” (Uberaba, 3 de Março), além dos três primeiros, fazem parte do rol João Relojoeiro (de Uberaba), Tiradentes, Aleijadinho, Galileu Galilei e o próprio Ariosto Palombo. Em 1967, o “capitão da polícia de Cristo” José Correia Maia Filho disse que “em Ouro Preto, no largo do Cruzeiro, na mansão onde nasceu Ariosto Palombo seria levantado um monumento ao maior filho de Ouro Preto, o Santo Padre Ariosto Palombo”<sup>142</sup>. Os santos não eram concebidos apenas entidades protetoras (guias espirituais), mas, ao estilo do catolicismo popular, eram adorados através das “romarias desenfeitiçadoras” realizadas ao seus túmulos, ao cabo das quais eram celebradas missas segundo o ritual da nova Igreja.

O aspecto político se manteve nesta fase. Em 1951 percebemos novas referências políticas à Igreja Brasileira Cristã Científica, vinculada ao PSP (Partido Social Progressista) de São Paulo. Ariosto Palombo era o vice-presidente do diretório do partido na Vila Mariana, onde residia. Segundo o relatório da polícia, todos os adeptos estavam inscritos no PSP, quando Ariosto apoiava a candidatura de Ademar de Barros ao governo do estado de São Paulo. Nos anos seguintes o chefe da religião deve ter rompido com o partido, porque em 1955 já é anunciada a criação do Partido da Comunhão dos Bens da Terra, apoiando o candidato a prefeito Lino de Matos e a vice-prefeito Wladimir de Toledo Piza<sup>143</sup>. Em 1959, além do Partido da Comunhão e Bem-Estar (também denominado Partido Comunista Cristão Científico ou ainda Partido de Comunhão dos Bens da Terra), a Igreja pretendia organizar o Sindicato Evangélico, Umbandista e Espírita da Ciência Divina, “para o fortalecimento da classe”<sup>144</sup>.

Novamente, em 1963, encontramos registros da Igreja em defesa do Partido Cristão Científico da Comunhão dos Bens da Terra. Um panfleto datado de primeiro de março, o “manifesto” de sua religião e partido, gerou uma investigação do DOPS devido à ameaça de comunismo, provavelmente por causa das seguintes palavras:

---

<sup>141</sup> FREIRE FILHO, Aderbal., p. 260.

<sup>142</sup> Atuação do Exército Mundial da Política de Cristo na Guanabara. Setor Comunismo, Pasta 86, fls 16-20 do Fundo Polícias Políticas do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Dados referentes a nov. de 1967.

<sup>143</sup> Jornal *A Hora*, Porto Alegre, 21/05/1955

<sup>144</sup> Ver as matérias sobre a Igreja nos jornais *Folha Ilustrada*, São Paulo, 22/01/1959 e *Última Hora*, Rio de Janeiro, 28/04/1959.

SALVE-SE QUEM PUDE – A LADROCRACIA ASSASSINOU A DEMOCRACIA BRAZILEIRA – A RUSSIA EM DOIS OU TRES ANOS SE APOSSARÁ DO BRAZIL – SINAL DA LUZ – SINAL DA PAZ (...) Queremos com vocês fundar um NOVO PARTIDO FULMINADOR DA LADROCRACIA. Pensem nisto: O CHICOTE RUSSO, DEZABADO RIJO NAS NÁDEGAS LADROCRÁTICAS, VEM AÍ. Pedimos a sua vizita sincera e urgente. Tragam seus parentes e amigos. VENHAM PLANEJAR CONOSCO O RESTABELECIMENTO DA DEMOCRACIA DA NOSSA CARTA MAGNA. Nós vamos assim ser GOVERNO DE HOMENS À IMITAÇÃO DE CRISTO. SEM CHÃO E SEM PÃO NÃO HÁ RELIGIÃO – SEM CIÊNCIA NÃO HÁ CONSCIÊNCIA.<sup>145</sup>

Nessa época, Ariosto Palombo estabeleceu-se em Macaé (RJ), apesar de manter uma residência em São Paulo, na igreja do Horto Florestal. Tendo se desquitado de Adélia Maluf em 1956, seus empreendimentos relativos à Igreja realizaram-se ao lado de sua segunda mulher Narciza Bonano, que passou assinar Narciza Palombo quando se tornou pastora da Ciência Divina. Ariosto ainda residia em Macaé em 1967 quando novamente foi intimado a depor, desta vez para a polícia política do Rio de Janeiro, sobre a atuação do “Exército Mundial da Polícia de Cristo” na Guanabara. O processo, que foi arquivado porque o “Exército” só atuava em Minas Gerais, apontava também a intenção de se construir um enorme templo, a sede nacional da Igreja, na fazenda Enseada Azul, pertencente a Ariosto<sup>146</sup>.

De fato, a religião fundada por Ariosto Palombo estava imbricada com a política, o que levou a polícia e alguns jornais a afirmar que era um meio de exploração financeira dos mais humildes e arapuca para angariar votos nas eleições. Em resposta, seus sacerdotes diziam que a filiação à Igreja era cobrada dos fiéis, que davam uma colaboração mensal, sendo uma parte revertida para o Mahatma e outra ficava com o sacerdote da igreja onde fosse recolhido o dinheiro, a título de salário. Inquiridos sobre as taxas, diziam que apenas as celebrações encomendadas eram cobradas, mas que a frequência e as consultas eram gratuitas<sup>147</sup>.

Ariosto investia bastante na publicidade da Igreja, tendo em vista os anúncios em vários jornais do país<sup>148</sup> ao longo do período que pesquisamos - 1936 a 1967. Os jornais foram mudando, mas a busca pela penetração na mídia se manteve. Ao longo da década de 1960, o principal órgão de difusão impressa foi o Diário Popular, de São Paulo. Além da imprensa, também a Igreja utilizou o Rádio, como a Rádio Difusora, de São Paulo, em 1962.

---

<sup>145</sup> Arquivo do Estado SP, fundo polícia Política do DOPS-SP, Prontuário 112863 sobre a Igreja Brasileira Cristã Científica.

<sup>146</sup> Atuação do Exército Mundial da Política de Cristo na Guanabara. Setor Comunismo, Pasta 86, fls 16-20 do Fundo Polícias Políticas do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Dados referentes a nov. de 1967

<sup>147</sup> Arquivo do Estado de São Paulo, fundo Polícia Política do DOPS-SP, Prontuário 112863 sobre a Igreja Brasileira Cristã Científica.

<sup>148</sup> Cf. a lista da p. 195 de *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*.



Se considerarmos verdadeiros os dados fornecidos ao longo do tempo pela publicidade da Igreja em jornais ou panfletos, notamos um desenvolvimento crescente dos núcleos:

#### Número de Núcleos da Igreja Brasileira Cristã Científica

Ano	Nº Igrejas	Ano	Nº Igrejas
1951	147	1962 (mar.)	303
1951 (jul.)	155	1963 (5 de jan.)	312
1955 (maio)	214	1963 (mar.)	314
1957	231	1963 (5 de out.)	342
1959	246	1963 (dez.)	367
1960 (11 de abr.)	256	1964 (mar.)	405
1960 (16 de abr.)	260	1965 (jan.)	446
1960 (ago.)	263	1967 (nov.)	348
1961 (jan.)	276		

Fonte: Propagandas e livros da Igreja Brasileira Cristã Científica

As igrejas, centralizadas pela figura do heterônimo Mahatma Patiala, distribuíam-se em cidades de vários estados brasileiros. Há notícia de filiais em São Paulo, cuja sede ficava no Horto Florestal; Rio de Janeiro, Macaé (RJ), Ouro Preto, Uberlândia, Uberaba, Anápolis (GO), entre muitas outras, funcionando nas residências ou em construções próprias erigidas nos terrenos doados por seus adeptos. Dentre eles, haviam pessoas de todas as classes sociais: intelectuais como o professor universitário José Correia de Camargo ou o escritor goiano Antonio Gomes Pinto<sup>149</sup>, e pessoas das baixas classes sociais, como as da Igreja Pobre Imitando a Mangedoura de Jesus, localizada no Cambuci, dirigida por Nelson Zanotti.

Assim, Ariosto constituiu uma religião que se propunha cristã, científica, esotérica e nacionalista. Criou uma simbologia e cultos próprios, angariados em tradições preexistentes, visando dar conta dos anseios nacionalistas ao criar religião nacional (defendia por exemplo a autoridade mística do Presidente da República), fornecer respostas aos sofrimentos da população pobre e estabelecer uma metafísica capaz de atrair os mais intelectualizados. *Retiro e morte (1970? -1984)*

O declínio da Igreja Brasileira Cristã Científica deve ter sido tão rápido como sua ascensão, mas até agora não encontramos vestígios do que ocorreu. A Igreja do Horto Florestal,

<sup>149</sup> MARTINS, Mário Ribeiro. *Dicionário Biobibliográfico de Goiás*. Rio de Janeiro: Master, 1999, pp. 45-46. Sobre este escritor, diz Mário que “A. G. PINTO (Antonino Gomes Pinto), Goiano, de Anápolis, 1912, escreveu, entre outros, ‘A CHAVE DAS CIÊNCIAS OCULTAS’. Fundou o jornal ‘A LUTA’, que sobreviveu de 1931 a 1948, período em que A. G. Pinto foi nomeado por João de Minas (Ariosto Palombo), Bispo Cristão Científico de Goiás. (...) Em 1948, foi nomeado ‘Bispo Cristão Científico de Goiás’. Na condição de Bispo, tornou-se membro da Academia Nacional de Letras, localizada à Rua Xavier de Toledo, 9, 1º and., S/12, Caixa Postal, 2911, São Paulo e cujo órgão oficial era o jornal ‘Imprensa Americana’ que servia a vários jornais. Sua nomeação como Bispo foi feita por JOÃO DE MINAS que se intitulava ‘Papa Cristão Científico do Brasil’. (...) No Estado de Goiás, Anápolis foi escolhida como o Santuário de sua Igreja. João de Minas era Presidente da Academia Nacional de Letras que, consoante o papel timbrado da época, reunia mil intelectuais de todo o Brasil, chamados ‘Soldados Azues’.”

a matriz paulistana, doada por Marta Griesbach, parece ter sido devolvida em contenda judicial aos seus descendentes, fato que abalou Ariosto<sup>150</sup>. Apesar de não precisarmos a data em que o fato ocorreu, ao reformular os estatutos em 1969, o chefe da religião proibiu por escrito que qualquer pessoa morasse no templo, que deveria servir apenas aos cultos e ao escritório<sup>151</sup>.

Em relação às décadas de 70 e 80, não encontramos referências à Igreja nem informações substantivas sobre o paradeiro de Ariosto. Viveu em 1977 e 1978 em Santos, mudou-se para Serra Negra<sup>152</sup> e daí, em 1979, para Boituva, interior de São Paulo<sup>153</sup>, sem sabermos se acompanhado ou não por Narciza Palombo. Aí morreu de broncopneumonia e AVC em 19 de janeiro de 1984, desquitado, sem deixar bens. Foi enterrado em São Paulo, no cemitério da Vila Nova Cachoeirinha.<sup>154</sup>

Como vimos, Ariosto Palombo foi um homem que viveu bastante, cerca de noventa anos. Sempre se dedicou a várias atividades distintas ao mesmo tempo, mas algumas delas eram centrais, marcando tanto sua produção intelectual quanto a forma como era visto pela sociedade. A primeira metade de sua vida, especificamente entre 1915 e 1933, foi caracterizada por uma intensa atuação na imprensa, da qual resultou uma vasta produção jornalística. A outra metade, entre 1935 e 1970(?), foi quase toda dedicada à religião a qual fundou. Intercalando-se a essas “fases”, há um curto período de inserção no mundo literário através da publicação de livros, num primeiro momento – as três primeiras obras e suas posteriores reedições – resultante de sua atuação jornalística e política vinculada ao PRP, mas depois se tornando independente dela, através de romances. Nossa dissertação trata justamente de analisar a produção literária publicada em livros desse período de sua vida.

Por seu caráter ficcional, cujas configurações revelam opções por determinadas visões de mundo, nós considerarmos sua obra literária um termômetro confiável para revelar os dilemas de Ariosto no final dos anos 20 e início dos anos 30, um período em que mudanças históricas afetam diretamente sua vida. Com isso em mente, fazemos nossas as palavras de Menotti Del Picchia sobre o não mais Ariosto Palombo – o homem, como o vínhamos chamando

---

<sup>150</sup> Informação pessoal obtida em conversa com Regis Palombo.

<sup>151</sup> Cf. Estatuto de 1969 da Igreja Brasileira Cristã Científica. 1º Ofício de Registros de Títulos e Documentos, livro A, nº 3 reg. pessoas jurídicas, nº ordem 1772.

<sup>152</sup> SEIXAS SOBRINHO, J., p. 9

<sup>153</sup> FREIRE Filho, Aderbal., p. 260.

<sup>154</sup> Ver a Certidão de Óbito, Registro Civil das Pessoas Naturais José Nivaldo de Souza Fernandes, 20/01/1984, livro C11, fls 33-F, nº 694, Boituva-SP.

até aqui – mas sobre o escritor João de Minas: “Ponho a moldura do ponto final nesse rápido retrato. O espaço não dá para mais. Noutra ocasião não desembainharei mais o retrato do homem. Traçarei, então, o perfil do artista”<sup>155</sup>.

É o que faremos daqui por diante, ao tratar de seus livros.

---

<sup>155</sup> Hélios (Menotti Del Picchia). Crônica Social – João de Minas. *Correio Paulistano*, 17/10/1929, p. 6

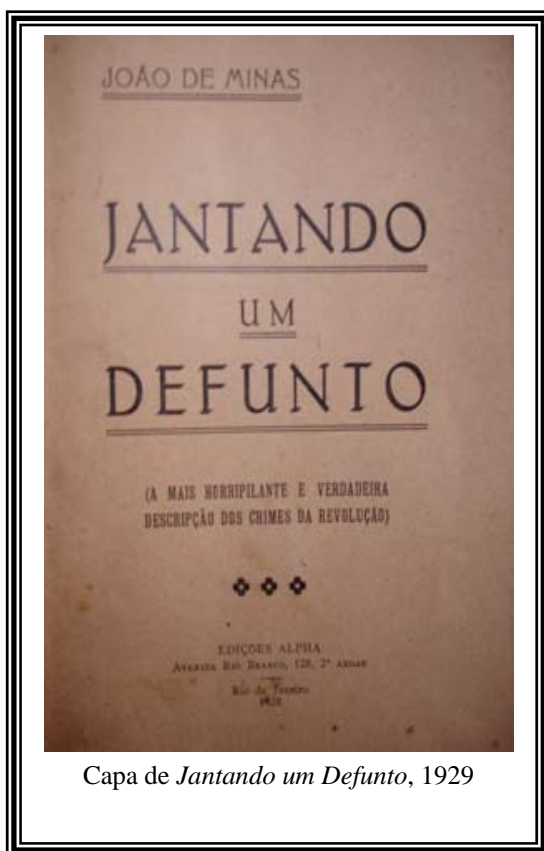
*Parte I:*

*Farras nos*

*Sertões*

*Desconhecidos*

## Escritos Sertanistas



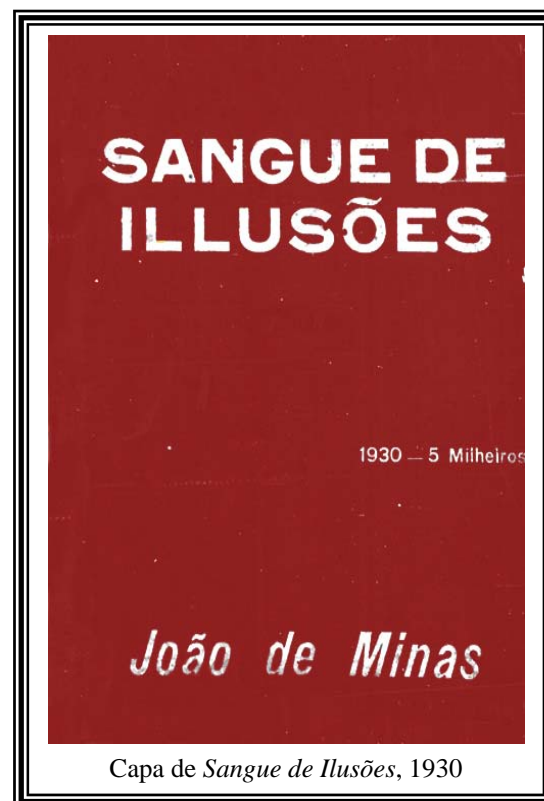
Capa de *Jantando um Defunto*, 1929



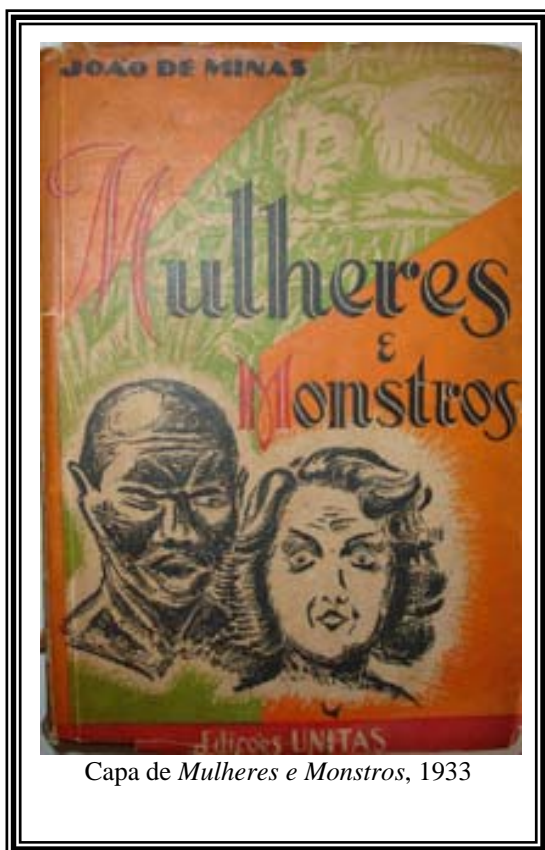
Anúncio de lançamento do livro *Jantando um Defunto*, publicado em "O Paiz" em março de 1929



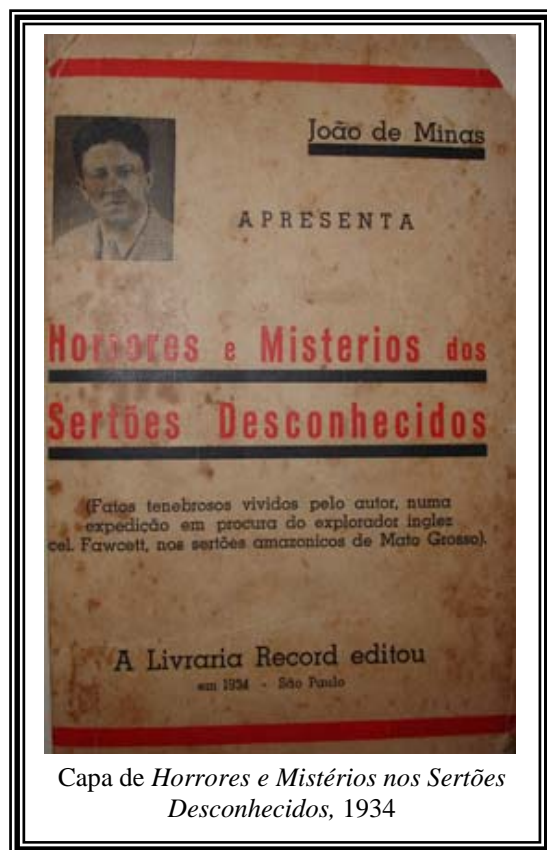
Capa de *Farras com o Demônio*, 1930



Capa de *Sangue de Ilusões*, 1930



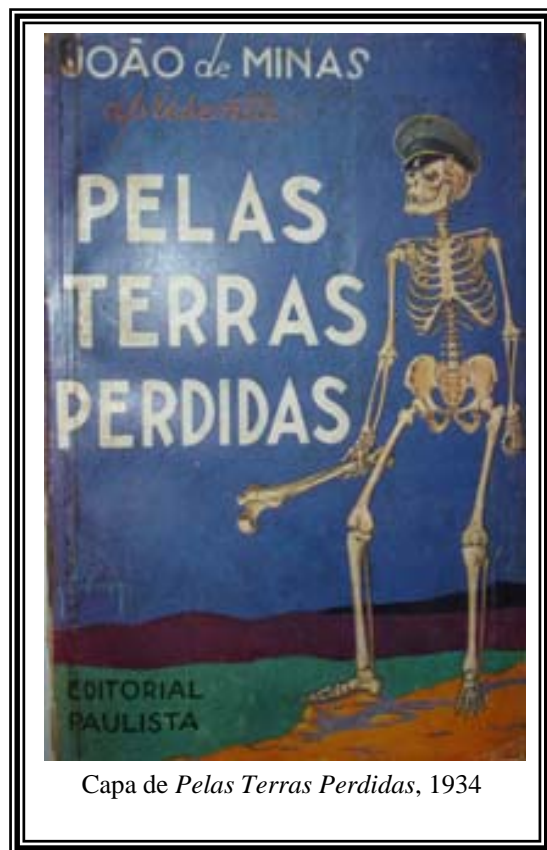
Capa de *Mulheres e Monstros*, 1933



Capa de *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, 1934



Ilustração de um conto sertanista – O Malho – 1934



Capa de *Pelas Terras Perdidas*, 1934

## Rumo ao sertão, imperativo da brasilidade

### Os sertões de João de Minas

Ao longo da história brasileira e latino-americana as valorações atribuídas à natureza variam num espectro que oscila desde sua representação como espaços vazios ou hostis, passíveis de ocupação, a redutos regeneradores e de extrema beleza natural, objetos de contemplação e conservação. As respectivas valorações são transferidas às populações residentes nesses espaços, percebidas como atrasadas e bárbaras, próximas de uma condição primitiva, ou como indivíduos guardiões de valores tradicionais ou nacionais<sup>156</sup>:

O sertão, o pampa, o llano, o altiplano eram antíteses enigmáticas do mundo dos letrados, dos autores e seus leitores, eram lugares misteriosos e diferentes, a serem descritos, analisados, revelados, transfigurados. Fontes tanto de orgulho nacional como de nostalgia, de vergonha e desprezo, ou de renúncia, objeto de reflexão sobre raça, mestiçagem, religiosidade, cultura popular. Telas de projeção para esperanças, mitos e utopias, inclusive dos próprios intelectuais. Colocava-se aí a questão em que medida a natureza grandiosa mas muitas vezes hostil assim como a plebe rural e ignorante, mas resistente e emblemática, podiam ou deviam ser protegidos e preservados por um lado. Ou em que medida deviam ser podadas, domadas, exploradas, trabalhadas, educadas e aproveitada, por outro lado.<sup>157</sup>

A peculiaridade do pensamento intelectual brasileiro sobre a natureza, inaugurado a partir de 1870, é sua associação com o processo de modernização do país – incorporação de novas tecnologias, urbanização etc. – visando a transformação do meio urbano (simbolizado pelo Rio de Janeiro)<sup>158</sup>, das zonas rurais e do “sertão”. Essa marca esteve presente em épocas posteriores, levando intelectuais como Francisco Foot Hardman, em função deste foco, a retroceder os marcos do pensamento modernista no Brasil<sup>159</sup>. A mesma periodização é utilizada

---

<sup>156</sup> Sobre a questão da dualidade da representação do sertão e a ambigüidade sertão/litoral na cultura brasileira podem ser vistos em LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil: Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Revan; IUPERJ/UCAM, 1999; “Apresentação” ALMEIDA, Ângela Mendes de; ZILLY, Bertold; LIMA, Eli Napoleão (orgs.). *De Sertões, Desertos e Espaços Incivilizados*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ MAUAD, 2001; CHIAPPINI, Ligia. “Do Beco ao Belo: Dez teses sobre regionalismo na literatura.” *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 153-159

<sup>157</sup> “Apresentação” ALMEIDA, Ângela Mendes de; ZILLY, Bertold; LIMA, Eli Napoleão (orgs.). *De Sertões, Desertos e Espaços Incivilizados*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ MAUAD, 2001, p. 8

<sup>158</sup> As contradições do processo foram descritas por SEVCENKO, N. *Literatura como Missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983; SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: A Representação Humorística na História Brasileira: Da Belle Époque aos Primeiros Tempos do Rádio*. São Paulo: Cia das Letras, 2002, cap. 2.

<sup>159</sup> HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: NOVAES, Adauto (org.) *Tempo e História*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura; Companhia das Letras, 1998, p. 290-295. Ligia Chiappini tem a mesma proposição acerca do regionalismo literário: “Na verdade, a história do regionalismo mostra que ele sempre surgiu e se desenvolveu em conflito com a modernização, a industrialização e a urbanização. ele é, paradoxalmente, urbano. No Brasil, não foi diferente.” CHIAPPINI, Ligia. “Do Beco ao Belo: Dez teses sobre regionalismo na literatura.” *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 155

por Luciana Murari para mapear os principais temas que a intelectualidade brasileira entre 1870 e 1922 produziu sobre a natureza: elemento explicador da especificidade do brasileiro, oriundo das teorias naturalistas do XIX sobre a influência do ambiente no caráter dos povos; representação dos conflitos homem-natureza, ressaltando-se seus aspectos destrutivos; a natureza e a vida rural como representação de outro tempo que permanece no presente, tema ligado à noção de ruína e à de sertão; e a natureza como objeto de regeneração a partir do uso das modernas tecnologias, com a projeção de utopias do progresso nos espaços interioranos<sup>160</sup>.

A presença desses temas corroboram a hipótese de “um expressivo movimento da valorização do sertão” nos primeiros anos da República, “seja enquanto espaço a ser incorporado ao esforço civilizatório das elites políticas do país, seja como referência da autenticidade nacional”<sup>161</sup>. No primeiro caso, o sertão é associado à integração ao litoral por meio do povoamento, que gerou esforços de representantes do Estado brasileiro em seu reconhecimento, como Euclides da Cunha, Rondon e os membros do Instituto Oswaldo Cruz<sup>162</sup>. Todavia, a euforia missionária e cientificista também foi problematizada por alguns desses intelectuais, como Euclides da Cunha, levando-os a questionar profundamente a realidade e o papel do Estado nesses lugares<sup>163</sup>. A vertente que olha para os sertões em busca da sua autenticidade aparece nos escritos regionalistas que ressaltam a tipicidade local a ser valorizada, apresentada a partir das memórias de intelectuais já na cidade, como em Hugo de Carvalho Ramos, Simões Lopes Neto, entre outros<sup>164</sup>. Esforços semelhantes foram empreendidos por folcloristas como João do Norte (Gustavo Barroso), que realizavam pesquisas junto às populações sertanejas buscando elementos que consideravam típicos de sua cultura<sup>165</sup>.

Tal valorização do interior passou por transformações nos anos finais da década de 10. O impacto causado pela carnificina e destruição da Primeira Grande Guerra ensejou uma re-

---

<sup>160</sup> MURARI, Luciana. *Tudo o Mais é Paisagem: Representações da Natureza na Cultura Brasileira*, São Paulo, 2002, Tese (Doutorado em História Social), USP. Cada tema é desenvolvido em um capítulo da tese.

<sup>161</sup> LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil: Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Revan; IUPERJ/UCAM, 1999, p. 65.

<sup>162</sup> LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil: Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Revan; IUPERJ/UCAM, 1999, p. 67-91.

<sup>163</sup> HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: NOVAES, Adauto (org.) *Tempo e História*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura; Companhia das Letras, 1998, p. 295-303

<sup>164</sup> MURARI, Luciana. *Tudo o Mais é Paisagem: Representações da Natureza na Cultura Brasileira*, São Paulo, 2002, Tese (Doutorado em História Social), USP, cap. 3; CARVALHO, Flávia Paula. *A Natureza na Literatura Brasileira: Regionalismo Pré-Modernista*. São Paulo: Hucitec / Terceira Margem, 2005, cap. 6.

<sup>165</sup> Gustavo Barroso, como vimos, foi uma das inspirações de Ariosto Palombo para adotar o pseudônimo de João de Minas. Mas não temos referência sobre inspiração dele no folclore de Gustavo Barroso para suas andanças sertanejas. Sobre as inspirações do folclore em busca da cultura popular, na Europa e no Brasil, ver ORTIZ, Renato. *Cultura Popular: Românticos e Folcloristas*. São Paulo: PUC, 1985; FERNANDES, Florestan. *O Folclore em Questão*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1989.



cusa de imitação dos valores europeus como norteadores da nacionalidade, já que seus ideais e costumes foram associados a uma civilização decadente. Surgiram movimentos de busca pelo autenticamente brasileiro sob uma perspectiva nacionalista<sup>166</sup>, tanto uma forma do “desmascaramento impiedoso do nosso mestiçamento, até então dissimulado como uma doença secreta”<sup>167</sup>, quanto uma maneira de se remir das explicações deterministas que pesavam sobre o país e sua população, baseadas no darwinismo social e inferioridade racial<sup>168</sup>.

Em meio a essa fabulosa incidência de expressões artísticas internacionais e modernas, seria igualmente importante lembrar, em paralelo, o esforço sistemático e concentrado pelo desenvolvimento de pesquisas sobre cultura popular sertaneja e iniciativas pela restauração de uma arte que fosse imbuída de um padrão de identidade concebido como autenticamente brasileiro. Essa busca pelo popular, o tradicional, o local e o histórico não era tida como menos moderna, indicando, muito ao contrário, uma nova atitude de desprezo pelo europeísmo embevecido convencional e um empenho em forjar uma consciência soberana, nutrida de raízes próprias, ciente da sua originalidade virente e confiante num destino de expressão superior.<sup>169</sup>

Nas décadas de 20 e 30, por conta dessa busca, intelectuais de diversas correntes demonstraram preocupação com a ignorância dos brasileiros sobre sua terra e com a necessidade de se libertar dos modelos importados<sup>170</sup>. Apesar de os grandes centros urbanos e os valores europeus de modernidade terem se mantido como centros de poder, referência e legitimidade para os pensadores brasileiros, emergiu na intelectualidade do período um movimento de revalorização dos espaços interioranos do país e de sua população: o olhar se deslocou de Paris para o interior, daí a necessidade premente da “descoberta” do Brasil.

Todas essas discussões deviam ser acompanhadas por João de Minas. O autor não se furtou a utilizar em sua obra um dos grandes motes do período – a “descoberta do Brasil”, como vemos no prefácio de *Farras com o Demônio*:

Este livro é uma forma de fazer bem ao nosso Brasil – descobrindo-o. Mas descobrindo o Brasil é que melhor nós individualmente descobrimos a nós mesmos. Eu, em verdade, tanto mais me descobro a mim mesmo quanto mais aprofundo a formidável grandeza da nossa terra (...) não exijo que pensem que eu sou um grande explorador inglês... Não. Isso é muito. Mas podem ir pensando que eu sou um certa-

---

<sup>166</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 25, 175-185, 192.

<sup>167</sup> MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1978, v. 6, p156

<sup>168</sup> JOHNSON, Randal. A Dinâmica do Campo Literário Brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, nº 26, Jun/Ago, 1995, p. 169

<sup>169</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20* São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 236-237. Ver também OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 183-185 e MORAES, Eduardo Jardim de. Modernismo Revisitado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988, pp. 220-238.

<sup>170</sup> JOHNSON, Randal. A Dinâmica do Campo Literário Brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, nº 26, Jun/Ago, 1995, p. 169

nista bem intencionado e que, à minha custa, não raro com risco de vida, tenho procurado humanizar ou civilizar com a minha presença regiões absolutamente irracionais da nossa infinita gleba nacional.<sup>171</sup>

O Brasil a que se refere o trecho acima é o “sertão do Brasil Central”<sup>172</sup>, o qual João de Minas “retratava” nos textos que enviava de Uberaba para a redação do *O Paiz*, reunidos posteriormente em seus livros sertanejos. São, na maioria das vezes, histórias de cunho jornalístico<sup>173</sup> narradas em primeira pessoa pela personagem principal – o próprio João de Minas –, que relata o que teria visto e vivido em suas viagens, ou eventos que lhe são contados por terceiros, quase sempre habitantes da região.

Ao analisar o romance europeu, Franco Moretti diz que “cada espaço determina, ou pelo menos encoraja, sua própria espécie de história (...) o que ocorre depende muito de onde ocorre”<sup>174</sup>. O mesmo vale para as narrativas de João de Minas, que podem ser divididas em dois tipos distintos: as aventuras rumo aos sertões profundos e as ambientadas nos sertões próximos. Ambas se tocam e se cruzam nas obras, mas apresentam estruturas peculiares.

Os sertões profundos são aqueles nos quais está ausente qualquer elemento do que era considerado civilização. Logo, esse tipo de história tem o caráter de “descoberta” descrito nos prefácios de *Farras com o Demônio* e *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, cujas narrativas pertencem a esse ciclo. A principal marca dessas regiões seria seu caráter inóspito, a partir da classificação de tais sertões como “virgens”. Virgens na perspectiva de nunca terem sido visitados por um homem dos centros urbanos, ou pelo menos algum que retornasse para contar o que viu. Por conta dessa característica, seriam depositários de uma realidade completamente diferente dos padrões metropolitanos dos leitores, regidos por outras regras. Pelas maravilhas que apresenta, essa realidade mereceria ser conhecida, o que justificava a

---

<sup>171</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. V.

<sup>172</sup> Na divisão político-administrativa até 1940, o Brasil Central era composto pelos estados de Minas Gerais, Mato-Grosso (englobando Mato Grosso do Sul e Rondônia) e Goiás (englobando Tocantins). Em relação às outras regiões, temos: Sul (São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná), Este (Bahia e Espírito Santo), Nordeste (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas) e Norte (Maranhão, Piauí, Pará – englobando Amapá, Amazonas – englobando Roraima – e Território do Acre). Cf. mapa disponível no site do IBGE, acessado em 27/12/2007, Menu geociências, evolução das unidades Político-Administrativas, [http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default\\_territ\\_int.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_territ_int.shtm).

<sup>173</sup> Essas narrativas estão na fronteira entre o conto, a crônica e a reportagem. O estudo dos gêneros literários em de João de Minas merece um estudo mais aprofundado. Além de seu único romance sertanejo, o próprio autor chama seus textos de crônicas. Mas muitos deles se avizinham ao conto em primeira pessoa pela dinâmica da narrativa, ao mesmo tempo que a proposta de conhecer as paisagens interioranas leva seus textos para o âmbito da reportagem. Em sua carreira de jornalista é provável que João de Minas tenha adquirido um estilo que misturasse todos eles. É importante considerar que a própria crônica é um gênero de fronteira. Sobre o assunto, nos baseamos em CÂNDIDO, Antonio. *A Vida ao Rés do Chão*. In: *A Crônica: O Gênero, sua Fixação e suas Transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992, pp. 13-22; SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1999.

<sup>174</sup> MORETTI, Franco. *Atlas do Romance Europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2000, p. 81

empreitada levada a cabo pelo narrador-personagem João de Minas; pelos perigos que ela potencialmente encerraria, justificava a jornada dele como um ato de coragem. Devido ao caráter desconhecido, o espaço tende a ser considerado pelo âmbito paisagístico, considerando os aspectos da natureza em suas descrições.

A estrutura narrativa dessas histórias é a seguinte: o narrador-personagem, acompanhado por um guia conhecedor de tais paragens e por uma personagem politicamente importante de uma cidade pequena, explora regiões desconhecidas de Goiás e Mato-Grosso, vivenciando uma série de aventuras que permitem a descrição dos seus elementos exóticos: a paisagem, os animais ou as tribos indígenas, quando aparecem. Curiosamente são as narrativas mais longas da obra do autor, se bem que subdivididas em episódios<sup>175</sup>. Referino-nos à aventura de João de Minas com Xaraim (sertanejo) e Francisco (farmacêutico), que ocupa a primeira parte do livro *Farras com o Demônio*, e ao livro *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, no qual João de Minas desta vez é acompanhado pelos índios Xoda e Kaii, e pelo coronel Antenor. Na primeira história, a pretexto de um passeio de ubá pelo rio Araguaia, os aventureiros passam vários dias nos “sertões desconhecidos” de Goiás, encontrando animais, plantas exóticas e uma tribo de índios perdida (os xanatls), no final sendo resgatados e trazidos de volta à “civilização” por frades dominicanos. Já o livro *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* conta uma viagem da comitiva de João de Minas em busca do Cel Fawcett, explorador inglês que teria desaparecido nas matas de Mato Grosso. Duas partes são visíveis na estrutura desta narrativa: a primeira conta as peripécias em torno das coisas exóticas do sertão (animais ferozes, paisagens deslumbrantes etc.); e a segunda narra o resgate de Mary Arlen, uma americana raptada por um príncipe russo e presa numa mina de diamantes.

Diferentemente, os sertões próximos têm como foco histórias que buscam retratar as populações interioranas de algum modo vinculadas ao mundo das grandes cidades, se bem que distantes dos seus padrões de vida. Neste caso, priorizam-se acontecimentos ou descrições de pequenas cidades ou povoados, fazendas, estradas etc. À diferença dos sertões profundos, a marca aqui são histórias nas quais começam a surgir referências geográficas conhecidas e que representam aspectos do cotidiano do sertanejo ou do fazendeiro, mostrando outro mundo e outro modo de vida um pouco mais familiar ao narrador.

As histórias ambientadas nos sertões próximos tendem a ser mais curtas e pontuais. Fazem parte deste ciclo a maioria das crônicas de *Jantando um Defunto*, as inéditas de *Pelas*

---

<sup>175</sup> Mas algumas crônicas de *Jantando um Defunto*, como “O Monstruoso Sapo Boi” também se assemelham a essa estrutura.

*Terras Perdidas*<sup>176</sup> e as crônicas da segunda parte de *Farras com o Demônio. Jantando um Defunto* tem como temática principal as supostas atrocidades cometidas pela Coluna Prestes. São histórias permeadas por combates, assassinatos cruéis, estupros etc. e, aproveitando a passagem da coluna, João de Minas também trata dos habitantes e das paisagens da região. A segunda parte de *Farras com o Demônio* é composta por crônicas e contos que apresentam casos ocorridos no sertão supostamente presenciados<sup>177</sup> por João de Minas, permeados por temas e personagens da política local e federal da época. *Pelas Terras Perdidas* mistura ambos os tipos de narrativas, contendo tanto escritos do autor sobre a Coluna Prestes como narrativas de aventuras de João de Minas junto a seus companheiros no sertão.

### Passeio pelas paragens interioranas

Boa parte das histórias de João de Minas se passa em fazendas ou povoados das cidades interioranas do Brasil Central, os sertões próximos. Aqui, a abundância de nomes – referências geográficas, cronológicas e de indivíduos conhecidos – contrasta com as rápidas descrições desses lugares e pessoas. O autor não parece preocupado em propiciar um rico detalhamento das fazendas, tornando-as quadros vagos de suas narrativas.

As fazendas algumas vezes têm o papel de fronteiras entre os sertões próximos e sertões profundos. Foi a partir de algumas dessas fazendas que João de Minas iniciou suas aventuras, por serem elas o derradeiro espaço de humanidade civilizada na sua obra. A característica de fronteira era muitas vezes acompanhada pelo temor dos fazendeiros

Estas matas milenárias pertencem à fazenda – é um modo de dizer – do sr. Albino Puario, um herói perdido num rancho de Buriti, com uma criaçãozinha de gado curraleiro, a coisa de cem léguas para dentro da zona já amazônica de Mato Grosso. Até ali chegáramos de Ford, depois de carro de bois, e depois a cavalo, eu, Antenor e Xoda. Naquele dia, tínhamos saído cedo do rancho de Puario, para... ver a mata. Puario nos aconselhara: ‘Oceis ta ficano gira. Eu moro aqui a trinta ano, e nunca entrei nesses inferno. Oceis num vai, que é mió... mais mió!’<sup>178</sup>

Esse aspecto da fazenda como fronteira entre o espaço de assentamento humano e a região de mata fechada, onde há o desconhecido, também aparece nas histórias “A porta do Inferno” e “O Cavalo de Átila”, de *Jantando um Defunto*. Último reduto de uma cultura e de

---

<sup>176</sup> *Pelas Terras Perdidas*, livro de 1934, é uma reedição de algumas crônicas de *Jantando um Defunto* e *Farras com o Demônio*, mas contém crônicas inéditas, que focam tanto Prestes como o sertão. Estaremos nos referindo ao que é inédito ao mencionarmos esse livro.

<sup>177</sup> Daí o subtítulo do livro: “Histórias vividas por João de Minas”

<sup>178</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 41-42.

um mundo conhecido, as fazendas são espaços privilegiados para a incidência do mundo sobrenatural deixado de lado pelo mundo desencantado da modernidade dos centros urbanos.

Além do aspecto de fronteira segura, nos sertões próximos as fazendas são retratadas sempre como um ambiente de harmonia social e natural, sem problemas e conflitos, exceto quando estes se apresentam do exterior (como pela Coluna Prestes em *Jantando um Defunto*). Por exemplo, em “A pergunta do Morto” o narrador conta:

“Íamos eu e o dr. Freire de Carvalho, notável medico baiano, da cidade de Jataí, no sudoeste goiano, para a fazenda do coronel Zéca Lopes, nesse município, e quase na divisa do município de Mineiros. A fazenda, uma rica propriedade de 20.000 alqueires, fica a 17 léguas da cidade, que é agradável sob vários aspectos. Principalmente quanto ao consolador numero de moças lindas, de fina educação, muito sociáveis, apreciando devidamente a dança. Chegamos á fazenda ás 11 horas. Tudo dormia. Isso não impediu, todavia, que uma hora depois o fazendeiro, um grande chefe de todo o sudoeste, mas homem bom e simples, nos oferecesse uma magnífica ceia”<sup>179</sup>

Assim, a apresentação da fazenda, feita após sua localização geográfica no sudoeste de Goiás, é marcada pelo signo da abundância: de terras (20.000 alqueires), de “moças lindas” (seu consolador número, mesmo que indeterminado, e sua qualidade, de “fina educação, muito sociáveis, apreciando devidamente a dança”) e de comida (“magnífica ceia”). Ao quadro é acrescentado o caráter “bom e simples” do fazendeiro, também um importante chefe regional. A bondade é uma característica geral dos fazendeiros das crônicas de João de Minas, em especial dos livros *Jantando um Defunto* e *Farras com o Demônio*, muitas vezes associada à sua extrema superstição. A bondade dos fazendeiros e fidelidade dos agregados e trabalhadores faz, em especial no livro *Jantando um Defunto*, com que as atitudes de crueldade e os saques atribuídos à Coluna Prestes tenham um caráter mais reprovável ainda. Logo, essa bondade funciona na narrativa como um argumento contra Prestes e seus soldados.

O papel do fazendeiro e coronel na obra de João de Minas contraria uma tendência do gênero: em geral, na literatura goiana, é dado destaque ao caráter trágico do coronelismo, seja nas lutas entre grupos rivais de poder, seja na relação de dominação entre o coronel e seus empregados ou agregados, enfatizando-se nesse caso os abusos de poder<sup>180</sup>. Não temos elementos biográficos suficientes para demonstrar mas, a partir das crônicas, contos e artigos de jornal, é possível levantar a hipótese que João de Minas tenha (ou almejasse ter) um papel de

---

<sup>179</sup> MINAS, João de. A Pergunta do Morto, *Jantando um Defunto*, p. 87-88.

<sup>180</sup> Sobre o assunto, ver Ferreira, Gracy Tadeu da Silva. “O coronelismo em Goiás (1889-1930): as construções feitas do fenômeno pela história e literatura” In: Chaul, Nasr Fayad (coord.) *Coronelismo em Goiás: Estudos de Casos e Famílias*. Goiânia: Mestrado em História, 1998, pp. 45-118. A autora não estuda a obra de João de Minas, mas se pauta pela obra literária de Bernardo Elis, Hugo de Carvalho Ramos, Osvaldo R. Pova, Nertan Macedo, Carmo Bernardes, Frei José M. Audrin, Othon Maranhão.

intermediador entre as posições políticas federalmente atuantes e seus apoios estaduais com base no coronelismo local. Numa de suas histórias o narrador nos informa que:

Em 24 de novembro de 1929 eu fiz uma viagem a Campo Grande, uma das melhores, senão a melhor cidade de Mato Grosso. O cel. Clarimundo de Medeiros Couto, senador estadual, e uma alta figura de Cuiabá – a capital do Estado – me pedira no Rio fosse eu promover um acordo entre três partidos políticos de Campo Grande, que queriam então se esmurrar, arrebentando-se civicamente as ventas... (...) Essa luta ia influir nos destinos da Republica, isto é, na sucessão presidencial em preparo. Campo Grande brigando, e esfregando-se pelo chão, desarticulava os medalhões políticos de Cuiabá. O Estado estremeceria e poderia unanimizar uma oposição à candidatura nacional do Catete. Era o diabo. Não convinha... era revolucionário... Assim fui a Campo Grande, com modos profundos, com cara histórica.<sup>181</sup>

Verdade ou não, a descrição acima não fica nada a dever para as descrições clássicas da historiografia acerca do tema<sup>182</sup>. Nesta se ressalta os mecanismos dos governos estaduais, forjados a partir da política dos Governadores de Campos Sales, na qual seria reservada autonomia local aos coronéis e autonomia estadual aos chefes políticos regionais, em troca de apoio ao governo federal. Em tal mecanismo teriam papel de destaque os bacharéis e médicos, representantes intelectuais dos interesses desses grupos no jogo político. Os livros *Jantando um Defunto* e *Farras com o Demônio* apresentam João de Minas em freqüente companhia de fazendeiros, a passeio por suas terras ou escutando histórias diversas, ou encontrando personalidades da política nacional ou estadual, como deputados, senadores, ministros etc. Mas em *Jantando um Defunto* e *Farras com o Demônio*, ao contrário do trecho acima de *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, não aparecem os conflitos entre os diversos interesses regionais nem a perspectiva de algo que colocava em xeque a política federal. O único conflito político representado é entre fazendeiros e os opositores da ordem, a Coluna Prestes.

O motivo é que o livro *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* faz parte de um segundo momento na obra do autor no qual a crença em um projeto nacional se esfacelou. É por isso que, além de representar o conflito regional de forma expressa, esse livro ficcionaliza o motivo real da briga, para um melhor efeito satírico: a briga local teria ocorrido para ver qual partido teria o apoio de Fawcett, cuja lenda dizia que ele seria rei no sertão, num lugar repleto de diamantes. O narrador comenta: “Pode parecer estranho e doido, mas boatos dessa ordem, revolvendo a lama das ambições analfabetas, fizeram a política de Campo Grande

---

<sup>181</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 35-36.

<sup>182</sup> Sobre o coronelismo em Goiás, com discussão da bibliografia sobre o tema, ver Chaul, Nasr Fayad. “Apresentação” In: Chaul, Nasr Fayad (coord.) *Coronelismo em Goiás: Estudos de Casos e Famílias*. Goiânia: Mestrado em História, 1998, pp. 9-44. Também, do mesmo livro, Ferreira, Gracy Tadeu da Silva. “O coronelismo em Goiás (1889-1930): as construções feitas do fenômeno pela história e literatura”, pp. 45-118.

brigar, a sério, a seríssimo”<sup>183</sup>. Complementarmente, é do período posterior a 30 a única narrativa na qual um fazendeiro é apresentado como tendo um temperamento cruel: “A Onça que só comia Revolucionário Gordo” de *Pelas Terras Perdidas*, onde o coronel Sebastião Nunes Alves jogava seus inimigos para serem devorados por uma onça. Todavia, mesmo nas narrativas desse período, a hospitalidade e a religiosidade são traços característicos dos fazendeiros.

Se as fazendas e povoados referem-se a locais de estabelecimento humano, na obra de João de Minas não menos importante é a ligação entre ambos, as estradas. Algumas histórias dos sertões próximos se passam no caminho entre dois lugares, ou são nessas viagens que o próprio narrador colhe o material para seus escritos ao conversar com pessoas de diversos estratos sociais, fazendeiros ou empregados do campo.

Diferentemente das picadas e da mata fechada, próprias do sertão profundo, que necessitam de guias para serem percorridas, as estradas possuem um elemento de segurança por serem de conhecimento dos caminhantes. E na maioria dos contos e crônicas onde aparece o tema das estradas, o principal instrumento de locomoção são os automóveis. Por exemplo, o seguinte trecho mostra o contraste entre dois tipos de sertão, aquele onde chega e aquele onde não chega o automóvel: “O Ford, esse carro honrado que vale mais que o alfabeto para o nosso interior, e é um dos maiores descobridores do Brasil, por lá não existe. (...) Não há estradas, quase não há trilhos. Há rumos, como nos mares”<sup>184</sup>.

Nessa perspectiva, o automóvel era um instrumento importante para se desbravar os sertões. A incorporação das terras distantes ao espaço da nação brasileira ganhou um reforço com o desenvolvimento tecnológico oriundo da primeira e da segunda Revolução Industrial, respectivamente com a implantação de estradas ferro (entre 1860 e 1910) e dos automóveis (entre 1908 e 1930) em São Paulo. No caso dos automóveis, Washington Luís foi a figura emblemática do processo por adotar uma política de desenvolvimento automobilístico e expansão rodoviária, em âmbito municipal – como secretário (1908) e prefeito (1915-1919) –, estadual (1920-1924) e federal (1926-1930), na proporção de sua ascensão política<sup>185</sup>. As justificativas ideológicas foram feitas associando-se a recuperação da figura mítica do bandeirante como desbravador dos sertões a uma retórica do progresso tecnológico como condição da

---

<sup>183</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 38.

<sup>184</sup> MINAS, João de. O Esqueleto de Santa Maria Clara, *Jantando um Defunto*, p.108.

<sup>185</sup> Sobre o automóvel e o projeto de Washington Luís, ver SÁVIO, Marco Antônio Cornacioni. *A Modernidade sobre Rodas: Tecnologia Automotiva, Cultura e Sociedade*. São Paulo: EDUC, 2002; DE LORENZO, Helena Carvalho & COSTA, Wilma Peres da. (orgs.) *A Década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997, pp. 143-157; FERRETI, Danilo José. *A Construção da Paulistanidade. Identidade, Historiografia e Política em São Paulo (1856-1930)*. Doutorado em História Social, São Paulo, FFLCH/USP, 2004, pp. 309-312

prosperidade da nação segundo o modelo americano. Na época que João de Minas colabora para os jornais governistas, este projeto de desenvolvimento pautado no automóvel, tornando-o símbolo do que era mais moderno, ganhava o âmbito federal.

Na obra de João de Minas há perspectivas de expansão rodoviária, cujas estradas partiam do interior paulistano rumo ao Triângulo Mineiro, Mato-Grosso e Goiás. Há duas crônicas de *Farras com o Demônio* que lidam de perto com a questão são “O Chapadão” e “A minha Viagem com o Dr. Washington Luís”; em outras duas as rodovias são pano de fundo, como “O Rei de Goiás” e “O Fantasma da Ponte João Ribeiro”. Em “A minha Viagem com o Dr. Washington Luís”, João de Minas debate e defende o famoso lema do governo Washington Luís (“governar é fazer estradas”) imaginando uma viagem de automóvel pelos sertões goianos com o presidente da nação. Na crônica, impera uma alegoria agônica, como a seguir:

As grandes florestas, como um exército vestido de ferro verde e anil, vêm do fundo das distâncias espantadas, em marcha terrível, para o ataque ao estradão – seu inimigo mortal. Os milhões de guerreiros vegetais, porém, estacam derrotados e humildes dos dois lados do estradão, olhando no chão os seus colegas mortos, estripados, rachados e desmoralizados. São os troncos de aroeira, de cedro, de angico, de pau ferro, etc. e que foram cortados e desenraizados para dar passagem ao feroz inimigo. As coisas, todavia, têm uma alma (...) Os troncos vencidos, e ali caídos, tem na sua morte os círios, acessos em florinhas verdes, azuis e roxas, da homenagem da terra, mãe daquilo tudo. A terra chora a morte das suas árvores seculares, talvez milenárias (...) em torno a um tronco tombado e morto, não raro vinte e quatro horas depois repontam lágrimas de florinhas e que ali ficam velando o morto, no seu pranto multicolor e quase humano<sup>186</sup>

A viagem termina com o triunfo da chegada a seu destino, a capital goiana, e com a reafirmação do dístico de que governar é fazer estradas.

O triunfo permeia o trecho citado, mas não sem um tom de melancolia pelo que está sendo perdido. Junto com as estradas de ferro, o automóvel é o móvel daquela perspectiva de progresso destrutivo. Ela é ressaltada em “O Chapadão”, que também descreve um passeio de auto pelo Triângulo Mineiro, no qual o foco é menos o triunfo da estrada mas os efeitos da própria paisagem da região sobre a percepção do observador. Aqui o automóvel perde a aura eufórica, impregnando-se dos sentimentos junto com o narrador: “(...) O auto vai fugindo. Não foge com ele, porém, a solidão. O vazio nebuloso cresce com a carreira da máquina, faz-se assim sentir melhor, levantar-se em escaladas sentinelas.”<sup>187</sup>. Essa crônica é a primeira colaboração de João de Minas no *O Paiz*, cuja primeira versão tinha um final diferente e significativo da melancolia em relação aos efeitos do progresso tecnológico, suprimido no livro:

---

<sup>186</sup> MINAS, João de. O Chapadão, *Farras com o Demônio*, p. 122-123

<sup>187</sup> MINAS, João de. Minha viagem com o Dr. Washington Luís, *Farras com o Demônio*, p. 156-157



“Que não matem o chapadão. Porque a civilização tudo mata, na ilusão de tudo criar, para a felicidade triste do homem inatamente alegre...”<sup>188</sup>.

Oscilando entre a eufória e a melancolia, a introdução do automóvel nos sertões é antagônica à paisagem natural, que precisa morrer ao dar lugar ao progresso. João de Minas gostaria de uni-los por ver em ambos aspectos positivos, mas a relação excludente que estabelece entre a natureza e a tecnologia não lhe permite formulações utópicas de regeneração do ambiente natural, presente autores como Coelho Neto e Júlia Lopes de Almeida<sup>189</sup>.

O aspecto antagônico ao automóvel, a natureza, aparece nas histórias dos sertões próximos e profundos do escritor mineiro como fonte primordial da beleza e do sublime. A hiperexcitação dos sentidos por ela causada propicia sensações que beiram ao êxtase e levam o narrador a divagações diversas. As descrições de João de Minas são impressionistas mas, pelas emoções que causam, o objeto da percepção só pode ser transcrito por meio do recurso poético, motivo pelo qual o autor carrega nas imagens e nas metáforas:

Era a hora evocativa da Ave Maria. O crepúsculo desdobrava nos longes poeiradas de um sol violeta, um sol de outros mundos. O sangue cósmico das esferas misteriosas ia alagando aquelas vastidões apavorantes. Escurecia. As sombras da noite aos poucos iam tapando a majestade doida dos cenários. Uma ternura familiar se dissolvia pelo ambiente do absurdo. Eu tinha agora a impressão de que até o rio diminuía. Uma sensação quase urbana me descansava o coração. Já eu distinguia mal o focinho de Xaramim diante de mim. O rio cerrava os olhos, adormecia. Mas não demorou essa reviravolta na expressão da natureza. O rio começou a chover astros para cima, a espirrar luzes para as asas moles da treva. O céu tinha apenas uma ou outra estrela. De onde então vinham aqueles arrepios de luz das águas perdidas?... E elas começaram a se alastrar, a crescer, a invadir as profundidades noturnas. Foi quando eu tive uma das mais agudas sensações de minha vida. As águas se acendiam, faziam-se de uma luz de seda, palpitavam em fulgores de uma finura imaginária. E os fogos me pareciam vir do fundo do rio, dos abismos, como se o insondável se abrisse em flores, em lírios nupciais. Fiquei meio tonto, paralisado na beleza suprema. E senti uma sutil sacudida, e sonhei acordado que o mundo ia serenamente viajando para o reino das estrelas, das fadas, dos encantamentos eternos, a subir, a flutuar, para além da vida...<sup>190</sup>

Descrições como essa são muito comuns nas obras sertanejas de João de Minas. Vemos no trecho como a sobreposição de impressões, recheadas de metáforas e imagens, carregam lentamente o leitor do mundo dos sentidos - a percepção do anoitecer - para o mundo dos devaneios do autor. Palavras-chave como “impressão” ou “sensação” definem a relação do

---

<sup>188</sup> MINAS, João de. O Chapadão – Aspectos do Triângulo Mineiro, *O Paiz*, 19/06/1927, p. 2

<sup>189</sup> Sobre essa visão redentora da tecnologia em relação à natureza, ver MURARI, Luciana. *Tudo o Mais é Paisagem: Representações da Natureza na Cultura Brasileira*, São Paulo, 2002, Tese (Doutorado em História Social), USP, cap. 4.

<sup>190</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 8-9

narrador-personagem com a paisagem. O que define tais descrições é a tentativa de transmitir ao leitor as impressões percebidas junto com sua carga emotiva.

Em geral, sua função na narrativa é preencher um espaço entre dois eventos, intercalando-os com poesia: são elos entre duas ações na narrativa. Mas extrapolam essa função dando uma dimensão temporal ao leitor, como a sucessão do amanhecer e entardecer, e possibilitando um movimento ondulatório na narrativa, ao quebrar a monotonia da sucessão de eventos através da fantasia gerada pelo bombardeio de novas e “agudas sensações”.

É interessante notar no anoitecer acima descrito uma tensão causada entre a mente racionalizante do narrador e a grandiosidade da paisagem, cujo impacto tende a dissolver as fronteiras entre o real e o imaginário, após o qual tudo volta ao normal e a ilusão se desfaz. As sensações causadas pela paisagem não são tomadas como eventos fantásticos porque são consideradas produtos da mente e da percepção do narrador que logo se desfalecem. Quando na narrativa essas maravilhas da percepção forem tomadas como reais, teremos presente e problematizado o fantástico. Mas a fronteira entre ambas é muito tênue.

A exuberância da paisagem está presente na intelectualidade brasileira desde o Romantismo, primeiramente como objeto de louvor e contemplação associada ao autenticamente brasileiro, contraposta aos traços adventícios trazidos pelo colonizador<sup>191</sup>. Tal concepção alterou-se no país na segunda metade do XIX, com a repercussão sobre o pensamento intelectual brasileiro das idéias deterministas de T. Buckle e Gobineau, que enfatizavam o meio como responsável pela inferioridade do homem trópicar em relação ao europeu. Por exemplo, Araripe Jr. e Graça Aranha consideravam a paisagem responsável pela especificidade do brasileiro e por sua incapacidade para o pensamento racional, condição para o progresso material<sup>192</sup>,

---

<sup>191</sup> “No Brasil, a presença da natureza na literatura romântica tendeu a enfatizar o êxtase frente à grandiosidade do cenário natural, perdendo seu valor reflexivo e crítico – esta literatura recebeu prontamente apoio oficial, como forma de atualização do país em relação à cultura européia. A natureza tornava-se objeto de louvor ou cenário para a lamentação nostálgica – a tristeza e a saudade constituíam-se em motivos maiores de uma literatura em que o tema do exílio era recorrente, o que refletia o necessário distanciamento do artista em relação à sociedade da qual fazia parte. A observação da natureza não estimulava a reflexão transformadora e a imaginação criativa, como no romantismo europeu, mas a nostalgia e o encantamento frente à exuberância natural, enquanto a fragilidade do meio social e a precariedade da cultura da cultura e das instituições conduziam ao desprezo pela realidade concreta e presente incorporada no discurso lamurioso do poeta.” MURARI, Luciana. *Tudo o Mais é Paisagem: Representações da Natureza na Cultura Brasileira*, São Paulo, 2002, Tese (Doutorado em História Social), USP, p. 235. Ver também ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição Regionalista no Romance Brasileiro (1875-1945)*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, p. 49-51.

<sup>192</sup> “*O indefinido e indefinível*, tão enfatizados pelas teorias da cultura brasileira de Graça Aranha e Araripe Jr., refletiam um sentimento da natureza que, na visão dos autores, era formador de uma sensibilidade particular, definidora do sentido do *estar no mundo* para o homem brasileiro. Essas idéias dependiam, por outro lado, de uma determinada *imagem* da natureza, ressaltada em sua exuberância, sua variedade e riqueza excepcionais, seu poder de maravilhar que escaparia completamente à possibilidade de sua apreensão racional. Esta natureza representada situava-se para além do domínio do conhecimento humano, uma vez que seria dotada de forças vitais autônomas, e portanto também fora do seu controle e domínio.” MURARI, Luciana. *Tudo o Mais é*

ênfatizando a preponderância da imaginação. Essa idéia aparece também no autor mineiro: após descrever várias miragens supersticiosas (duendes, espíritos, monstros etc.), arremata:

Tudo isso, é claro, é uma miragem do fanatismo do sertanejo. É uma alucinação, uma criação do seu espírito que, com o isolamento completo, com a única companhia da solidão absoluta, fica predisposto ao convívio das fantasias supersticiosas. Daí a infinita credulidade destas gentes, que assim podem ser manobradas até à demência por qualquer malandro que queria adotar a profissão de santo, de deus, ou de demônios, à escolha...<sup>193</sup>

Mas, como vimos nos trechos mais acima, o intelectual, expresso na figura do narrador João de Minas, é igualmente embotado em sua racionalidade pela exuberância da natureza, que libera todas as potencialidades da imaginação. A superexcitação dos sentidos pela paisagem e a ruptura da fronteira entre real e imaginário é fonte de um prazer imenso que está na base do processo de criação estética do escritor, pois se tenta transpor para o papel as sensações. Logo, a ação do meio sobre o intelectual não têm ação negativa mas, ao contrário, criadora. A posição de Araripe Jr. a respeito de Alencar, isto é, acerca do papel positivo do homem civilizado em contato com a natureza na geração de uma cultura nacional<sup>194</sup>, ainda estava presente no final dos anos 20. Reorientando pressupostos naturalistas e românticos, a observação da paisagem, para João de Minas e seus críticos<sup>195</sup>, deveria ser feita diretamente *in loco*, todavia não a partir de uma observação fria e científica que anulasse a subjetividade do escritor, mas pelo seu mais pleno desenvolvimento em um processo imaginativo livre, traduzido pela prosa poética, capaz de ser impregnado e transmitir aquilo que estivesse na raiz de mais autêntica brasilidade e dos costumes de nossa gente: a beleza da natureza brasileira<sup>196</sup>.

---

*Paisagem: Representações da Natureza na Cultura Brasileira*, São Paulo, 2002, Tese (Doutorado em História Social), USP, p. 130-131.

<sup>193</sup> MINAS, João de. O Esqueleto de Santa Maria Clara, *Jantando um Defunto*, p. 106. Comparemos com Graça Aranha: “E o espírito do homem desvaira... Ele não se sente em comunhão com a natureza. A imaginação faz surgir uma mitologia selvagem, que floresce em seres fantásticos, deuses e lendas (...) A história social do Brasil é a história dessa imaginação.” Graça Aranha, *Estética da Vida*, *Apud*. Martins, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*, v. 6, SP: Cultrix, 1978, p. 232.

<sup>194</sup> “É significativo que, de acordo com Araripe Jr., o impacto da natureza sobre a formação espiritual de José de Alencar tenha sido embaraçado pela sua condição de homem culto e civilizado. Por outro lado, na concepção do crítico, a capacidade de contemplar, admirar e encontrar na natureza exuberante dos trópicos uma fonte de inspiração poética é justamente exclusiva ao homem civilizado, que se sentiria capaz de vencer as forças naturais, converte-las a seu serviço e assimila-las como fonte de criação poética. Ao contrário, o lavrador que trabalhava na terra sentir-se-ia antes oprimido pela natureza, que o enfraqueceria e o faria definhando por ter demais a vida.” A autora complementa que, para Araripe, a influência da natureza em Alencar se deu mediada pelos livros e não pelo contato direto. MURARI, Luciana. *Tudo o Mais é Paisagem: Representações da Natureza na Cultura Brasileira*, São Paulo, 2002, Tese (Doutorado em História Social), USP, p. 101

<sup>195</sup> Sobre a crítica ao livro *Jantando um Defunto* de João de Minas, ver ALMEIDA, Leandro A. de. Leituras de *Jantando um Defunto*. *Revista de História*, DH-USP, n. 155, 2º semestre de 2006, pp. 261-282.

<sup>196</sup> A integração do mundo exterior (a representação da natureza) com o mundo interior do artista já estava presente nos autores regionalistas do início do século. CARVALHO, Flávia Paula. *A Natureza na Literatura Brasileira: Regionalismo Pré-Modernista*. São Paulo: Hucitec / Terceira Margem, 2005, conclusão.

Os animais também podem ser apresentados como se fizessem parte da paisagem, sem ser foco nem interferir no desenrolar das ações. O mesmo procedimento utilizado para descrever paisagens inanimadas é utilizado para compor um mesmo cenário ao olhar do narrador, misturando-se elementos climáticos, vegetais e animais:

Às vezes, bandos de veados galheiros passavam ao longe, paravam quando nos viam, ou disparavam a correr em fuga. Córregos prateados, sobre seixos brancos, sucediam-se com frequência. Caíam chuvas leves, educadas e refrescantes. Em geral havia nas margens dos cursos d'água, ou por perto, capões de mato, coloridos de vôos de aves.<sup>197</sup>

Todavia, é mais freqüente que a fauna apareça nas histórias sertanejas de modo que interesse ou interaja com o narrador, de diversas formas. Primeiramente ressalta-se sua utilidade econômica, que ocorrem sobretudo quando as descrições enfocam o gado bovino: “Estamos puxando o desabusado estirão que vai do pantanal de Mato Grosso às invernadas de Barretos, de São Paulo. Vamos tocando a boiada, 2000 bois sem sal, tontos e sem pernas, tropeçando e caindo por este chão que não acaba nunca”<sup>198</sup>. Mas a função econômica também pode ser ressaltada em animais que ofereçam recursos pouco conhecidos ou utilizados, como a sucuri: “um couro de sucuri é dinheiro. O conde Matarazzo, em São Paulo, compra e paga bem”<sup>199</sup>.

Em segundo lugar, há características físicas ou comportamentais que chamam a atenção do narrador. Por um lado, observa-se a ferocidade de alguns animais com os quais se depara. Por exemplo, a piranha é descrita assim:

Há um peixe no Araguaia, e muito comum no Brasil, de preferência nas águas paradas, que é uma fera. É a piranha. É o tubarão da água doce, é a onça aquática. Mede no máximo uns dois palmos, é arredondado, como o pacu, de lindas cores, quase sempre com um fundo violeta, raramente negro. E tem uma queixada e uma dentuça de respeito. A piranha se enfurece com a cor vermelha, e ataca aos cardumes, destruindo a vítima rapidamente, deixando-lhe os ossos limpos, como se fossem preparados anatomicamente. Às vezes um pobre boi em viagem, honesto pai de família simplório, enfia o focinho nágua, para beber. É um momento. Talvez nem o animal ergue a cabeça vêem-se-lhe todos os dentes, nus, descarnadas. As piranhas comeram os beiços do boi...<sup>200</sup>

Vemos que o procedimento descritivo visa reforçar de modo crescente o caráter feroz do peixe, por meio da qualificação de sua ferocidade (é uma fera), das metáforas utilizadas (tubarão de água doce), da descrição de sua anatomia (dentes e queixos), e de um exemplo de ação (ataque ao boi), efeito reforçado pela antropomorfização do boi. Neste caso, tais descri-

---

<sup>197</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 107.

<sup>198</sup> MINAS, João de. Ai, minha vida!, *Farras com o Demônio*, p. 175.

<sup>199</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 91.

<sup>200</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 45-46.

ções ressaltam os perigos da empreitada levada a cabo nos sertões, valorizando a coragem do narrador que lida com animais ferozes bem conhecidos, como a piranha e a onça. Esta é por excelência a criatura feroz dos sertões do Brasil Central, representada em diversas histórias de João de Minas, como *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* e “A onça que só comia revolucionário gordo” de *Pelas Terras Perdidas*.

Por outro lado, quando comportamentos inexplicáveis dos animais chamam a atenção de João de Minas, é comum o recurso à antropomorfização. Caso exemplar é o suicídio da arara: ao observar que uma pássaro caído é deixado para trás pelo bando, João de Minas pergunta o motivo a Xaraim. Este explica que toda arara macho

tem a sua virtuosa esposa, por anos, dezenas de anos, ou por toda a vida. É o puro e muito digno amor conjugal. Mas a esposa tem que ser fiel, e não cair na farra... não pode dormir com outro sujeito a não ser o marido. Mas... tudo neste mundo tem a sua competente parte de urucubaca. Lá vem um dezembro, época da reforma dos ninhos, época em que as senhoras araras ficam abrasadas de desejos, em que essa felicidade conjugal pode azedar... Lá uma ou outra arara, percebendo que o marido envelheceu, ou não dá conta do recado, arranja um amante, prevarica. O amante é sempre novo, gordinho, cheio de luzes nas penas, ágio como um raio de sol, encantadoramente imoral, inconscientemente pornográfico. Já o marido é o contrário: sério, honesto, cheio de comodidades reumáticas, com o ar ilustre e tolo, atolado em virtudes nacionais... enfim, o esposo de penas, que não sabia de nada, lá um dia apanha o flagrante da mulher. Escândalo. Intervenção de amigos. Paz, a pedido de diversas famílias. O esposo põe então os óculos da bondade cristã, e perdoa a adúltera. Conquanto, porém, que ela dê o fora no amante... Quase sempre a arara fêmea volta a viver com o companheiro, e tudo continua no melhor dos mundos. Mas às vezes a mulher não quer o perdão, preferindo a essa semsaboria os beijos do amante, para longos beijos... Nesse caso, o marido que perdoou e não arranhou nada com isso, cai em eterna dor. Reconhece-se velho, e quer morrer. A arara amada o abandonou. Agora, só a morte! Porque a vida sem amor é uma porcaria, é a verdadeira pornografia... O desgraçado então avisa aos amigos e parentes que deliberou morrer. Vai em busca da erva fatal, e come-a. Volta ao seu bando, que o espera para levantar o vôo da morte, e também do amor, porque nesse vôo, bem unidinha ao amante, vai a arara adúltera...<sup>201</sup>

Interessante notar que a explicação de Xaraim é feita com as palavras de João de Minas, contrariando a tendência do autor de colocar na boca dessas personagens uma linguagem regional e estilizada. Talvez porque o objetivo da descrição antropomorfizada feita com as palavras do narrador seja criar um efeito de paralelismo do mundo animal com o mundo humano, em tom de deboche. Geralmente o procedimento de antropomorfização visa tornar inteligível o mundo animal (ou qualquer outro) pela referência a categorias humanas familiares ao leitor. Todavia, no trecho acima João de Minas leva o paralelismo ao extremo, operando uma inversão: ao invés de hábitos das araras se tornarem inteligíveis por características humanas, são hábitos humanos que são descritos através das araras. Notemos que o hábito descrito é

---

<sup>201</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 21-22.

aquele considerado problemático do ponto de vista dos valores de uma sociedade patriarcal moralizada: o adultério feminino. Mais curiosa é a solução encontrada, em tons românticos: o suicídio do macho que tem seu perdão recusado, e não a “lavagem da honra”. O trecho acima, substituindo araras por nomes de pessoas, assemelha-se aos enredos dos romances sexuais de João de Minas, recheados de adultérios, casos de amor, abandonos etc<sup>202</sup>.

Todavia, com relação aos animais, sobretudo os domesticados, o que mais aparece na obra do autor é a sua profunda proximidade com seus companheiros humanos. João de Minas enfatiza neles a capacidade comunicativa e ligação afetiva com os homens, assim como a percepção aguçada e extra-sensorial, capaz de indicar perigos desconhecidos. Os cachorros são os que mais apresentam uma “inteligência” fora do comum e sentimentos nobres. Por exemplo, João de Minas, após ser esclarecido sobre o “céu do inferno” do qual Vidrilho, do qual o salvou o cachorro de seu guia Placêncio, diz:

Olhei para Vidrilho, debaixo da mesa. Telepaticamente, falei-lhe: - De que é que você me livrou, aquele dia, hein, meu irmão? O cão compreendeu o meu pensamento. Tal qual como naquele dia em que me livrou da morte, ele arremessou o corpo contra as minhas pernas, empurrando-me para traz. E depois, docemente, começou a me lambar as mãos.<sup>203</sup>

Os eqüinos e muares também possuem tal percepção, sendo bastante utilizados como índice de perigo ou de algo estranho a ocorrer. Em “O Esqueleto de Santa Maria Clara”, João de Minas “ia para Natividade, montado no meu digno amigo Rei do Mundo, nome de um burro preto e sério, um ‘burro de caráte’, um burro ‘preto na co e branco nas ação’, um ‘animá-home’, como dizia ponderadamente o meu camarada Sérgio Ribas”<sup>204</sup>. O conto “A quadrilha de Tambô”, de *Pelas Terras Perdidas*, é centrado na forma como um burro foi treinado para, após ouvir um assovio, derrubar o passageiro que o alugou, retornando para junto do dono.

---

<sup>202</sup> A utilização dos traços animais para apresentar a moralidade do mundo humano é característica das fábulas, gênero literário utilizado há muito por autores como Ésope ou Lafontaine, e apropriado no Brasil por vários escritores da Belle Époque brasileira, como Olavo Bilac, Coelho Neto, para tratar das desilusões com a República, como mostra SALIBA, Elias Thomé. Peruísmos na Belle Epoque. *O Estado de São Paulo*, domingo, 9/01/2005, Caderno 2/Cultura, p. D7. Se bem que algumas vezes na história levou-se a sério a analogia entre o mundo humano e o animal, como é o caso de Lombroso, cuja descrição do caráter criminoso dos animais, com fins de justificar suas teses racialistas, não ficam distantes do trecho de João de Minas citado. Nas palavras de Stephen Jay Gould, o autor “cita, por exemplo, o caso de uma formiga cuja fúria assassina levou-a a matar e esquarterar um pulgão; o de uma cegonha adúltera que assassinou o marido com a ajuda do amante; o de castores que se associaram para matar um congênere solitário; e o de uma formiga macho que, sem acesso às fêmeas, violentou uma operária com órgãos atrofiados, provocando-lhe a morte em meio a dores atrozes; chegou mesmo a afirmar que, quando o inseto come determinadas plantas, sua conduta ‘equivale a um crime’.” GOULD, Stephen Jay. *A Falsa Medida do Homem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 124.

<sup>203</sup> MINAS, João de. A sepultura de Sete Bilhões de Palmos, *Pelas Terras Perdidas*, p. 23.

<sup>204</sup> MINAS, João de. O Esqueleto de Santa Maria Clara, *Jantando um Defunto*, p. 109.

Nas viagens exploratórias aos sertões profundos o narrador também se vale dessa proximidade homem-animal. Em *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, há efetivamente uma relação comunicativa e afetiva entre o macaquinho “Brasil Maior” e Antenor, utilizada em prol da comitiva para achar água ou denunciar perigos próximos. Dessa forma, percebemos em algumas narrativas que há uma proximidade afetiva entre os animais e homens, apontando mais para continuidades do que para rupturas entre o mundo humano e outras formas de vida. Sem afrontar o paradigma dos leitores, essas intercomunicações sugerem que a realidade é mais ampla e rica do que se imagina<sup>205</sup>.

A tentativa de mostrar um real diferente é sugerida no tratamento das populações indígenas, presentes nas narrativas sobre os sertões profundos, apesar de não serem o foco das histórias. Na primeira parte de *Farras com o Demônio*, as personagens centrais da viagem encontram a tribo “perdida” dos xanatls. Seu chefe, Sotia, fora ao encontro de Xaraim na floresta e convidou o guia e seus companheiros para a aldeia de sua tribo. Lá, os viajantes presenciaram uma festa típica, na qual descobrem que a filha de Sotia, Atlia, seria a reencarnação da personagem bíblica Salomé, cuja dança custou a cabeça de João Batista. A filha do chefe dança em transe e conta o evento como se fosse um sonho, do qual não se lembra ao acordar.

A caracterização que João de Minas nos dá dos xanatls é positiva, mas ressalta o caráter de exceção, deixando entrever preconceitos racialistas arraigados:

aqueles selvagens não eram comuns naquelas regiões, e um mistério suculento os envolvia. Sotia, por exemplo, falava o português muito mal, e seu sotaque tinha alguma coisa de árabe, do sírio, da língua dessa raça que provém dos fenícios. Era também um homem fino, com algo dessa irônica indiferença dos poderosos. Eu nunca jamais supusera ser possível encontrar um selvagem tão humano, ou tão humanizado.<sup>206</sup>

A seguir, a comitiva fica sabendo que essa tribo é originária das Guianas, e que Sotia, por ser derrotado numa guerra, fugiu com parentes e desde então vagaram até chegar ao Mato-Grosso. As terras de onde se originariam seriam marcadas, segundo informações de Xaraim obtidas junto a Sotia, pela riqueza de ouro, pedras preciosas e existência de animais pré-

---

<sup>205</sup> Um esforço nesse sentido já estava presente em Alencar, como no seguinte trecho: “Não faltará quem increpe o livre de inverossímil, na parte relativa ao cavalo. Duvidar hoje, depois de tantos fatos e de tão respeitáveis testemunhos, dos resultados admiráveis do instinto dos animais, é uma excentricidade que não vale a pena refutar. Demais, neste livro, a maior parte dos atos inteligentes praticados pelo cavalo são antes atribuídos pelo gaúcho ao animal, do que atestados pelo escritor.” Alencar, José. Prefácio de *O Gaúcho*. Apud CARVALHO, Flávia Paula. *A Natureza na Literatura Brasileira: Regionalismo Pré-Modernista*. São Paulo: Hucitec / Terceira Margem, 2005, p. 57. O interessante da obra de João de Minas é que ele não se exime de ter atestado *in loco* os eventos que relata, e faz questão de enfatizá-los, ao contrário do autor de *O Gaúcho*. Evidencia assim a marca jornalística e empirista, que necessita do testemunho direto para validar o relato.

<sup>206</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 58-59.

históricos, como dinossauros, mamutes e mastodontes. Então Xaraim mostrou ouro em pó para João de Minas e Francisco, o que lhes aguçou a cobiça. A fome de ouro e, principalmente, a sedução de Atlia por Xaraim é o que move a trama dessa parte da narrativa.

O desfecho não foi dos melhores: Xaraim seduziu Atlia com um talismã mas, sendo flagrados, a princesa foi levada pelos xanatls, por ter traído seu marido. Por costume da tribo, não fizeram nada ao guia da comitiva (apesar de sua plena convicção que seria capado), mas degolaram a princesa adúltera e deixaram seu corpo em frente à barraca de João de Minas, cumprindo o karma de quando era Salomé. Depois disso Sotia e sua tribo abandonaram o local, ficando Xaraim, Francisco e João de Minas sozinhos com o corpo da índia, enterrado por João de Minas. Mesmo nessa situação, Sotia é apresentado como alguém de caráter:

O rei bárbaro das regiões misteriosas das Guianas, no final das contas, era vítima da nossa canalhice (porque nós respondíamos por Xaraim). E que fizera ele? Podendo nos moer como paçoca, nos esfolar vivos, ferido que fora na honra de sua filha, puniu esta, que era carne da sua carne. E nos perdoou, desaparecendo com nobreza, como si para nós nunca tivesse existido. Sotia era superior a nós...<sup>207</sup>

Com isso, as personagens sentem saudades do chefe xanatl, sentimento especificado logo em seguida: a saudade era da bebida adocicada dos índios (a “pinguinha boa”), da comida e do ouro que poderiam ter obtido. Na história, os xanatls ainda se vingaram da comitiva de João de Minas, pois no último episódio roubaram-lhes todo o mantimento e colocaram “formigueiros enfeitiçados” para perseguí-los “para sempre”.

Em relação aos indígenas impera o tom de exotismo, expresso na descrição da habitação nas árvores, da festa, da domesticação de animais exóticos, dos costumes, da comida etc., os quais contribuem para marcar a diferença em relação ao mundo do narrador.

No livro *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* o tom de exotismo se mantém, mas os índios retratados são os da comitiva de João de Minas e Antenor. Ao longo da narrativa, João de Minas pontua vários costumes dos matolés e carajás que lhe causam estranhamento: imediatamente após correr perigo, contam uma história qualquer para demonstrar indiferença heróica; bebem sangue de feras para rejuvenescer ou adquirir a energia do animal; a ausência de noção de propriedade privada; e a utilização de objetos recebidos como pagamento para obter sucesso no amor ou status na tribo. Por exemplo, um índio “que não tinha nome, pois ter nome entre os selvagens da região onde o arrebanháramos era uma honra, o mesmo que ter um posto de cabo, ou sargento, ou tenente...”, procurava presentes em todos os lugares por onde passava. Recolhendo tudo que julgasse interessante para impressionar sua

---

<sup>207</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 86.



amada Lua Nova, “também a linda gravata do defunto [o príncipe russo morto] ele a arrecadara, amarrando-a ao redor da cabeça, com um laço na testa. Estava imponente, doido de *chic*.”<sup>208</sup>. Sua simplicidade é enfatizada mais adiante, quando a comitiva se dispersou:

Os índios, exceto Xoda, que não nos largava nem para ir para o céu, também foram dispersando (...) Eles mais ou menos entravam no mato, e estavam em casa. Foram todos pagos, com dinheiro, utensílios de lavoura, caça e pesca, armas, etc., conforme a vontade de cada um. Houve um deles que preferiu, como coisa infinitamente sublime, uma caixa de fósforo de cores, que pingavam lágrimas de arco-íris. Ele disse a Kairi que com aquilo ele seria uma espécie de rei entre o seu povo.<sup>209</sup>

Em ambas as passagens é enfatizada a diferença entre os valores do narrador e os das populações indígenas dos sertões de Mato-Grosso: aquilo que é considerado irrisório para João de Minas, para os indígenas propiciaria um status imenso, assim como é ressaltado também a apropriação inusitada de objetos, como ocorreu no trecho sobre a gravata. João de Minas não deixa de contar essa utilização sem uma ponta de humor, fundado na apropriação indevida de objetos em relação ao uso que lhes comum (“infinitamente sublime” para os fósforos, ou “doido de *chic*” para a gravata na cabeça do indígena).

Assim, em relação aos indígenas, as narrativas de João de Minas misturam estereótipos oscilantes entre um modo de vida inferior porque selvagem e fascinante pela grandeza de caráter e coragem, ambos recheados com aspectos culturais considerados exóticos, contrastando com costumes considerados civilizados. Enfim, uma tentativa de aproximação e entendimento, mas presa e enquadrada pelos valores racialistas da época e pelo suporte do escrito, voltado para o jornal, preso a curiosidades e interesses dos leitores. Além disso, os textos não mencionam os conflitos existentes na região pela posse de terras, processo que Victor Leonardi chamou de colonialismo interno: a conquista das terras indígenas, iniciado pelos portugueses e continuado pelos integrantes do estado brasileiro, latifundiários e criadores de gado, os fazendeiros tratados por João de Minas<sup>210</sup>.

Vimos, assim, como funciona a descrição de alguns aspectos do sertão que não se distancia muito da realidade presumida pela ciência oficial vigente na época. Descrição que ora

---

<sup>208</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 255.

<sup>209</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 277-278.

<sup>210</sup> “Enquanto o trabalho assalariado tendia a se generalizar em São Paulo, Rio e outras regiões, no Mato Grosso, Goiás e Sul do Maranhão, para ficar apenas nesses exemplos, a acumulação se dava por meio de um processo no interior do qual latifundiários e trabalhadores rurais se relacionam ainda de forma pré-capitalista, mantendo com os autóctones, por outro lado, um relacionamento de tipo colonial: aldeias militares nas terras dos Bororo; confinamentos forçados dos Akwên, Kaiapó e Karajá; extermínio dos Timbira e Guaikurú, e assim por diante. Esses não são os métodos do regime da fábrica, do regime da mais-valia. São os métodos da acumulação pela força: o saque, a pilhagem, a ‘pirataria em Goiás e Mato-Grosso...’ LEONARDI, Victor. *Entre Árvores e Esquecimentos: história social nos sertões do Brasil*. Brasília: Paralelo 15 editores, 1996, p. 278.

beira realidades fantásticas, ora se centra na descrição de costumes e modos de vida distintos dos moradores das cidades. Assim, o passeio de João de Minas por essas paragens era motivo para mostrar uma série de coisas, eventos, pessoas etc., alheias ao universo experiencial do seu leitor. O passeio em geral ocorria de maneira pacífica, apesar das tensões existentes nas aventuras, e o mundo retratado se apresenta como objeto de contemplação, pois o narrador nele não interfere. Esse tipo de “reportagem” empreendida pelo escritor parece ter um sentido semelhante àquele descrito por Franco Moretti acerca dos romances históricos europeus:

As fronteiras internas definem os estados modernos como estruturas compósitas, portanto, feitas de muitas camadas temporais: como Estados históricos – que precisam de romances históricos. Mas precisam deles para fazer o quê? Para representar a desigualdade interna, sem dúvida; e depois, abolí-la. Os romances históricos não são apenas histórias ‘da’ fronteira, mas de seu apagamento e da incorporação da periferia interna na unidade maior do Estado: um processo que mistura consentimento e coerção – Amor e Guerra; Nação e Estado<sup>211</sup>

Nas narrativas sertanejas de João de Minas percebemos a coexistência de matrizes culturais distintas que interagem entre si na formação do país, representando fronteiras internas da nação: a cultura indígena, neste caso específico vinculada à natureza nos sertões profundos; a cultura sertaneja de matriz portuguesa, centrada na economia do gado e das fazendas, nos sertões próximos; e a cultura dos centros urbanos que apregoa os valores modernos de progresso. Por motivo ideológico que vem do evolucionismo do século XIX, essas matrizes culturais refletiriam ao mesmo tempo uma disposição espacial no território brasileiro (litoral, sertões colonizados, sertões “desconhecidos”) e temporalidades distintas relativas ao desenvolvimento histórico brasileiro: a) o tempo primordial da natureza, apresentada pela paisagem e pelos animais; b) universo indígena associado à vida na mata, seus saberes e costumes, como na descrição dos xanatls; c) encontros entre indígenas e colonos, com a apropriação de saberes dos primeiros para sobrevivência em um ambiente desconhecido, representados pelos companheiros e guias de João de Minas; d) estabelecimento dos colonos nos sertões, em povoados e fazendas, num modo de vida associado ao gado e cultura oriunda do catolicismo popular português, presentes em suas descrições de *Jantando um Defunto*; e) chegada ao sertão de elementos da revolução tecno-científica (trens e automóveis), com perspectivas de modernização. Tudo isso filtrado e disposto segundo a ótica de João de Minas<sup>212</sup>, com suas ten-

---

<sup>211</sup> MORETTI, Franco. Atlas do Romance Europeu 1800-1900. São Paulo: Boitempo, 2000, p. 50. Ao que nos parece, a despeito da diferença de gênero literário, os escritos sertanejos de João de Minas tinham uma função semelhante.

<sup>212</sup> Vale para João de Minas o que diz Franco Moretti acerca dos escritores europeus sobre as fronteiras internas: “A fronteira interna de Scott (ou Balzac, ou de Pushkin) tem ainda outra peculiaridade: não é tanto uma demarcação político-militar, mas *antropológica*. Quando Waverley deixa seu regimento para visitar Tyllly Veo-

sões internas as quais, devido a um momento de vaga nacionalista e crítica dos valores europeizantes, oscilam entre a exaltação ao emprego de modernos aparatos técnicos no sertão e críticas a essa perspectiva modernizadora, ressaltando a ação destrutiva das novas tecnologias.

### Sentimentos predominantes das personagens do sertão

Longe de apenas explorar uma realidade exótica ao meio urbano, as histórias de João de Minas são permeadas por personagens com sentimentos bastante conhecidos de seus leitores. Primeiramente, as narrativas são recheadas pela ambição por riquezas. Em *Farras com o Demônio*, a relação da comitiva com os xanatls é perpassada pela suposição que os indígenas possuiriam “todo o ouro da lua em pó”, que provoca a seguinte reação em João de Minas:

Xaraim meteu a mão no bolso da calça, e tirou uma coisa. Abriu a mão, em silêncio. Vi ouro em pó! Uma ansiedade súbita me secou a goela. Francisco esfregou os olhos, para limpar a vista. Ouro! Aquilo era ouro, o deus, o diabo do ouro! (...) Ouro! Ouro! Eu tremia todo por dentro. Certamente os xanatls traziam consigo uma imensa fortuna E dizer que essa fortuna, ali perto, nos desafiava!<sup>213</sup>

*Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* é menos motivado pela busca ao Cel Fawcett do que para encontrar as minas de diamante que ele poderia ter descoberto. Antenor, que achava a história de Fawcett uma lenda, ao ser inquirido por João de Minas:

de súbito, ficou também solene. Eu tive a certeza de que ele também não acreditava, e, se ria dos tesouros salomônicos, era por bravata. Todos nós somos mortais... O poder do ouro, da fortuna, de um tesouro capaz de se achar de repente, o poder do poder supremo é uma fascinação orgíaca... Não sei explicar. Uma semana depois, com ares de segredo, como numa conspiração, eu e Antenor preparávamos uma expedição ao reino lendário de Fawcett.<sup>214</sup>

Mais adiante, já na expedição, ao ser advertido por Xoda sobre o caráter demoníaco das estátuas no fundo do lago no meio da mata, utilitariamente pondera Antenor: “O certo é que (...) no caso não nos interessa saber se lidamos com o céu ou com o inferno. Nós queremos é o tesouro, o burro do dinheiro...”<sup>215</sup>

Esse tipo de ambição por riquezas é uma das poucas coisas em comum entre os indígenas, os sertanejos e gente urbana como João de Minas, Antenor e Francisco, mudando apenas o objeto de valor em cada sociedade. Em geral, ao término das narrativas as personagens

---

lan, e depois Glennaquoich, nas Terras Altas, seu movimento no espaço é também, e de fato sobretudo, o movimento no tempo (...) Ele viaja para trás, através dos diversos estágios do desenvolvimento social descrito pelo Iluminismo escocês: a era do Comércio, da Agricultura, do Pastoreio (...) e finalmente, da Caça.” MORETTI, Franco. Atlas do Romance Europeu 1800-1900. São Paulo: Boitempo, 2000, p. 48 e 49 (figura).

<sup>213</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 65-66.

<sup>214</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 40.

<sup>215</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 72.

centrais não conseguem angariar a riqueza desejada, a despeito de terem chegado bem próximo dela, como a descoberta da mina de diamantes em *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*. Junto da representação de um mundo exótico, João de Minas se vale e reforça a imagem dos sertões desconhecidos como lugares onde abundam riquezas (especialmente ouro e pedras preciosas), valendo-se do antigo tema do sertão como El Dourado.

Outro sentimento em comum entre os indígenas e o homem urbano é o amor. Aqui repousa a segunda motivação das personagens de João de Minas que permeia toda a narrativa. Amor, num sentido mais geral, pode ser a força de atração entre os seres ou, num sentido mais específico, volúpia sexual. Ambos estão intrinsecamente ligados. No segundo sentido, o amor tem um sentido muito concreto. Após a morte de Atlia, decapitada por seu pai, o narrador reflete sobre a indiferença de Xaraim:

Xaraim, porém, apesar de bronco, era como todo verdadeiro sedutor: uma alma cruel. Ele não tinha o ideal feminino, não tinha a bobagem do lirismo amoroso. Não era romântico. Com ele, era ali na batata! A mulher era-lhe, antes de tudo, a fêmea. Ele não amava a mulher, assim como não amava um prato de comida. Procurava a mulher irracionalmente, assim como até mesmo qualquer sábio ou gênio irracionalmente procura o alimento, o jantar. (...) Xaraim era Don Juan – com fome da mulher. Fiz esses baratos raciocínios a observar a inconsciente indiferença com que Xaraim via o cadáver de sua amante.<sup>216</sup>

O sentido da vida, portanto, seria a concretização das pulsões sexuais dos seres. Para atingir tal fim valeria tudo, inclusive feitiçaria. Afinal, Xaraim só conseguiu seduzir Atlia porque possuía o talismã feito com o coração de urubu-rei. O feitiço pressupõe um paradigma que aceite a continuidade de natureza entre o mundo mineral, o animal e humano, postulando que a diferença seja apenas de grau. Logo, se o urubu-rei é tido pelos sertanejos como o macho por excelência por conquistar naturalmente o espírito da fêmea, quem portar o seu coração num talismã teria a mesma capacidade. João de Minas, pela sua condição letrada, rejeita tal hipótese até o momento em que vê o talismã funcionar. Então, assim com Francisco, também quer continuar a passear pelos sertões para encontrar um coração de urubu-rei.

Em *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, a paixão aparece duplamente na paixão não correspondida de Antenor por Mary Arlen e na do índio inominado por sua Lua Nova. Inquirido sobre o motivo de ir pegar diamantes, contra a vontade da comitiva, o índio responde: “... mulher... mulher... eu quer mulher, Lua Nova, mulher boa, gorda... Sem presentes, coisas bonitas... num tem mulher gorda... (...) Mulher... mulher... espinho de fogo na gente! Espinho de escorpião... na gente... aqui... aqui...”<sup>217</sup> O mesmo sentimento é expresso no

---

<sup>216</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 77-78.

<sup>217</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 271-272.

“discurso” proferido por João de Minas, que, “preferindo a mulher a todos os tesouros da terra”, diz: “a mulher, meus senhores, que mesmo quando nos pisa no pescoço, com a sua indiferença, ainda tem... ainda tem... os pesinhos perfumados dos poemas! Eu prefiro esse pé... esse pé... a um cartório, ou a uma cadeira de deputado. Porque eu... eu... (...) sou do amor!”<sup>218</sup>

O amor humano, apesar de salpicar o estilo do escritor mineiro, tem um espaço pequeno nas narrativas sobre os sertões profundos, tendo em vista o suposto despovoamento desses locais, mesmo se considerarmos os indígenas. João de Minas procura compensar a ausência do elemento humano projetando as mesmas idéias sobre o amor no mundo animal, valendo-se da antropomorfização, como já mencionamos.

Quando retratado no mundo humano das fazendas e pequenos povoados dos sertões próximos, o amor não será foco de nenhuma crônica, mas aparecerá salpicado em várias delas: o final de “A Amante de Luis Carlos Prestes” mostra como uma moça considerada comportada se apaixona e se entrega a Prestes; “O Fantasma da Ponte João Pinheiro” alude a suicídios causados por mágoas amorosas; “As Tragédias da Solidão” insinua a morte de Piencó devido à paixão por uma mulher, a Tonica, a partir de loucas cartas de amor encontradas no bolso do defunto. Também no conto “O Cavalo de Átila” é mostrado o crescente amor de João de Minas por Ricotinha, filha do fazendeiro. Na mesma história o narrador conta uma suposta viagem a um castelo medieval onde teria tido uma semana de amor com a castelã Helena, cujo marido havia ido para as Cruzadas.

Além do amor sexuado, ha referências em *Jantando um Defunto* ao amor sublime que vence as barreiras da vida e da morte. Em “A pergunta do Morto”, permanece a saudade pela separação de recém-casados em função do combate entre revolucionários e legalistas, gerando a pergunta misteriosa escutada por João de Minas e pelo Dr. Freire. Em “Scenas Horripilantes da Revolução”, Angelino foi informado por um comerciante que sua mulher teria fugido com seu filho, apaixonada por um revolucionário. Antes resgatar o garoto, através de um sonho lhe é revelado o engano, pois sua mulher e filho estavam mortos e enterrados debaixo de uma laranjeira na antiga fazenda. Ao desenterrá-los, viu que tinham sido brutalmente mortos. Então enlouquece, pedindo para ser enterrado vivo junto da família.

Este último conto coloca em relevo um dos sentimentos humanos mais marcantes nas crônicas de João de Minas relativas à Coluna Prestes: a crueldade. Devido à posição política favorável ao governo do PRP em seus primeiros textos, João de Minas colocou sua pena para desqualificar Prestes e seus soldados, utilizando-se traços de comicidade e tragicidade. Os

---

<sup>218</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 265.

assassinatos, por exemplo, são descritos com uma mistura de horror e crueldade, mas que não prescindem do humor, como a seguinte descrição de um negro assado pelas tropas de Prestes:

Um preto doente de maleitas, que fora encontrado na casa, fora assado lentamente num espeto, para os soldados se divertirem, enquanto churrascavam. O preto, amarrado ao espeto, uma grande vara de ferro, com fortes arames, morria de vagar, fazendo caretas sobre o braseiro, onde os soldados assavam também o seu churrasco de vaca. (...) O negro começou a rir, a rir, arreganhando os alvos dentes, que pareciam crescer e se afilar. E assim ficou paralisado, para sempre. O infeliz acabava de morrer, e aquela gargalhada extática era a sua última careta de inenarrável dor.<sup>219</sup>

No mesmo estilo são descritos os freqüentes espancamentos, estupros, extorsões etc. Todos são realizados sem motivação alguma por parte de Prestes, Siqueira Campos ou de seus companheiros, mas por mera crueldade, com métodos atrozes e sádicos. Dessa forma, João de Minas desqualificava, também no modo de contar as histórias, os integrantes da Coluna.

Mas a insensibilidade à vida humana não era característica apenas dos seguidores do “Cavaleiro da Esperança”. No conto “A barriga de luz”, narrativa em terceira pessoa de *Farras com o Demônio*, os amigos de José Pedro tentaram assassiná-lo a facadas e usar a gordura de seu corpo para acender um lampião. Já em “A Onça que só Comia Revolucionário Gordo”, de *Pelas Terras Perdidas*, o fazendeiro e coronel Sebastião Nunes Alves lançava seus opositores à onça Mimosa, para serem devorados.

Essa crueldade atinge também as camadas mais baixas, como na crônica “Uma Púisla ou um Soneto”, no qual o poeta analfabeto Aleixo, pensando se fará com a situação uma poesia ou um soneto, fica impassível diante de uma criança que acredita que sua mãe assassinada ainda dorme. No conto “A Justiça Divina do Infernal Urutu-boicininga”, o clímax ocorre quando Antão é salvo por sua cobra de estimação da tentativa de assassinato tramada por sua mulher Quina e seu amante Maracatu, criado da fazenda.

Para haver crueldade deve haver vítimas. Nas crônicas de *Jantando um Defunto*, quando as personagens são ricos fazendeiros, o autor ressalta sua credulidade, simplicidade e bondade, o que os torna vítimas de farsantes e, principalmente, de Prestes. Mas a maioria das vítimas da Coluna são apresentadas como pessoas simples e humildes, habitantes das fazendas e povoados. É o caso do negro de “O Enterrado Vivo” descrito acima, dos homens mortos de “Os três Assassinatos de Rio Bonito” ou da personagem de “As Desgraças de Piau”, capturado e maltratado por Siqueira Campos. As mulheres têm especial destaque por serem vítimas de estupro, podendo ser deixadas vivas como Ricotinha, afilhada de Pai Candinho do conto “Os 26 assassinatos de Homens Louros”, ou mortas em seguida, como Clara de “O Esqueleto

de Santa Maria Clara”. Mesmo sem sofrer estupro podem mortas sem motivo, como a mulher de Angelino no conto “Cenas Horripilantes da Revolução”.

Logo, o tipo de descrição que escancara e exagera a maldade humana é um traço desses escritos de João de Minas, que será desenvolvido também nos seus romances urbanos. Nos escritos sertanejos aparecem escancarados, descritos de forma a serem fixados na mente do leitor, com todas as tintas necessárias. Mas apenas fazem parte de um grupo circunscrito de indivíduos, que causam distúrbios no mundo em que vivem e se contrapõem a personagens de índole boa e simples, instruídas ou não.

Todos os sentimentos – ambição por riquezas, crueldade e amor – nos escritos sobre o sertão, com exceção dos contos de *Pelas Terras Perdidas*, têm um espaço importante como motivação de muitas ações das personagens. Mas, apesar de ensejar episódios específicos, só se tornam um aspecto central quando possuem um fundo político explícito, como a caracterização dos opositores políticos ao governo do PRP (Prestes). A não ser para esse fim, os sentimentos e paixões não prevalecem nas narrativas sertanejas, mas cedem lugar para a curiosidade, a aventura e a preocupação com a descrição da natureza e do exotismo.

### O desfalecimento do nacionalismo

A presença de sentimentos na narrativa dá um tom literário à obra de João de Minas que a retira do âmbito da reportagem. Esses sentimentos podem afirmar ou contrastar (minando-os por dentro) com o ideal de brasilidade presente nos prefácios de seus livros sertanejos, que justifica as viagens de João de Minas aos sertões. Para tratar dessa questão, vale apenas comparar os livros de João de Minas quanto à sua composição e publicação, para captarmos a mudança da perspectiva nacional em sua obra.

Todas as crônicas de João de Minas de *Jantando um Defunto* vinham sendo publicadas no *O Paiz* entre julho de 1927 e fevereiro de 1928. Sua republicação em livro ocorre em 1929, no Rio de Janeiro, pela editora Alpha, pertencente ao mesmo jornal. *Jantando um Defunto*, como vimos, é um livro abertamente político, e podemos entender seu conteúdo pelo debate no qual o livro está inserido.

O período que João de Minas colaborou para *O Paiz* coincidiu com o mandato do presidente perrepista Washington Luís (1926-1930), pois sua atividade no jornal se iniciou em julho de 1927 e seguiu até seu empastelamento em outubro de 1930. *O Paiz*, como se sabe,

---

<sup>219</sup> MINAS, João de. O Enterrado Vivo, *Jantando um Defunto*, p. 16 e 17.

era um periódico alinhado a favor do governo federal.<sup>220</sup> Do início ao fim de sua colaboração no jornal, João de Minas engajou-se pró-PRP, mesmo quando isso implicou ruptura com seus conterrâneos e o partido ao qual aderira, o PRM. Isso ocorreu com a ruptura política entre São Paulo e Minas em 1929, quando o escritor se alistou na Concentração Conservadora, órgão mineiro favorável aos paulistas na oposição ao presidente mineiro Antonio Carlos, da Aliança Liberal, pró Getúlio Vargas<sup>221</sup>. A colaboração de João de Minas permite vislumbrar as conexões existentes entre os diferentes grupos, em vários estados brasileiros, que apoiavam o Governo Washington Luís: à época o escritor vivia em Uberaba, fazia viagens para cidades de Minas, Goiás, Mato-Grosso e São Paulo; escrevia sobre esses lugares e também sobre pessoas envolvidas com o projeto governista encabeçado pelo PRP<sup>222</sup>.

Interessante notar como essa posição talvez deva muito à estratégica posição geográfica do Triângulo Mineiro: próximo do próspero interior paulista, não muito distante da capital mineira e da paulistana, também fazia fronteira com os estados de Mato-Grosso e Goiás. John Wirth<sup>223</sup>, no seu estudo sobre as elites políticas de Minas Gerais entre 1889 e 1937, aponta o mosaico de sub-regiões que compunham este estado: mantendo suas respectivas identidades, se integravam em torno da idéia de região (Minas) com um poder político centralizado. O autor afirma que o Triângulo Mineiro, onde se localiza Uberaba, era uma das zonas economicamente mais prósperas de Minas pela sua cultura do arroz e criação de Gado, assim como econômica e culturalmente bastante vinculada e influenciada por São Paulo<sup>224</sup>. A influência paulistana aparece na obra de João de Minas do período, visto que o autor louvava o progresso econômico do interior paulista e o progresso tecnológico da capital<sup>225</sup>, associando-os ao

---

<sup>220</sup> Esse jornal tinha uma orientação editorial governista e vinha publicando artigos contrários à Coluna. Sobre a orientação do jornal até seu empastelamento, ver SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, trechos entre p. 283-432

<sup>221</sup> Conferir as colaborações de João de Minas em torno do tema entre outubro de 1929 e outubro de 1930 nos jornais *O Correio Paulistano* e *O Paiz*, algumas das quais reunidos no livro *Sangue de Ilusões* de 1930.

<sup>222</sup> Essa relação e a colaboração de João de Minas no *O Paiz* merece um estudo a parte, o qual não temos espaço para empreender aqui.

<sup>223</sup> WIRTH, John . *Fiel da Balança: Minas Gerais na Federação Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, cap. 1.

<sup>224</sup> WIRTH, John . *Fiel da Balança: Minas Gerais na Federação Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 77 e 132

<sup>225</sup> “Nos anos 20, houve toda uma efervescência em torno do papel de São Paulo na Federação e uma euforia pela civilização e pelo progresso paulista – expressos na conhecida parábola de Artur Neiva: ‘São Paulo é a locomotiva que puxa os vinte vagões vazios da Federação.’”: SALIBA, Elias Thomé. Cincinato Braga e a Modernização Econômica do País. In: *Idéias Econômicas de Cincinato Braga*. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1983, pp. 33.



espírito bandeirante e tornando-os, como Cincinato Braga, modelo para todo o país ao pregar a “sãopaulização do Brasil”<sup>226</sup>.

Durante a década de 1920 se intensificam os ataques à ordem oligárquica perrequista, em inúmeras frentes. Pela via tenentista, as revoltas de 1922 e 1924 se somam à Coluna Prestes, que percorreu o interior do país entre 1924 e 1927<sup>227</sup>. Também foram frequentes as mobilizações do operariado urbano por melhores condições de vida e de trabalho. No âmbito político partidário houve a formação de partidos de oposição ao regime, como o Partido Democrático (PD) em 1926<sup>228</sup>, o Bloco Operário e Camponês (BOC) em 1928 e a formação da Aliança Liberal em 1929 entre Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, encabeçada por Getúlio Vargas, que se opuseram ao governo nas eleições de 1930. Também nesse período são lançados livros, como o de Paulo Prado, que propunham uma solução revolucionária – armada – para o problema político da Nação<sup>229</sup>. Logo, ao considerarmos que a marcha de Prestes se encerrou em março de 1927, é provável que João de Minas, nas crônicas semanais e talvez mais no livro de 1929, esteja debatendo não apenas com os simpatizantes da Coluna, mas também com a corrente pró-revolucionária que ameaçava a ordem política que ele defendia.

O seu livro seguinte, *Farras com o Demônio*, tem como núcleo a viagem de João de Minas com Xaraim, que foi publicada entre abril e agosto de 1929 n’*O Paiz*, à qual são justapostas algumas crônicas publicadas em 1927 e 1928 no mesmo jornal. No livro há uma postura pró-PRP bastante marcada, à semelhança de *Jantando um Defunto*, mas em algumas poucas passagens o narrador parece não levar muito a sério o discurso nacionalista vigente, sustentado pelo autor no prefácio:

Como era inexgotavelmente surpreendente a terra brasileira? Um orgulho forte, como um claro sino de ouro, repicava na torre altíssima da minha fé de brasileiro. Como o Brasil era generoso, rico, assombroso?... Vinha-me ali, todavia, um remorso: o de ter fugido ao sorteio militar, no meu tempo... Fiquei sério. Preguei aos meus amigos, com voz de comando: - Nós vamos abandonar a civilização por uns tempos. Vamos, ainda que nus, descobrir o Brasil. Eu quero conhecer todas as maravilhas do Brasil virgem.

<sup>226</sup> Essa perspectiva permeia a colaboração de João de Minas nos Jornais *O Correio Paulistano* e *O Paiz*. A referência direta à sãopaulização está em MINAS, João de. *Sãopaulização do Brasil Sanguê de Ilusões*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1930, pp. 107-110. Sobre Cincinato Braga, ver: SALIBA, Elias Thomé. *Cincinato Braga e a Modernização Econômica do País*. In: *Idéias Econômicas de Cincinato Braga*. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1983, pp. 23-39.

<sup>227</sup> Uma visão sintética sobre a Coluna e as interpretações de seu significado, ver DRUMMOND, J. Augusto. *A Coluna Prestes*. São Paulo: Brasiliense, 1986

<sup>228</sup> Para detalhes sobre a política em São Paulo, ver LOVE, Joseph L. *A Locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira (1889-1937)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982; CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Os Arautos do Liberalismo: Imprensa Paulista (1920-1945)* São Paulo: Brasiliense, 1989.

<sup>229</sup> Sobre o clima revolucionário no debate intelectual de finais da década de 1920, ver Sevcenko, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*, p. 301 e ss; e DE DECCA, Edgar Salvatori. *1930: O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981, pp. 71-107

Vocês me acompanhem. Juram?... (...) Fizemos o juramento sagrado. E eu, bem cá no íntimo, sonhava antes de tudo descobrir... um coração de urubu-rei.<sup>230</sup>

A primeira parte desse trecho em muito se assemelha ao prefácio, mas o discurso nacionalista é ao final dissolvido, sendo mote para a realização de interesses pessoais. O coração de urubu-rei é o principal ingrediente de um amuleto que daria poder sobre a alma das mulheres, possibilitando mais facilmente a sua conquista. Foi utilizado por Xaraim e despertou a cobiça de João de Minas na narrativa.

Aquilo que é apenas salpicado neste seu segundo livro, *Farras com o Demônio*, é melhor trabalhado em *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, publicado em 1934. Constatamos a mesma oscilação entre os ideais nacionais e a ambição ou motivações pessoais, seja comparando o prefácio do livro à dinâmica da narrativa, seja num mesmo capítulo ou trecho. As motivações individuais estão em primeiro plano. Se ambos os livros possibilitam a descoberta do Brasil, como dizem os prefácios, é somente pela negação do ideal nacionalista no âmbito narrativo. O narrador afirma que sua presença humaniza os sertões, mas o enredo mostra que é uma presença ambiciosa e em busca da realização de interesses pessoais.

Seu momento mais contundente ocorre no episódio quixotesco que vai do capítulo 7 a 10 de *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, quando o delírio de grandeza de Antenor leva-o a tomar posse das “terras virgens” para fundar uma nova república, separada do Brasil. Restringindo o povo à sua comitiva, torna-se presidente de sua nova nação. João de Minas, em longas páginas de diálogo, faz paródia da política brasileira, iniciando pela forma de posse da presidência de Getúlio Vargas em 30. Nas palavras de Antenor ao narrador

Encaremos, todavia, a nossa situação pelo lado prático, o lado do bem público... (...) porque o bem público está em primeiro lugar... Assim, logo coordenarei os meus esforços no sentido de dar um governo republicano a estes domínios. Para prestar esse relevante serviço a esta nação, é claro que vocês todos me elegem presidente. Sabendo de antemão dessa boa vontade do meu povo, eu desde já me considero o chefe deste estado. E você é o vice-presidente da república. Aceite, porque, com a minha finória observação da vontade popular, estou certo de que é este o desejo dos nossos amigos...<sup>231</sup>

Noutro trecho, o narrador se aproveita de uma insólita situação: ao encontrarem mariscos, restos de um mar antigo, “Antenor, com a prudência automática dos autênticos estadistas, falou num museu que deveria pipocar de um oportuno decreto, e onde se espetaria os fósseis em catálogos graves. Eu logo, pensando na minha família a colocar, indiquei a solução do

---

<sup>230</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 89-90.

<sup>231</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 122-123.

problema: funcionários públicos à beça.”<sup>232</sup>. Todavia, no capítulo 12, ao encontrar e se apaixonar por Mary Arlen, Antenor repentinamente se esquece de tudo e se identifica como brasileiro para entrar em contato com a moça. Nesta obra de João de Minas, mesmo na solidão dos sertões profundos, os ideais obedecem ao sabor das circunstâncias.

Podemos dividir a narrativa de *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* em duas partes. Na busca pelos diamantes do Coronel Fawcett, João de Minas embrenha-se no sertão com uma comitiva. A primeira parte assemelha-se muito a *Farras com o Demônio*, na descrição de maravilhas e coisas fantásticas (onde se insere os capítulos 7 a 11). A segunda conta o resgate de uma americana que está presa por um príncipe russo em minas de diamante. Acreditamos que esta segunda parte foi composta posteriormente, pois está muito próxima das preocupações presentes também nos romances sexuais. O final é revelador: longe do resgate pelos frades dominicanos seguido do confortante “e vim de novo para a civilização”<sup>233</sup>, aquele livro termina com uma problematização acerca de um episódio contraditório. Após um amigo traduzir-lhe uma carta do russo, pertencente a um dos carrascos que prendiam Mary Arlen, o narrador João de Minas diz:

Como se explica que o bandido Karló roubava e matava no Brasil para, como um santo, fundar em Moscou um hospital e uma creche para criancinhas? E agora, sem ele, essas criancinhas voltariam a morrer pelas ruas de Moscou, de fome e de frio... Oh, que tortura a minha! Entrei num bar, para beber, para esquecer... Comecei também a estudar o comunismo, para conhece-lo melhor...<sup>234</sup>

A diferença nessas duas partes talvez possam ser explicadas pela gênese do livro. Numa crônica de março de 1928<sup>235</sup>, João de Minas conta que fez uma viagem ao Araguaia atrás do Coronel Fawcett e nela diz que colheu material para um livro, aguardando um editor que a publicasse. Curiosamente, não publicou suas notas no jornal *O Paiz*, como fez com os livros anteriores. Na Revista Sul América de outubro de 1933, o autor faz referencia a uma continuação do livro *Farras com o Demônio*, ainda num caderno de notas<sup>236</sup>. Alguns meses depois publicou *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* pela editora Record. É revelador que tenha também a forma de romance (folhetim) ao estilo dos romances sexuais, pois constitui uma narrativa contínua.

---

<sup>232</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 144.

<sup>233</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, 114.

<sup>234</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 287.

<sup>235</sup> “No Crâneo da Assassinada A Taça do Sonho”. *O Paiz*, 11/03/1928, p. 1

<sup>236</sup> “Explicação Necessária” *Revista Sul-América*, Ano XIV, nº 56, out-1933, p. 51-53

Ideado como continuação de *Farras com o Demônio*, mantém na primeira parte uma estrutura a ele muito semelhante – a viagem de descoberta –, mas o questionamento dos ideais nacionalistas e da prática política são mais aguçados e há uma problematização maior da realidade. Nesse sentido, é oposto a *Jantando um Defunto*, este sendo uma defesa intransigente da ordem e do ideal nacionalista tal como expresso por setores progressistas do PRP. Portanto, a narrativa em *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, com sua sátira aberta à perspectiva nacionalista atrelada ao Estado, talvez seja um indício de que as idéias políticas de João de Minas, em 1934, estejam distantes da militância partidária de 1927-1930.

Antes de prosseguirmos nesse caminho sobre a mudança em sua obra, uma volta se faz necessária para adentrarmos o núcleo crítico dos seus escritos sertanejos. Aos nosso ver, as oscilações e tensões do posicionamento do narrador terão seu ápice na problematização em torno das múltiplas realidades que perpassam os sertões brasileiros. O questionar de outros mundos não se separa do questionamento dos mundos aos quais pertence o narrador.

## Rotas de Fuga: Meandros do Fantástico em João de Minas

### Veracidade fantástica e a obra de João de Minas

A consciência dividida sobre a possibilidade de existência de uma realidade para além da realidade material, também presente na obra de João de Minas, literariamente remonta ao fim do XVIII, com o gótico ou *noir*. A bibliografia pontua o gênero fantástico como a expressão da má-consciência de uma época que, pelo paradigma materialista, negou a existência de toda e qualquer realidade sobrenatural. Para Todorov, o gênero se define pela hesitação da protagonista, e por extensão do leitor que a ela se identifica, quando se depara com a possibilidade de existência do supra-real. Caso sua existência fosse assumida, teríamos o gênero maravilhoso; caso explicada racionalmente, o estranho; sendo ambos gêneros vizinhos ao fantástico. Este teria como função histórica falar de assuntos interditos ao padrão moral e social do século XIX: sexo, transgressões sociais, etc. Para o autor búlgaro, na medida em que ocorria uma abertura social para se falar de tais temas, o fantástico teria pedido sua função primordial, reformulando-se no século XX, quando o sobrenatural teria dado lugar a situações absurdas estritas ao mundo humano<sup>237</sup>. Dessa forma, alguns recursos literários utilizados por João de Minas pertencem a uma tradição que tem, no mínimo, um século de existência.

Desde o clássico de Todorov, muita pesquisa foi realizada sobre o fantástico, tanto na teoria quanto em pesquisas de textos que se enquadrariam no gênero. Nesse sentido, pesquisas como a de Roberto de Sousa Causo mostram como, desde o século XIX, o desenvolvimento dos gêneros em torno do fantástico no Brasil (o horror, a fantasia e ficção científica) esteve ligado aos seus correlatos na Europa, sem prescindir de tratar de temas pertinentes à realidade nacional. Para dar um exemplo relativo ao sertão, há uma afinidade entre o tema do “mundo perdido” das narrativas européias como *Tarzan* (Edgar Burroughs) ou *O Mundo Perdido* (de Conan Doyle), nas quais as viagens são recheadas de aventuras com descoberta de espécies desconhecidas ou civilizações perdidas, com narrativas brasileiras onde esses temas são projetados na Amazônia, como *A Amazônia Misteriosa* (Gastão Cruels) ou *A Filha do Inca* (Menotti del Picchia). O tema do mundo perdido teria como pano de fundo um esforço colonialista, seja externo (no caso europeu) ou interno (como no Brasil)<sup>238</sup>.

---

<sup>237</sup> TODOROV, Tzevetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1977

<sup>238</sup> CAUSO, Roberto de Sousa. *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil 1875-1950*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 189-195.

Já vimos como as narrativas de João de Minas incorporam temas e problemas ligados a um lugar exótico. Longe de enquadrar os textos de João de Minas em um gênero – fantástico, estranho ou maravilhoso, segundo Todorov; ou fantasia, horror e ficção científica, como pontua Causo –, nosso objetivo neste capítulo é estudar como a problemática levantada pelo fantástico em sua obra responde a inquietações ao mesmo tempo existenciais e sociais. É possível notar a presença em João de Minas dos gêneros propostos por Todorov, mas num sentido distinto: não como pretexto para tratar de temas interditos, mas para lidar com a possibilidade de existência de realidades alternativas.

Bráulio Tavares aponta, com relação à percepção do fantástico literário, a existência de três graus: o primeiro no qual o fantástico é vivido apenas pela personagem no interior da narrativa, o segundo no qual o autor compartilha as dúvidas ou concepções das personagens e o terceiro no qual o livro consegue mobilizar a visão de mundo dos leitores. Assim, uma definição do fantástico dependeria do fato de que a concepção do real, para muitas pessoas, estaria misturada à sua crença religiosa. “Para um ateu, uma história em que aparecem fantasmas é uma história fantástica, porque a comunicação com as almas das pessoas mortas é impossível (e a própria existência de tais almas é posta em dúvida). Para um espírita kardecista, uma história de fantasmas é uma história tão realista quanto **Vidas secas** ou **Dom Casmurro**.” No caso específico do kardecismo, seu adepto crê na existência de um mundo espiritual invisível que não apenas se comunica com o mundo material onde vivemos, mas o influencia continuamente. O mesmo se aplica, para Bráulio, a crenças que nada têm de religiosas ou espirituais: “há pessoas que crêem na telepatia, clarividência, precognição, etc. como fenômenos puramente materiais. Narrativas literárias baseadas neles poderiam aos seus olhos soar extraordinárias, mas não fantásticas no sentido aqui adotado”<sup>239</sup>.

Eduardo Menezes nos pontua a permanência desse tipo de saber “paracientífico”, mesmo com o grande prestígio social do pensamento cientificista-materialista:

Contrariamente às previsões do projeto epistemológico positivista e do racionalismo naturalista, as nossas sociedades não assistiram à superação desses fenômenos qualificados de supersticiosos ou mesmo de irracionais, ‘frutos da ignorância ingênua’. Muito diferente desse desejo iluminista, a expansão das paraciências e as crenças que elas suscitam parecem constituir um fato de observação corrente no seio de nossas sociedades em que evidentemente, porém, domina a técnica, a ciência e o racionalismo. Portanto, os fenômenos de perfil fantástico e maravilhoso estão longe de ter desaparecido da paisagem sócio-cultural de nosso tempo. E até correria o risco de afirmar algo aparentemente paradoxal: tem sido no

---

<sup>239</sup> Parágrafo baseado em TAVARES, Bráulio. Algumas interfaces com o Fantástico. In: *Rascunho: O Jornal de literatura do Brasil*, Curitiba-PR, seção Críticas e Resenhas, Outubro de 2006. Disponível em <http://rascunho.ondarpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=25&lista=0&subsecao=0&ordem=1080>, acessado em 08 janeiro de 2007

interior mesmo da ciência e do racionalismo, na sua investigação mais avançada, que tem surgido os propósitos mais avançados nesse sentido de uma síntese entre os resultados de seu labor e da parapsicologia, por exemplo.<sup>240</sup>

Liana Salvia Trindade nos mostra como tal conhecimento mágico-esotérico difundiu-se no mundo e no Brasil ao adotar uma roupagem científica:

Durante a primeira década do século XX, o conhecimento esotérico incluía as crenças do ocultismo, o magnetismo de Mesmer, a Kabala, as doutrinas de Rosa Cruz. Este conhecimento era amplamente divulgado nos Estados Unidos, Inglaterra e França, através de conferências, publicações e simpósios. A magia natural dos elementos da natureza, o magnetismo pessoal e a confluência dos astros como fatos determinantes na existência dos homens eram considerados como passíveis de experimentação e expostos por meio do discurso científico. Assim, a polêmica entre a magia natural e a ciência, para consolidar a noção de uma nova harmonia entre ciência e fé, magia natural e cientificismo.<sup>241</sup>

No estudo da obra de João de Minas, trabalharemos com a hipótese de que os elementos fantásticos operavam entre o segundo e o terceiro graus descritos por Bráulio, pois as concepções em conflito na personagem principal de seus livros sertanejos (o próprio autor) pressupõem um tipo de leitor crente. Para aqueles que acreditam numa transcendência ou num mundo espiritual, os contos maravilhosos ou fantásticos não são apenas possibilidade imaginária, mas real. Dessa forma, a persistência do gênero até os dias atuais pode também ser relacionada à questão da existência de fenômenos extraordinários ou sobrenaturais, sobretudo para os setores intelectuais ou populares que aderem a concepções espiritualistas, como o esoterismo, a umbanda, o catolicismo ou o espiritismo<sup>242</sup>. Essas concepções vinham sendo negadas pelo evolucionismo e imanentismo das correntes científicas e naturalistas em voga tanto na Europa quanto no Brasil desde meados do século XIX.

João de Minas flertou com as vertentes populares das últimas religiões, incorporando seus temas. Para introduzir o assunto dentro da obra do escritor mineiro, é importante relem-

---

<sup>240</sup> Menezes, Eduardo D. B. de. "Novas formas de Religiosidades: A crença nas Paraciências". *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 15/2-3, 1990, pp. 80-93. O autor fala por exemplo, que a mecânica quântica e o estudo das estruturas finas da matéria contribuiriam, por exemplo, para visões transcendentais e abstratas da realidade.

<sup>241</sup> TRINDADE, Liana Maria Salvia. "Ethos Urbano e Hierarquia do Saber" In: *Construções Míticas e História: Estudos sobre as Representações Simbólicas e Relações Raciais em São Paulo do séc. XVIII à Atualidade*. Tese de Livre Docência (Antropologia), FFLCH/USP, São Paulo, 1991, p 133-134.

<sup>242</sup> Ver, por exemplo, as construções tipológicas da religiosidade urbana em São Paulo do início do século XX feitas por Liana Trindade: o esoterismo, os centros espíritas kardecistas, os curandeiros de matriz popular católica, a magia vinda com os imigrantes europeus e a macumba. TRINDADE, Liana Maria Salvia. "Ethos Urbano e Hierarquia do Saber" In: *Construções Míticas e História: Estudos sobre as Representações Simbólicas e Relações Raciais em São Paulo do séc. XVIII à Atualidade*. Tese de Livre Docência (Antropologia), FFLCH/USP, São Paulo, 1991, p 164-173. Ver também WISSENBAACH, Maria Cristina Cortez. *Ritos de magia e sobrevivência: sociabilidades e práticas mágico-religiosas no Brasil (1890/1940)*. São Paulo, USP, 1997, Tese (Doutorado) em História Social

brar que as narrativas sertanejas do autor operavam numa fronteira de gênero entre a crônica, o conto e a reportagem, e muito provavelmente ele não estava preocupado em definir seus escritos. Muitos de seus textos foram apresentados num contexto de imprensa – jornal e revistas ilustradas – para serem lidos não como literatura a ser fruída, mas como verdade a ser discutida, e essa noção será transportada para os livros.

Logo no início dos livros de João de Minas sobre o sertão deparamo-nos com a afirmação da veracidade de seu conteúdo, um alerta ao leitor quanto à forma como devem ser encaradas as histórias, muito comuns nas narrativas fantásticas. No prefácio de *Farras com o Demônio*, João de Minas diz que “é meu maior desejo que os bondosos leitores creiam neste livro, tomando-o como uma realidade viva. Tudo que se lê nessas páginas é – absolutamente verdadeiro. Eu vivi este livro”<sup>243</sup>. No prefácio de *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* o autor “falando à imprensa sobre este livro”<sup>244</sup>, eu expliquei que ele não era obra da fantasia, mas da realidade vivida. Sim, porque os fatos, alguns horripilantes, que descrevo nestas páginas, se passaram comigo”<sup>245</sup> e conclui “Este livro é a verdade pura. Nele, eu não podia, a menos que lhe proibisse a leitura, ou fizesse dele injeções para dormir, derramar sãbença geográfica, ou científica. Mas, fora do livro, na imprensa ou pela palavra, travo com quem quiser o ônus da prova da verdade de tudo que narro. Estou às ordens”<sup>246</sup>.

No mundo sertanejo de João de Minas, do ponto de vista do narrador, intercalam-se três níveis de realidade. O primeiro deles – os sertões em seu aspecto exótico – já descrevemos no capítulo anterior. O segundo diz respeito aos elementos estranhos que remetem a uma dimensão natural não conhecida pelo mundo urbano-civilizado, explicado por uma ciência não-oficial ou “paraciência” que, salvo alguns casos, está mais presente nas narrativas ambientadas nos sertões profundos. Por exemplo:

- paisagens insólitas, como o “céu do inferno”, rachaduras sem fundo cravadas no solo e encobertas por uma trepadeira – a flor Arrependida (“A Sepultura de Sete Bilhões de Palmos” – *Pelas Terras Perdidas*);

---

<sup>243</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. V.

<sup>244</sup> A campanha na imprensa refere-se aos seguintes artigos: no “O Malho” em 21/09/1933 saiu “Um monstro Pré-histórico num lago misterioso de Mato Grosso” (entrevista com João de Minas) e outro em 28/09/1933 “Um monstro Pré-histórico, o crocodilo Mamuth, vivo num lago misterioso de Mato-Grosso” (um capítulo do livro *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*); uma entrevista publicada no jornal carioca “A Pátria” em 28/9/1933; e um capítulo publicado na “Revista Sul América” em outubro de 1933, intitulado “Monstros e Histórias dos sertões desconhecidos do Brasil Central”.

<sup>245</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, VI.

<sup>246</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, XIII.



- Espécies animais desconhecidas, como o “Monstruoso Sapo-Boi” (*Jantando um Defunto*) ou o crocodilo-gigante pré-histórico (*Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*);
- Controle via “feitiço” ou domesticação de espécies não domesticáveis, como o controle de formigas por feiticeiros da Ilha do bananal ou a domesticação do gavião-tigre pela tribo xanatl, para defesa (*Farras com o Demônio*);
- Traços de civilizações perdidas, como aspectos da tribo dos xanatls (*Farras com o Demônio*) ou os resquícios de construções fenícias dentro de um lago no sertão de Mato-Grosso (*Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*);
- Percepção extra-sensorial, como a de Mary Arlen em relação à morte seu noivo; ou sentidos aguçados adaptados à realidade sertaneja, possuídos pelos guias (*Farras com o Demônio e Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*).

Além disso, ocorre a intervenção do sobrenatural, que remete a uma realidade espiritual transcendente, mas que permearia o nosso mundo. Aparecem principalmente das narrativas ambientadas nos sertões próximos, sendo expressos através de:

- Presença de fantasmas, como nos contos “O fantasma da Ponte João Ribeiro” (*Farras com o Demônio*) ou “A pergunta do Morto” (*Jantando um Defunto*);
- Milagres, como em “O Esqueleto de Santa Maria Clara” (*Jantando um Defunto*), no qual a areia e a mata de carábas próxima ao esqueleto é transformada em ouro;
- Sonhos reveladores, como os sonhos de Mary Arlen que denunciam a morte do seu noivo, em *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*;
- Profecias, como em “O Rei de Goiás” (*Farras com o Demônio*), onde uma cigana faz profecia acertada sobre os encontros de João de Minas com amigos;
- Viagem no tempo e reencarnação, como no conto “O Cavalo de Átila” (*Jantando um Defunto*), no qual João de Minas é levado a um castelo medieval por uma besta que se transforma em mulher.

Se considerarmos a natureza dos fatos e elementos arrolados nestas duas categorias, (sobrenatural e estranho), percebemos o motivo do alerta quanto à veracidade. Nos prefácios, a finalidade do narrador é afirmar a verdade do conteúdo descrito, sejam as atrocidades cometidas pela Coluna Prestes em *Jantando um Defunto*<sup>247</sup>, seja as viagens de conhecimento dos

---

<sup>247</sup> É interessante notar que alguns resenhistas de *Jantando um Defunto* como Plínio Barreto e João Ribeiro consideraram fantásticas as crueldades atribuídas a Prestes por João de Minas, mas não mencionaram os eventos estranhos e sobrenaturais do livro, o que hoje seria motivo para desqualificar qualquer obra que se

sertões em *Farras com o Demônio e Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*. Assim, o alerta visa corrigir a possível dúvida surgida a partir do contato com descrições que beiram o inverossímil e a fantasia, que por isso mesmo poderiam ser tomadas como falsas.

Em seu esforço jornalístico de apresentar o que experienciou em suas viagens pelo interior do país, João de Minas teve contato com diversas concepções de mundo, distintas daquelas dos setores intelectualizados dos centros urbanos da década de 20. Talvez esse seja um dos motivos pelo qual as realidades estranhas e sobrenaturais, em toda obra do escritor, estão associadas principalmente ao sertão<sup>248</sup>, quase não aparecendo nos seus romances urbanos<sup>249</sup>.

### *Flertes com o mundo especial ou entre o século XX e a crença*

No capítulo anterior vimos traços do sertão que não conflitam com a visão de mundo aceita pela ciência oficial, situando-se em sua fronteira por meio do exotismo. Todavia, muito provavelmente seus pressupostos (racionalismo, materialismo, naturalismo, mecanicismo e concepção de mundo desencantada) não faziam muito sentido para as personagens sertanejas descritas nos contos de João de Minas. Por exemplo, após descrever o processo de sedução da fêmea pelo urubu-rei, Xaraim (*Farras com o Demônio*) dialoga com o narrador e, indagado sobre se o urubu-rei domina o espírito ou o corpo da fêmea, reflete:

Num tem corpo, num tem nada neste mundo. O mundo num tem cara... Tudo é o isprito. Aquilo qui a gente vê com os óio, num vale. E vale aquilo qui a gente num vê com os óio. As muié dos home e dos bicho num tem força di amá no corpo. É o isprito delas, qui a gente num vê, qui gosta da gente. Quem amarra o isprito de uma muié, é dono dela... (...) A gente... é a merma coisa qui Deus, e os bicho. Tudo isso é Deus, nois tudo é Deus. Morrê... Vivê... tudo isso é conversa! A gente num vive e nem morre. Ha uma outra coisa muito mais mior de bão... (...) é o amô!<sup>250</sup>

---

pretenda verdadeira e jornalística. O principal argumento contra a verossimilhança do livro não são realidades sobrenaturais, mas a representação cruel de Prestes, que contraria a superioridade moral atribuída, no final dos anos 20, ao “Cavaleiro da Esperança”. Apenas no longo artigo de Humberto de Campos há menção ao fantástico, que é atribuído à imaginação do sertanejo em contato com os sertões.

<sup>248</sup> A associação do sobrenatural com o sertão é tema recorrente na literatura sertaneja, como coloca Fernando Cristóvão acerca de Guimarães Rosa e Ariano Suassuna, e Luciana Murari acerca da literatura sertanista do fim do século como a de Coelho Neto. CRISTÓVÃO, Fernando. “A Transfiguração da Realidade Sertaneja e sua Passagem a Mito”. *Revista USP*, nº 20, dez-jan-fev 1933-1994, pp. 50-53; MURARI, Luciana. *Tudo o Mais é Paisagem: Representações da Natureza na Cultura Brasileira*, São Paulo, 2002, Tese (Doutorado em História Social), USP, p. 305-311.

<sup>249</sup> Todorov aponta uma explicação diferente para essa questão, solucionando-a através da categoria do maravilhoso exótico, no qual “narram-se aqui acontecimentos sobrenaturais sem apresentá-los como tais; supõe-se que o receptor implícito desses contos não conheça as regiões onde se desenrolam os acontecimentos; por conseguinte, não têm motivos para colocá-los em dúvida.” TODOROV, Tzevetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 61. Aqui teríamos a mistura de elementos naturais e sobrenaturais apenas para o leitor moderno, e o narrador implícito do conto situa tudo em um mesmo nível, o do natural. Dialogaremos com a posição de Todorov mais abaixo.

<sup>250</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 34.

Outra personagem de João de Minas com uma visão de mundo semelhante é Pai Candinho, que não apenas conhece vários dos segredos da terra, mas também mantém contato direto com o além. Segundo o narrador, Candinho:

Caíra, com os anos, num fanatismo profundo, bêbado de fé, morando não naquela cabana agreste, mas num mundo maravilhoso e íntimo, o mundo da sua loucura divina. Dizia o mago que adormecia, e então seu espírito, em forma corporal, ia visitar e falar ao padre Cícero, no Joazeiro, ou ia a qualquer parte. Era o seu transporte do corpo astral, era o milagre de Santo Antônio de Pádua, eram os milagres de Jesus... E os sertanejos afirmavam piamente que Pai Candinho aparecia, como uma visão, onde queria. Eles tinham visto... Era só, nas grandes agonias, chamar pelo santo...<sup>251</sup>

Essa relação com o mundo espiritual era bastante próxima, concreta, como vemos na resposta de Candinho a José, seu afilhado:

Conversei essa noite com o Chefre, com o Jesúis Cristo. Nosso Sinhô teve aqui, e tomô café cumigo, sentado ali no banco. Tratemo, José, do seu negócio. Ficou combinado que nós vamo matá os home de... mordedura de aranha caranguejêra! Que tar? Ta bão, José? (...) Coitado dos home! Vão sofrê munto! Mas é o Jesúis Cristo qui manda...<sup>252</sup>

Essa relação próxima com o além não é apenas traço de Pai Candinho e Xaraim. Os fazendeiros também são caracterizados pela sua credulidade, em cuja descrição o narrador oscila. Em *Jantando um Defunto*, a questão é explorada no conto “A Escada para o Céu” com a suposta farsa de Santa Dica, a qual simulava santidade para angariar fundos entre os fazendeiros crédulos da região de Goiás. O narrador descreve humoristicamente como Santa Dica e seu amante Mário Mendes faziam para impressionar os fiéis. Por exemplo:

O repórter, nas sessões preparatórias e místico-revolucionárias, nas fazendas, onde aparecia enfiado numa farda vermelha de general, para melhor assombrar e convencer os pobres sertanejos. Com o tempo, vendo o repórter que a farda fazia efeito, foi complicando a mesma, pondo-lhe estrelas de lata, borões de ouro banana, guizos, cincerros, penas de pavão, e, no *bonnet*, uma cabeça de coruja seca, pregada acima do pala. Era um terror delicioso quando Mário Mendes, com Santa Dica ao lado, presidindo às sessões divinas, erguia a sua voz cava, rezava um padre-nosso, e, de repente, puxando de uma espada velha, que não o largava, começava a esgrimir o espaço (...) Por fim o repórter dava o golpe final, de ponta, e bramia: “Toma, Burugundum!!!” (...) Santa Dica espumava, em transe. Passava no ar um magnetismo violento. Havia sangue no ambiente. E estava morto – ou condenado fatalmente à morte próxima – o sr. Arthur Bernardes, porque Burugundum, na linguagem doida daqueles vagabundos, era o competente cidadão Arthur Bernardes, e aquele último golpe de ponta de Mário Mendes era destinado ao seu coração... Ah! Estava frito o sr. Arthur Bernardes! Fritíssimo. E terminava a sessão.<sup>253</sup>

---

<sup>251</sup> MINAS, João de. Os 26 Assassinatos de Homens Louros, *Jantando um Defunto*, p. 147.

<sup>252</sup> MINAS, João de. Os 26 Assassinatos de Homens Louros, *Jantando um Defunto*, p. 150 e 151.

<sup>253</sup> MINAS, João de. A escada para o céu, *Jantando um Defunto*, p. 31-33.

Tudo isso é acompanhado por promessas e condições as mais esquisitas, como a necessidade da nudez dos “eleitos” para serem levados ao céu, através de uma escada descida por anjos. Tudo é voltado à extorsão de dinheiro. Mas notemos que a ordem celeste e a terrestre se confundem na mentalidade dos fazendeiros, pois acreditam que os anjos liderados por Gabriel, cujos intermediários na terra são Santa Dica e Mário Mendes, vão lutar contra as forças do mal encarnadas no presidente Arthur Bernardes.

O processo mental de concretização de uma realidade distante e abstrata é revelado no conto “A Porta do Inferno”. Sobre o fazendeiro de Goiás, o narrador conta:

O bom fazendeiro, com a casa de sua fazenda naquelas solidões norte-goianas, lera um ‘único romance em toda a sua vida de sessenta anos (...) Ele lera e tornara a ler, muitas vezes, o ‘Conde de Monte Cristo’, de Dumas pai. Contava sempre história do romance... com os anos, porém, à força de narrar, ele criara, por sua conta própria, outros episódios do livro... Ultimamente, estava convencido de que o ‘Conde de Monte Cristo’ se passara em Goiás, era um livro goiano... (...) naquela noite (meados de 1926), ele me afirmava, lentamente, pitando, que já encontrara a porta do inferno, de que falava o romance de Dumas... De maneira que todas as almas deste mundo, que tivessem que viajar para o inferno, tinham de passar pelas terras de sua fazenda, porque a entrada do inferno ficava a dez léguas, ali adiante. Era um buraco negro, onde os demônios, às vezes, ficavam tomando ar, olhando a paisagem. Eu, no íntimo, ria da ingenuidade do velho. Ele não ria, e tinha um ar grave e infalível.<sup>254</sup>

Longe da ampla experiência de leitura das camadas urbanas e cultas, temos aqui um caso onde a leitura intensa é atualizada para o contexto de vida da personagem, integrando-se de forma verossímil a sua realidade mais próxima. Mesmo desdenhando no início, o enredo se desenrola quando o narrador também passa a acreditar, junto com o fazendeiro, que existe uma porta para o inferno na fazenda, constatação desfeita apenas no final, quando se descobre que os supostos demônios eram, na verdade, onças.

Esse tipo de aproximação é descrito também em *Farras com o Demônio*, quando Xaraim, guia de João de Minas, admira suas perneiras de couro de Jacaré. O guia diz que somente o “Rei do Brasil” as possuía. Então João de Minas reflete:

O ‘rei do Brasil’, a que ele se referia, eu pensei que era o Imperador, o sr. D. Pedro II, porque o caipira remoto, perdido nas vastidões do nosso país, faz uma deliciosa idéia do nosso magnânimo monarca, que ainda ‘véve na Corte’ – o Rio de Janeiro – imortal e barbudo. Alguns jecas pensam que ‘a Corte’ é uma coisa fabulosa, um pedaço do céu, e de lá é que vêm as chuvas, os trovões, o raio, os ovos pequenos ou ‘taludos’ das galinhas, etc. Alguns capiaus para o norte de Mato Grosso, onde há uma certa penetração dos heróicos filhos do Ceará, ligam à Corte a idéia do Padre Cícero, o ‘pardinho Cirço’, e que eles julgam possuir asas, e voar, cercado de gordos anjos.<sup>255</sup>

---

<sup>254</sup> MINAS, João de. *A Porta do Inferno*, *Jantando um Defunto*, p. 131-132.

<sup>255</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 92.

Desfazendo essa fabulação da corte, prossegue: “Mas o ‘rei do Brasil’, a quem Xaraim se referia, era o dr. Brasil Caiado, presidente de Goiás. Xaraim o vira uma vez. Era o ‘rei do Brasil’ ... e ‘pissuia’, formidavelmente, como eu, um par de ‘barriga de jacaré’ ...”<sup>256</sup>. Isso ocorre também quando Xaraim “chamava Santa Leopoldina de capital”<sup>257</sup>.

Em função da vivência no interior, o sistema de escalas geográficas do sertanejo seria construído de modo diferente, fazendo com que as cidades e as referências sejam tomadas a partir da experiência imediata. Brasil Caiado era para Xaraim o rei do Brasil porque era a referência mais alta de autoridade já vista, assim como Santa Leopoldina, a maior cidade por ele freqüentada, era a capital. Isso também ocorre com o trecho no qual a distância geográfica da Corte do Rio de Janeiro é assimilada ao céu.

Já vimos como a credulidade é explicada pela influência da paisagem na imaginação do sertanejo, mas vale a pena repetir o trecho. Após descrever uma série de miragens supersticiosas na solidão dos sertões (duendes, espíritos, monstros etc.), arremata:

Tudo isso, é claro, é uma miragem do fanatismo do sertanejo. É uma alucinação, uma criação do seu espírito que, com o isolamento completo, com a única companhia da solidão absoluta, fica predisposto ao convívio das fantasias supersticiosas. Daí a infinita credulidade destas gentes, que assim podem ser manobradas até à demência por qualquer malandro que queria adotar a profissão de santo, de deus, ou de demônios, à escolha...<sup>258</sup>

Todavia, nesse mesmo conto ocorre um milagre presenciado pelo narrador-personagem, a transformação em ouro da mata próxima a um cadáver. Tanto aqui como em toda a obra sertaneja de João de Minas, a posição do narrador oscila entre apregoar a superstição das populações e acatar sua realidade. No conto sobre Santa dica, ao chegar à fazenda da santa, vendo todos os crédulos cair de joelhos, João de Minas repete o gesto e reflete:

Aqueles pobres fanáticos, ali, eram desgraçados porque eram humanos. Que faziam eles, ali, palpitantes e desvairados? Faziam o que faze todas as religiões. Queriam achar a chave dos mistérios do Além, e com ela abririam as portas de todas as complicações deste mundo. Eu mesmo, ali ajoelhado como qualquer fanático – oh insondável fraqueza da alma humana!... – ia me perguntando se não era esse o ideal humano, achar a razão por que um homem não é um simples aparelho fecal... Sim, eu me comovia, ou me estupificava. Já era isso a sugestão terrível do medo? Si eu ali ficasse, corria o risco de – apesar de toda a minha pose – acabar sendo um puro fanático (...) Ali prostrado, eu ia me sentindo profundamente feliz.<sup>259</sup>

Mas, caindo em si, o narrador dissolve essas reflexões do seguinte modo:

---

<sup>256</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 92.

<sup>257</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 47.

<sup>258</sup> MINAS, João de. *O Esqueleto de Santa Maria Clara, Jantando um Defunto*, p. 106.

De repente, lembrei-me de Bastião, e minha vaidade deu o alarma. Achei que não era conveniente que Bastião me visse ali agachado, colado ao chão, de maneira tão pouco jornalística e científica... Não, eu não era um bobo qualquer!... Eu era um espírito emancipado, digno do século vinte... E ergui-me, fazendo-me de duro, mas é verdade que com as pernas da alma um pouco trêmulas...<sup>260</sup>

O que impede o narrador de se igualar à condição dos fanáticos é apenas um sentimento de vaidade e conveniência. O íntimo de sua alma religiosa contrasta com sua consciência esclarecida, mas o movimento irônico de faz-e-desfaz no plano subjetivo impede que se assumam tanto a primeira quanto a segunda perspectiva, mantendo desse modo o conflito. O prosseguimento e desfecho da narrativa, com a comprovação do logro de Santa Dica, não desfaz esse íntimo de religiosidade, na medida em que a reflexão acima não é levada adiante.

Esse sobrenatural se manifesta, de maneira não naturalmente explicável, em duas narrativas que trazem aspectos distintos: o sonho revelador e a profecia. O primeiro aparece, por exemplo, no sonho de Angelino, em *Jantando um Defunto*. Quando um comerciante sírio apareceu em sua fazenda e contou que havia visto sua mulher com os revoltosos

Angelino estava de resolução firmada. Iria atrás dos revoltosos, e, ou morreria ou voltaria com o filhinho. Quanto à mulher, era como se tivesse morrido... (...) Nessa noite, porém, ele teve um sonho. Ele se deitara cedo, depois de tudo pronto para sair de madrugada. Mal cerrou os olhos, viu sua mulher abraçada ao filho, ao seu lado. Os três dormiam um sono feliz. Mas não dormiam ali, naquela cama, e sim dentro da terra, numa sepultura. Eles viam sobre si a terra germinar, e as extremidades das raízes pareciam-lhes sorrir como estrelas. Esse leito tumular era na outra fazenda, a de Angelino, a que os revoltosos tinham arrasado, e ficava no laranjal, num certo ponto... (...) Angelino precisava ir ao laranjal de sua fazenda. Viajou dia e noite, chegou, correu ao ponto indicado no sonho (...) Cavada a terra, surgia um capote militar, de lã verde. Embrulhada no capote, estava uma mulher abraçada fortemente a uma criança, como se a defendesse de um bando de tigres. (...) ocorria um fato estranho: os cadáveres, apesar de passados meses da tragédia, não tinham apodrecido. Estavam murchos, mumificados, ou por algum motivo especial do terreno, ou porque mãe e filho esperassem que Angelino, um dia, viesse encontra-los, e reconhece-los. Quem sabe?!<sup>261</sup>

No trecho, há duas explicações para a conservação dos corpos, uma sobrenatural, para a qual pende o narrador, e outra racionalizante. Todavia, quanto ao sonho revelador, não há indícios racionais, pois o caráter sobrenatural é reforçado por ter irrompido antes de Angelino ir à fazenda. Foi uma forma de comunicação estabelecida entre o além e a personagem. Com a profecia da cigana da crônica “O Rei de Goiás” ocorre o mesmo: após constatar que as predições da jovem cigana se cumpriam uma a uma, o narrador termina o conto dizendo:

---

<sup>259</sup> MINAS, João de. A escada para o céu, *Jantando um Defunto*, p. 37-38.

<sup>260</sup> MINAS, João de. A escada para o céu, *Jantando um Defunto*, p. 38-39.

<sup>261</sup> MINAS, João de. Cenas horripilantes da Revolução, *Jantando um Defunto*, p. 176-177.

Até hoje, eu me pergunto a mim mesmo que poder misterioso tinha aquela cigana, que era mesmo de circo... Ela adivinhou o caso do ouriço-caixeiro. Ela predisse o meu encontro com Fernando Barbosa. Foi dito e feito. E ainda fora ela, fazendo a modelagem de sua segunda predição, quem empurrara aquele sonho no sono do Fernando. Como e porque Fernando sonhara justamente com o ‘rei de Goiás’, si eu dias antes é que ouvira essa expressão de uma cigana anônima, numa estrada deserta? A ciência...<sup>262</sup>

Há duas histórias onde a realidade sobrenatural se manifesta diretamente para o narrador: “A pergunta do morto”, de *Jantando um Defunto*, e “O Fantasma da Ponte João Pinheiro”, de *Farras com o Demônio*. A primeira mobiliza o sobrenatural para denegrir a Coluna Prestes. A narrativa se passa na fazenda do coronel Zeca Lopes, visitada por João de Minas e o Dr. Freire, médico baiano. Quando o médico termina de contar a história do combate entre 80 soldados de Prestes e tropas legalistas na fazenda, o coronel diz que enterrou uma mão decepada de um dos mortos, com uma “aliança de casamento, e por ela, pela data, se podia verificar que o dono da mão estaria na lua de mel”, o que levava à mão ter um aspecto “triste, espiritualizada numa saudade, como qualquer coisa de amor e ilusão...”<sup>263</sup>. Então, uma voz misteriosa pergunta se o anel, assim com a mão, também apodrece. Ao tentar verificar quem teria feito tal indagação, João de Minas descobre que ninguém na fazenda a fez, e conclui: “Creio que foi o espírito do morto, dono da mão decepada, que nos fez aquela pergunta. O dr. Freire, homem de vasta ilustração, admite o fenômeno, mas sem o discutir...”<sup>264</sup>. A perplexidade toma conta de João de Minas e do Dr. Freire, mas não de Zeca Lopes. Este, ao ouvir o médico dizer que “certamente” a mão decepada teria apodrecido, “riu, como que duvidando”.

Uma aparição também ocorre no segundo conto acima citado, sobre o fantasma da ponte João Pinheiro. O comerciante Leopoldo Borges, após contar a história de vários suicídios de mulheres na ponte, indaga ao narrador se ele acreditava em almas do outro mundo, pergunta que “foi o bastante para travarmos uma discussão sobre as almas dos mortos. Eu acreditava...”<sup>265</sup>. Encontraram-se à meia noite na ponte para ver o fantasma, quando:

Vi, então, com estes meus olhos que a terra há de comer, uma forma humana, envolta num manto luminoso, andando, embaixo, sobre as águas do rio, em pleno abismo! O fantasma andava, mas não saía do mesmo lugar. (...) O fantasma da virgem morta às vezes empalidecia, quase se apagava. Eu tinha momentos em que queria não acreditar no que via. Então o fantasma se avivava, tornava-se ardente, como que me provando a sua realidade, adivinhando meu pensamento íntimo. Assim fiquei não sei quantos minutos. Depois, a visão foi mergulhando nas águas, e lentamente sumiu.<sup>266</sup>

---

<sup>262</sup> MINAS, João de. O Rei de Goiás, *Farras com o Demônio*, p. 152-153.

<sup>263</sup> MINAS, João de. A pergunta do morto, *Jantando um Defunto*, p. 90.

<sup>264</sup> MINAS, João de. A pergunta do morto, *Jantando um Defunto*, p. 91.

<sup>265</sup> MINAS, João de. “O Fantasma da Ponte João Pinheiro”, *Farras com o Demônio*, p. 131.

<sup>266</sup> MINAS, João de. “O Fantasma da Ponte João Pinheiro”, *Farras com o Demônio*, p. 132.

E, ao perceber novamente a realidade comum à sua volta, conclui com a sua concepção da realidade sobrenatural: “Enfim, a delicadeza extrema de toda a natureza fora substituída pela pulsação bruta das realidades sem alma. Eu penetrara de novo no mundo comum, expulso do mundo especial...”<sup>267</sup>.

Roberto DaMatta mostrou como a morte na sociedade brasileira é vista como uma passagem para um outro mundo, de onde os falecidos continuam a manter intercâmbio constante com os vivos. Seja para pedir favores, cobrar obrigações, resolver pendências ou para auxiliá-los, o contato pode ser realizado diretamente, por meio de aparições, por meio de médiuns ou por sonhos reveladores. O autor pontua que essa concepção da morte ensejou gêneros narrativos peculiares, como as histórias de almas penadas ou casos de assombração. Partindo da idéia de que a sociedade brasileira é de tipo relacional, na qual as relações são mais importantes que os indivíduos isolados, o outro mundo seria parte de um tripé fundamental também composto pelas metáforas da casa e da rua, tripé próprio de um universo católico cujo cotidiano é marcado pela segmentação de áreas. Nesse esquema, o “outro mundo” é o espaço da síntese moral, “um plano onde tudo pode se encontrar e fazer sentido”, o espaço da relatividade, da eternidade e das compensações, marcado pelas vontades pessoais e coletivas não realizadas pela história (“esse mundo”). Numa sociedade assim, a mediação feita pelos mortos entre ambos os mundos repousa numa tentativa de conjunção desse universo triplamente segmentado, papel análogo à festa e ao messianismo. Assim, “na sociedade brasileira, o que as ‘religiões populares’ fizeram foi ordenar e sistematizar uma teologia da compensação e do relacionamento, permitindo que a comunicação entre este mundo e o outro se fizesse todos os dias e por meio de todas as vontades, desde que os preceitos apropriados fossem seguidos”<sup>268</sup>.

A tese de Todorov sobre o fantástico tem como primeiro pressuposto um paradigma materialista no qual é negado toda e qualquer transcendência, e como segundo pressuposto o fato de que os escritores e leitores assumem o primeiro. Isso lhe possibilita que coloque a questão da função histórica do fantástico em termos meio para se tratar um assunto interdito. Todavia, ao menos no caso de João de Minas, a questão não aparece desse modo. Analisando suas crônicas, romances, e artigos, e tendo como pano de fundo a trajetória de vida do au-

---

<sup>267</sup> MINAS, João de. “O Fantasma da Ponte João Pinheiro”, *Farras com o Demônio*, p. 132.

<sup>268</sup> DAMATTA, Roberto. A Morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro. In: *A Casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985, cap. 5. Citações p. 128 e 132-133.



tor<sup>269</sup>, percebemos que uma postura espiritualista o acompanhava. É possível que acompanhasse também parte de seus leitores, o que permitia que ele tratasse de tais assuntos sem problemas. Partindo das idéias de DaMatta sobre o papel da morte no Brasil, podemos compreender como as narrativas de João de Minas, se moldadas por gêneros literários pertencentes à ordem do fantástico, têm com motivos e matéria-prima um universo social de matriz católica que encara o intercâmbio com o sobrenatural de maneira concreta e cotidiana. Se, por um lado, João de Minas foi criado e conhecia muito bem esse universo através de suas viagens, por outro percebemos que o autor estava antenado com os pressupostos cientificistas correntes na década de 1920, os quais transparecem nos seus escritos. Dessa forma, a oscilação sobre a aceitação do sobrenatural, além de estratégia literária para atingir o público, pode dizer respeito a um problema existencial que as camadas intelectuais espiritualistas tinham que lidar.

As idéias de DaMatta também permitem entender porque o sobrenatural não está desvinculado das questões políticas. Nas narrativas sertanejas do autor, as diversas dimensões da realidade se interconectam e se orientam num sentido que fica evidente sobretudo em *Jantando um Defunto*<sup>270</sup>. Sendo deliberadamente escrito contra a Coluna Prestes, nele o autor mobiliza todo o aparato estilístico, estrutural e temático em prol dos legalistas. João de Minas cria o efeito de interdependência harmônica entre as esferas natural (se bem que uma natureza “paracientificamente” expandida), sobrenatural, afetiva, social e política, fazendo com que rupturas provocadas em uma delas repercutam em todas as outras. Nesses momentos, há tentativas de se restabelecer a harmonia a qualquer custo, sob o risco de se por em xeque a ordem universal; mesmo que ela seja alcançada, há seqüelas na vida das pessoas. É um evento de ordem política – a passagem da Coluna Prestes por Goiás e Mato Grosso – que desencadeia o perigo em outras esferas, mobilizando inclusive o sobrenatural, como nos já citados casos dos contos “A Pergunta do Morto” e “Cenas Horripilantes da Revolução”. Talvez a tentativa desesperada de ordenamento do cosmos no plano literário evidencie um desespero com a ordem política real, vista como desagregada. No debate intelectual de finais dos anos 20, diante dos argumentos revolucionários dirigidos à política perrepista e à oligarquia que a sustentava, é provável a voz ferina proferida por João de Minas contra a Coluna Prestes seja indício de um olhar marcado pela sensação de que a ordem do mundo se encontrava cada vez mais ameaçada por forças que podiam fazê-la ruir a qualquer momento.

---

<sup>269</sup> Ver o capítulo 1.

<sup>270</sup> Em *Farras com o Demônio*, a postura frente ao sobrenatural é semelhante à de *Jantando um Defunto*, com oscilações entre a presença e aceitação do sobrenatural e sua negação.

Em contrapartida, o livro *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* é enxuto na questão do sobrenatural: O único episódio que o sugere são os sonhos de Mary Arlen sobre a morte de seu noivo<sup>271</sup>. Mais que nos outros dois livros, há uma ênfase maior na “explicação naturalíssima, ou científica” dos fenômenos presenciados. O mesmo ocorre em *Pelas Terras Perdidas*. Ao contrário dos primeiros livros sertanejos de João de Minas (*Jantando um Defunto* e *Farras com o Demônio*) nos quais as explicações sobrenaturais convivem com as racionalizações paracientificistas, nas obras de 1934 todas as esferas do mundo, sertão e civilização, estariam unidas não mais pelo transcendente, mas exclusivamente por uma ciência aberta que desse conta de explicar os fenômenos estranhos. A supressão do “mundo especial”, abolido da realidade e não interferindo mais no cotidiano, nem como esfera autônoma, também é sintoma de um mundo outrora unificado que, para o João de Minas de 1934, não existe mais.

#### *Guias e feiticeiros ou a busca da natureza desconhecida*

Além do sobrenatural, diretamente vivenciado e compreendido por João de Minas, existiria outra realidade nos sertões brasileiros apenas conhecida de maneira mediada. Talvez por isso em boa parte das narrativas, principalmente as relativas aos sertões profundos, o narrador-personagem venha acompanhado de guias. Contratados como empregados, o que os coloca a princípio numa posição subalterna, os guias jogam um papel central nas histórias, pois, como se supõe, conhecem profundamente o funcionamento dos sertões visitados, conseguindo se locomover neles com extrema facilidade.

Por esse motivo, em relação às personagens urbanas, os guias exercem uma dupla função: assegurar sua sobrevivência frente aos perigos que pudessem advir dessas paragens desconhecidas e esclarecer João de Minas acerca das novidades vistas, definindo-as e explicando sua serventia. Nas palavras do narrador-personagem, o guia Xaraim “ia assumindo diante de minha estupidez literária o papel piedoso, e não raro irônico, de professor. Eu bebia-lhe as lições com uma sede esfomeada. O meu eminente professor, pois socorreu-me naquele momento com a competente lição”<sup>272</sup>.

A transmissão do conhecimento se dá primeiramente pela explicação de algum fenômeno presenciado mas cuja causa é desconhecida. Por exemplo, a descrição do mulungú:

---

<sup>271</sup> Cf. p. 193. Há outra sugestão no desmaio da moça quando João de Minas lhe entrega a pulseira de seu noivo, levando Mary a ver a morte do seu noivo. Mas esse evento é explicado “racionalmente”: “No instante que o senhor me apresentou essa pulseira (...) eu vi toda a tragédia, através de um órgão, ou um sentido novo, que eu não sei explicar como é... É um sentimento agudo, urgente, da realidade à distância, no tempo e no espaço” (*Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 197-198)

<sup>272</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 28.

Estávamos quase saindo da floresta. Vi, de repente, a uns trinta ou quarenta metros, uma árvore de fogo, de chamas, de labaredas. Era a árvore dos fósforos acesos... No sol oleoso de luz, a árvore, de regular tamanho, ardia luminosamente, numa doçura muito vermelha de aparição, nos desertos impassíveis da loucura. Eu estaria maluco?... Olhei para Xaraim, e ele sorriu. Aquela árvore era o mulungú. Nos sertões do Araguaia, pelo que víamos, ele florescia no tempo das águas. Comumente, porém, o mulungú torna-se um esqueleto doloroso logo que entra a seca. (...) É quando, de repente, a árvore sinistra rebenta em flores de fogo, de um vermelho lento e meigo de manhã, e de um rubro sangüíneo ao sol a pino. A árvore engorda, espraia-se, toda ardendo em labaredas sensuais.<sup>273</sup>

Além disso, o guia corrige as ilusões de ótica das personagens urbanas, pois o desconhecimento da natureza levam-os a achar que vêem algo pré-concebido mas inexistente, como ocorre quando João de Minas confunde um corvo-marinho com um fantasma:

De súbito, minhas pernas – mal impressionado como eu andava com os perigos naquele dia – tremeram, palpitaram forte, como se eu tivesse o caráter ou o coração no encaixe dos joelhos. Vi no ar, sobre o rio, a uns metros de nós, uma pura alma do outro mundo... Era, na noite que se adensara, uma forma esbranquiçada, imortal, e que parecia um homem deitado calmamente no ar, dormindo. Era horrível. Voltei o rosto para socorrer-me de Xaraim (...) O meu companheiro adivinhou a minha ansiedade e pulou para o meu lado. Quando olhei de novo o fantasma, nada vi mais no ar. Olhei par um lado, desconcertado, e quando tornei a olhar o rio vi o fantasma lá adiante, mais longe, nos desafiando. Agora ele parecia mover-se, como se nos acenasse. *Xaraim viu então a visão, que... não era nada.* Ali estava um pobre corvo marinho, de uma espécie rara, e que só pesca de noite. A ave de rapina, enorme, fica imóvel sobre a água, e de repente mergulha, indo sair com o peixe às vezes a grande distância de onde, sobre a água, armara o bote certo.<sup>274</sup>

Estes episódios não afetam a sobrevivência do grupo. Há casos, todavia, em que o conhecimento do guia é fundamental para o desfecho positivo da narrativa. Por exemplo, o surgimento do crocodilo gigante pré-histórico, espécie rara e perdida de *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*: após devorar um índio da comitiva e um bezerro dentro de um poço d'água, o crocodilo ataca o grupo de João de Minas. É uma das poucas batalhas contra animais que há nos livros, vencida porque o guia indígena Kaii conhece o ponto fraco do bicho, os olhos, os quais são atingidos por uma rajada de metralhadora<sup>275</sup>. Além dos animais, as paisagens estranhas podem encerrar perigos, como o “céu do inferno”, lugar onde João de Minas iria cair se não fosse salvo pelo cachorro de seu guia Placêncio, mas que matou a filha do fazendeiro Ponche. Este explica o seguinte:

naquelas tenebrosas regiões de Mato Grosso há rachaduras ou aberturas no solo, que absolutamente não tem fundo. São funis, ou precipícios, que varam o globo de um lado a outro. (...) O caso é que esses infernos são tapados traidoramente, por uma trepadeira, uma flor branca divinal, a Arrepêndida. (...) só

<sup>273</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 106-107.

<sup>274</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 43-44.

<sup>275</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 72-88.

floresce, absolutamente só floresce – como um céu de pétalas maravilhosas – no inferno desses abismos que varam de antípoda a antípoda. De maneira que a morte mais inenarravelmente trágica que se possa imaginar está naquela florada fascinante. O infeliz vai colher uma flor, uma meiga Arrependida, dá um passo no céu perfumado, e não encontra chão, e rola no inferno sem fundo, vai rolando, até que sai do outro lado do globo terráqueo. E passa a rolar nos intermúndios... A arrependida se alastra e se traça no vácuo, e cobre infamemente as brechas, não raro – disse-nos o fazendeiro – muito grandes.<sup>276</sup>

Em todos os casos, vemos como a explicação dada ao narrador beira uma racionalidade própria, por meio da qual são descritas paisagens completamente estranhas e espécies vegetais ou animais nunca vistas. A incorporação do mundo natural desconhecido ocorre não por via de explicações dadas pelo homem urbano através de sua ciência que tudo poderia desvendar, mas pelas explicações oriundas da experiência dos guias sertanejos ou fazendeiros.

Quanto à caracterização dos guias, alguns deles são apresentados, pela própria condição adaptada aos sertões, meio humano e meio animal. Essa ambigüidade aparece de forma mais clara em nativos dos sertões profundos como Xaraim, homem-macaco da Ilha do Bananal, que disfarçava sua origem para impor respeito, se apresentando como “bahiano do Pará”. A descrição de Xaraim pelo autor é a seguinte:

Xaraim me impressionou estranhamente. Era de poucas falas, magro, seco, como que defumado, e tinha dir-se-ia que duas cores. Era ao mesmo tempo negro e mulato, rajado, feito de remendos, dando a sua pele à luz a amarga idéia do ouro e do carvão, gordurosamente, num furta-cor felino. E tinha os traços faciais de um gorila digno e sonolento.<sup>277</sup>

Mais adiante, na narrativa, ao encontrar uma cientista alemã, Dra. Kremlin, que assassinara um homem-macaco da ilha do bananal para análises científicas, o autor descreve a cabeça do empalhado:

A cabeça, de um negro, estava prodigiosamente viva (...) Os queixos eram amplos, os dentes agudos e alvos, selvaticamente arreganhados, a testa sumida, os cabelos como cerdas. Aquela cabeça seria de um homem, ou de algum monstro? Estaria eu diante de um assassinato? Uma idéia me varou o cérebro. Xaraim! Xaraim se parecia com aquela cara apavorante...<sup>278</sup>

De fato, em seguida é mostrado que o “homem-macaco” assassinado era o pai do seu guia...

Em *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, a descrição de Kaii mostra essa ambigüidade não naturalizadamente, mas parte da cultura dos matolés: “Abrindo o mato miúdo, aos pulos, surgiu um índio nu, um rapaz cor de cobre, com as orelhas pintadas de branco,

---

<sup>276</sup> MINAS, João de. A Sepultura de Sete Bilhões de Palmos, *Pelas Terras Perdidas*, p. 22-23.

<sup>277</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 5-6.

<sup>278</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 16.

bem alongadas em ponta na cabeça raspada, para imitar o lobo, o que é o ‘chic’ supremo entre os selvagens da tribo dos matolés, que povoam aqueles sertões já amazônicos”<sup>279</sup>.

E, após a captura de uma onça pelo índio:

Aproximamo-nos, e tivemos a honra de travar conhecimento com um dos mais ilustres batedores daquelas sensacionais florestas do Brasil Central. Era um ‘mamadô’ [de sangue de onça] na explicação de Xoda. (...) Ele acabou arreganhando um riso de incomparável cretinismo, um riso parlamentar, de uma imbecilidade de gabinete. Vi-lhe, então, dos lados da boca, dois dentes compridos repuxando os beiços. Era magro, seco, mas dando a impressão de uma pedra ou de ferro. Todo escuro, cinzento, aquele homem parecia carregar uma paz coletiva, não só a da sua pessoa, da sua aparente e enganadora estupidez, mas a de todos nós, a da própria natureza. Ele impunha o repouso ao seu redor.<sup>280</sup>

Não só na aparência se viam os guias seus traços animalizados dos guias, mas também nos procedimentos de orientação. Vemos, assim como Kaii, Xaraim em ação:

Xaraim enfiou os olhos pela floresta sombria, como um animal que fareja o desconhecido, que mergulha o olho misterioso do instinto pelo futuro. O homem primitivo, que preponderava no nosso bom amigo, assomava com a sua astúcia aguda à janela estreita da sua alma turva e ainda informe. Xaraim, diante de nós, para perscrutar os perigos emboscados, recuara à condição de um bicho, de uma fera, de um monstro, para o qual os sertões virgens são uma moradia vulgar. E meditava, com a lógica divina com que deve meditar a natureza em suas formas mais simples e puras.<sup>281</sup>

Todavia, não somente os nativos dos sertões profundos podem adquirir essas habilidades. Também podiam ser guias os habitantes dos sertões próximos – fazendeiros ou caboclos – que penetraram nos sertões profundos para conhecer as maravilhas que encerravam. Estes não possuem a ambigüidade homem-animal, mas são descritos humanizadamente. Ao contrário dos indígenas ou nativos da ilha do bananal, muitos são oriundos de povoados ou de outras regiões do Brasil, e adquiriram habilidades pela familiaridade com essas paragens. Expressiva foi a metamorfose sofrida pelo seu guia Pedro, no conto “O monstruoso Sapo-Boi”:

Pedro Pavio nascera na Avenida Central, no Rio, nos fundos de um café português. Sua mãe era preta. Aos vinte anos, diplomado na crápula, não conhecia um palmo fora do Rio. Tinha várias entradas na Detenção. O primeiro Cinco de Julho arrebanhou-o, e daí por diante o vagabundo carioca foi rolando como um resíduo ignóbil pelo competente cano de esgoto... Travando demorado conhecimento com as selvas, Pedro foi sentindo a influência honesta do nosso mundo virgem, do nosso *hinterland*, e foi se tornando útil e bom. Abandonou logo que pode a Coluna Prestes, onde servia, e sumiu, já feito sertanejo, montado num burro doído.<sup>282</sup>

E os efeitos dessa metamorfose se mostraram assim:

<sup>279</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 22-23.

<sup>280</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. 31-32.

<sup>281</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 78.

Ele era um ótimo guia. Vivia disso, de caça e pesca, e garimpava às vezes ouro e diamante nos córregos e ribeirões, com um carumbé, as calças arregaçadas, transformando-se dia a dia num digno brasileiro. Como mariscador amazonense, adquirira qualidades maravilhosas. Via no escuro e no fundo d'água, adivinhava rumos, farejava animais, pegava os rastros mais cautelosos, pressentia os perigos, prenunciava o tempo, ouvia pelo chão, sabia a hora pelo sol... Afirmava Pedro que essas qualidades possuíam quase todos os seus companheiros de revolução, adquiridas no desamparo dos imensos sertões. Pedro dizia que Prestes não era um grande general, nem um sábio engenheiro. Era como ele, um iniciado na misteriosa intuição dos solitários e perseguidos, obrigados a aguçar dia a dia os sentidos e instintos clarividentes, e que o homem civilizado e urbano, no seu bronco conforto, como o porco na sua lama, jamais pode desenvolver...<sup>283</sup>

Pedro não é um caso isolado: também são guias Sérgio Ribas, de Planaltina (GO), “velho camarada de tropa, arrieiro, amansador de burro brabo, ‘macho de topete’, sexagenário e ingênuo, proprietário da mania de Don Juan, mas tímido e inocente como ele só”<sup>284</sup>; e Placêncio, velho pernambucano que viajava com o narrador “de pura curiosidade sertanista”<sup>285</sup>. Dessa forma, os segredos da sobrevivência no interior estavam abertos àqueles que se dispusessem a aprendê-los e a se integrar a esse universo.

Além do conhecimento e orientação em locais quase inacessíveis, as personagens da obra sertaneja de João de Minas guardam outro segredo incomum: a comunicação ou controle de animais, via domesticação ou feitiçaria. Por exemplo, o caso das “formigas que fazem evoluções militares”, de *Farras com o Demônio*, é contado assim:

Pelo caminho, Xaraim contou-me que, na Ilha do Bananal, havia feiticeiros que conseguiam falar aos insetos, dando-lhes ordens minuciosas, cumpridas quase que imediatamente. Assim, esses encantadores faziam com a maior facilidade uma cobra dançar, ou uma formiga dar saltos mortais, ou fazer evoluções militares, ou um formigueiro perseguir uma pessoa, durante anos, fosse essa pessoa para onde fosse... Refleti, cá comigo, que realmente isso no final das contas podia acontecer. O homem civilizado não ensina um elefante a dançar no circo? Ou um aeroplano a voar?<sup>286</sup>

Essa habilidade é explorada de forma mais detida no conto “Os 26 assassinatos de Homens Louros”, pela história de Pai Candinho. Os seus conhecimentos são assim descritos:

Veio a velhice, e já então Candinho sabia por experiência alguns segredos da natureza. Sabia, por exemplo, que a vontade é uma força terrível, em que se baseiam os próprios milagres. Sabia que os astros, a lua, os ventos, o frio, o calor, etc., influem no corpo humano, e portanto na alma, e logo, na felicidade, no bem-estar, no destino. Sabia as simpatias e antipatias das plantas e dos minerais, penetrando assim numa magia simples e natural, mas que, todavia, causa assombro ao homem culto, que não estuda

---

<sup>282</sup> MINAS, João de. O Monstruoso Sapo Boi, *Jantando um Defunto*, p. 96-97.

<sup>283</sup> MINAS, João de. O Monstruoso Sapo Boi, *Jantando um Defunto*, p. 100-101.

<sup>284</sup> MINAS, João de. O esqueleto de Santa Maria Clara, *Jantando um Defunto*, p. 109.

<sup>285</sup> MINAS, João de. A sepultura de sete bilhões de Palmas, *Pelas Terras Perdidas*, p.14.

<sup>286</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 112-113.

os sentimentos e ações das coisas, aparentemente mortas e insensíveis, assim como estuda, por exemplo, as toxinas, os venenos, os micróbios. Sabia que qualquer ser chamado vivo não vive por si próprio, mas por uma força invisível que penetra esse ser, vindo de um reservatório qualquer, como que do ar. Assim, agindo com a sua vontade adestrada diretamente sobre essa força, Pai Candinho podia quando quisesse perturbar o equilíbrio vital de qualquer ser, planta, homem, cobra, etc. Pai Candinho desse modo curava com a projeção de seu forte magnetismo, ou impunha doenças, os matava, realizando quebrantos, maus olhados e envotamentos. Conhecia plantas curativas, tendo estudado os poderes maravilhosos da nossa flora.<sup>287</sup>

Tais conhecimentos faziam com que Candinho fosse considerado santo entre os sertanejos da região onde habitava: “Era um prodigioso feiticeiro, um grande magnetizador. Para aquelas gentes, era um santo”<sup>288</sup>. A trama se desenrola quando Candinho controla uma aranha-caranguejeira, utilizada para matar os cangaceiros que estupraram sua afilhada.

A comunicação, amizade ou controle de animais não é privilégio dos feiticeiros. Qualquer um pode, a qualquer momento, estabelecer uma relação afetiva com algum animal normalmente não domesticável ou controlável, numa domesticação casual. É o que ocorre no conto “A Justiça Divina do Infernal Urutu-Boicinga” de *Pelas Terras Perdidas*, no qual o protagonista Antão e uma cobra venenosa desenvolvem uma afeição mútua, sendo que a cobra o salva de ser morto pelo amante de sua mulher. Em *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos* a comitiva de João de Minas faz domestica a cobra Legalidade, que a acompanha e passa a devorar insetos que incomodavam os viajantes. Todavia, o que ambas as personagens não possuem é a técnica necessária para realizar tais feitiços ou domesticações, e as relações homem-animal ocorrem casualmente. Já os feiticeiros (e domesticadores), pela vivência, conhecem os modos de utilizar os recursos naturais da flora ou da fauna a seu favor.

O autor, para atenuar o estranhamento causado pelas espécies controladas, faz analogia com práticas existentes no mundo familiar ao leitor. Compara uma formiga e um elefante de circo, ou o controle de avião ou automóvel pelo homem para explicar o controle de uma caranguejeira. Assim, considera a verossímil e racional a comunicação ampliada homens e animais, tornando-os parte de um mundo unificado onde se inter-relacionam o tempo todo.

São recorrentes, mormente nos livros *Farras com o Demônio* e *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, a oposição deste tipo de saber com o do homem civilizado, principalmente nos momentos em que as personagens urbanas se sentiam em perigo, dependendo assim das habilidades dos seus guias para proteção: “Eu e Francisco, cheios da sabedoria dos livros, cheios da estratégia das ruas e dos cinemas, sentíamos o nosso medo acalmar-se,

---

<sup>287</sup> MINAS, João de. Os 26 Assassinatos de Homens Louros, *Jantando um Defunto*, p. 144-146.

<sup>288</sup> MINAS, João de. Os 26 Assassinatos de Homens Louros, *Jantando um Defunto*, p. 146.

agachados os nossos brilhantes espíritos debaixo da proteção analfabeta do homem-macaco. Desse modo, escondidos do perigo, o nosso medo diminuía. Xaraim nos amparava.”<sup>289</sup> Ou então, após Xaraim adivinhar a presença do pirarucu embaixo da ubá em que estavam todos, o narrador coloca: “Xaraim voltava de novo, de olhos cerrados, à sua paz morta e cretina. E eu, homem de letras, cheio de sabedorias reles, competentemente acovardado, fiquei ali a admirá-lo como um herói, como um grande homem nacional.”<sup>290</sup>

É constante na obra do autor um vaivém de valorações tanto do homem urbano quanto do sertanejo. Ambos possuem aspectos positivos e negativos se considerados os seus respectivos ambientes. O conhecimento do homem urbano não é de nenhuma utilidade em regiões de mata virgem. Para tal, o conhecimento de populações acostumadas a esses lugares é fundamental para a sobrevivência. Por isso, nas narrativas ambientadas nos sertões virgens, o saldo valorativo é favorável aos seus guias: são positivamente considerados por suas habilidades, por mais que seus traços primitivos (do ponto de vista letrado) possam se manifestar, traços associados à brasilidade que não deixam de ser ressaltados nos textos do escritor mineiro. Xaraim, Xoda, Kaii, Pedro, etc., possuem o respeito e admiração do narrador-personagem João de Minas. Há aqui uma crítica ao intelectual cujo saber é inútil noutra realidade como o interior do país, mas ao mesmo tempo o narrador se coloca como letrado e olha aquele interior com os valores urbanos, se bem que procurando se abrir para o novo.

Percebemos em vários trechos marcas das teorias deterministas, evolucionistas e racialistas que consideram a exuberância do sertão causa da inferioridade racial. Na década de 1920 e 30 essas teorias sofreram críticas quanto à sua validade explicativa na medida em que surgiram nas ciências humanas explicações de matriz histórica e culturalista que contestaram a validade do determinismo geográfico e racial. Mas estas teorias ainda gozaram de bastante legitimidade na imprensa e no senso comum<sup>291</sup>, assim como permaneceram no discurso médi-

---

<sup>289</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 78-79.

<sup>290</sup> MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. 8.

<sup>291</sup> “Modelo de sucesso no Brasil dos anos 1870, as teorias raciais fariam no estrangeiro, nesse contexto, poucos seguidores. Já nos anos 1930, a situação como que se inverte. Nos Estados Unidos e principalmente na Europa é a partir desse momento que, a despeito da crítica teórica culturalista, tomam força certos modelos raciais de análise social, como é o caso do arianismo na Alemanha, ou do recrudescimento de uma política de segregação nos EUA. Diferente é a situação vivenciada no país. Combatido em sua utilização nas esferas políticas e científicas e enfraquecido perante a influência das teses culturalistas de Freyre (que tenderam a enaltecer a mistura racial aqui existente), esse tipo de explicação persistiu, porém, sobretudo no senso comum e na representação popular”. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930* São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 247. Sobre o tema, ver também SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.



co sob perspectivas eugênicas que visavam a melhoria da raça<sup>292</sup> e no político sob os debates sobre imigração no Brasil<sup>293</sup>. Quando se referiam ao sertão, essas teorias tendiam a enquadrar suas populações em estágios humanos atrasados ou mesmo tratando-os como sub-humanos (“elos perdidos”), membros de transição entre os primatas superiores – macacos – e formas primitivas de humanidade, sendo por isso chamados de “homens-macaco”.

Todavia, em função da vaga nacionalista brasileira do pós-guerra, valorizou-se esse mesmo homem, buscando recuperar seu saber. No caso específico de João de Minas, a valorização é feita utilizando-se o mesmo filtro ideológico usado para denegrir essas populações: a legitimidade de uma postura científica. Mais de uma vez, a explicação do narrador sobre o saber sertanejo é contada de forma quase científica, pois esse saber seria intrínseco à ordem natural. O que fazia com que a ciência oficial atribuísse ao conhecimento dos feiticeiros um caráter supersticioso é justamente a própria atribuição. Por isso, a ciência da época ignoraria a veracidade do que, nos sertões, seria corriqueiro. Assim, “Pai Candinho sabia verdades naturais, lógicas, como todas as verdades, mas que, por não serem estudadas pelos sábios oficiais, passam como superstições.”<sup>294</sup>. E o motivo da recusa seria a falta de uma postura empirista própria da ciência oficial. Para João de Minas, a melhor forma de conhecer os sertões é embrenhando-se neles, e não fazer o que ele chamava de “sertanismo de gabinete, sertanismo de bigodinho”, como faria a ciência da época, a qual “muita coisa não entenderá destes lances de brasilidade operante. Mas a ciência oficial é uma coitada, de perninhas moles! E não sai de casa, como medo de se constirpar...”<sup>295</sup>.

Tanto em *Farras com o Demônio* como em *Jantando um Defunto* há explicações racionalizantes dos eventos estranhos. Há uma tentativa de ler a partir da “ciência” os fenômenos que o narrador diz presenciar nos sertões. Por exemplo, a feitiçaria não teria um caráter supersticioso, logo falso, mas sua eficácia e veracidade seria comprovada se abordada por teorias sobre o magnetismo animal, surgidas no séc. XVIII com o mesmerismo e provavelmente chegaram a João de Minas pelo espiritismo. O autor mineiro lança mão dessas “explicações científicas” para traduzir ao leitor como aquilo que ele presenciaria pudesse ser possí-

---

<sup>292</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, cap. 6; OLIVEIRA, Letícia Fagundes de. *A Cruzada Eugênica no Brasil: Eugenia e Sexualidade nas Décadas de 20 e 30.*, São Paulo, 2003, Dissertação (Mestrado em História Social), USP

<sup>293</sup> SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; FERRETI, Danilo José. *A Construção da Paulistanidade. Identidade, Historiografia e Política em São Paulo (1856-1930)*. Doutorado em História Social, São Paulo, FFLCH/USP, 2004, cap. 8.

<sup>294</sup> MINAS, João de. Os 26 Assassinos de Homens Louros, *Jantando um Defunto*, p. 146.

<sup>295</sup> MINAS, João de. *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, p. XIII.

vel. Nesse sentido, o movimento de valorização do sertão ia além de recuperar a natureza, os costumes e uma cultura representativa da brasilidade, pois considerava também a positividade e validade dos saberes de sua população e dos fenômenos estranhos que aí se passariam, se ambos fossem lidos por teorias científicas menos ortodoxas e abertas a dimensões que estão além da materialidade das coisas. Assim, teorias populares na década na qual João de Minas está escrevendo<sup>296</sup>, como a do magnetismo, dos fluidos etc. seriam capazes de explicar os inúmeros casos de transportes astrais, curas milagrosas, comunicação e controle de animais, percepções extra-sensoriais e outros fenômenos comuns no universo sertanejo.

\* \* \*

Os temas abordados nesses dois capítulos, em especial no último, não perduraram na maioria dos livros posteriores do autor, assim como a busca pelo sertão como essência da brasilidade perdeu o sentido. Se observarmos o conjunto da sua obra entre 1929 e 1936, perceberemos uma lenta e efetiva mudança temática após meados de 1933. João de Minas parece se preocupar em manter viva sua imagem de sertanista ao publicar com alterações um livro já esboçado ou reeditar com outros nomes suas primeiras obras, mas não parece muito interessado em discorrer sobre o tema. Já todos os seus romances, sertanejos e urbanos, mesmo se idealizados antes, serão escritos após 1931 e publicados a partir de 1934. Neles o universo acolhedor e unificado expresso pelos sertões se estilhaçou, dando lugar a um ambiente fragmentado e hostil expresso na vida das grandes metrópoles, sobre o qual o autor se debruçou com seu humor ferino. João de Minas foi lançado no mundo comum, expulso do mundo especial.

---

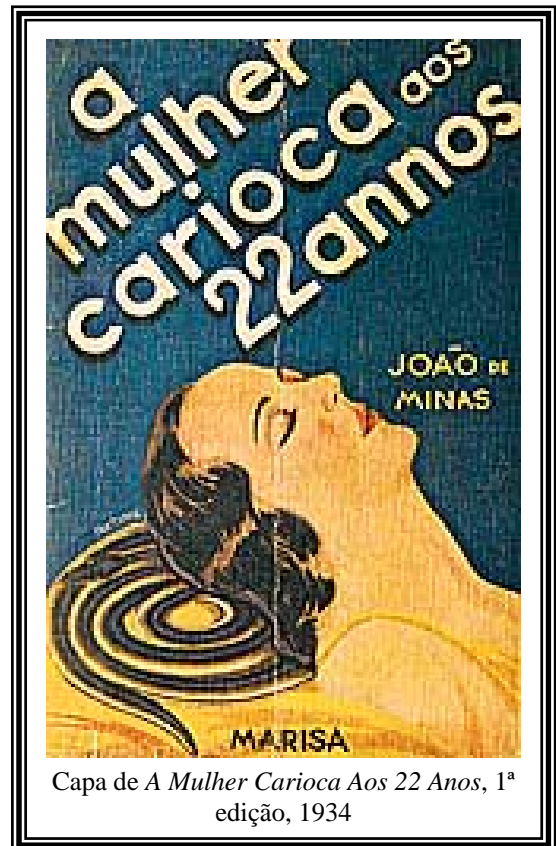
<sup>296</sup> TRINDADE, Liana Maria Salvia. “Ethos Urbano e Hierarquia do Saber” In: *Construções Míticas e História: Estudos sobre as Representações Simbólicas e Relações Raciais em São Paulo do séc. XVIII à Atualidade*. Tese de Livre Docência (Antropologia), FFLCH/USP, São Paulo, 1991, p 133-134. WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Ritos de magia e sobrevivência: sociabilidades e práticas mágico-religiosas no Brasil (1890/1940)*. São Paulo, USP, 1997, Tese (Doutorado) em História Social. Sobre o misticismo da década de 1920, em São Paulo, ver SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*, p. 224-227. Aqui este autor dá como exemplos o pendor pelo fetichismo mágico, o culto a Maria, e o interesse científico pelo sobrenatural e pelo oculto.

Parte II  
Um Sertanista  
Desabusado na  
Metrópole

## Escritos Sexuais



Capa de *A Dátilógrafa Loura*, 1934



Capa de *A Mulher Carioca Aos 22 Anos*, 1ª edição, 1934



Capa de *A Mulher Carioca Aos 22 Anos*, 2ª edição, 1937



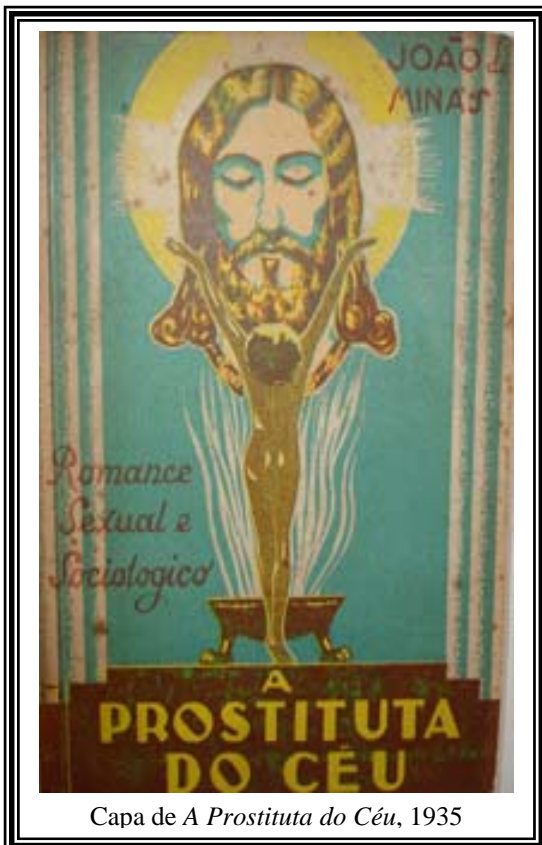
Capa de *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, 3ª edição, 1999



Capa de *Uma Mulher... Mulher*, 1934



Capa de *Fêmeas e Santas*, 1935



Capa de *A Prostituta do Céu*, 1935



Ilustração do conto "Meu Encontro com Jesus Cristo", publicado na revista *Sul América*, em Janeiro de 1933.

## Escritos Policiais



## Aspectos do inferno urbano

### Prelúdio: Os contos de Fêmeas e Santas

*Fêmeas e Santas* é um livro eclético, contendo textos de todos os gêneros nos quais atuou João de Minas: contos sertanistas, prévia de um romance sexual e do romance policial. Mas a maior parte do livro contém histórias ambientadas em Ouro Preto que contam casos de mulheres e suas agruras sentimentais ou devocionais, daí o título do livro. É a esse conjunto de histórias que estaremos nos referindo quando mencionarmos a obra, visto que as outras formas narrativas foram ou serão analisadas em outros momentos desta dissertação. O livro é de 1935, mas os textos foram quase todos escritos em 1929 e saíram tanto no jornal *O Paiz* e alguns na revista *Ilustração Brasileira* (1930), ocasião na qual era anunciado o livro prestes a ser lançado, intitulado *Mulheres do Céu*<sup>297</sup>.

Boa parte das narrativas é feita em primeira pessoa, e todas têm cunho autobiográfico, pois se referem a supostos episódios ocorridos na infância do narrador-personagem, lembrados na idade adulta. É interessante notar que nas narrativas nem todas os protagonistas são mulheres; em algumas são homens, o próprio João de Minas ou algum conhecido seu, como Justino ou Luciano.

O título do livro sugere já uma divisão entre dois tipos de mulheres. As Santas são aquelas que mantêm um ideal de virtude e moral sexual, a despeito das agruras do mundo ou do próprio desejo ou paixão: Maria Júlia foi abandonada pelo narrador e morre após vinte anos de espera, no exato dia que João de Minas retornou a Ouro Preto à sua procura<sup>298</sup>; Ester, grávida, foi assassinada pelo marido, que queria trocá-la pela amante, após forjar um suposto adultério da esposa. À moça, por sua inocência, foi atribuído um milagre<sup>299</sup>; D. Cecília, a princípio beata e avarenta, adotou uma criança abandonada<sup>300</sup>; Fernanda, mesmo ardendo de desejo, fez uma promessa de entrar para um convento e ser casta caso a vida de sua madrasta fosse salva, o que agradaria seu pai. No convento foi assediada por padres e freiras, acabando

---

<sup>297</sup> Uma possibilidade de análise, que não realizaremos aqui, é a comparação entre as crônicas do jornal e o que foi publicado em livro, buscando diferenças existentes.

<sup>298</sup> MINAS, João de. Meu Encontro Pessoal com Jesus Cristo, *Fêmeas e Santas*.

<sup>299</sup> MINAS, João de. A Criancinha no Ventre Materno, Defendia-se dos Botes do Punhal Assassino, *Fêmeas e Santas*.

<sup>300</sup> MINAS, João de. A Escalada Maternal da Bem-Aventura, *Fêmeas e Santas*.

por assassiná-los para manter sua promessa, até ser descoberta e processada pela lei civil<sup>301</sup>; já Luiza recusou-se a abandonar sua família para fugir com o amante<sup>302</sup>.

As fêmeas são aquelas que dão vazão às suas pulsões sexuais, colocando-as em primeiro plano: Dona Rosa assassinou o marido porque ele não a satisfazia sexualmente, fazendo promessa a S. Geraldo para dormir com ele toda noite<sup>303</sup>; Feliciano queria a todo custo um amor, tendo sonhos mirabolantes sobre amor e desejo<sup>304</sup>; Guiomar, que cantava na igreja, não deu vazão à libido, mas teve um acesso obsessivo por jogo de roleta no dia do seu casamento, ocasião na qual abandonou o marido e fugiu com o banqueiro do jogo<sup>305</sup>; por fim, Clarisse, mulher casada e amante Luciano, foi morta por este quando ele descobriu que também era traído, pois sua amada era amante de um cocheiro negro<sup>306</sup>.

As fronteiras entre a moral ou a transcendência e o desejo não são tão marcadas, não se excluem. Os contos mostram mulheres em várias condições: divididas entre sua moralidade e seu desejo (podendo ou não lhe dar vazão), defendendo sua moralidade contra o assédio do mundo, abandonadas ou traídas pelos amados ou maridos, ou possuindo amantes apesar da aparência de boa esposa.

A relação das personagens com a religiosidade parece mais calcada numa “intimidade quase desrespeitosa” do que num cânone ou dogma abstratos, muito próxima daquela sensibilidade religiosa do catolicismo popular que visa suprimir as distâncias, tratada por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*<sup>307</sup>. Todavia, João de Minas cria um efeito humorístico quando justapõe a figura celeste dos santos e santas a aspectos reconhecidamente mundanos. Por exemplo, dona Cecília, mãe de Justino, nos seus serviços de zeladora da igreja, era especialista em deslumbrar os fiéis através de efeitos:

D. Conceição ficava horas e horas trepada num altar, limpando, polindo, melhorando o riso de um santo, as chagas de um mártir, os olhos da Virgem. Gostava de ver as imagens remoçadas, como que saídas da higiene de um banho morno, com um pouco de pó de arroz. Uma vez, até, tendo a milagrosa Nossa Senhora do Rosário sair em procissão, de dia, D. Conceição passou um pouco de ‘rouge’ nos lábios da imagem. Nos olhos deu uns toques de carvão, pôs umas olheiras dulcíssimas. Porque não ficaria bem a

---

<sup>301</sup> MINAS, João de. Fernanda assassinou vinte e três pessoas, para poder salvar a sua alma, *Fêmeas e Santas*.

<sup>302</sup> MINAS, João de. Duas Lágrimas, entre Vinte Anos, *Fêmeas e Santas*.

<sup>303</sup> MINAS, João de. Assassina Infernal e Amante do Milagroso São Geraldo, *Fêmeas e Santas*.

<sup>304</sup> MINAS, João de. Sem o Perigo da Gravidez..., *Fêmeas e Santas*.

<sup>305</sup> MINAS, João de. A Guiomar, que cantava na Igreja, *Fêmeas e Santas*.

<sup>306</sup> MINAS, João de. Assassinou a Amante, e Depois Roíu-lhe Furiosamente os Ossos, *Fêmeas e Santas*.

<sup>307</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Edição comemorativa dos 70 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 163 e ss.



Nossa Senhora aparecer aos fiéis em pleno dia, com a face cansada e os olhos sem brilho. Os fiéis assim se enterneciam menos, não seriam pegados no sufragante.<sup>308</sup>

O livro satiricamente também apresenta a incoerência de uma religiosidade formal não acompanhada de uma ética efetiva. São personagens para quem a religião se limita a em ir ao templo, relegando os fundamentos cristãos a segundo plano. Roberta, madrastra de Luciana, é caracterizada como religiosa, pois “Na Igreja do Carmo, ali pertinho, estava se realizando o Septenário das Dores. Ah!, d. Roberta não perdia uma noite. Ela era tão religiosa!”<sup>309</sup>, mas era rude com a enteada: “Fernanda, ô diaba! Onde é que ocê ta, semvergonha? (...) Ocê, naturalmente, tava cunversano cum argum sordado, por cima do muro... Descarada! Tu tem de casá é mesmo na delegacia! Anda, vai vesti, que já tôcô o sino grande... Sua burra!”<sup>310</sup>

O mesmo acontecia com d. Cecília de Bretas e Andrada, a qual “perto dos 60 anos, tinha quase se santificado na sua imensa e imemorial devoção”<sup>311</sup>. A seguir vemos que essa devoção tinha ares de arrogância: já não se lembrava mais dos santos, “os inferiores do céu”, rezando apenas para Jesus e Maria. Assim, “nada recordava do mundo, porque seria conspurcar o coração, tendo saudades terrenas” pois “temia gastar neste mundo, por descuidos inevitáveis (ou diabólicos), a sua não já santidade, mas a sua divindade”<sup>312</sup>, motivo pelo qual não se entregou a homem nenhum, olhando-os apenas da cintura para cima. No caso de Cecília, essa arrogância se dissolveu quando encontrou um recém-nascido e decidiu adotá-lo:

D. Cecília de Bretas e Andrada, de um salto, tinha escalado a bem-aventurança, o céu do amor materno. Aos poucos, ia ela tendo a impressão de que descobrira um céu, um paraíso, alguma coisa roçando na santidade palpável, em forma física... Ela sentia-se mãe, e foi se esquecendo das igrejas, das rezas, da salvação da sua alma. Queria salvar primeiro o seu filho adotivo<sup>313</sup>

D. Cecília de Bretas e Andrada é o exemplo de personagem cuja trajetória evidencia uma mudança calcada num sentimento de amor verdadeiro, que a fez esquecer tudo a que se apegava. É um exemplo de caridade que reorienta o modo de ser e de pensar da personagem que se mostrava ridícula pelo ar de pretensa santidade. No conto “Duas Lágrimas Entre Vinte Anos”, Luíza tem uma satisfação íntima quando deixar o amor de sua vida em prol do seu filho. Ou Luciana que, renunciando sua volúpia, entrou para o convento para salvar sua madrastra, por

<sup>308</sup> MINAS, João de. *Assassina Infernal e Amante do Milagroso São Geraldo, Fêmeas e Santas*, p. 12-13.

<sup>309</sup> MINAS, João de. Fernanda assassinou vinte e três pessoas, para poder salvar a sua alma, *Fêmeas e Santas*, p. 85.

<sup>310</sup> MINAS, João de. Fernanda assassinou vinte e três pessoas, para poder salvar a sua alma, *Fêmeas e Santas*, p. 84.

<sup>311</sup> MINAS, João de. A Escalada Maternal da Bem-Aventurança, *Fêmeas e Santas*, p. 65.

<sup>312</sup> MINAS, João de. A Escalada Maternal da Bem-Aventurança, *Fêmeas e Santas*, p. 64.

<sup>313</sup> MINAS, João de. A Escalada Maternal da Bem-Aventurança, *Fêmeas e Santas*, p. 69.

amor a seu pai. Mantendo a serenidade no julgamento onde é acusada de assassinato, alegou fidelidade a Jesus Cristo ao se proteger do assédio sexual de abades e abadessas<sup>314</sup>.

Guiomar talvez seja o exemplo oposto de transformação. Em quase todo o conto “A Guiomar, que cantava na Igreja” é enfatizado na moça seu aspecto doce, meigo, santo, até que começasse a jogar roleta, quando se transmutou em função do vício inato: “Ela ganhava, perdia. Agitava a banca, provocava os parceiros. Cercava a sorte, ria, ficava furiosa, de repente. Cantava baixinho, de alegria. Fazia, enfim, um bruto movimento...”<sup>315</sup>. Na narrativa não há indícios de hipocrisia ou falsa religiosidade em Guiomar, o que realça a noção de que foi arrebatada por um impulso. Nesse aspecto podemos aproximar Guiomar a D. Rosa<sup>316</sup>, com a diferença que a religiosidade de D. Rosa está a serviço de suas vontades e desejos sexuais.

A mesma ambigüidade também acompanha os sacerdotes católicos. Alguns, mesmo com suas idiossincrasias, são apresentados como pessoas fiéis ao ofício e aos ideais. Este é o caso do padre Sérgio<sup>317</sup>, de Fernanda<sup>318</sup> e do padre Celestino<sup>319</sup>. Por exemplo, padre Celestino, após dizer que o céu é “católico, apostólico e romano”, mas que “o inferno, porém, há para todas as outras religiões...”, arremata

O sujeito com quem eu simpatizar, tem de ir fatalmente para o céu. Não deixo absolutamente a sua alma se perder. Se um amigo meu estiver em perigo de vida, e não chamar a religião cristã para assisti-lo, eu vou procurá-lo, e o obrigo a confessar-se, a beijar a cruz, e receber o Santíssimo... Se ele recusar, eu dou nele! Apanha, mas vai para o céu!<sup>320</sup>

Por outro lado, há sacerdotes mais preocupados com o próprio desejo. Então, o efeito humorístico é criado pela contraposição entre a prescrição de castidade católica e o voluptuoso ímpeto sexual dos religiosos. O caso dos sacerdotes que assediavam Fernanda é notório. O padre Astolfo, por exemplo, “fez-lhe propostas, explicando-lhe que na família da Igreja aquilo era assim mesmo, e ela devia calar-se e se submeter, para maior calma e paz da religião”<sup>321</sup>. Aponta no mesmo sentido a transformação do sacristão Justino, cujos hábitos mudaram ao se

---

<sup>314</sup> MINAS, João de. Fernanda assassinou vinte e três pessoas, para poder salvar a sua alma, *Fêmeas e Santas*, p. 84.

<sup>315</sup> MINAS, João de. A Guiomar, que cantava na Igreja, *Fêmeas e Santas*, p. 77.

<sup>316</sup> MINAS, João de. Assassina Infernal e Amante do Milagroso São Geraldo, *Fêmeas e Santas*.

<sup>317</sup> MINAS, João de. Assassinou a Amante, e Depois Roía-lhe Furiosamente os Ossos, *Fêmeas e Santas*.

<sup>318</sup> MINAS, João de. Fernanda assassinou vinte e três pessoas, para poder salvar a sua alma, *Fêmeas e Santas*, p. 77.

<sup>319</sup> MINAS, João de. A Criancinha no Ventre Materno, Defendia-se dos Botes do Punhal Assassino, *Fêmeas e Santas*.

<sup>320</sup> MINAS, João de. A Criancinha no Ventre Materno, Defendia-se dos Botes do Punhal Assassino, *Fêmeas e Santas*, 46-47.

apaixonar por D. Rosa. Imaginando que o sentimento era correspondido, declarou-lhe sua paixão e propôs que se tornassem amantes<sup>322</sup>.

Mesmo a transcendência, algumas vezes marcada por traços humanos, possui essa ambigüidade entre a moral cristã e o interesse individual. Por exemplo, como contrapartida da devoção, ora D. Rosa ora o sacristão Justino eram favorecidos com milagres por S. Geraldo, mas a maior dádiva era concedida a quem fizesse a promessa mais atraente, independente da graça pedida. Quem saiu ganhando foi a viúva: pediu que o sacristão da Igreja, que desconfiava do seu segredo (o assassinato de seu marido), ficasse louco e desacreditado pela comunidade; em troca prometia “dormir” com o santo toda noite, isto é, com uma imagem de S. Geraldo feita de pau. Outro caso de promessa atendida é a melhoria da saúde de D. Roberta, madrasta de Fernanda, desenganada pelo médico, cuja graça foi obtida à custa da moça prometer à Virgem Maria “ser irmã de caridade... a irmã Fernanda, esposa de Jesus, o vosso Filho!... Esposa de Jesus!”<sup>323</sup>. Em ambos os casos, a relação amorosa é encarada de forma literal tanto pela devota que faz a promessa quanto pela divindade que a atende.

Mas talvez o que predomine na providência divina são os aspectos de justiça e moralidade. Tal é o caso das rosas de Ester, enviadas por seu marido como se fossem de um suposto amante, que não murchavam diante do retrato da moça assassinada, num sinal claro de milagre que a tornava “A Santa das Casadas Infelizes”. Por outro lado, o marido assassino acabou louco num hospício comendo seus próprios dejetos fecais<sup>324</sup>. Em outro conto, Dr. Luciano soube pelo padre Sérgio que iria morrer dentro da igreja matriz, o que realmente ocorreu quando ele contou a João de Minas que matara D. Clarisse<sup>325</sup>. Também Jesus Cristo, ao encontrar João de Minas, disse-lhe:

Aquela que você procura, meu filho, morreu hoje, por causa do seu abandono. Ela o esperou, até o último alento. Morreu pronunciando o seu nome. Você a matou... Vai pelo mundo, sofre de novo, E você pagará assim o seu imenso pecado. Porque é pecado mortal mentir ao amor de uma mulher! Vai, meu filho. E quando eu o chamar, é que já o perdoei...<sup>326</sup>

---

<sup>321</sup> MINAS, João de. Fernanda assassinou vinte e três pessoas, para poder salvar a sua alma, *Fêmeas e Santas*, p. 95-96.

<sup>322</sup> MINAS, João de. Assassina Infernal e Amante do Milagroso São Geraldo, *Fêmeas e Santas*.

<sup>323</sup> MINAS, João de. Fernanda assassinou vinte e três pessoas, para poder salvar a sua alma, *Fêmeas e Santas*, p. 89.

<sup>324</sup> MINAS, João de. A Criancinha no Ventre Materno, Defendia-se dos Botes do Punhal Assassino, *Fêmeas e Santas*.

<sup>325</sup> MINAS, João de. Assassinou a Amante, e Depois Roía-lhe Furiosamente os Ossos, *Fêmeas e Santas*.

<sup>326</sup> MINAS, João de. Meu Encontro Pessoal com Jesus Cristo, *Fêmeas e Santas*, 35.

Notemos que a presença do sobrenatural aqui é distinta daquela dos escritos sertanejos. No livro *Fêmeas e Santas* a transcendência não causa uma consciência dividida ao narrador João de Minas, o mesmo que narra as aventuras sertanejas, apesar de *Fêmeas e Santas* manter o traço de intimidade e relacionamento constantes entre o aquém e o além, próprio de um catolicismo popular no qual os santos adquirem trejeitos humanos. Assim, no mundo evocado pelos contos, a existência de santos e sua intervenção no cotidiano não é nunca questionada, pois essas entidades exercem um papel específico: o de auxiliar os fiéis em troca de favores que lhes interessem ou exercerem a justiça por alguma infração moral.

As considerações anteriores nos levam a afirmar que o conflito moral inerente aos contos oscila entre um pólo de virtuosidade cristã e outro marcado pela satisfação cega dos desejos, principalmente os sexuais e amorosos. Assim, a ambigüidade e dualidade inerente ao título do livro se espraia pelo narrador (um pouco mais distante e observador), pelas personagens femininas ou masculinas, pelos religiosos e pela própria transcendência.

Notamos também que as polaridades desejo/arrogância e virtuosidade provém de sentimentos sinceros das personagens, não meras aparências socialmente mantidas. Tal polaridade tem um caráter dinâmico na narrativa: é possível passar de um pólo a outro nos dois sentidos. Não sendo definidas pelas atitudes externas (ironizadas pelo narrador) mas pelos sentimentos, as categorias “fêmeas e santas” representam um mundo dividido no qual as duas instâncias convivem antagonicamente apesar de sua ambigüidade e interrelação, com os quais o narrador joga em suas histórias, seja dentro da mesma personagem, seja em duas ou mais personagens. Assim, a oposição entre “fêmeas e santas” parece constitutiva do mundo evocado pelo livro, um mundo ainda fechado às mudanças históricas. Muito provavelmente por seu caráter supostamente autobiográfico, no qual a memória é evocada, passado e presente se recobrem nas narrativas; o tempo age sobre os destinos individuais das personagens, mas mantém intacta a ordem do mundo recriada nesse livro.

Tendo como perspectiva o desenvolvimento dos temas em toda a obra literária de João de Minas, os contos de *Fêmeas e Santas* podem ser considerados uma transição: entre um mundo no qual ideais/desejos conduzem a finais felizes e no qual é possível uma transcendência que dialoga cotidianamente com as personagens; e outro mundo permeado pela pura imaginação, cujos valores de referência são a realização do desejo sexual e a aquisição de poder e dinheiro (que aqui pouco aparecem). Há nesses contos tanto elementos dos escritos sertanejos quanto dos romances sexuais de 1934. Nesse sentido, talvez os escritos da “Revolução Sexual

Brasileira” abaixo analisados sejam efeito da radicalização das posições do autor em favor da imanência do mundo e dos desejos, já presentes de forma atenuada em *Fêmeas e Santas*.

### À moda de Benjamin Costallat: os romances sexuais

Ao que parece, a mudança de gênero e tema, de contos sertanejos para romances de costumes, foi instigada em João de Minas por críticos e amigos. A primeira assertiva veio de João Ribeiro na crítica a *Jantando um Defunto*, em 1929. Constatou que “é realmente de escritor de prodigiosa imaginação e de grande originalidade na expressão o livro de João de Minas”<sup>327</sup> e, após comentar o equívoco das “Revoluções” de seu tempo, disse tratar o livro sob o aspecto literário. Então, ao comparar João de Minas a Euclides da Cunha, comenta: “Certamente, João de Minas poderia empregar melhor o seu talento num romance ou num livro de viagens pelo planalto onde se passam as histórias da sua narrativa”<sup>328</sup>. João de Minas pareceu seguir as duas sugestões. Sobre os romances sexuais, comentou:

O meu eminente mestre, o acadêmico João Ribeiro, me convidou a escrever um romance. Isso foi naquela sua crítica, no ‘Jornal do Brasil’, ao meu livro de estréia ‘Jantar de Um Defunto’ [sic], em 1929. João Ribeiro, admitindo a minha ‘prodigiosa imaginação’, achava que eu aplicava mal essa ‘imaginação’, não a queimando nas luxúrias de um romance... Veio-me, então, a idéia sinistra de fazer um desses volumes, em que Benjamin Costallat tanto se immortaliza, no maravilhoso campo do analfabetismo nacional.<sup>329</sup>

O mesmo incentivo para fazer romances veio de Veiga Miranda, que teria dito para João de Minas: “Ah, vício! Você só fica fazendo coisa de sertão. Faça romance. Você é um ficcionista, rapaz!”<sup>330</sup>. Provavelmente por comentários assim que Veiga Miranda deve ter sido um dos primeiros a ler os rascunhos de *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, escrito em 1931:

Aí por meados de 1932, recebia eu em Franca a visita de Veiga Miranda, que ali é aparentado com os coronéis donos da formosa cidade paulista. Li ao eminente escritor o calhamaço, e ele ficou calado, assim amarrado...

- Você não gostou?... – indaguei ansioso do meu amigo

- Gostei imenso... Mas você ou é um precursor, que a crítica literária mais tarde elevará às culminâncias, ou um louco banal, um tarado.

Assim me falou o luminoso amigo, que me honrara ouvindo minha xaropada...<sup>331</sup>

<sup>327</sup> RIBEIRO, João Apud MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. XXIII.

<sup>328</sup> RIBEIRO, João Apud MINAS, João de. *Farras com o Demônio*, p. XXIV.

<sup>329</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 anos*, p. 9.

<sup>330</sup> Depoimento de Caio Porfírio Carneiro, p. 6

<sup>331</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 anos*, p. 9-10.

Além dos incentivos, João de Minas deixou pistas sobre a inspiração literária dos seus romances. A primeira é a referência em seu pseudônimo a João do Rio, o qual conheceu pessoalmente. A segunda, explicitada acima, vem a partir da obra de Benjamin Costallat, que fez sucesso com obras cujo traço marcante é a representação de “gente que constituía expressão típica do vício e do cosmopolitismo corruptor daquelas ‘inchadas’ cidades brasileiras”<sup>332</sup>. Relacionar a obra de João de Minas a esses dois autores já daria um trabalho, que foge ao proposto aqui. Todavia, notemos que o tema literário da cidade, na qual o cosmopolitismo da modernidade implicava a exacerbação dos vícios, já estava presente em João do Rio no início do XX, sendo retomado por Costallat ao longo da década de 1920<sup>333</sup>. Nossa preocupação neste capítulo será a de ver como João de Minas, nos anos 30, imprimiu sua marca específica num gênero de bastante sucesso à época<sup>334</sup>.

Nos prefácios dos romances sexuais, João de Minas afirma seu caráter verossímil, mas considerando agora não a factualidade jornalística, mas seu caráter ficcional. A ficção, para o autor, não se contrapõe à realidade vivida, na medida em que “o leitor que ler este livro com a competente malícia, compreenderá logo o movimento das máscaras. E decifrará os heróis e a heroína. Porque eles estão vivos, por aí...”<sup>335</sup>. Esta afirmação pode ser generalizada para todos os outros romances, ou seja, os livros se propõem a ser “uma ponte entre a república velha e a nova”<sup>336</sup> e retratar “a realidade sexual brasileira, nos grandes centros urbanos do país”<sup>337</sup>.

De fato, é a questão sexual que explicitamente permeou todos os romances da coleção “Revolução Sexual Brasileira” efetivamente lançados<sup>338</sup>, traço percebido já na sinopse dos livros: *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, ambientado no Rio de Janeiro, conta a história de Angélica, filha do comendador Anfrísio que enriqueceu ilicitamente. Depois de assediada por

---

<sup>332</sup> Costallat, *Apud* SALIBA, Elias Thomé. A dimensão cômica da vida privada na República. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). *História da Vida Privada no Brasil* v. 3: República: Da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 332.

<sup>333</sup> Referenciamos aqui dois autores que João de Minas certamente leu. Todavia, vários outros autores foram expressivos desse gênero literário que fez sucesso nas primeiras décadas do século, como Théó Filho, Hilário Tácito, Romeu Avelar etc.

<sup>334</sup> Sobre o sucesso do gênero nos anos 20, ver os textos de Brito Broca sobre Benjamin Costallat: Costallat e Mille. Cinema. In. *Escrita e Vivência*. Campinas: Unicamp, 1993, pp. 130-133; Costallat: Uma época. In. *Escrita e Vivência*. Campinas: Unicamp, 1993, pp. 183-187; Escritores que ficaram demodés. In. *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: Vida Literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas: Unicamp, 1991, pp. 340-344.

<sup>335</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 anos*, p. 11.

<sup>336</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 anos*, p. 11.

<sup>337</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 anos*, p. 10.

<sup>338</sup> Além dos romances arrolados a seguir, João de Minas chegou a anunciar outros livros da coleção (os quais nunca localizamos): no prefácio de *A Mulher Carioca aos 22 anos* menciona um romance intitulado “Amor Livre”; e anunciou *A Mulher Carioca aos 30 anos*, do qual publicou um capítulo em *Fêmeas e Santas*.

várias pessoas, termina casando com Asdrúbal que, após roubar sua fortuna herdada, fugiu com uma dançarina, levando Angélica e o filho a morrer de tristeza. Já *Uma Mulher... Mulher!*, ambientado em Araraquara e São Paulo, é protagonizado por Luciana que, apesar de se casar com Setúbal, sofria de obsessão por homens de olhos verdes. Tornou-se amante do médico Felipe, filho de Setúbal, que tinha olhos semelhantes ao de sua primeira paixão, Abelardo. *A Prostituta do Céu* ambienta-se em Ouro Preto e trata das dificuldades de Cecília, uma vendeira bastante assediada pelos homens da cidade. Moça bondosa, prostitui-se para fazer caridade, mas morre velha e muito pobre, abandonada por aqueles que ajudou. A segunda parte do romance se passa no céu, onde a rejuvenescida Cecília passeia em companhia de Jesus, encontrando personagens históricas (Dante, Castro Alves, Homero etc.) e presenciando os suplícios daqueles que lhe fizeram mal na terra. Por fim, *A Datilógrafa Loura* conta a história, os sonhos e as dificuldades da datilógrafa Altamira, que sustenta a família (mãe, irmão e tia) com seu mísero salário, além de ser assediada pelo chefe Alfeno. As inúmeras dificuldades que padece na capital paulistana, como a prisão de seu irmão, a doença de sua mãe e o abandono por seu amado Jonas, levam-na a se tornar prostituta da cafetina Alina.

O enredo dos quatro romances se desenrola a partir dos conflitos vividos por mulheres muito bonitas entre seus ideais de virtude e suas paixões, a exemplo de Luciana de *Uma Mulher... Mulher!*, ou entre esses ideais e o mundo a sua volta, como Altamira de *A Datilógrafa Loura*, Angélica de *A Mulher Carioca aos 22 Anos* e Cecília de *A Prostituta do Céu*. No plano afetivo se almeja uma relação amorosa duradoura ou um casamento, pautados na cumplicidade mútua, e no plano social almeja-se o ideal de uma vida honesta, pautado na caridade cristã e valores burgueses. Por isso, as protagonistas são qualificadas pelo narrador como santas ou, negativamente, como ingênuas.

Todas as protagonistas querem um casamento por amor, recusando casamentos arranjados por seus pais. Altamira seria casada com um juiz, casamento que não se concretizou por causa da falência do pai, o qual expulsara da fazenda o seu amor, Jonas. Aguardando-o, “ela fugiria, se casaria por amor, viveria páginas de romances de Dely, de Chantepleure, de Afrânio Peixoto”<sup>339</sup>. Altamira reencontrou Jonas major em São Paulo, reacendendo sua antiga paixão. Também Angélica recusou-se a atender a vontade do pai de casá-la com o deputado Dr. Bandeira, porque não o amava<sup>340</sup>, buscando realizar seu amor com Asdrúbal. Luciana, logo no início de *Uma Mulher... Mulher!*, fugiu por amor com Abelardo, recusando a se casar

---

<sup>339</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 24-25.

<sup>340</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 129-131.

com Setúbal pela vontade de sua mãe. Somente após ser abandonada por Abelardo, aceitou por sua vontade e gratidão proposta de casamento do rico advogado. Apenas Cecília não se apaixonara por ninguém.

Esse ideal amoroso é melhor formulado no romance policial *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, motivo pelo qual citamos o trecho aqui: salpicado ao longo da narrativa, é melhor desenvolvido no 7º episódio, num diálogo sobre amor livre entre Roberto e Helena. O teor é a defesa “do amor livre, do amor moral e casto, sem escritura pública, onde o juiz e a lei assumem um indisfarçável papel de agentes de escravas brancas”<sup>341</sup>, que lembram muitas das críticas libertárias ao casamento<sup>342</sup>. Nas palavras de Helena:

Não me proíba de achar a felicidade, Roberto... Escuta: a minha felicidade é você. Mas... você mesmo sem o querer pode me impedir de encontrar a você mesmo. Suponhamos que você, que eu tenho à mão tão facilmente, se esconda atrás de alguns séculos de burrice e de traça, ou de bolor, de fórmulas hipócritas e complicantes... (...) porque o casamento é isso: essa complicação toda. Ele tapa a realidade linda e livre da vida. Ele envelhece, com a sua velhice ensebada, a mocidade do amor. Por isso é que toda moça que se casa, no dia seguinte ao casamento estranha o marido. O casamento tapou o namorado da véspera, envelheceu-o, deu-lhe um ar de patrão, de dono de um contrato. Assim, a figura inocente e leve do namorado da véspera engrossou no marido-proprietário... Não há moça que não chore o assassinato do seu namorado da véspera, assassinato cometido pelo casamento...<sup>343</sup>

Severino também se empolga com a idéia, e propõe a Ana, sua namorada, “casar pelas leis sublimes do amor livre. Eu te quero, Você me apetece, minha nega. Res, non verba.. Portanto, vamos daqui para casa, casados já, pelas leis da natureza. Eu tenho um amigo que se casou assim, e tem até engordado... É o dr. Roberto, da raça dos Paes Leme...”<sup>344</sup>. O resultado é um tapa na cara de Severino. Todavia, mesmo com o arrependimento de Ana, já disposta a aceitar o amor livre, ambos se “casam de verdade” no final do livro.

Tal idéia do casamento por amor, expressa sob a bandeira do amor livre já nas primeiras décadas do século nos meios libertários brasileiros<sup>345</sup>, tornou-se uma reivindicação de

<sup>341</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 127.

<sup>342</sup> Comparemos com a citação de um jornal libertário: “Amor livre, não é, como alguns pretendem e outros julgam, as relações sexuais havidas de momento em praça pública, ou num andar registrado sob um número de polícia. (...) É um todo formado pelo homem e pela mulher que se completam. (...) Vivem juntos porque se querem, se estimam no mais puro, belo e desinteressado sentimento de amor; vivem juntos porque é essa a sua vontade e não estão ligados por determinação alheia nem por interesses que a um digam respeito (...) amor livre é a plena liberdade de amar e não a forma hipócrita do casamento em que o homem e a mulher ligados indissolúvelmente pelo casamento civil ou religioso são obrigados pelo preconceito a suportarem-se com enjôo. (...)” Antonio Altavila, *A Voz do Trabalhador*, 1º/2/1915. Apud RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a Utopia da Cidade Disciplinar*. Brasil: 1890-1930 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987, p. 104.

<sup>343</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 126-127.

<sup>344</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 146-147.

<sup>345</sup> “O amor livre não significa a apropriação comum da mulher, mas quer dizer: a liberdade ilimitada para a mulher, como para o homem, de amar quem quiser, a liberdade de concentrar sobre uma pessoa, antes que



parte das mulheres jovens de elite e das classes médias que cresceram na década de 1920, a despeito da rigidez do papel social – a rainha do lar<sup>346</sup> – que lhes era prescrito. Como resultado de um processo de urbanização da cidade de São Paulo, as famílias da elite paulista deixaram de morar em suas fazendas para habitar a cidade. Na mudança, recusaram imagens que lhes identificassem com o passado rural ao qual economicamente ainda estavam vinculadas, para isso se mostrando como grupo portador de valores modernos ligados à civilização e ao progresso<sup>347</sup>. Esse processo conjuga-se à maior presença e visibilidade da mulher de elite na esfera pública, agora como consumidora (se bem que ainda poderia ser malvista se saísse sem a companhia do homem); e a uma remodelação da família em moldes burgueses – família nuclear composta de pai-mãe-filhos, à mulher cabendo a esfera do lar – contrapondo-se à família estendida do meio rural, na qual cabia à mulher um papel preponderante na organização dos serviços domésticos ligados à produção e coordenando o trabalho dos escravos na casa<sup>348</sup>.

No plano conjugal, alguns dos eixos nos quais se exprimem esse desejo de modernidade são a recusa do casamento como pretexto de aliança entre famílias (e seu patrimônio) e a liberdade de escolha conjugal (fim dos casamentos impostos). Esses eixos de aspirações, muitas vezes figurados na oposição entre pais e filhas, jovens e velhos, alcançaram a literatura ao ser tema de vários romances na década de 20. Nestes, o ideal do casamento por amor é próprio das mulheres que aspiravam a certa igualdade e cumplicidade afetivas ao conceber um novo modelo de homem ideal – o homem sensível e carinhoso, companheiro de afetividade e sobretudo fiel<sup>349</sup>. A cumplicidade afetiva não significava igualdade de papéis sociais, pois toda essa reivindicação mantinha ainda a visão da mulher como “rainha do lar”, a mãe e esposa dedicada ao meio doméstico, enquanto que caberia ao homem a tarefa de provedor das ne-

---

sobre outra, todos os afetos. Quer dizer noutros termos: subtrair-se à terrível tirania dos pais, dos parentes e dos seus substitutos, que querem impor-lhe um marido do gosto deles, para amar livremente o objeto dos seus sonhos” Oreste Ristori, *A Terra Livre*, 2-4-1907. *Apud* RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a Utopia da Cidade Disciplinar*. Brasil: 1890-1930 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987, p. 105

<sup>346</sup> Sobre o papel da mulher como rainha do lar, ver MALUF, Marina e MOTT, Mária Lúcia. *Recônditos do mundo feminino*. In: *SEVCENKO, Nicolau* (Org). *História da Vida Privada no Brasil* v. 3: República: Da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 367-421.

<sup>347</sup> SCHPUN, Mônica Raisa. O amor na literatura: um exercício de compreensão histórica. *Cadernos Pagu* (8/9) 1997, Núcleo de Estudo do Gênero, Unicamp, Campinas-SP, p. 180

<sup>348</sup> Margareth Rago aponta as diversas contradições e restrições impostas às mulheres na inserção no espaço público burguês, como a vigilância de sua presença na rua, o papel auxiliar em relação ao homem (principalmente na condição de consumidora), a constituição antitética do par simbólico prostituta-mãe, a imagem de mulher fútil. A autora também relativiza as generalizações dos memorialistas sobre a fragilidade feminina ao apontar trajetórias de mulheres da elite como Veridiana da Silva Prado. RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, pp. 46-67 (visibilidade feminina)

cessidades econômicas da casa<sup>350</sup>. Mesmo mantendo esse papel social, o ideal do casamento por amor revela reivindicações da mulher por uma melhor condição (afetiva) de vida<sup>351</sup>, muitas vezes frustradas pela falta de correspondência do homem, cujo modelo de masculinidade entra em conflito com o ideal feminino ao preconizar uma vida sexual onde prevalece disponibilidade e desejo, no qual a virilidade é reforçada pela posse de outras mulheres<sup>352</sup>.

Nos romances de João de Minas, tal ideal de uma vida conjugal afetivamente isonômica é esvaziado, pois não resistem aos mais diversos interesses egoísticos masculinos, sejam sexuais ou pecuniários. As protagonistas podem ter os seguintes destinos: ou sucumbem às regras do mundo e renegam seu ideal de casamento amoroso para manter a sobrevivência econômica (*A Datilógrafa Loura*) ou psíquica (*Uma Mulher... Mulher!*), ou apegam-se a seus ideais, mas morrem (*A Mulher Carioca aos 22 Anos*) ou ambos ao mesmo tempo, como Cecília (*A Prostituta do Céu*), que se prostitui para fazer caridade, mas morre na sarjeta quando envelhece. Cecília é o exemplo máximo, mas não o único na obra de João de Minas, de como a manutenção da moral cristã em um plano requer a sua negação em outro. Mais especificamente, para dar dinheiro aos pobres ela se prostitui e tira o dinheiro dos velhos e ricos: “ela punha-lhes na boca noturna a sucção luminosa do seu beijo. Mas tudo à custa de muita nota. Ela queria era a nota.” (*A Prostituta do Céu*, p. 78). Altamira (*A Datilógrafa Loura*) teve o mesmo destino: abandonada por seu amor, vendo sua mãe morrendo e seu irmão ser preso, para salva-los aceitou o convite de uma cafetina para se prostituir. A caracterização de Angélica feita pelo narrador em *A Mulher Carioca aos 22 Anos* talvez defina a situação dessas protagonistas em relação ao mundo que as cerca:

Angélica era o tipo representativo da mulher carioca. Tinha a espiritualidade carnal. Era essencialmente honesta e pura. Só não admitia que a virtude fosse feia e analfabeta. Todavia, essa linda criatura não era

---

<sup>349</sup> “Homens apaixonados e fiéis, compreensivos e sensíveis, verdadeiros companheiros, eis a utopia feminina no tocante ao casamento.” SCHPUN, Mônica Raisa. O amor na literatura: um exercício de compreensão histórica. *Cadernos Pagu* (8/9) 1997, Núcleo de Estudo do Gênero, Unicamp, Campinas-SP, p. 203

<sup>350</sup> Sobre o papel da mulher como rainha do lar, ver MALUF, Marina e MOTT, Mária Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). *História da Vida Privada no Brasil* v. 3: República: Da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 367-421.

<sup>351</sup> “Apesar de toda a carga normativa imbutida nessa ‘ideologia do amor’, que impõe tantas restrições às mulheres – especialmente sexuais –, essa luta assume um sentido prático e exprime uma consciência lúcida do estatuto precário das relações conjugais. Selecionar os maridos e transformar o tratamento que estes habitualmente dedicam às suas esposas torna-se assim uma medida de proteção da qualidade de vida.” SCHPUN, Mônica Raisa. O amor na literatura: um exercício de compreensão histórica. *Cadernos Pagu* (8/9) 1997, Núcleo de Estudo do Gênero, Unicamp, Campinas-SP, p. 198.

<sup>352</sup> SCHPUN, Mônica Raisa. O amor na literatura: um exercício de compreensão histórica. *Cadernos Pagu* (8/9) 1997, Núcleo de Estudo do Gênero, Unicamp, Campinas-SP, p. 201-202

do seu tempo, quando não se crê mais no amor, porque não se crê mais na família. Era romântica, sonhadora, e acreditava na felicidade<sup>353</sup>

Ou mais sarcasticamente nas palavras de Asdrúbal, seu futuro marido:

Angélica? Era uma coitada, uma romântica, uma boba. Era o tipo da mulher carioca aos 22 anos, uma trouxa! Honesta, pura, acredita no amor, quando o amor morreu... mas tinha o burro do dinheiro. (...) Angélica, fácil de embulhar, ficaria de um lado, revirando o branco do olho à 1830... Que cretina, minha Nossa Senhora!<sup>354</sup>.

O destino não é cruel apenas com as protagonistas, mas com todas aquelas personagens de elevado status social que acreditam no amor. Setúbal de *Uma Mulher... Mulher!* amava Luciana, que o traiu com o filho e o abandonou. Anfrísio, pai de Angélica, sofreu bastante ao saber que fora traído pela adorada mulher e por seu sócio e melhor amigo Sebastião, também sendo extorquido pelo dono do jornal que ameaçava publicar o caso de adultério. Ambas as personagens ascendiam na vida profissional, social e política utilizando procedimentos escusos como suborno e assassinatos mas, quando aderiam aos ideais de virtude, começavam a se dar mal, como revela a descrição de Anfrísio com o passar dos anos:

O vitorioso comendador, esse entrava em decadência, e não era mais o perdigueiro do ouro, o cão negociante. Suavizava-se, prostituía-se em serenidades impotentes. Há quem diga que a santidade é uma forma de impotência. Anfrísio então resvalava para a bem-aventurança. Agora, o seu amor pela mulher era religioso, devassamente religioso.<sup>355</sup>

Essa devassidão religiosa o levou à morte pelo desgosto com a traição da mulher.

Nos quatro romances, há casos de amor sincero: entre Altamira (*A Datilógrafa Loura*) e Jonas, que não se casam por uma informação equivocada que leva o aviador a achar que Altamira tinha uma “conferência” com o poeta Arlindo. Também entre Asdrúbal (*A Mulher Carioca aos 22 Anos*) e Salvina (socialmente conhecida como a dançarina egípcia Tamar Jom Rá), que se reencontram depois de muito tempo ao serem separados na época da Gripe Espanhola, os quais esperam Asdrúbal dar o golpe em Angélica. Em *Uma Mulher... Mulher!* o casamento entre Setúbal e Luciana também é envolvido por uma aura de amor, mas que não resiste à volúpia de Luciana por Felipe. Assim, ou o amor não se concretiza, ou é efêmero demais, ou se realiza às custas do sofrimento alheio. Não há espaço para a felicidade amorosa duradoura e imaculada.

---

<sup>353</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 27.

<sup>354</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 178.

<sup>355</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 77.

Outro indício de afronta aos ideais amorosos nos romances é o ideal de masculinidade que visa o uso sexual das mulheres, expresso nas tentativas de assédio e sedução.

Um dos grandes conflitos das protagonistas é lidar com o assédio sexual masculino, muitas vezes seguido de chantagem, no qual os homens buscam tirar proveito de uma situação favorável para transar com as mulheres. Angélica, ao tentar desmentir um artigo publicado por Eusébio sobre sua suposta participação nas orgias do dr. Fortes, é assediada e ameaçada:

Você é uma rameira, como a sua mãe. Já, suspende a saia! Eu gosto de fazer o serviço é em pé... (...) Senão, eu não desminto a nota de hoje sobre a *garçonnière*. O Fortes não tem recibo do pagamento que me fez... Pelo contrário, publicarei um medonho artigo. Acrescento ao lado umas cartas da sua mãe, que guardei no original... Você cede ou não cede, sua descarada?<sup>356</sup>

O assédio pode ser feito com malícia, como a chantagem do agiota Conde de Sabugosa a Cecília em *A Prostituta do Céu*, que ameaça lhe tomar a casa. O acordo para quitação da dívida seria o seguinte:

Mas temos um remédio, isto é... um negócio. Eu, aliás, tenho bom coração. É o meu feito! É o seguinte, escute bem: uma vez por semana eu simulo uma viagem, e venho ficar com você. Você conhece o Celeste, o meu filho! Pois aqui é que está a sua tarefa importante, e até patriótica... Sim, porque a mulher que salvar o Celeste, salva um futuro grande homem! um Talento! que prestará ótimos serviços à sua pátria... algum dia!... Muito bem. Você terá também que amansar o Celeste, mas todo dia, o mais possível. Quero que você lhe levante os brios, faça dele um homem, ensine-lhe o que é uma mulher. Ele tem 18 anos. No começo você terá que forçá-lo, de provocá-lo... Quero prepará-lo para um bom casamento, um casamento rico, que tenho em vista. Está claro, porém, você fique sabendo! está, claro, repito, que o meu filho não deve saber que você anda também comigo. É por causa do respeito, da dignidade, da família... (...) Sim, porque nessas coisas de respeito, de dignidade, de família... sou inexorável!<sup>357</sup>

Os trechos apresentam algumas formas de assédio às protagonistas. O primeiro é direto, onde o homem parte de uma idéia pré-concebida, a de que a personagem é como as “outras mulheres”, não se importando com sua inocência. O foco é o homem que tem meios bruscos para realizar seu desejo sexual. No segundo trecho o discurso é semelhante, mas o efeito cômico é criado pelo discurso cínico que, pautado em valores transcendentais de patriotismo e família orientados para um fim nobre, encobre a violência do assédio. Nos romances do escritor mineiro, o tipo de assédio sexual tal como representado acima é regra, não exceção. A trama da narrativa se pauta no quanto as mulheres conseguem resistir a esse investida de quase todos os homens. Normalmente ou se fazem de desentendidas ou reagem energicamente,

---

<sup>356</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 155.

<sup>357</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 25-26.

sendo malsucedido o intento dos trechos citados: Angélica assassina Eusébio com uma arma que levava na bolsa, e Cecília expulsa a tapas o conde Sabugosa de sua casa.

Além do assédio, também é comum a sedução, método menos brusco mas com a mesma finalidade: fazer sexo com a mulher e largá-la em seguida ou aproveitar-se de sua riqueza, quando tem recursos. Os homens não possuem sentimentos de paixão ou pretensões conjugais sérias, mas os simulam para atingir seus fins. Essa foi a tentativa de Abelardo em relação a Luciana no início de *Uma Mulher... Mulher!*, assim descrita pela tia Zaías

seu Abelardo dis qui pagou cerveja lá no hotel, antes di vim cá ti busca, i contou prus coupanhêro dele qui naquela horinha ia robá uma moça, ocê mesmo... (...) Entonce, isto é... o seu Abelardo inté disse que ia ti levá pra Campina... mais qui ele gostava era de uma mulata boa... qui ele tinha lá em Campina... (...) E qui ocê mais tarde ia ficá cumu creada da mulata, servino ela cumu creada... O seu Abelardo disse isso tudo, i veiu aqui ti busca...<sup>358</sup>

A conquista foi bem sucedida, mas a protagonista retornou para a casa da mãe antes de deitar-se com Abelardo. Em *A Prostituta do Céu*, Cecília sofreu uma tentativa malsucedida de ser seduzida pelo estudante Saldanha, que

nunca perdera uma mulher, que laçava fatalmente todos os corações, com um par de olhos negros e um bigodinho vertiginoso, apostara na sua república (a dos Frades de Pedra, na rua São José) que dentro de uma semana devoraria Cecília... Mas há dois meses que Mefistófeles vinha ao Bom Tempo, todas as noites, e ali ficava horas gastando sentado a um canto, vestido com romântica elegância, com uma névoa de pó de arroz no rosto de marfim, tristonho. Já ele fizera versos para Cecília. Já chorara, para ela ver. Era essa a sua arma decisiva. Chorava, puxava as lágrimas dos olhos com o cheiroso lenço de seda, e jogava-as sobre a vítima (...) Mas esse expediente de Saldanha falhara com Cecília.<sup>359</sup>

Mais profissional é o método de Arlindo Mistral em *A Datilógrafa Loura*, cuja organização visa não só seduzir as datilografas mas as transformar em prostitutas de luxo:

A mulher que ainda não provou do homem é em geral um ser doido, imensamente sugestionável. Por qualquer coisa, deixa-se levar. (...) Começamos por convidar as míseras datilografas, mas milionárias de frescura, de mocidade, a almoçar um bife a cavalo na nossa garçonière como amiguinhas, com todo o respeito... Elas vêm... e nós lhes enfiemos nas cabeças sonetos, idéias de arte, cançonetas, tangos argentinos, gemidos de violino, e... bebidas, em lindos cálices. (...) Damos às pequenas retratos de artistas de Holliwood, com autógrafos falsificados. Fazemos preleções sobre a vida sublime das atrizes, as maravilhas do cinema...e (...) lá um dia uma de nossas amiguinhas aceita uma pitada de cocaína. Uma pitadinha, na ponta da unha... assim... Uma outra, muito em particular, submete-se à nossa crítica plástica. E mostra a perna, os seios, o ventre, as axilas. Assim, só assim é claro podemos saber se uma determinada garota serve para o cinema, para o teatro, para a declamação, para a dança, para as estatuas vivas... os grupos plásticos (...) tolices, já se vê, mas que endoidecem as mulheres, todas as mulheres, até as ve-

<sup>358</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 28.

<sup>359</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 29.

lhas, já desglandulizadas. Afinal, as imbecis vão caindo. Cada uma, regularmente, tem de passar pelos braços de cada um dos 13 vampiros, os 13 bambas gostosos...<sup>360</sup>

Tal sedução é pautada na manipulação dos sonhos e das emoções femininas, como o antigo ideal de amor romântico ou a ânsia do estrelato hollywoodiano. João de Minas mostra em alguns trechos como o cinema moldava os ideais femininos. Por exemplo, após o pai de Altamira flagrá-la com Jonas e expulsar o rapaz da fazenda, a futura datilógrafa se revoltou, apelando para a verdadeira fonte de seus ideais amorosos: “Porque ele não entrava, não se zangava, não a exigia, não brigava por causa dela?... Isso é que ela queria, isso é que ela merecia. E, depois, no cinema<sup>361</sup> não era assim, com a Greta Garbo, com a Lupe Velez, com a Marlene?... Ah, no cinema é que se vive, é que se ama! O cinema!”<sup>362</sup>

Num capítulo de um romance não finalizado, João de Minas representa o ideal de estrela como uma ilusão e mesmo uma tolice vivida pela personagem Semiramis, que em sua recente juventude ganhara um concurso d’O Malho e foi ser atriz nos EUA<sup>363</sup>. De fato, o cinema hollywoodiano ganhou força no pós-Primeira Guerra Mundial, ajudando a moldar o tipo da mulher independente que busca um par amoroso ideal e o estrelato hollywoodiano, este menos acessível mas bastante almejado. Nos anos seguintes os cinemas popularizaram-se nas capitais brasileiras, através de filmes e propagandas em jornais e revistas ilustradas, nos quais se associavam atores e atrizes, em especial quando se revestiam da aura do “par amoroso”, às mercadorias e modas por eles veiculadas<sup>364</sup>. Assim, é esta aura de prestígio do cinema que é explorada por Arlindo em *A Datilógrafa Loura*, envolvendo e seduzindo moças bonitas das camadas mais pobres em redes de prostituição internacional.

Portanto, nos romances de João de Minas, os homens buscavam se aproveitar dos ideais de amor e prestígio das mulheres, utilizando todos os métodos disponíveis para transformá-las em objetos de obtenção de prazer, como ocorre com Cecília em *A Prostituta do Céu* e Altamira em *A Datilógrafa Loura*, ou dar o famoso “golpe do baú”, como Asdrúbal em relação a Angélica (*A Mulher Carioca aos 22 Anos*). No geral, homens tentam conquistar mulheres através de galanteios para deleite sexual, como no caso de Saldanha (*A Prostituta do Céu*),

---

<sup>360</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 34 e 36-37.

<sup>361</sup> Pouco antes, vemos Jonas, ao comprar um romance do Dely para Altamira, este “falou-lhe de livros, da vida boa das pessoas impalpáveis que moram dentro dos romances...” (*A Datilógrafa Loura*, p. 23), que revelam também como em João de Minas a ficção molda os ideais das personagens.

<sup>362</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 53-54.

<sup>363</sup> MINAS, João de. “Arranha-Céu Rádio” In: *Fêmeas e Santas*, p. 56

<sup>364</sup> Sobre o impacto do cinema nos anos 20 e 30 e sua capacidade de ditar padrões comportamentais, em especial no Rio de Janeiro, ver Sevckenko, Nicolau. *A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio*. In: *Idem*

Abelardo (*Uma Mulher... Mulher!*) e Alfeno (*A Datilógrafa Loura*), mas podem atingir graus extremos de premeditação e cálculo para fins alheios ao sexo, como Arlindo de *A Datilógrafa Loura* e Asdrúbal em *A Mulher Carioca aos 22 Anos*. Todos se aproveitam da ideologia do amor para tentar obter ascensão social ou prazer.

Mas não apenas os homens têm uma sexualidade bastante aflorada. Nos romances de João de Minas, a mulher tem uma vida sexual ativa, repleta de desejos. O impulso sexual parece mesmo ser um determinante da natureza feminina. É essa concepção que dá título a um de seus livros, nas palavras de Luciana para seu amante: “Escuta, Felipe... Eu sou uma infeliz. Eu sou uma mulher... mulher! uma desgraçada!! E assim tenho que amar, que obedecer ao meu sexo. As outras não são a mulher... mulher. E podem ser tudo, até homem... Eu sou só isto – a mulher, o amor, o sexo.”<sup>365</sup> Por isso, ela lançaria mão de quaisquer meios para alcançar fins amorosos. Nas palavras do narrador: “Luciana era a favor da Ditadura, mas só para convencer o amante a não ser constitucionalista, e não se meter em embrulhos. Não conseguiu o seu desejo. E ficou com a sua insensibilidade, com a sua indiferença diante de tudo que não se referisse ao seu sexo, à sua mulherice. Era uma mulher... mulher. Somente.”<sup>366</sup>

Altamira também tinha esse tipo de sensação, se bem filtrado pela dura realidade que enfrentava. Mas lembrava os tempos da fazenda

E ela, menina e moça, esperando no alpendre da fazenda Jonas sair do escritório, e dizer-lhe timidamente boa noite. Até que uma noite, bem escura, bem amiga, ela ficou escorada contra a parede, e ele a beijou, mexeu-lhe mesmo nas saias, no sexo que ardia, como um molho de pimenta cumari. Ela deixava, sentindo o paraíso nas pernas<sup>367</sup>

Quando João de Minas escreveu seus romances, mais de uma década havia passado desde que algumas mulheres de elite passaram a não aceitar o papel de “rainha do lar” (as escritoras proletárias e anarquistas já o recusavam bem antes), na qual a concepção de sexualidade estaria voltada para a realização da maternidade, não lhe sendo permitida a vivência do prazer sexual sob o risco de se degenerar mentalmente, arrebatada pelos instintos libidinosos em função de sua suposta fragilidade. Logo, se aos homens era permitido e até recomendado dar vazão a seus desejos sexuais, inclusive em relações extraconjugais com prostitutas, às mulheres esta era uma porta cerrada mesmo no próprio casamento. Para ambas as posturas havia uma fundamentação “científica” que normatizava os papéis sociais e sexuais, calcados

---

(Org). *História da Vida Privada no Brasil* v. 3: República: Da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 596-613

<sup>365</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 158.

<sup>366</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 189.

na suposta natureza de cada sexo. As mulheres que fugissem à regra eram vistas como desviadas, sob elas pesando o fantasma de ser comparada à prostituta.

A sexualidade é outro aspecto da liberalização dos costumes, tal como descrita acima em relação ao casamento. Desde meados do século XIX, avançando pelas primeiras décadas do XX, que a concepção da frigidez feminina fazia parte do discurso médico e jurídico, passando a literatura e a imprensa, mesmo a feminina, em seus setores mais conservadores. Todavia, ainda nessa época vozes masculinas e femininas já se manifestavam em prol de uma sexualidade positiva da mulher, se bem que limitada ao relacionamento conjugal. A questão tomou vulto no Brasil após a Primeira Guerra Mundial e na década de 20, quando as mulheres das camadas altas e médias passaram a freqüentar assiduamente o espaço da cidade (as mulheres pobres já o faziam desde o XIX) no papel de profissionais e consumidoras, adotando costumes – o emblemático corte *à la garçonne* – e vestimentas que constrangiam os mais tradicionalistas de ambos os sexos. Assim, formou-se um debate<sup>368</sup> em torno dos costumes modernos no qual se configurou dois campos, entre os quais havia diversos matizes: aqueles que consideravam a onda modernizante como um atentado aos bons costumes, extremamente prejudicial à família, à sociedade e à pátria, na medida que a jovem deixava suas responsabilidades de mãe e esposa no lar para ter uma vida fútil, fazendo compras e lendo romances; e aqueles que denunciavam a hipocrisia dos ideais e do casamento burgueses, defendendo a igualdade entre os sexos, o acesso feminino a profissões no meio público, abrindo à mulher a possibilidade de experimentar o prazer sexual. Essa será a matéria literária de algumas escritoras como Ercília Nogueira Cobra, Laura Villares e Maria Lacerda de Moura<sup>369</sup>.

As descrições de cenas sexuais, segundo João de Minas, fariam parte de um estilo escandaloso, com tendência à popularização, pois “A minha maneira de escrever, hoje, essa

---

<sup>367</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 53.

<sup>368</sup> As mudanças do comportamento feminino geravam debates entre os progressistas, incômodo entre os conservadores e perplexidade entre os desavisados, pois “afinal, era muito recente a presença das moças das camadas médias e altas, as chamadas ‘de boa família’, que se aventuravam sozinhas pelas ruas da cidade para abastecer a casa ou para tudo que se fizesse necessário.” MALUF, Marina e MOTT, Mária Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: *SEVCENKO, Nicolau (Org). História da Vida Privada no Brasil v. 3: República: Da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 368.

<sup>369</sup> Sobre a sexualidade feminina no contexto dos anos 20, ver BESSE, Susan. *Modernizando a Desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: Edusp, 1999; CAULFIELD, Sueann. *Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. São Paulo: Unicamp, 2000; RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade In: Del PRIORE, Mary (org.) *História das mulheres no Brasil* São Paulo: Contexto, 1997, pp. 578-606; *idem*. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. OLIVEIRA, Letícia Fagundes de. *A Cruzada Eugênica no Brasil: Eugenia e Sexualidade nas Décadas de 20 e 30*, São Paulo, USP, 2003, Dissertação (Mestrado) em História Social.



maneira escandalosa – amanhã será uma modalidade vulgar.”<sup>370</sup>. João de Minas acreditava estar vendo não apenas uma mudança mas uma revolução nos hábitos sociais ao dizer que “eu escrevo para os moços, e espero uma revolução social que de um momento para o outro vire o mundo de pernas para o ar” e que seus livros “devassam um mundo novo à mocidade, aos rapazes e às moças que rolam para um futuro absolutamente imprevisito, e que os velhos catturas de hoje não podem sequer sonhar.”<sup>371</sup>. Isso porque “em todo e qualquer terreno, os assuntos sexuais, ou genésicos, ou genitais, ou o que seja – vão se caminhando para uma liberdade inocente e paradigmática. Ninguém mais vê o demônio (mundo, diabo e carne...) entre as pobres pernas de uma mulher, ou de um homem.”<sup>372</sup> Palavras como essas revelam o posicionamento de João de Minas no debate relativo aos costumes modernos e à permissividade sexual, tomando o partido dos “moços”, se bem que ainda mantendo a concepção de mulher sensível e emotiva.

O efeito do debate em torno do tema da sexualidade nos anos 20 pode ser sentido ao comparar as citações acima com as de sua “fonte inspiradora”, Benjamin Costallat. Se este autor, no prefácio de *Mademoiselle Cinema* em 1923, justificava as descrições sexuais de sua obra como meio para instruir as moças segundo a boa moral da época, constituindo um contra-exemplo (o que não o livrou de um processo judicial no ano seguinte por atentado à moral)<sup>373</sup>, João de Minas, dez anos depois, no prefácio do seu livro mais conhecido, pode apregoar a liberdade sexual em oposição aos setores mais tradicionalistas.

Na obra do escritor, um eco mais contundente do “sistema antigo” contra a liberalização dos costumes vem pela voz de D. Joaquina, mãe de Clotilde do livro *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, jovem e rica freqüentadora das *garçonnières* que teve a cabeça decepada. Após pagar o resgate e receber o despojo da filha numa caixa de zinco, a senhora vai ao cinema, onde profere as enlouquecidas palavras ao ver um filme de horror com mulheres assassinadas:

Bem feito! Muito bem feito!... Vocês morreram como reses no corte, suas descaradas, e estão aí espetadas como carne no açougue, porque não quiseram ficar em casa, cortando couro para remendar sapatos velhos... como eu fazia, ao lado do meu marido, no sistema antigo. Vocês quiseram bancar o modernismo, e saíram para a rua, como fazem os homens, e agora tiveram o pago, foram para o açougue, suas tipas!... (...) Corta a cabeça delas! Corta a cabeça dessas infames... que não quiseram ser como eu, mulher

---

<sup>370</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 10.

<sup>371</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 201.

<sup>372</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 10.

<sup>373</sup> BROCA, Brito. Costallat e Mlle. Cinema. In. *Escrita e Vivência*. Campinas: Unicamp, 1993, p. 131

ao sistema antigo... e por isso estou aqui, bem viva! Estou aqui, dura e tesa... Corta a cabeça delas, e põe numa caixa de zinco!...<sup>374</sup>

Diferentemente das protagonistas, com o ideal de sexualidade ligada ao casamento amoroso ou ao amor romântico, e de pessoas como D. Joaquina educadas no “sistema antigo”, muitas mulheres se entregam à pura satisfação dos prazeres sexuais, sem se importar com amor ou casamento. As personagens femininas coadjuvantes dos romances de João de Minas tomam tal postura, cantando aos quatro ventos a liberdade advinda com os novos tempos.

Ao contrário de Clotilde Ronelli, o “estilo moderno” era adotado por várias das amigas de Angélica sem que lhes acontecessem coisas horríveis. Dentre as personagens que não pensam em casamentos estão Cláudia, aluna da Escola Normal, literata que “gostava de emporcalhar essas santas estúpidas, aliás com a ingenuidade do irracional, ensinando-lhes as mais refinadas patifarias”<sup>375</sup>; e Chiquilha, milionária amiga de Angélica que gostava de contar casos mirabolantes de suas viagens a Paris, como numa vez que “para ter sensações supremas, se alugara na capital francesa num bordel, como meretriz”<sup>376</sup>, matriculada, militarizada pela cafetina”<sup>377</sup>. Em *Uma Mulher... Mulher!* o papel cabe a Margarida, a qual, ao receber o desmentido do boato sobre a fuga de Luciana “por amor”, diz à protagonista: “Pois eu fazia melhor juízo de você... Quando eu te julgava nas alturas, na vertigem do amor pelo amor, eis que me fazem o teu elogio, como uma burguesa completa...”<sup>378</sup>, pois, afinal,

correu aqui na cidade que você tinha fugido com um rapaz bonito, para o Rio, sem cogitar de casamento, por amor, por puro amor... Eu fiquei encantada contigo, te invejei. Vi logo que você tinha a noção exata da vida, e o desprezo heróico dos hipócritas e imbecis, que vivem agarrados à rotina social, aos ridículos da virtude, dos infames bons costumes...<sup>379</sup>

Para João de Minas, Margarida tem razão. Nos romances do autor, os “infames bons costumes” não têm fundamento real na crença e no sentimento da maioria das personagens, mas servem para uma melhor colocação na sociedade. Nesse baile de máscaras, quando deci-

---

<sup>374</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 146-147.

<sup>375</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 16.

<sup>376</sup> Apesar de não haver referências diretas, João de Minas parece incorporar o tema literário já utilizado por escritoras como Laura Villares ou Ercília Nogueira Cobra acerca da libertação sexual que representava a prostituição feminina. Era nessa condição que as escritoras representam a possibilidade da mulher viver sua sexualidade sem os limites da moral burguesa, sem relações duradouras ou voltadas para o casamento, experimentando novas formas de prazer. Sobre o assunto, ver RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, pp. 219-227 (Fantasias do desejo: Mulheres emancipadas)

<sup>377</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 30.

<sup>378</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 49.

<sup>379</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 48.

diam fazer o jogo social segundo as aparências da moralidade vigente, as mulheres encarnavam a “rainha do lar”, aparentando ser virtuosas e respeitadoras dos bons costumes, mas possuíam amantes às escondidas, liberando suas fantasias e vivenciando uma sexualidade prazerosa. Essa é a postura de Anica, mãe de Angélica (*A Mulher Carioca aos 22 Anos*), amante de Sebastião, com quem realizava suas maiores fantasias sexuais, vedadas ao esposo Anfrísio.

Há casos nos quais a defesa enérgica dos “bons costumes” servia para acobertar o seu contrário. Júlia Sul é casada com um milionário do café, tinha como amante um boxeador argentino que lhe extorquia dinheiro. Para a sociedade, “ultimamente d. Julia fizera uma conferencia sobre o divórcio [cujo título era ‘não queremos divórcio, queremos Deus’], recebendo do cardeal Lima uma longa carta autógrafa, a benção do Papa e cumprimentos dos príncipes do clero nacional, e eminentes personalidades”<sup>380</sup>. Todavia, a desconfiada família do marido arma-lhe um flagrante com o amante. Ao tentar suicídio, pula nua da janela, mas fica presa a uma placa, no meio da movimentada praça da Sé em São Paulo, aos risos dos transeuntes.

Outro exemplo é a Condessa Joaquina, que

“era virgem. Ela julgava-se, a caminho dos cinqüenta anos, uma perseguida. Os homens tinham cólicas de desejo, só ao vê-la... (...) Para ela, os homens todos viviam roxos por agarrá-la, encosta-la num muro, a estupra-la. Mas, não vê! Ela preferia morrer. Morria, porém não cedia ao céu da sua barriga coriácea a ninguém... Nunca! Jamais! Essa virtude feroz dava à ilustre dama mineira uma grande autoridade entre os maridos ciumentos e as mães com filhas vulcânicas. A nobre dama, que era uma flor, ou um bacalhau de pureza, era ao mesmo tempo um cachorro de fila contra a safadeza universal, fiscalizando gratuitamente as fêmeas levianas. Nesse sentido, a condessa Joaquina espionava o mundo.”<sup>381</sup>

Mas a Condessa, ao apanhar de Madame Souto, escuta: “você fala de mim, porque eu não quis te sustentar mais, e dispensei os teus serviços de alcoviteira, de cafetina!...”<sup>382</sup>

Por causa dessa hipocrisia social, a imprensa exerce um papel importante nas obras do autor. Ao ser perguntado por Anfrísio sobre como teria conseguido as cartas de amor de sua falecida esposa para o amante, Eusébio, dono do jornal “A Honra Nacional”, respondeu: “A nossa reportagem é maravilhosa. Não lhe posso dar uma resposta precisa. Isso são mistérios do jornalismo, que hoje é o primeiro poder. Era o quarto, mas hoje... é o primeiro poder.”<sup>383</sup>

João de Minas, formado no jornalismo, sabia muito bem do poder político da notícia e da fascinação exercida pelo *fait divers* (diversos, informação geral), na sensibilidade do públi-

---

<sup>380</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 103.

<sup>381</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 144.

<sup>382</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 173.

co leitor. A partir da reestruturação dos jornais no final do XIX e início do XX que deu origem ao jornal leve e barato persistente até hoje, introduziu-se essa seção de notícias curtas que englobava uma série de temas, como crimes, escândalos, eventos insólitos e mesmo sobrenaturais, numa estrutura narrativa própria do melodrama ou do conto onde, apesar das referências, está suspensa a distinção entre realidade e ficção<sup>384</sup>. Esse tipo de narrativa própria da imprensa era mal vista pelos meios intelectuais, seja pelo mau-gosto das descrições, seja pelos efeitos nocivos do sensacionalismo do *fait divers* na população. Ao *fait divers* e ao cinema foram atribuídos muitos dos crimes passionais e escândalos sexuais, frutos da manipulação das emoções por parte dos escritores da imprensa<sup>385</sup>.

De fato, nos romances de João de Minas, principalmente *A Mulher Carioca aos 22 Anos* e *Uma Mulher... Mulher!*, a imprensa, utilizando-se da seção de fatos diversos do jornal, é capaz de promover ou derrubar a reputação das pessoas com imensa facilidade, não importando se o acontecimento eram verdade ou mentira. Com relação à promoção, Eusébio inventa que o pai de Angélica era Conde, publicando um artigo enaltecendo, se bem que após extorqui-lo. Numa carta para Anfrísio, o jornalista diz:

Botei você nas nuvens, te vesti de anjo, para a galeria, e até inventei um avô seu, que foi uma fera na corte de Pedro I... Tudo mentira, está claro, mas hoje a publicidade tudo permite, só aliás ali sendo verdade a compra do seu título de conde do Papa, pois o papa tudo vende, até o céu, que ele não possui. Mas é certo que você tem tanto sangue nobre, como o Dr. Jacarandá, ou qualquer cafajeste por aí.<sup>386</sup>

Toda a imprensa, e não apenas a Honra Nacional, promoveria imagens falseadas em suas páginas. Também as reputações da dançarina egípcia, que na verdade nasceu em Alagoas (uma sátira de João de Minas à crítica artística), e de Asdrúbal, futuro interventor de Alagoas, são bem apresentadas na imprensa de *A Mulher Carioca aos 22 anos*.

Ou, ao contrário, visava denegrir a imagem de pessoas por meio de escândalos. É o caso do mesmo Eusébio que, para extorquir dinheiro do dr. Fortes, publicou um artigo com os nomes das moças que freqüentavam sua *garçonnière*, inclusive o de Angélica, que não fora ao

---

<sup>383</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 103.

<sup>384</sup> Sobre o assunto, ver Barthes, Roland. Estrutura da Notícia. In: *Crítica & Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970, pp. 57-67; GUIMARÃES, Valéria. Paixão que mata – leitura popular no início do século XX em São Paulo, comunicação publicada nos *Anais do I Simpósio Nacional de História Cultural*, RS, 2002, GT- História Cultural – ANPUH-RS, CD-ROM, Ventura Livros/Livraria Terceiro Mundo. Disponível em <http://www.klepsidra.net/klepsidra13/cigarra.htm>, acessado em 29/05/2007; SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 339; MEYER, Marlise. *Folhetim: Uma História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>385</sup> CAULFIELD, Sueann. *Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. São Paulo: Unicamp, 2000, pp. 178-182.

<sup>386</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 135-136.

local. Também o escândalo do flagrante da D. Júlia Sul, narrado acima, chega até Luciana pelos jornais. “O Estado”, em sua quarta página, diz que “Não somos os que, por esses processos, de péssimos efeitos sociais, disputam o níquel da venda avulsa.”. O processo é “gastar espaço enfurecendo as cores da crônica policial, e principalmente remexendo o angu sifilítico passional”<sup>387</sup>. Em seguida, faz justamente o contrário, publicando a história completa do flagrante. Nesse mesmo sentido vão os anúncios de Jim, irmão de Altamira: “Olha o ‘Diário da Noite’! Assassinato de uma mulher! Entrevista do General Góis Monteiro! O soldado que roubou a filha do capitalista! Viagem do general Waldomiro Lima! Desastre na Central!...”. E o narrador comenta: “Ninguém comprou o jornal. Ninguém! Naquele dia, apesar daqueles primorosos horrores (alguns inventados no momento), ninguém se interessava.”<sup>388</sup>.

Portanto, é no contexto do debate nos meios intelectuais sobre o papel da imprensa que podemos entender a ironia de João de Minas ao contar pelos jornais a exploração de escândalos das personagens. A imprensa jornalística, assim, influenciaria diretamente o destino das pessoas. Sob a capa de imparcialidade ou da defesa dos interesses públicos e sociais, nos bastidores fica nítido que estava a serviço de interesses particulares, ao sabor das circunstâncias. Nos romances, a imprensa tem esse poder porque as personagens estão de fato preocupadas com a sua imagem social e/ou política, aceitando o jogo de máscaras. Nesse sentido, ela é o primeiro poder, como diz Eusébio, porque pode forjar ou destruir aparências, das quais depende a ascensão social, financeira e política das personagens. É por isso que Anfrísio e Dr. Fortes de *A Mulher Carioca aos 22 Anos* pagam fortunas a Eusébio para não verem suas reputações denegridas por causa de aventuras sexuais ou desventuras conjugais.

As prostitutas também se valiam da aparência de “mulheres honestas”. Usar a aparência de moralidade para esconder uma vida de prostituição é o meio mais seguro para preservar uma imagem positiva perante a sociedade. *Uma Mulher... Mulher!* revela bem um desses casos. Quando a mãe de Luciana morreu, tia Zaías, antiga alcoviteira, após contar toda a história de meretrício da falecida (que a filha via como santa), propõe à protagonista que lhe suceda no ofício: “é só dipená os trôxa. Vamo, co a graça do Divino Isprito Santo, ganha um disputismo di cobre. Cuma vantage, siá Liana: ocê agora recebe os macho pela porta da rua, cum honra, cum dignidade. Já a sua mãe, coitada, era famía, ia as orgia era tudo pelas porta do fundo, di noite...”<sup>389</sup>

---

<sup>387</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 102.

<sup>388</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 11.

<sup>389</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 33.

As cafetinas, prostitutas e alcoviteiras são as pessoas que, como dona Zaías, revelam-se portadoras de uma inteligência prática, o que no contexto dos romances de João de Minas significa uma compreensão de como funciona as regras do mundo e como sobreviver nele. Renegaram todos os ideais e utilizaram todas as aparências sociais em prol do sucesso pessoal, em geral financeiro. Na boca dessas personagens encontram-se as leis de funcionamento do mundo, aceitas e seguidas sem cerimônias. Dona Alina, a “filósofa, da legítima” de *A Datilógrafa Loura*, cafetina cujas atividades se escondiam sob a fachada de uma casa de “amparo aos leprosos, aos sífilíticos, às moças honestas”, contou sua história a Altamira:

Eu já fui como você, já tive vinte anos. Eu era toda uma ilusão, um sonho, um dia sem noite... Um bacharel escreveu inúmeros versos para mim. E casou-se... com o meu dote, umas boas casas. Aos trinta anos eu estava na miséria, e viúva, com duas meninas... Fomos procurar trabalho na indústria, no comércio, no progresso de S. Paulo. Sofremos as mais horrorosas humilhações, trabalhando como animais, como escravas, para ganhar o necessário... para morrer de fome.<sup>390</sup>

Essa vivência propiciou-lhe a noção exata de como funciona o mundo à sua volta:

E verifiquei o seguinte: a pessoa, trabalhando, desprestigia-se horrivelmente, passa a figurar na ralé social. Mas eu fui compreendendo o segredo do luxo e do prazer de muito figurão. Comecei a ver que tudo é negócio, cavação, egoísmo... Não há nada neste mundo que não vise o dinheiro, o burro do dinheiro. E este tudo compra, absolve, embeleza. Fui ficando forte, mentirosa, ágil, e fui ensinando às minhas filhas. Um dia mostrei-lhes um gordo industrial, e lhes expliquei: ‘Aquele homem, minhas filhas, é um explorador de 800 mulheres, em massa. Ele explora o corpo delas, a carne delas, numa fábrica. Por isso é conde do Papa.’ Outro dia, mostrei-lhes um bonito rapaz, numa esquina: ‘Aquele homem, minhas filhas, explora o corpo de uma só mulher, num bordel, e ela o ama. Por isso é considerado um cáften, e vai sempre para a cadeia.’ Como vê você, minha filha, eu dei a minhas meninas uma educação moderna, no sentido econômico e sociológico. Afinal, verifiquei que uma das mercadorias mais vendáveis é a mercadoria invisível, inexistente, irreal. Tudo o que é pura fantasia, mentira absoluta, vende-se formidavelmente. A virtude, a caridade, a salvação do Estado, o bem público, a paz, a ordem, o céu, o inferno, etc., fantasias estúpidas, vendem-se a preços fabulosos.<sup>391</sup>

E quando Altamira lhe inquiriu sobre o emprego:

Seu emprego?... Vou lhe ser franca...Eu não lhe mando para uma fábrica, um escritório, enfim um desses matadouros dos pobres honestos. Isso eu não faço. Tenho consciência. (...) Prefiro que você descanse, engorde, poupe os nervos, coma e beba como uma rainha, ponha dinheiro no banco, compre bangalôs, cure a sua mãe, ponha o seu irmão num colégio, tirando-o da rua... (...) Eu tenho uma coleção de velhos milionários, meus amigos, que dão dez contos por cada menina perfeita que eu lhes arranje... por uma, duas, três noites. Eu fico com vinte por cento, o resto é da futura capitalista.<sup>392</sup>

<sup>390</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 156.

<sup>391</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 156-157.

<sup>392</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 159.

A imagem da cafetina consciente do papel da prostituição no mercado capitalista e na sociedade paulistana já havia sido explorada na literatura em *Madame Pommery*, que conta a história de uma ex-prostituta estrangeira bem sucedida em São Paulo ao modernizar o meretrício local, trazendo a pompa e glamour dos hábitos franceses. Além de encarar o meretrício como negócio, era bem relacionada na elite, com intelectuais, jornalistas, políticos e coronéis. Margareth Rago comparou a representação literária de Pommery com memórias de intelectuais sobre cafetinas de São Paulo, mostrando como eram bem relacionadas no meio intelectual, sendo vistas de forma maternal, o que minimizava a imagem de exploradora que muitas vezes tinham junto às meretrizes<sup>393</sup>. João de Minas se apropriou dessa imagem corrente para construir Alina, colocando na sua fala a concepção de mundo de boa parte das personagens.

Tal concepção de mundo representada por Alina e Zaías (e pelo cafetão Arlindo de *A Datilógrafa Loura*), calcada num egoísmo cuja finalidade é poder, dinheiro e sexo, revestido sob a capa da moral e dos bons costumes, desafia a consciência moral de algumas protagonistas. Altamira, antes de se prostituir, tinha seus delírios de riqueza ao passar em frente das vitrines e admirava jóias caras. Recebeu então uma proposta de um velho que a convidara para a sua *garçonnière*, mas fugiu assustada para o escritório. Lá, sentada e com fome, refletiu:

E dizer que ela, minutos antes, ‘morta de fome’, ‘jogara fora’ um brilhante azulado!... Mas, si ela o aceitasse, e as conseqüências, e os beijos e lambeções do velho da bigodeira?... Veio-lhe uma idéia, que entrou no seu espírito como um ratinho ágil, que sai de um buraco invisível: ninguém saberia, tudo seria em segredo... assim um mistério... uma aventura... Mas... e a sua consciência, o seu caráter? Ela ficou pasmada, olhando vago. Descobria que, na ‘realidade’, essas coisas não existem. Mas porque foram inventadas? ‘Deviam ter sido inventadas pelos industriais, pelos agiotas, pelos açambarcadores... pelos alfenos... para terem nas suas garras, trabalhando para eles e morrendo de fome, inúmeras mulheres, homens e crianças...’ Este pensamento assaltou-a, sem ela esperar. Ela repeliu-o. E começou a mexer na máquina.<sup>394</sup>

Note-se que esse pensamento de Altamira no final do romance se objetiva no longo discurso de Alina reproduzido acima, sendo acatado pela datilógrafa loura. Luciana também tem um conflito semelhante, mas em relação ao seu desejo sexual, que se contrapõe ao ideal de esposa. Assim como Altamira, que não agüenta sua condição proletária, Luciana não a-

---

<sup>393</sup> “Benquista ou maldita, a caftina era uma mulher bastante solicitada pelos homens interessados em suas ‘protegidas’ e na discrição que seu estabelecimento garantia. Além disso, provavelmente ela devia se sentir bastante gratificada em sua profissão, já que ao contrário das senhoras ‘respeitáveis’, impedidas de participar do mundo público essencialmente masculino, ela era uma empresária capitalista, que se relacionava com homens influentes, dos quais conhecia segredos íntimos”, “Assim, muitas proprietárias das ‘pensões alegres’ e *rendez-vous* ficaram famosas na história da cidade, muito mais pelo seu lado ‘bonachão’ e aconchegante do que pela exploração econômica que exerciam sobre suas subordinadas”. RAGO, Margareth. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, pp. 174-176.

güenta seu desejo: torna-se amante do enteado e, quando este morre, abandona o marido. Cecília parece ter resolvido esse conflito consciencial, pois sua entrega à prostituição, ao modo de Altamira, se coadunava com o ideal de caridade:

A morte de Izefa ensinara-lhe o caminho exato a seguir. A jovem então verificara, a fundo, a maldade dos homens, que não dão jamais o seu dinheiro para enterrar o seu semelhante, que pode apodrecer ao ar livre ou ser comido pelos porcos e corvos... Mas esse ouro será dado a mãos cheias, se a finalidade for a satisfação do vício, dos desejos irracionais, dos furores da animalidade. Ora Cecília concluiu que seria uma divina esperteza vender o seu corpo, um punhado de lama, assim podendo esvaziar as algibeiras dos bodes humanos, em proveito dos pobres, dos desgraçados, das criancinhas órfãs, dos famintos, dos insepultos...<sup>395</sup>

Nos romances, o destino daqueles que não se entregam à lógica desse mundo é a miséria, a exploração, a humilhação. Foi o caso das mulheres velhas que, já não podendo usufruir do corpo, não seguiram no ramo de cafetina (como Alina e Zaiás), a exemplo de Cecília e Donana em *A Prostituta do Céu*. Também foi o destino dos pobres e proletários dos romances de João de Minas, quando não usaram artifícios como roubos, extorsões e assassinatos para ascender socialmente, como o pai de Angélica (*A Mulher Carioca aos 22 Anos*) e Alfeno (*A Datilógrafa Loura*). Se fossem mulheres muito bonitas, poderiam ascender socialmente pela prostituição (como Altamira de *A Datilógrafa Loura*) ou por algum casamento com homem rico que as sustentassem, satisfazendo seus desejos com amantes, como Margarida e Julia Sul (*Uma Mulher... Mulher!*). Para estas, o casamento bem arranjado era uma maneira de manter a condição social dos ricos ou melhorar a dos pobres.

Como já vimos, em nome dos ideais conjugais que valorizavam o amor, é contra esse tipo de casamento que se lançavam as protagonistas Angélica, Altamira e Cecília, assim como eram contra a exploração dos mais fracos por negócios escusos ou contra a entrega aos prazeres sexuais pura e simplesmente. Em suma, mantinham virtudes de honestidade, caridade, sensibilidade, resguardando-se para encontrar o esposo perfeito e realizar um casamento feliz. Em todos os casos, a consciência que guarda algum ideal de moral e virtude é o elo mais fraco que se rompe quando há uma tensão extrema contra a dura realidade exterior ou contra o próprio desejo (no caso de Luciana).

Por isso, vale para todas as protagonistas a constatação feita em relação a Angélica, segundo a qual esta não era uma mulher do seu tempo. Para João de Minas os novos tempos pertencem a personagens como tia Zaias, Arlindo ou D. Alina, que perceberam com argúcia

---

<sup>394</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 124.

<sup>395</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 75-76.



como funcionava a lógica na qual estavam inseridos, e como proceder para ser bem sucedido. Compreenderam que não podiam sobreviver num mundo onde tudo era mercadoria, inclusive os valores e o próprio corpo, e os ideais são vazios meios de ascensão social ou mercadorias a serem vendidas; num mundo onde os desejos sexuais se sobrepõem a qualquer tipo de moral; onde qualquer solidariedade é interessada; num mundo onde o egoísmo que move as pessoas se vale de mentiras e traições para atingir os seus fins; e onde alguém que não tenha nada a oferecer está condenada à morte ou à miséria.

Por isso, as máscaras são necessárias, parte do jogo. Os valores antigos ainda são mantidos enquanto aparência, pois permitem a exploração e ascensão social, e um dos focos de tensão nos romances é se as personagens serão ou não descobertas em seus atos social ou legalmente “ilícitos”. A liberdade em relação às aparências aparece em pessoas que não tinham sua imagem afetada caso assumissem a sua posição, ou seja, pessoas muito ricas, donos de jornal que podem manipular as imagens, e algumas cafetinas e prostitutas. Por isso, era esse tipo de pessoa que possuía um grau de consciência maior do mundo e das leis que o regiam.

Logo, no mundo apresentado pelos romances sexuais de João de Minas há a falência das regras transcendentais no fluxo da vida. Morreram os ideais e valores que integravam os indivíduos num coletivo qualquer mas, ao invés de serem sepultados, eram utilizados por aqueles que sabem ou têm o poder de manuseá-los para atingir fins particulares. Esse é um dos aspectos nos quais repousam os efeitos cômicos das narrativas do escritor. Tudo passa pelos interesses individuais, próprios ou alheios, mesmo quando se almeja fins solidários, como Cecília percebeu. Apegar-se a qualquer ideal transcendente significa morrer a curto ou longo prazo. Quem não possui dinheiro, poder ou beleza capaz de despertar a libido está fora do jogo social, sendo essa a condição dos pobres, porque aqueles três elementos movem o mundo dos romances de João de Minas, sendo indispensáveis para se atingir qualquer fim, egoístico ou altruístico. Este é o mundo que, no dizer de Sérgio Buarque sobre Thomas Hardy, “tudo nos ensina que o sucesso e o insucesso ocorrem indistintamente para os bons e para os maus”, no qual “a injustiça faz-se lei contra todas as conveniências”; onde a resposta da pergunta “Por que motivo os inocentes são castigados e os criminosos são aplaudidos?” não teria tanta importância exceto para alguns impertinentes (como Hardy) que não se conformam com a solução vulgar, pois “não fomos postos neste mundo para descobrir as verdades e sim para achar as conveniências.”<sup>396</sup>

---

<sup>396</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. O testamento de Thomas Hardy. In: *O Espírito e a Letra*. (Org. Introd. e notas de Antonio Arnoni Prado). São Paulo: Cia das Letras, 1996, pp. 240 e 241. Escritor de uma nova humanidade, a obra de Hardy refletiria “particularmente essa visão desencantada da existência dos homens so-

No rastro de Paulo Borborema: o gênero policial

Paralelamente ao lançamento de seus romances sexuais, a partir de 1934<sup>397</sup> João de Minas passou a atuar no gênero policial, publicando contos em jornais e revistas ilustradas, alguns dos quais aproveitou e estendeu no romance policial *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, lançado em 1936. Centraremos-nos agora na análise desse livro, incorporando outros textos do autor quando necessário para dar uma visão ampla da temática tratada.

A história trata da investigação do jornalista e detetive amador Paulo Borborema, “imortal filho de Campinas, e melhor que Sherlock Holmes”, acerca dos crimes dos gangsters Olhos Brancos, que extorquem dinheiro de pessoas riquíssimas de São Paulo e desafiam o poder público, em especial a polícia. Esta é representada pelo incompetente e corrupto Dr. Abelardo Laurentino, diretor da Delegacia de Crimes de Morte, “popularmente denominada a Scotland Yard Paulista”; por seus subalternos Carapiá, Pedrão e o escrivão Caminha; e pelo superior de Laurentino, o “honrado” Sub-Chefe de Polícia, dr. Hugo Calazans, amigo de Borborema. O mote da narrativa são os três crimes que Olhos Brancos cometem: o assassinato da aviadora Clotilde Ronelli, que tem a cabeça decepada ao cair de avião no Anhangabaú, da qual se pede resgate à família; o rapto e morte do médico Sérgio Estader; e a explosão do prédio Cidade Lamas, em construção pelo bicheiro espanhol de mesmo nome. Paulo Borborema é auxiliado pelo alagoano Severino, diretor do jornal “Tiro de Sal”, pela sua tia Graciema e por Hugo Calazans. Além disso, tem como amigos os namorados Helena Estader, filha do médico assassinado, e Roberto Paes Leme, filho do engenheiro e empresário do Petróleo Albanez Paes Leme, um dos cinco integrantes dos Olhos Brancos. Os gangsters atuavam a partir dos subterrâneos de São Paulo, construídos pelos jesuítas e descobertos numa escavação petrolífera na Vila Prudente, e de uma técnica de disfarce que utilizava peles humanas intactas, aprendida com os indígenas do Chaco. Ao final, a quadrilha foi presa e Borborema explicitou no rádio o raciocínio sherlockeano que o levaria a desvendar mais esse crime.

O livro é estruturado em torno de elementos do gênero policial: os criminosos, a polícia, os crimes aparentemente insolúveis, as pequenas pistas que levam à sua solução, ao des-

---

bre a terra” (p. 242), homens governados por forças e leis que lhes escapam, privando-lhes de liberdade: “O homem obedece em seus atos a uma força transcendente com a mesma docilidade de uma pedra que obedece à lei da gravidade” (p.243). Todavia, não percebemos em João de Minas o sentido que Sérgio Buarque ressalta em Hardy. Para além do otimismo ou pessimismo, numa vontade de conhecer a verdade mesmo em prejuízo das conveniências, “a obra de Hardy não é somente, como se imagina, um poema de desolação, mas também um catecismo de esperança. Somente o caminho do Mal e a experiência da Dor podem nos transferir para um mundo mais elevado. A dor é um enriquecimento, uma simples escala, um elemento indispensável para nossa ascensão. É esse o sentido fundamental da tragédia cristã. E é essa amensagem que Thomas Hardy deixou em nossas mãos.” p. 244-245.

vendamento do mistério<sup>398</sup>. Se bastante influenciado pelo romance de enigma tradicional, em especial pelos livros de Conan Doyle centrados em Sherlock Holmes, a narrativa de *Nos Mistérios subterrâneos de S. Paulo* será organizada com base no *roman noir* ou *thriller*<sup>399</sup>. Ao longo do livro o narrador distribui indícios sobre os Olhos Brancos, mas que têm seu sentido pleno no último episódio, após a prisão dos criminosos, quando Borborema conta como desvendou o crime. Neste romance, aparecem os mesmos elementos dos livros sexuais: ganância pelo poder, pelo dinheiro, e o amor. Este é rapidamente tratado no livro, pois o aspecto central é a corrupção e a exploração dos mais pobres, que na história tem duas instâncias inter-relacionadas: a do poder público e a da camada mais rica da sociedade paulistana.

A corrupção no poder público se expressa principalmente pela figura de Abelardo Laurentino. Fica difícil saber na história se a incompetência que marca essa personagem é função do seu caráter corrupto ou o contrário.

A incompetência de Laurentino está muito presente na narrativa, mascarada pela sua aparente eficiência. Prisões sem fundamento, atraso na investigação e no comparecimento à cena do crime, hipóteses absurdas sobre os crimes, são normais na prática policial do delega-

---

<sup>397</sup> Sobre a publicação desse livro, cf. nota 113, *supra*.

<sup>398</sup> “No entanto, basicamente, uma história policial tradicional, escrita em francês ou inglês, pode ser definida como um conto onde o interesse principal do autor recai sobre a descoberta metódica, por meios racionais, das circunstâncias exatas de um ou de uma série de eventos misteriosos. A história é montada para aumentar a curiosidade do leitor através de um quebra-cabeça, que geralmente esconde a autoria de um crime. Apesar de algumas exceções, na maioria das histórias policiais o mistério central não é o crime, ele apenas serve para gerar a história da investigação com uma intriga dramática e complicada que será brilhantemente resolvida pelo herói. Ao final, o analista trará uma conclusão sensacional, com todas as evidências claramente explicadas, onde a justiça triunfará. O *romance de enigma* tende assim para a arquitetura de uma dedução perfeita”. PIRES, Clelia Simeão. *Violência, erotismo e transgressão: A grande arte*, um romance policial de Rubem Fonseca. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, apresentada à Coordenação dos Programas de Pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Rio de Janeiro: 2006, p. 20-21.

<sup>399</sup> “O *thriller* caracteriza-se por uma rejeição de quase tudo aquilo que fez a glória do *romance policial de enigma*. Nesse gênero, encontra-se a popular história de gangster, e nele não se trata mais de apenas identificar o criminoso, mas de agarrá-lo, tanto fisicamente quanto através da descrição de comportamentos capazes de identificar um grupo ou uma estrutura. Os detetives desse tipo de narrativa não usavam apenas a cabeça, mas também os punhos. As mudanças instauradas nessa nova vertente marcaram uma quebra abrupta na delicadeza do romance policial clássico, pois o crime já não era mais baseado em razões individuais como a vingança e a avareza. O tema central, aliado a brutalidade, passou a ser a corrupção social, especialmente entre ricos, como reflexo da mudança dos valores burgueses após a Primeira Guerra Mundial e do banditismo organizado. Pela influência da época em que fora criado, durante a tremenda crise financeira americana gerada pelo *crack* da Bolsa, da perseguição política, e ainda, pela Lei Seca, um novo tipo de detetive surgia num momento propício à exploração da violência. Através da leitura diária dos jornais, o povo norte-americano tomava conhecimento das façanhas dos diversos *gangsters*, em especial Al Capone e seus asseclas. Com isso, a violência conhecida através da leitura dos periódicos ia-se tornando um hábito. Perseguidas sem sucesso pela polícia, essas figuras acabavam sendo transformadas de bandidos em vítimas, ao passo que as autoridades ficavam cada vez mais desacreditadas por sua ineficiência”. PIRES, Clelia Simeão. *Violência, erotismo e transgressão: A grande arte*, um romance policial de Rubem Fonseca. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, apresentada à Coordenação dos Programas de Pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Rio de Janeiro: 2006, p. 25-26.

do. É nesse aspecto que a ironia do narrador, que permeia todo o livro, se aguça. Apesar de longo, vejamos a atuação no caso do suposto assassinato de Paulo Borborema

Só uma hora depois, procurado por toda a parte, em vão, é que apareceu o dr. Abelardo Laurentino. Ele tudo examinou, com a profundidade dos seus métodos, conducentes a agarrar sempre o criminoso com a boca na botija. O austero chefe de Crimes de Morte, pelo menos para salvar as aparências, limpou uma lágrima, lamentando a morte bárbara do famoso polícia, embora seu rival

- Este caso é claro como a luz do dia. Isto é fato palpável. Paulo Borborema foi assassinado a metradora Thompson, o seu cadáver foi logo raptado, assim como também foi raptada tia Graciema, de que eu até gostava muito. Mulher inteligente... Para mim, ela também está liquidada. Deve ter sido amordaçada...
- Mas, seu dr..., eu entrei aqui logo após os tiros... e não vi nada.. – ponderou o guarda-civil valente.
- Isso são detalhes... que a polícia técnica depois explicará, nos seus severíssimos estudos microescalafobéticos-freuditológicos... O certo é que o que estamos vendo. Os donos da casa não sumiram daqui, num momento desses, para ir beber champagne com os Olhos Brancos. Eles matam sempre. São fatos indiscutíveis.<sup>400</sup>

Como sempre, esse raciocínio do chefe de Crimes de Morte se mostrara completamente absurdo, pois Borborema explicou que tia Graciema, após os tiros, escondeu-se com um boneco de cordas que disfarçava o policial num dos alçapões da casa<sup>401</sup>. Notemos tanto o tom irônico do narrador em relação ao policial, ao enfatizar a “profundidade dos métodos”, quanto a linguagem técnica utilizada pelo delegado, que escondia a incompetência e o absurdo das hipóteses quando confrontados com as evidências, expressas nas ponderações do guarda-civil que entrara na casa logo após os tiros. No trecho, interessa menos ao policial desvendar o crime do que manter a aparência de eficiência, reforçada pelo jargão utilizado, cuja emulação estapafúrdia cria um efeito cômico.

Essa simulação das aparências é percebida e utilizada pelos seus secretas Pedrão e Carapiá, que “se tornavam ladinos, tendo aprendido por experiência que nada lhes era tão útil como elogiar o seu chefe, olhando-o sempre com olhares assombrados, não admitindo que houvesse na modelar polícia paulista detetive mais genial do que o probo dr. Abelardo Laurentino”<sup>402</sup>. Assim, ao saber dos Olhos Brancos, Carapiá diz ao chefe: “O senhor há de desculpar... mas eu não queria estar na pele dos bandidos que se atravessam no seu caminho... Coitado deles!...”<sup>403</sup>, comentário que agradou o delegado. Na força pública, manter as aparên-

---

<sup>400</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 165.

<sup>401</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 187-188.

<sup>402</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 9.

<sup>403</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 9.

cias para o chefe é comportamento importante para manter o emprego, como faz Laurentino para Calazans ou os secretas para Laurentino.

Outro característica dessas personagens é a corrupção, evidente no episódio da ameaça ao bicheiro Lamas pelos Olhos Brancos. Na recusa de Laurentino a receber o bicheiro,

Lamas insistiu, alegando os seus inúmeros títulos de benemerência pública, pois as suas trezentas e quarenta e oito casas de jogo pagavam diariamente quase cem ‘multas’... Esse argumento do bicheiro impressionou as quatro ilustres autoridades, no corredor mal encarado. E assim Lamas, com a sua queixa horripilante, teve ingresso no salão do austero chefe de Crimes de Morte.<sup>404</sup>

Quando Laurentino expulsou o rei dos bicheiros da delegacia, este foi consolado por Carapiá “com o carinho compatível com a multa diária de oito mil réis, que o contraventor há anos pagava ao secreta”<sup>405</sup>. Então Lamas procurou Paulo Borborema e o reverendo padre Bento, “acostumado a receber esmolos fartas de Lamas, para os seus inúmeros pobres”<sup>406</sup>, mas ambos se recusaram a ajuda-lo quando sabem da ameaça dos Olhos Brancos. Depois o bicheiro é preso “com todo o carinho”, isto é, tomando pancadas e quase linchado pela população, por ter publicado panfleto contra a polícia. Após longo discurso sobre a salvação pública e publicidade, o delegado diz

- Pois, meu caro, debaixo do mais absoluto segredo, sob pena de eu negar tudo e você voltar aqui de novo preso com todo o carinho, você vai subscrever alguma coisa para a nossa caixa secreta, para combate tremendo ao inferno... que é os... Olhos Brancos! Ajude-nos a defender os seus milhões...
- Quanto, seu dr.?
- Vinte contos. Faça um cheque ao portador...<sup>407</sup>

A corrupção pública não se dava apenas pela extorsão, mas também pelo favorecimento ilícito de empresários, como ocorre com a fundação de uma empresa por Albanes Paes Leme, negócio que lhe permitia aplicar o “conto do petróleo”. Nas palavras de Borborema:

Hoje, há processos científicos absolutamente idôneos, fazendo que o conto do petróleo não possa ser punido criminalmente. A ciência prepara artificialmente ‘terrenos petrolíferos’, os otários fervilham ao redor desses terrenos, e os capitais esperançosos escorregam para os bolsos dos incorporadores... Em resumo: o herdeiro dos pulsos de aço de Fernão Dias Paes Leme encontrou em Vila Prudente, dentro da cidade pode-se dizer, uma jazida petrolífera. Funda-se a Companhia Sul Americana de Petróleo, pelo processo por que se fundam os bancos estrangeiros entre nós, quer dizer, sem nenhum dinheiro dos banqueiros... A Companhia foi engrossando, e as sondagens foram se fazendo pelas colunas dos jornais, com o escândalo da publicidade moderna. O petróleo iria jorrar, sem a mínima dúvida, num dilúvio, a

<sup>404</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 108.

<sup>405</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 109.

<sup>406</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 111.

<sup>407</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p.136-137.

qualquer hora... As perfurações, porém, eram literárias, com clichês, polêmicas, chás, brochuras, poltronas em escritórios cheios de garotas, divãs fofos...<sup>408</sup>

Esse tipo de processo ilícito também está presente no edifício Cidade Lamas,

que ia ter o privilégio municipal de abrigar todo o meretrício da cidade. Uma lei já fora promulgada a respeito, decretando mais que muitos outros vícios, turismos sifilíticos, e outras atrações ficariam circunscritas às paredes do formidável prédio. Também nele haveria cinemas, teatros, três igrejas de credos diferentes, um circo com galpões para feras, assim como vários apartamentos onde o inquilino tinha garagem e hangar ao lado do banheiro (...) e por último [o Lamas teria ideado] por no último andar a estátua dele, de vinte metros de altura, toda folheada de ouro, como um Cristo no Corcovado...<sup>409</sup>

Vimos portanto como o narrador representou a utilização do público em benefício privado, seja o uso da autoridade policial para angariar fundos impróprios, sejam as negociações escusas que visem beneficiar os mais ricos como Lamas ou Albanez. A corrupção da força pública é apontada por Sandra Reimão como uma constante do gênero policial brasileiro, já inaugurada pelo folhetim e posterior livro *O Mistério* (1920) escrito por Coelho Neto, Viriato Corrêa, Medeiros e Albuquerque e Afrânio Peixoto<sup>410</sup>. *O Mistério* já contém alguns dos principais temas da narrativa policial brasileira: a visão negativa do sistema policial e do sistema judiciário, o crime moralmente justificável, a justiça com as próprias mãos e a impunidade dos crimes. Esses aspectos colocam em xeque a suposta imparcialidade e o papel de interesse público do sistema policial-judiciário na sociedade brasileira, ressaltando a predominância dos diversos interesses particulares na sua atuação<sup>411</sup>.

João de Minas não chegou a problematizar em suas narrativas o sistema judiciário brasileiro na medida em que terminava suas histórias com a prisão dos bandidos, mantendo o foco na sátira policial. Vale lembrar, nesse sentido, que o herói protagonista é um detetive amador, não fazendo parte dos quadros da polícia, a qual, todavia, não pode prescindir de seus serviços para a solução dos crimes mais difíceis. O protagonista, além perseguir os criminosos, precisa lidar com a inveja e incompetência de Laurentino.

---

<sup>408</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p.178-179.

<sup>409</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p.172-173.

<sup>410</sup> REIMÃO, Sandra Lúcia. *Literatura Policial Brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, pp. 13-19.

<sup>411</sup> REIMÃO, Sandra Lúcia. *Literatura Policial Brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, pp. 36-40. Na página 40, a autora diz: “A crítica à polícia enquanto instituição e a denúncia de falhas no sistema judiciário, constantes em nossa literatura policial enigma, fazem também com que boa parte das narrativas policiais brasileiras se situe de maneira diversa dos clássicos do gênero que são narrativas ‘delimitadoras de culpabilidade’, já que essa literatura nacional ‘espalha’ e aponta toda uma tessitura de culpas e omissões que, em nossa sociedade, contorna o crime. Além de indicar a possibilidade de impunidade mesmo quando há um culpado explícito”.

Outro eixo temático retratado no romance *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo* é a questão da exploração da classe operária por setores sociais ligados às classes dirigentes. Essa situação já apareceu na fala de Alina a Altamira no subitem anterior. Consideramos importante estudar o tema por que ele revela com detalhes como o autor concebe a situação daqueles que não tem nada a oferecer aos ricos e poderosos senão sua própria força de trabalho.

“A classe operária na cidade de São Paulo, de maneira geral, era pobre”<sup>412</sup> diz Maria Auxiliadora Guzzo Decca em seu estudo sobre a vida operária paulistana entre 1927-1936. Os baixos salários, em torno de 200\$000 réis mensais para homens (as mulheres e crianças ganhavam menos), não davam para suprir as necessidades mínimas de sobrevivência, levando a: uma alimentação insuficiente; condições de higiene, saúde e habitação precárias, pois as casas eram pequenas e mal iluminadas, em bairros afastados com nenhuma infra-estrutura e saneamento; e um vestuário com um mínimo de peças utilizadas no dia-a-dia ou no fim de semana<sup>413</sup>. Esse “inferno” foi retratado de forma dramática pela imprensa operária por meio de textos e imagens que ressaltavam a degradação moral e material dos operários, fruto da exorbitante exploração, contrapondo-se à opulência da classe capitalista, aliada do clero e dos mecanismos de Estado (como a polícia)<sup>414</sup>.

João de Minas também representou a dramática situação do operariado paulista. Se no livro *Nos misteriosos subterrâneos de S. Paulo* o tema aparece esparso, ele é central em *A Datilógrafa Loura*, que se passa num escritório e não numa fábrica, onde trabalhavam a maioria das mulheres da época. Em ambas as histórias a situação das camadas mais pobres era a pior possível, pois estavam à mercê do poder constituído (a polícia) e dos mais ricos.

O emprego feminino costuma ser representado de forma extenuante e cansativa, com salários insuficientes. Altamira de *A Datilógrafa Loura* trabalha até à exaustão para ganhar 150\$000 réis mensais, abaixo dos baixos padrões salariais da época. Essa exploração também é mostrada pelo narrador de *Nos Misteriosos Subterrâneos de S. Paulo*, segundo o qual Helena Estader “tinha inveja de todas as moças que trabalhavam para viver, ou para envelhecer, o

---

<sup>412</sup> DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 38

<sup>413</sup> DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, cap. 1

<sup>414</sup> AZEVEDO, Raquel de. *A Resistência Anarquista: uma questão de Identidade (1927-1937)*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2002, pp. 174-202; DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, pp. 112-118; HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão: (vida operária e cultura anarquista no Brasil)*. São Paulo: Brasiliense, 1983

que na mulher é uma forma de morrer duas vezes”<sup>415</sup>. A ricaça tinha muitas amizades, “sabendo-se fazer querida ao ponto de ser acatada como uma líder das aspirações trabalhistas das pequenas que almoçam um sanduíche nos bares automáticos, mas em compensação trabalham doze horas por dia, com as unhazinhas rebrilhando e o ruge inalterado nos lábios”<sup>416</sup>. Não se identificando com a futilidade da alta sociedade nem com o feminismo (pois ela considerava que “a pior maneira da mulher emancipar-se era a intelectual”), o “inferno” que seduzia Helena era “trabalhar (...) como um burro numa casa comercial, no fundo pestilento de um escritório, diante de uma Remington, ou batendo as ruas, agarrada a uma pasta, oferecendo a venda de mercadorias”<sup>417</sup>, pois ela preferia “o combate prático e duro, sem cabotinismo, ou a luta, o arranca-rabo profissional”<sup>418</sup>.

O desemprego era um fantasma que rondava os pobres e proletários e, além das necessidades materiais pelas quais passavam, João de Minas fazia com que tivessem um destino trágico, como no caso do desempregado preso por Laurentino:

Esse indivíduo era operário de uma grandiosa fábrica de baralhos no Brás. Fora despedido, e justamente na hora em que Clotilde espatifava-se com o planador, ele estava fazendo uma operação desnorteante: estava, ele mesmo, técnico na fabricação de baralhos, partejando a esposa, por não ter absolutamente conseguido, por falta de dinheiro de contado, outro parteiro que não fosse ele próprio; a parturiente e a criancinha morreram, devido ao mau parteiro, que apenas possuía um bom coração de pai e de esposo; e esse homem trágico, para esquecer as suas dores alucinantes, sem emprego em qualquer outra fábrica de baralhos, fora para os botequins do Piques filar cálices de cachaça de um ou de outro conhecido, menos desgraçado do que ele!... Foi então preso, como bandido do desastre do avião. Tudo isso se provou dolorosamente, depois do preso ter amargado setenta horas de geladeira, sem comer, com uma surra de borracha por cima.<sup>419</sup>

O estereótipo que associa os operários a bandidos parecia difundido entre os policiais: “Carapiá tinha a especialidade de agarrar malandros, e para ele todo o sujeito mal vestido e que fora despedido de um emprego era malandro”. Adentrou com Pedrão a sala do delegado e “aos sopapos vinham trazendo dois presos, mal vestidos e com cara de fome”, dizendo: “Prendemos mais esses dois. Eles tem cara de gangster”. Pedrão complementou: “E nois, seu doutor, já temos a prova de que eles mesmo é que cortaram a cabeça da diaba da moça.”<sup>420</sup>.

---

<sup>415</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p.75-76.

<sup>416</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 76.

<sup>417</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 76-77.

<sup>418</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 76.

<sup>419</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 23-24.

<sup>420</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 29.



Quando não eram maltratados pela polícia, os pobres eram extorquidos das mais diversas formas. O motivo que levou os Olhos Brancos a raptarem o médico dr. Estader foi o seguinte, nas palavras de um dos raptadores:

estava eu no bar tomando uma cerveja, quando aqui o dr. Estader, que eu ainda não tinha o prazer de conhecer, sentou-se sozinho numa mesa bem próxima. Não tardou que surgisse um sujeito de aspecto pobre, tresandando amargura, que começou a fazer uma súplica ardente a este cachorro... (...) este tal desgraçado tinha um filho doente, e suplicava ao médico, que é o dr. Estader, que lhe fosse salvar o filho, pelo amor de Deus. Ouvi perfeitamente este individuo dizer ao coitado: ‘Só lhe darei a consulta por 20\$000, pagos adiantados’. O outro respondeu: ‘Não lhe posso pagar isso, porque não tenho um vintém!!!...’ O dr. Estader riu, impassível... Resolvi, por uma inspiração da Providencia Divina, conhecer melhor aqui este excremento diplomado em medicina... o nosso prisioneiro aqui presente. Com a habilidade que me caracteriza, informei-me instantaneamente a seu respeito, e soube que ele possuía mais de mil contos, arrancados aos agonizantes, negociando com a dor, cobrando juro dos túmulos. Estava escolhida a vítima do nosso segundo tiro na praça...<sup>421</sup>

A mulher do Dr. Estader tinha uma imagem completamente diferente do marido, crendo que ele “é um exemplar pai de família, profundamente bom, e como médico é a caridade em pessoa, fazendo muita falta aos pobres, que dele tudo obtém, inclusive dinheiro para receitas”<sup>422</sup>.

Crueldade semelhante tinha Lamas. Para o narrador, um dos “gozos milionários do probo capitalista” era “ver os famintos, desde os bacharéis aos filósofos e aos pensadores profundos, xinga-lo, verdes de estômago vazio, assando nos espetos da desgraça...”<sup>423</sup>. É o dr. Albanez quem esclarece ao filho que “o Lamas, um bicheiro imundo, furta do povo pobre quase duzentos mil contos”.

De certa maneira, os crimes dos Olhos Brancos tinham um critério ético, pois visavam extorquir dinheiro da alta sociedade paulistana, principalmente de pessoas imorais. Foi o caso de Clotilde Ronelli, esbanjando dinheiro com farras, de Sérgio Estader e Lamas, pela extorsão aos pobres, esse último ainda querendo se promover com seu edifício Cidade Lamas. Também era idéia dos gansters cobrar impostos dos donos de edifícios, como o Martinelli. Esse aspecto “ético” aparece nas conversas de Roberto com Albanez, quando este dizia para o filho não se meter com os Olhos Brancos porque suas vítimas mereciam uma lição.

Além das péssimas condições de vida, é mostrado nos romances de João de Minas como a vida das camadas trabalhadoras era precarizada devido ao modo de vida acelerado da metrópole. Longas e esparsas reflexões permeiam a narrativa, mostrando o ritmo e a condição

---

<sup>421</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 69-70.

<sup>422</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 74.

<sup>423</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 118.

do trabalho em São Paulo. O início do dia na metrópole é assim descrito em *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*:

A boa cidade de São Paulo amanhece correndo. Quer dizer, o seu povo noventa e nove por cento levanta mesmo da cama, mal amanhece, e sai correndo para o trabalho. Este, na cidade tentacular e sem entranhas, onde um cidadão se não abrir o olho pode morrer de fome sem a família saber, é sempre duro e puxado à sustância. Desse modo, o trabalhador é cientificamente trabalhador mesmo. É que São Paulo, sem contestação o maior parque industrial da América do Sul, trabalha produzindo construção, produzindo obras, coisas e homens muitíssimo palpáveis.<sup>424</sup>

E, ao final do expediente, no romance *A Datilógrafa Loura*, João de Minas descreve assim o esvaziamento do Martinelli

O formidável casarão, trinta e dois andares, único na América do Sul, todo de cimento armado em caixas frias, cômodos, salasinhas, cubículos, tudo duro e reto, fazendo um ambiente penitenciário – se esvaziava. Coisa de duas mil pessoas deixavam o arranha-céu, que marcava a vertiginosa alta falsa do café. (...) Os elevadores corriam, descendo e subindo, dando pulos entre os andares, como pavorosos gorilas negros, saltando pelos braços retorcidos de uma floresta virgem. E o ruído das ruas, lá no fundo daquilo tudo, vinha como um clamor de assalto, ou como se um choque de locomotivas subterrâneas estivesse despedaçando vidas, tábuas, ossos, idéias, prazeres, agonias, num desastre corretamente organizado, para o cinema de um pesadelo.<sup>425</sup>

As três palavras mágicas – velocidade, trabalho, progresso – foram de tal forma positivamente associadas à identidade paulistana pelo discurso oficial na primeira metade do XX que pareciam coladas à auto-percepção da cidade e seus habitantes, como uma segunda natureza. Durante o vertiginoso processo de urbanização, “trabalhar para São Paulo crescer” num ritmo frenético e alucinante parece ter-se tornado de tal forma um imperativo dos tempos modernos que apagou as identidades e memórias outras sobre a metrópole, relegando aqueles que ousassem lembrá-las ao mais completo esquecimento<sup>426</sup>.

Dessa sina também parece ter sofrido João de Minas, ao captar algumas das contradições do progresso tecnológico paulistano. No romance *Uma Mulher... Mulher!*, ao ler a notícia sobre o primeiro assassinato à metralhadora em S. Paulo, diz Setúbal à noiva: “Leia, e veja como São Paulo tem progredido”<sup>427</sup>. Mais adiante, outra personagem, Margarida, que sofre de

---

<sup>424</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 82-83.

<sup>425</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 7-8.

<sup>426</sup> Parágrafo baseado em SALIBA, Elias Thomé. História, Memória, Tramas e Dramas da Identidade Paulistana. In: PORTA, Paula. *História da Cidade de São Paulo*. v. 3: A cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004, pp. 555-587. O autor faz referência a João de Minas como um dos outros registros noturnos sobre a metrópole que foram esquecidos pela história literária (p. 584).

<sup>427</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 81.

sífilis, lamenta à colega Luciana: “São Paulo? É uma cidade de mentiras e de infâmias. Aqui tudo é falso!”<sup>428</sup>

O autor mineiro também captou contradições da aceleração da vida metropolitana que servia para forjar a imagem de uma São Paulo progressista, ressaltando ironicamente as implicações negativas para a vida dos trabalhadores. Em *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo* o intenso ritmo de trabalho levava o proletário a não perceber a realidade à sua volta:

suponhamos que o trabalhador paulista, qualquer que ele seja, encontre de manhã no seu caminho da fábrica a própria Carmen Miranda, recolhendo-se bêbada e à pé com alguns rapazes perigosos. Esse grupo conspícuo corre o risco de nem ser visto, apesar dos esbarrões que poderá levar. É que o proletariado bandeirante, estrangeiro ou não, além de andar depressa para chegar depressa, não sabe olhar, ou melhor, não sabe ver. Ele parece só olhar para o chão e apenas o bastante para não entrar debaixo de um bonde, de um automóvel, ou do carroção da limpeza pública. Cidade à parte, esta notabilíssima São Paulo!<sup>429</sup>.

E o operário no final de semana ainda está permeado por esse ritmo alucinante:

O sábado na cidade dos arranha-céus é um dia que se faz um pouco mulher. Como um milagre, ou um pecado mortal, o centro na tarde desse dia se mostra crivado de elegâncias vadia, tontas, sem o corre-corre do trabalho desenfreado e com a quase frivolidade da flanação carioca. (...) Esse povo em séries, o bom povo da cidade de São Paulo, está então passeando por necessidade animal, pela mesma razão porque uma criança dorme a horas certas. Esse povo trabalhou a semana toda, e destrabalha, ou ainda trabalha, isto é: trabalha na tarefa de não trabalhar...<sup>430</sup>

Nessa série de trechos João de Minas percebeu como o ritmo acelerado do cotidiano na capital paulista impregnava-se no operário, como que automatizando seus modos de vida. Nem mesmo nas horas vagas ele conseguia se libertar da temporalidade marcada pela longa jornada de trabalho repetitivo. Diferentemente dos baixos salários, da extorsão e da abordagem policial, para muitas pessoas esse tipo de submissão não é sentida como tal, de tão incorporada e tão naturalizada na classe operária paulista; mas concorre junto os demais fatores de precariedade para tornar opressiva a carga sobre o trabalhador.

Assim, de forma irônica e humorada, o autor incorporou o conflito de classes na sociedade paulista, procurando mostrar o viés classista tanto do poder público quanto da introdução de tecnologias modernas no cotidiano, que causavam no povo em geral e nos operários em particular o condicionamento de um modo de vida já precário. Nesse sentido, seu discurso incorporava temas próprios dos movimentos operários das primeiras décadas do século, em

---

<sup>428</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 85.

<sup>429</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 83-84.

<sup>430</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 86.

especial dos anarquistas<sup>431</sup>. Mas, diferentemente destes, em João de Minas não há programa ou projeto alternativo de sociedade em prol da melhoria das condições dos trabalhadores.

O desfecho do romance é o de um final feliz à moda de Sherlock Holmes: os Olhos Brancos são identificados e presos, Abelardo Laurentino pediu exoneração do cargo e se transferiu para uma delegacia da cidadezinha de Santo Anastácio; Severino casou-se com Ana com o prêmio pela captura dos bandidos (50 mil contos); e Paulo Borborema dividiu sua parte com os policiais que o ajudaram, ficando apenas com a glória da solução do caso. Esse final provavelmente comporta uma última ironia pois, com a alegria pela captura dos bandidos, tem-se a sensação de que as coisas continuarão como antes, retornando ao seu curso normal, para alívio do governo instituído. Assim, a narração dos feitos Paulo Borborema restauraria e revelaria a ordem social e pública corrompida sob a qual estaria São Paulo.

Para João de Minas, tal governo não teria surgido de um poder genérico e atemporal, mas seria fruto de uma conjuntura precisa, que produzia e referendava a situação instável de poder. Seus romances estão permeados por reflexões sobre essa situação histórica específica, aos seus olhos gerada pelo movimento de 1930 e persistente até o momento em que coloca um ponto final em sua literatura.

---

<sup>431</sup> Sobre o discurso anarquista, ver AZEVEDO, Raquel de. *A Resistência Anarquista: uma questão de Identidade (1927-1937)*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2002, pp. 174-202; DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, pp. 112-118. Sobre seu impacto na cultura e na literatura, ver HARDMAN, Francisco Fot. *Nem Pátria, Nem Patrão: (vida operária e cultura anarquista no Brasil)*. São Paulo: Brasiliense, 1983

## Perspectivas de Revolução

### Depois, miseravelmente depois...

Os anos 20 foram “uma década evidentemente empenhada no processo revolucionário”<sup>432</sup>, devido às sucessivas ações empenhadas em solucionar de forma drástica as mazelas da política e das instituições nacionais, as quais levaram a reações enérgicas do poder constituído: a Revolta do Forte de Copacabana em 1922, a tomada de São Paulo em 1924 e a marcha da Coluna Prestes até 27. Apenas o movimento de 1930 levou ao golpe bem-sucedido, em outubro<sup>433</sup>. Conjuntamente com os debates que envolviam os meios operários, o assunto ficou na ordem do dia:

em todas as falas, seja no debate mais amplo que agitava o meio político nacional, seja nas disputas políticas menores do dia-a-dia, o conceito de ‘revolução’ colocava-se claramente como central para todas as vozes envolvidas; isso se percebe nos variados registros (na imprensa, em anais, como em ensaios, memórias e até na literatura). Essa infinidade de fontes comprova a centralidade e a predominância do conceito em diferentes conteúdos, e essa ‘revolução’ aparece quase que permanentemente adjetivada como ‘brasileira’ (...) Assim, se explica que o termo apareça não somente em seu sentido do senso comum – o de um movimento militar de força que substituiria as práticas políticas legais, movimentos esses muito freqüentes nos anos 20 e 30 – mas também no sentido de transformações estruturais da sociedade brasileira.<sup>434</sup>

O sucesso do movimento de outubro de 1930, empreendido pelos grupos ligados a Getúlio Vargas, e o processo de instauração de uma nova ordem político-institucional a nível federal e estadual, afetaram as discussões dos intelectuais sobre o tema da revolução, reconfigurada pelo sentido dado pelo próprio poder instituinte<sup>435</sup>. Nos anos iniciais dessa década, ele vinha acompanhado e dava o tom à utilização de outros termos recorrentes nas fontes do período, como oligarquia/burguesia, República Velha/República Nova, Primeira República/Segunda República, movimento de outubro/Revolução de 30, Revolução Constitucionalista/Contra-Revolução, Governo Provisório/Ditadura, Tenentes/Tenentismo, política-

<sup>432</sup> MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1978, v. 6, p. 226.

<sup>433</sup> Sobre o clima revolucionário no debate intelectual de finais da década de 1920, ver Sevcenko, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*, p. 301 e ss. Sobre a articulação do golpe de 1930, ver MEIRELLES, Domingos. *Os Órfãos da Revolução*. São Paulo, Rio de Janeiro: Record, 2005. Sobre os projetos revolucionários em 1928, ver DE DECCA, Edgar Salvatori. *1930: O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

<sup>434</sup> BORGES, Vavy Pacheco. Anos 30 e política: História e Historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 161.

<sup>435</sup> DE DECCA, Edgar Salvatori. *1930: O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981, pp. 71-107; VESENTINI, Carlos Alberto. *A Teia do Fato: uma Proposta de Estudo sobre a Memória Histórica*. São Paulo: Editora Hucitec / História Social – USP, 1997.

lha/ciência/sociologia<sup>436</sup>. Esses pares conceituais não possuem nada de neutro no debate, mas revelam posturas polarizadas em torno do tema: por um lado, justificando e legitimando o novo regime ou, por outro, mostravam a oposição feita pelos grupos por ela deslocados do poder, principalmente os situados em São Paulo<sup>437</sup>.

Todavia, essas não eram posturas absolutas, pois “entre esses dois extremos oscilaram as diferentes propostas de reordenamento social, tendo como preocupação fundamental a definição de ‘rumos’ para a sociedade brasileira, tomando como modelos as experiências políticas dos países da Europa Ocidental.”<sup>438</sup>. O caráter recente do regime e sua legitimação pela idéia do “novo”<sup>439</sup> levava a uma pluralidade de posições políticas por parte dos intelectuais e agentes sociais. Assim:

nada mais compreensível que a faina reformuladora que assola o país no pós-30. Desde os projetos de restauração liberal nos moldes anteriores até os mais ousados planos de uma completa revisão institucional, o que se percebe no debate político é uma profusão de tendências cujo ponto de convergência é a constatação da necessidade de dotar a sociedade de uma nova ordem.<sup>440</sup>

Em torno do debate foi lançada uma torrente de livros tentando dar conta dos sentidos da revolução, dos temas que levantou e das possíveis soluções para o Brasil<sup>441</sup>. Uma obra expressiva desse momento e dessas questões saiu em 1933, revelando em seu título a diversidade do ambiente político brasileiro: “Para onde vae o Brasil? Para o comunismo? o fascismo? o integralismo? a democracia? o socialismo? o federalismo? a ditadura?”<sup>442</sup>. A obra reúne respostas a um inquérito realizado pelo *Diário de Notícias* junto a intelectuais<sup>443</sup>, aos quais

---

<sup>436</sup> BORGES, Vavy Pacheco. Anos 30 e política: História e Historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 161

<sup>437</sup> BORGES, Vavy Pacheco. Anos 30 e política: História e Historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 162-164; ver também COHEN, Ilka Stern. “Para onde Vamos?” *Alternativas políticas no Brasil (1930-1937)*, São Paulo, USP, 1997, Tese (Doutorado) em História, cap. I, itens 1 e 2.

<sup>438</sup> COHEN, Ilka Stern. “Para onde Vamos?” *Alternativas políticas no Brasil (1930-1937)*, São Paulo, USP, 1997, Tese (Doutorado) em História, p. 104.

<sup>439</sup> BORGES, Vavy Pacheco. Anos 30 e política: História e Historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 163

<sup>440</sup> COHEN, Ilka Stern. “Para onde Vamos?” *Alternativas políticas no Brasil (1930-1937)*, São Paulo, USP, 1997, Tese (Doutorado) em História, p. 46.

<sup>441</sup> Uma amostra circunscrita mas significativa dessa onda de publicações consta em OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. (coord.) *Elite Intelectual e debate político nos anos 30: uma bibliografia comentada da Revolução de 30*. Rio de Janeiro: FGV, 1980

<sup>442</sup> *PARA onde vae o Brasil? Para o comunismo? o fascismo? o integralismo? a democracia? o socialismo? o federalismo? a ditadura?* Rio de Janeiro: Renascença, 1933

<sup>443</sup> A lista de entrevistados revela a tentativa de mapear o máximo possível o espectro político e intelectual: Epitácio Pessoa, Antonio Carlos, Oswaldo Aranha, Juarez Távora, João Alberto, Rocha Pombo, Belisário Pena, J.J. Seabra, João Ribeiro, Herculino Cascardo, Gilberto Amado (que faz o prefácio da obra), Humberto de Campos, Maurício de Medeiros, Gustavo Barroso, Tristão de Ataíde, Jaime Vasconcelos, Agripino Grier-

foi perguntado “Para onde vai o Brasil?” Porém, o título não mostra que muitos se recusaram a responder a pergunta ou diziam claramente que a nação não ia a lugar algum, posturas reveladoras não apenas uma pluralidade de posições definidas mas de um clima de desnorteamen- to, instabilidade e insegurança, percebido no prefácio de Gilberto Amado:

Para onde vai o Brasil? Dificil chegar à conclusão pelas respostas que nos deram. O que podemos ver aí é o que vemos no mundo inteiro – um tremer de asas indecisas (...) Bem embaraçoso seria, porém, colher das diversas respostas uma orientação clara ou diversas orientações nítidas. A confusão do nosso tempo neles se reflete.<sup>444</sup>

João de Minas, apesar de não convidado a participar da coletânea, não ficou alheio a esse debate de sua época. Sua posição apareceu meses depois, em meados de junho de 1934, numa crônica intitulada “Depois, Miseravelmente Depois”<sup>445</sup>. Nela, reflete o cronista sobre o que ocorreu entre o então “longínquo” ano de 1925, quando teria presenciado a entrada da Coluna Prestes no município goiano de Rio Bonito, episódio que descreveu no seu “mais famoso livro” *Jantando um Defunto*; e o seu presente (1934), no qual se encontra à noite senta- do num banco do vale do Anhangabaú em São Paulo, para ele a “Canaã dos Flagelados”, con- templando o edifício Martinelli. Na crônica, há uma reflexão, eivada de humor, sobre a mu- dança política ocasionada pela Revolução de 1930.

Para o escritor o movimento de outubro teria gerado, por um lado, uma mudança de posições ideológicas. Afinal, o texto gira em torno de Juarez Távora. Segundo João de Minas, em 1925 ele fazia parte do estado maior de Prestes; em 1934, era Ministro da Agricultura do governo Vargas, realizando conchavos com Antonio Carlos e Benedito Valadares para se manter no cargo. Isso levou João de Minas a se lembrar das supostas palavras de Prestes em 1925: “Si o Antonio Carlos lhe der uma promoção no Exército, este Juarez nos vende...”<sup>446</sup>.

Todavia, junto dessas mudanças ideológicas, sujeitas ao caráter dos indivíduos e sua adequação consciente às conveniências do momento, há uma indagação sobre a mudança das estruturas políticas. O questionamento gira em torno das condições da situação das principais personagens dos antigos grupos dominantes, amigos de João de Minas. O efeito cômico se dá

---

co, Plínio Salgado, Oswald de Andrade, Gastão Cruls, Joraci Camargo, Tristão da Cunha, José Maria Belo, João Lira Filho, Jorge Amado, Alcides Gentil, Virgínio Santa Rosa, Otávio Tarquínio de Sousa, Arruda Fal- cão, Fernando Magalhães, Renato Travassos, Afrânio Peixoto, Berta Lutz, Paulo Prado, Berilo Neves, Ricar- do Pinto, Almáquio Diniz, Procópio Ferreira, Medeiros e Albuquerque, Lindolfo Collor, M. Paulo Filho.

<sup>444</sup> AMADO, Gilberto. Prefácio. In: *PARA onde vae o Brasil? Para o comunismo? o fascismo? o integralismo? a democracia? o socialismo? o federalismo? a ditadura?* Rio de Janeiro: Renascença, 1933, p. 6

<sup>445</sup> MINAS, João de. Depois, Miseravelmente Depois, *Pelas Terras Perdidas*, pp. 189-202.

<sup>446</sup> MINAS, João de. Depois, Miseravelmente Depois, *Pelas Terras Perdidas*, pp. 191.

pelo contraste entre sua elevada posição social e política passada com a desfavorável situação presente:

Como tudo mudou, ou bolou as trocas!... Aquele pudico Arthur Bernardes, que nesse ano remoto de 1925 era como que um deus (...) anda agora vagando pela Europa, sem chapéu, arrasado, de botas cambadas e colarinho sujo... Assim o meu inseparável amigo Dr. Washington Luís. Assim uma porção deles... Como se pode explicar tão elétrica, repentina reviravolta?... Não se sabe.<sup>447</sup>

É interessante notar pelo trecho como, passados quatro anos do acontecimento, João de Minas ainda se perguntava, incomodamente sem conseguir alguma resposta que o satisfizesse plenamente, sobre o que teria levado a “sólida” política brasileira da República Velha a se desmanchar no ar, como fumaça. Uma explicação é esboçada na seguinte reflexão sobre a condição histórica dos novos donos do poder:

Os Medeiros Netos, os João Beraldo, e outros que tais querem por toda lei fazer o probo dr. Getúlio Vargas de peão, e montá-lo no burro doido que é o povo, por mais quatro anos. O sedutor dr. Getúlio Vargas (com toda a sua récuca de interventores estaduais) vai e monta no diabo do burro popular. Aos dispois – como lá diz o meu cumpade Balarmino – o burro ouve cheiro de chamusco, ou de porva queimada. E empina, e arruma no chão os cavaleiros, esborrachando-os na lama da estrada da História do Brasil!... Será pissi-i-i-i-ive, gentes?... É possível, sim, e muito possível o burro brabo dar com o tra-seiro redondo de todos esses ilustres cavaleiros no chão. E aosdispois – sempre como lá diz o disgramado do meu cumpade Balarmino – a fulia vira arrelia... E recomeça a história. Serão os atuais moços bonitos discricionários que passarão a vagar pela Europa, descalços, sem chapéu, sofrivelmente bichentos... (Isso mais porém bice-bersa-u-cuntrario que os parta se os granadeiros o permitir, porque pode muito bem haver um churrasco de cabeças cortadas, com molho de sargentos em azeite dendê do bão...)<sup>448</sup>

Assim, com humor pautado na tentativa de simular uma linguagem oral interiorana, vemos sintetizado como João de Minas viu o processo revolucionário: um movimento militar que, incitando uma instabilidade popular do povo brasileiro (significativa e ambigualmente comparado a um burro bravo<sup>449</sup>), teria deposto os antigos governantes (descritos de forma calamitosa) e estabelecido um novo regime. Essa leitura do passado recente partia da percepção peculiar de uma situação política presente: o povo estaria pronto para, na menos trágica das possibilidades, jogar na “lama da estrada da História do Brasil” aquelas novas persona-

<sup>447</sup> MINAS, João de. Depois, Miseravelmente Depois, *Pelas Terras Perdidas*, pp. 189-202.

<sup>448</sup> MINAS, João de. Depois, Miseravelmente Depois, *Pelas Terras Perdidas*, pp. 191.

<sup>449</sup> Essa imagem parece ter sido reapropriada por João de Minas a partir de Humberto de Campos, que, no livro “*PARA onde vae o Brasil?...*”, responde à questão com uma história de um de seus livros: Na festa da Penha, um português bêbado monta num cavalo selado, com a finalidade de ser admirado como cavaleiro. Quando os foguetes da festa explodem, o cavalo assustado dispara sem rumo, com o português em vão tentando dominá-lo. Nesse ínterim, um amigo passa e pergunta ao lusitano onde ele vai, o qual diz “Num si xabe...”. Então Humberto de Campos arremata: “De que vale perguntar para onde vai o Brasil, se ele também cavalga um corcel desembestado?” *PARA onde vae o Brasil?...* Rio de Janeiro: Renascença, 1933, p. 54-55



gens como Getúlio Vargas e seus interventores, assim como fez com os antigos governantes Washington Luís e Arthur Bernardes. Na possibilidade mais trágica, a imagem do churrasco revela a percepção de terror que poderia advir, projetado pelo autor com base na vivência que teve de 1930, ao fugir do país em função do governo que se instaurava.

Nesse trecho, João de Minas abordou dois dos temas muito caros a esse debate sobre outubro de 30: o clima de instabilidade política gerado<sup>450</sup> e o alcance popular do movimento<sup>451</sup>. Sua posição se pauta por uma visão negativa de ambos, seja da ignorância do povo e do perigo social que a instabilidade pode ocasionar. Assim, há uma percepção cíclica da história a partir do reconhecimento de uma conjuntura política instável para o novo regime.

Num terceiro nível, para João de Minas, essa mudança política teria reverberado noutros setores da sociedade, também percebendo 30 como um marco de mudanças estruturais para a sociedade brasileira como um todo e em todas as suas dimensões. O tom, devido ao sentimento de mudança histórica, é de extrema perplexidade melancólica: “Os anos passaram. Tudo mudou, no terremoto japonês que nos virou de catrâmbias. Outro mundo, outro espírito, outra cultura, e até outra geração.”<sup>452</sup>

Aquilo que João de Minas sente como uma mudança generalizada, catalisada por um evento político, também teria causado impacto direto no seu próprio destino. Diz que, se perguntado em 1925 sobre como seria o seu futuro, responderia com toda a convicção “Em 1934 eu serei no mínimo senador da República, e... milionário, ainda por cima!”<sup>453</sup>. Todavia, o “terremoto japonês” não o tornou milionário nem senador; pelo contrário, o teria colocado a na mesma condição dos seus ilustres amigos: apesar de ter fugido para a Argentina em 30, no momento da crônica o seu exílio não é geográfico, da pátria, mas um exílio histórico, não na

---

<sup>450</sup> “Após outubro de 1930, numa freqüente apontada situação de ‘crise’, sucediam-se as imagens de ‘confusão’, de ‘desordem’, de ‘anarquia’, de ‘erro’, de ‘turbilhão’ ‘encruzilhada’ ‘carnaval’, de ‘atoleiro’, de o país estar ‘na beira do abismo’, de ‘caos’ e até de ‘inferno’.” BORGES, Vavy Pacheco. Anos 30 e política: História e Historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 163

<sup>451</sup> “O grande parceiro da revolução, em todas as falas apontado como seu legitimador, era o ‘povo’, tanto no movimento militar como para as propostas futuras” BORGES, Vavy Pacheco. Anos 30 e política: História e Historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 163. Ilka Cohen aponta a centralidade, para os analistas da época, da questão da incorporação das massas no cenário político, nos temas da legislação trabalhista, do papel das massas no cenário político via sufrágio e dos projetos de educação das massas. COHEN, Ilka Stern. “*Para onde Vamos?*” *Alternativas políticas no Brasil (1930-1937)*, São Paulo, USP, 1997, Tese (Doutorado) em História, p. 4-5.

<sup>452</sup> MINAS, João de. Depois, Miseravelmente Depois, *Pelas Terras Perdidas*, pp. 199.

<sup>453</sup> MINAS, João de. Depois, Miseravelmente Depois, *Pelas Terras Perdidas*, pp. 191.

Europa mas na própria São Paulo: “Saí de casa, depois do jantar. Fui andando, apagado, como um fantasma de um outro tempo, de uma idade morta... Fui andando.”<sup>454</sup>.

João de Minas foi um dos escritores que perceberam o pós-1930 na sociedade brasileira com um sentido de mudança generalizada. Apesar das suas inserções no novo governo e diferentemente de outros contemporâneos ligados ao regime ou às diversas facções políticas, não foi um entusiasta dos “novos tempos”. O que percebemos pelos trechos acima é, ao contrário, uma profunda sensação de deslocamento em relação ao presente vivido, a qual vai permear suas obras literárias desse período. A seguir trataremos de dois temas presentes na literatura urbana do autor que devem muito aos sentimentos que permeiam a crônica acima: como os eventos de 30 e 32 afetam o destino individual das personagens e a concepção de um poder político instável.

### 30 e 32 na literatura urbana de João de Minas

Em relação ao desenvolvimento dos romances de João de Minas, o sobe e desce de pessoas e grupos políticos no poder em 30 repercutiu do mesmo modo no destino de gente comum, nestes talvez até de forma mais drástica, pois afetou para o bem ou para o mal sua própria sobrevivência e os destinos de vida, como bem exemplificam Asdrúbal, Jonas, Altamira e Margarida. A construção narrativa tende a enfatizar e mesmo dramatizar o papel que esses eventos tiveram para a história do país ao associá-los com mudanças no destino individual das personagens.

Significativo é considerar o romance *A Mulher Carioca aos 22 Anos* sob este aspecto. Como já dissemos, logo no prefácio o autor anuncia a matéria deste seu livro:

é uma ponte entre a república velha e a nova. Nesse sentido, é o único. Esse romance romanceia, mudando os nomes dos bois, os últimos tempos da república do PRP. E passa para os primeiros tempos da república nova, ao redor de um moço que acaba interventor de alagoas. O leitor, que ler este livro com a competente malícia, compreenderá logo o movimento das máscaras. E decifrará os heróis e a heroína. Porque eles estão vivos, por aí...<sup>455</sup>

No romance, o moço que se tornou interventor de Alagoas chama-se Asdrúbal e, apaixonado por uma conterrânea que se transformou em “dançarina egípcia”, deu o golpe do baú na protagonista Angélica, que morre de desgosto com o filho do casal. O último capítulo do romance termina justamente com a mudança de regime, assim: “Asdrúbal, era inegável, entrava para a luminosa galeria dos estadistas, proprietários abastados de gordo patriotismo. É

---

<sup>454</sup> MINAS, João de. Depois, Miseravelmente Depois, *Pelas Terras Perdidas*, pp. 199.

<sup>455</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 11.

que, enquanto ele saboreava Paris, o sr. Washington Luís foi jogado na lata do lixo, e rompeu a Segunda República”<sup>456</sup>. Asdrúbal, em Paris, foi requisitado por Getúlio Vargas para ocupar o cargo de Interventor, fato contado de forma irônica (tendo em vista o que já se passara no romance) pela imprensa, assim:

(...) O caso alagoano acaba de ser resolvido de maneira mais popular e democrática possível, sendo nomeado para ali um chefe que é, sem favor, um varão de Plutarco. Um Insigne! Um Incomparável! Referimo-nos, com o devido respeito, e uma emoção que nos faz tremer a pena, ao probo Dr. Asdrúbal Melanio, excelso alagoano, aparentado pelo casamento em segundas núpcias coma realza egípcia. Esse exemplo de virtudes foi chamado urgente de Paris, onde se achava em delicada missão confidencial da Ditadura, e é esperado amanhã em Santos por seus inúmeros amigos (...)<sup>457</sup>

Em *A Datilógrafa Loira*, algumas das personagens também foram afetadas pelos eventos políticos de outubro de 30. A família de Altamira, falida pela crise de 29, não encontrou amparo entre os antigos amigos políticos

em fins de 1932, d. Carmela, viúva, pobre, vinha para São Paulo com os dois filhos, à procura de velhas amizades, dos antigos políticos esbodegados pela Revolução, e que a haviam de ajudar numas demandas e ferozes hipotecas. O major Piraí [pai de Altamira] quebrara, focinhara, num assalto de desgraças sanguíneas. Perdera tudo. E rebentara, de uma apoplexia, ao ser caçado como um porco caetetú, nas matas, pela soldadesca revolucionária, com sede nele.<sup>458</sup>

A personagem que mais se beneficiou com a situação foi Jonas

Quando fui expulso da fazenda, o delegado logo me prendeu, como ‘comunista inveterado’, a pedido de seu pai. Eu ia ser deportado para Mato Grosso. (...) Um dia, o delegado recebeu da capital uma carta de um amigo, e passa para o Partido Democrático. Coisas da politicalha... Já nesse caso eu não fui deportado como um indesejável, e pelo contrário para aqui vim com uma boa recomendação para assentar praça na Força Pública, como elemento secreto do novo partido, que ia minando o PRP (...) Hoje sou 1º tenente, e me matriculei no Rio no curso jurídico. Vou vivendo... mas tenho mudado muito. Acho que o país vai mal, cada vez pior, e precisa de nós, com um balde de creolina na mão, para lavar os políticos, para desinfetá-los. Eu...<sup>459</sup>

A mesma forma de apresentar mudanças ocasionadas pelos acontecimentos políticos na vida das personagens também alcançou 1932. No romance tratado, Jonas também era um aviador famoso que lutou contra São Paulo:

Sou um aviador como outro qualquer. Quando rebentou a guerra de S. Paulo, eu era estudante de aviação. Não concordei... Fugi para o Rio, num avião de caça. Fui obrigado a dançar, porque eu não conhe-

---

<sup>456</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 208.

<sup>457</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 209-210.

<sup>458</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 18.

<sup>459</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 96-97.

cia o motor... Foi duro. Mas hoje não. Esse avião fez toda a campanha, em todas as frentes, e eu e ele vimos o diabo! Agora, andamos a passeio.<sup>460</sup>

Alfeno politicamente se contrapunha a Jonas, fazendo elogios a São Paulo nos combates de 1932. Dizia que lutou pela força pública, o que era desmentido por Altamira: “seu Alfeno não tem cicatriz nenhuma. Ele não pegou sequer num canivete para defender São Paulo. Ele ficou no seu escritório, despachando fornecimentos, por ótimos preços, que o general Ataliba Leonel lhe arranhou...”<sup>461</sup>. Quando a luta terminou, Alfeno também lucrou, mas às custas dos soldados, como disse uma mãe:

o seu dr. [Alfeno] disse que meu pobre filho, agora aleijado, inutilizado pelo bem de S. Paulo – como o sr. disse ainda há pouco – não receberia aqueles 940\$000 de soldo atrasado. Foi por isso que ele, à míngua de remédios, lhe cedeu o direito a esse pagamento por 50\$000. Era para uns emplastos, o remédio. (...) Conversei com meu filho, que ganhou na guerra uma porção de medalhas e cruzinhas de latão... mas que está na cama, sem um vintém. Estamos passando fome, seu dr.! O Jonas [filho desta mulher, não o aviador] perdeu até o emprego, na General Eletrique. E vim cá, para ver se o seu dr. tem piedade de nós, e quer partir com meu filho o lucro líquido do que o sr. recebeu dele.<sup>462</sup>

“Tudo pelo bem de S. Paulo”, repetem como um mantra as personagens de João de Minas, almejando possibilidades de enriquecimento e sucesso político pessoal. A ironia e o humor se tornam mais ácidos ao considerarmos a história da formação da identidade paulistana. Em fins do século XIX, as camadas letradas paulistanas passaram a forjar uma imagem de si e de seus antepassados calcada em sua singularidade em relação ao resto do Brasil. O desenvolvimento econômico oriundo dos cafezais do interior e posteriormente da urbanização da capital, associada ao progresso, possibilitou aos intelectuais forjarem uma identidade que recuperava uma concepção positiva do bandeirante, visto como desbravador, responsável pela feição territorial moderna do país. O paulista moderno foi associado ao seu antepassado bandeirante, espelho de uma suposta ânsia por liberdade que legitimou as lutas por autonomia dos republicanos paulistas no período monárquico, a defesa de sua política federativa com a proclamação da República, o papel de S. Paulo na nacionalidade após a campanha civilista. O vínculo simbólico entre bandeirante e o paulista do século XX, primeiramente elaborado no interior do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ganhou o espaço público com as políticas de culto ao passado paulista levadas a cabo por Washington Luís na segunda metade dos anos 10 e na década de 20, intensificado pela vaga nacionalista do pós-Primeira Guerra. Nessa década, diversos setores da intelectualidade paulistana debateram sobre qual era o mo-

<sup>460</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 96-97.

<sup>461</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 103.

<sup>462</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 62-63.

delo de paulistanidade, alçado a modelo de brasilidade, mas tomando a existência dessa identidade como algo fixo – uma segunda natureza. O ser paulista justificava as mais diferentes posições políticas e ideológicas<sup>463</sup>, assim como as alianças, como a que aglutinou os diferentes setores da elite paulista contra o governo central no movimento de 1932.

Todavia, não poucos autores percebiam os limites e as falácias desse discurso pautado no bandeirismo, dentre os quais estavam diversos humoristas que viveram e escreveram em São Paulo nas três primeiras décadas do século XX. Recuperavam uma visão noturna da cidade e da identidade paulista, desconstruindo e relativizando aqueles elementos que o discurso oficial tornava natural – o paulista e o progresso –, motivo pelo qual foram quase sempre esquecidos, mal vistos pelos contemporâneos por causa de sua impertinência<sup>464</sup>, captando a impossibilidade de retratar a São Paulo daqueles tempos com categorias sociais e lingüísticas fixas, “porque o remexer e o escavar da história e busca da identidade paulista passava também pela paródia e pelo humor, com sua lógica extravagante e reticente”<sup>465</sup>.

João de Minas, em seus romances lançados em 34, parece vinculado a essa tradição humorística que desconstrói a identidade paulista, mobilizando o humor quando irrompem eventos que alteram a dinâmica da política. Vimos no capítulo anterior como o autor ironizava o progresso de São Paulo, mas a figura do paulista não lhe ficou imune, pois o “mundo das aparências” sociais e utilização interesseira dos valores também permeia seus romances no âmbito das identidades regionais ou nacional. Alfeno (*A Datilógrafa Loura*) é o exemplo mais bem formulado. Num diálogo com Altamira, diz:

Sou, como a senhora sabe, paulista e civil. Tudo tenho feito pelo bem de São Paulo. Fui até já vereador municipal, no tempo do nosso Paulino Molinaro. Isso não quer dizer que eu também não tenha em Ou-

---

<sup>463</sup> Sobre a história da formação da identidade paulistana, com diferentes visões do assunto, ver FERRETI, Danilo José. *A Construção da Paulistanidade. Identidade, Historiografia e Política em São Paulo (1856-1930)*. Doutorado em História Social, São Paulo, FFLCH/USP, 2004; FERREIRA, Antonio Celso. *A Epopéia Bandeirante: Letrados, Instituições, Invenção Histórica (1870-1945)*. São Paulo: UNESP, 2002; SALIBA, Elias Thomé. Histórias, memórias, tramas e dramas da identidade paulistana. In: Porta, Paula. *História da cidade de São Paulo*, v. 3: A cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004, pp. 555-587; SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, cap. 4; COHEN, Ilka Stern. “Para onde Vamos?” *Alternativas políticas no Brasil (1930-1937)*, São Paulo, USP, 1997, Tese (Doutorado) em História, cap. III.

<sup>464</sup> “Parece claro, afinal, que Bananére e seus confrades, com seu hibridismo sintático, sua mestiçagem idiomática e seu anarquismo macarrônico, tinham se tornado um pouco inconvenientes naquela *fábrica de certezas* que era o clima mental vigente na São Paulo dos anos 20” SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: A Representação Humorística na História Brasileira: Da Belle Époque aos Primeiros Tempos do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 212.

<sup>465</sup> SALIBA, Elias Thomé. Histórias, memórias, tramas e dramas da identidade paulistana. In: PORTA, Paula. *História da cidade de São Paulo*, v. 3: A cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004, pp. 555-587 (citação p. 582); *idem*. *Raízes do Riso: A Representação Humorística na História Brasileira: Da Belle Époque aos Primeiros Tempos do Rádio*. São Paulo: Cia das Letras, 2002, cap. 3.

tubro de 1930 posto o meu tijolo no edifício da Revolução. Mas fui iludido, na minha santa ingenuidade. E logo na Revolução Constitucionalista fiz força... fiz uma bruta força contra o Getúlio, aliás meu íntimo, meu amigo de infância...<sup>466</sup>

Esse discurso não convencia Altamira. Mais adiante no romance a datilógrafa loura, em momento de ser assediada pelo patrão bêbado, escuta:

Minha vida é um romance, Altamira. Vou lhe contar um segredo... Eu não sou paulista nada! Sou mineiro, de Barbacena. Mineiro velho de guerra! Ali no duro! Mas minto que sou paulista, para tapear...(...) Ah, ah! (...) Mas os mineiros são os donos do melhor bocado, o bocado do leão. Somos águias manhosos, arteiros. Pegamos no cabo do chicote. Você não viu o que os mineiros fizeram na guerra constitucionalista? O Olegário Maciel, aquela besta velha, aliou-se a S. Paulo. Depois empurrou-o no buraco, e ficou em cima, rindo... Canalha!<sup>467</sup>

Assim, a identidade também é mera conveniência, utilizada para atingir os fins egoístas e imediatistas das personagens. Em *Uma Mulher... Mulher!* ocorre o mesmo em relação a Felipe. O seu pai Setúbal, querendo lhe promover na política, lhe diz:

eu estava para te dizer. Os chefes do nosso P.R.P. têm me assuntado a seu respeito. Precisamos de um candidato nosso, adorado pelo povo, para a Constituinte. O Getúlio prometeu a Constituinte, marcou a data... E você é o homem do nosso distrito. (...) E você... meu... (...) meu caro afilhado... será eleito fatalmente, para a glória do nosso Estado... Você é carioca. Mas para mim... você é paulista. Tudo pelo bem de S. Paulo, meu... afilhado!<sup>468</sup>

E o médico Felipe, preocupado com o embate de 1932, ao contrário de Alfeno, pareceu incorporar a nova identidade, ao dizer ao pai: “nós temos nós mesmos, os paulistas, e basta. Eu não sei porque: mas parece que nasci de novo; quero brigar por S. Paulo!”<sup>469</sup>

Noutro momento deste romance, João de Minas utiliza-se da paixão de Luciana por Felipe para contrapor suas idéias acerca do debate sobre a Constituinte, pois Setúbal queria transformar seu afilhado em deputado, o que aterrorizava sua mulher Luciana, que “era a favor da Ditadura, mas só para convencer o amante a não ser constitucionalista, e não se meter em embrulhos”<sup>470</sup>. A moça, movida por esse sentimento, passa a refletir sobre a ida ao Rio de Filipe, onde encontraria mulheres bonitas. Então “Ia protestar, achando que o dr. Felipe não devia se meter na política. Ademais, a Constituição não viria... O Getúlio, com os tenentes, não queriam leis. Eles queriam era a Ditadura perpétua... Não vê que eles eram trouxas!”<sup>471</sup>.

<sup>466</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 83.

<sup>467</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 138-139.

<sup>468</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 147.

<sup>469</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 171.

<sup>470</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 189.

<sup>471</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 149.

Mais adiante, numa conversa entre Setúbal e Felipe sobre o momento político, quando o médico se dispõe, já paulistanizado, a “brigar por S. Paulo”, Luciana esbraveja:

Você não tem medo de uma violência?... A Ditadura pode instaurar a pena de morte. É melhor deixar de tolices, essas infames conspiraçõesinhas. Eu sou ditadurista... S. Paulo precisa de paz, de trabalho. Isso é que é patriotismo. Esses politikeiros descarados, como seu Morato, esse traidor Pedro de Toledo, o seu Sílvio de Campos, Ataliba e outros vagabundos, que roubaram à beça na República Velha, não hão de arrancar os nossos... os nossos... digamos os nossos filhos, dos nossos braços, para servir aos seus miseráveis estômagos. (...) Sou! Sou! sou contra essa... guerra de S. Paulo! Não, guerra de alguns cavadores, que querem instalar no poder o Julinho, o Barbado, e se encherem mais ainda do suor amoadado do povo. Malditos! Bandidos!!!!<sup>472</sup>

Assim, os constitucionalistas não estão imunes à ironia de João de Minas, por meio do discurso da personagem Luciana que, por interesse em sua paixão, se volta contra as aspirações políticas paulistas. Em *Uma Mulher... Mulher!*, a mobilização Constitucionalista de 1932 é mais fortemente parte da estrutura da narrativa que qualquer outro livro, impactando bastante a vida das personagens. Isto ocorre, todavia, sem se forjar um sentido positivo para o patriotismo paulista e para a mobilização de julho de 32. Por exemplo, o sentimento de Felipe por São Paulo se inflamara tanto que

doou a herança de sua mãe, as 8.000 libras, ao MMDC de São Paulo, num gesto que os jornais matracaram, assombrados de tanto civismo. Ganhou logo o posto de coronel honorário do Exército Constitucionalista. Mas ele jogou essa patente na lata do lixo, insultado com o caráter de traficância que deram à patente. Escreveu ao general Klinger um bilhete áspero, dizendo-lhe que ‘as patentes só se ganham nas batalhas’. Um puxão de orelha nos fabricantes de oficiais em série! E alistou-se como soldado raso, no Regimento 9 de Julho. Há dez dias partira para as trincheiras. Setúbal, dois dias depois, também como soldado raso (dessa vez a lata do lixo recebeu uma patente de capitão), correu atrás do filho, e nada pode impedi-lo de o fazer. Como se vê, tudo se atrapalhara, com o diabo da guerra santa...<sup>473</sup>

Assim, os combates de 32 levam a um desfecho negativo para aquelas personagens que se apegam a valores patrióticos. Felipe morrera em batalha, assim como Ana Petrina, prima de Setúbal, que lutara a favor do governo federal, foi deportada para o Mato-Grosso. O sentido patriótico desses desfechos é esvaziado na visão de Margarida, a única personagem que bem-sucedida. No Rio de Janeiro, ligou-se ao Piloto do Crato, um soldado que viera do norte com a Revolução de 30 para depor Washington Luís, e se apaixonou por Margarida quando ela se prostituía no Manguê. Ao soldado, “a Ditadura, em recompensa dos seus serviços políticos, dera-lhe uma comissão na Europa, a compra de armas para matar paulistas. E

---

<sup>472</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 171.

<sup>473</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 184-185.

dinheiro a rodo”<sup>474</sup>. No final da história, quando os combates de 32 terminaram, o comprador de armas foi recompensado. Enfatizando o caráter tirânico do governante, disse a um colega:

E eu fui ao Getúlio. Falamos uma hora. Depois, ele me deu um charuto, e me disse: ‘você, seu marreco, é dos nossos! Vou te fazer deputado à Constituinte. As armas que você nos mandou de Paris derrotaram São Paulo, e salvaram o Brasil... Você tem que ir para a Constituinte! queira ou não queira...’ (...) Eu... baixei a cabeça. O diabo do Getúlio é o ditador, e manda à beça. Ele impôs tiranicamente que eu seja deputado à Constituinte, por Sergipe. Obedeço, cumpro ordens, como bom brasileiro. A tanto me obriga o espírito revolucionário. Aceito, vergado e cabisbaixo, mais este posto de sacrifícios.<sup>475</sup>

Assim, no contexto do romance, se tornam lúcidas as palavras de Margarida a Luciana, que lembram as de Alina a Altamira em *A Datilógrafa Loura*:

E, ouça esta! estamos aqui comprando armas para o Getúlio, para a Ditadura, canhões à beça, mas principalmente espingardas pica-pau para caçar tico-ticos constitucionalistas, essa gente doida do nosso Estado que quer cuspir no prato revolucionário... Enfim, estamos no nosso papel de bons brasileiros. E palpita-me o coração que você também é da Ditadura, avec o seu bom senso... Voilá! mas (que ninguém nos ouça), se você não for, não faz mal, que eu sou de todos, e quero hoje é o cobre. Eles são todos iguais, e querem é o tesouro, é os cargos, o saco da nota...<sup>476</sup>

Mais uma vez, percebemos como o autor configurou um mundo no qual ideais transcendentes se prestam a usos mesquinhos, agora permeando eventos políticos que afetam os destinos das personagens. Margarida explicitou o ponto central para João de Minas: os políticos, defendam o PRP ou Getúlio, a Ditadura ou a Constituição, utilizam-se de ideais patrióticos para conseguirem dinheiro e poder, mobilizando pessoas que a eles aderem para lutar em prol de suas causas, morrendo por um sentido vazio, morrendo por uma ideologia cujo fundo real é o interesse de certos grupos. Por isso, Margarida começa o trecho acima com uma defesa da Ditadura mas que descamba, na intimidade, para a vontade de possuir “o cobre”.

A reflexão sobre o sentido dessa dinâmica de poder também foi empreendida pelo autor. Os romances de João de Minas lançados a partir de 1934 são marcados pela mesma concepção de poder e de história que vimos acima na crônica *Depois, Miseravelmente Depois...*: apresentam uma Ditadura, enfatizando a concentração de poder por Getúlio Vargas, numa situação arbitrária de mando e desmando que, como alguns de seus contemporâneos<sup>477</sup>, o au-

<sup>474</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 183.

<sup>475</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 196-197.

<sup>476</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 181-182.

<sup>477</sup> Por exemplo, Maurício de Medeiros: “A predominar a feição autoritária do ante-projeto governamental, teremos apenas uma leve pausa de tranqüilidade. Outras revoluções virão. Se, porém, as coisas continuarem na desordem ideológica que caqui se tem notado, tudo é possível, inclusive o acréscimo de uma etapa intermediária nessa evolução do país para a liberdade (...) uma ditadura militar, por exemplo.”; ou Medeiros e Albuquerque: “Não consigo imaginar como é que vamos sair desta miséria, deste lamaçal, deste atoleiro infecto,



tor percebia como instável. A roda da história política brasileira, em *A Datilógrafa Loura*, parece na iminência de girar novamente, com a mudança de poder através de “métodos revolucionários”, isto é, golpe militar. Jonas parece encarnar os prognósticos de uma nova revolução para João de Minas. O aviador fala com Altamira:

- (...) Porque eu não te via, desde que sumi da fazenda. E eu não sabia de nada, Altamira.
- Também como que houve um terremoto sobre o Brasil.
- Sim, sim, sobre. Depois virá o terremoto sob, por baixo do Brasil...
- Chi! Mais Revolução?...
- Qual revolução nada! – espumou Alfeno. Mas ninguém o ouviu.<sup>478</sup>

Essas palavras ficarão gravadas na mente de Altamira. Quando abandonada por seu amor, que viajou para a França, a datilógrafa teve um sonho ou visão:

Jonas a olhava, dizia-lhe:

- Eu não fui à França estudar aviação coisa nenhuma. O Espírito Santo Cardoso, o João Alberto, o Goes Monteiro, o Juarez, o Pedro Ernesto... esse pessoal de tutano me mandaram foi comprar armas. Armas, que é o espírito revolucionário! Para a Revolução, a verdadeira, **sob** o Brasil, por de baixo, nos alicerces!...

E Jonas ria, vitorioso, todo alastrado de bordados e galões. (...) Altamira olhou bem, viu. O tenente Jonas era agora generalíssimo de mais duas batalhas de Itararé. Era também o barão de Itararé. Estava no Catete, sentado no palco supremo. Era o terceiro ou quarto Ditador!<sup>479</sup>

A projeção de uma situação percebida como instável levou João de Minas a diversas reflexões sobre o poder, a luta e a tentativa de sua manutenção pelo governo, melhor desenvolvidas em seu último romance, *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, através do embate entre os gangsters Olhos Brancos e a polícia. Mesmo escrito em 1936, numa situação formalmente democrática instituída em 1934 com a Constituição, o fantasma da alteração de regime não estava distante. A discussão ganhou a roupagem do romance policial, pois bandidos e polícia serviram para o autor refletir sobre as bases reais do governo instituído, remetendo sempre à “Revolução de 30”.

É ironicamente colocado a nu o fato de que, ao contrário de uma realidade republicana ou democrática, cujos princípios deveriam ser seguidos por todos, a percepção do poder está vinculada à força para manutenção de interesses particulares. O narrador pondera:

Os olhos Brancos eram os vencedores em toda linha, e a polícia era a vencida em toda a linha. Logo – ai dos vencidos! – o melhor negócio era ficar com os vencedores, que (pelo fato inviolável da vitória) para

---

em que estamos enterrados. (...) Vagamente eu desconfio que vamos precisar de várias outras revoluções para apagar os vestígios daquela que estamos sofrendo as nefastas conseqüências.” Cf. *PARA onde vae o Brasil?...* Rio de Janeiro: Renascença, 1933, p. 57 e 133-134.

<sup>478</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 107-108.

<sup>479</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 162-163. O grifo da palavra “sob” foi feito pelo autor.

os espíritos práticos passavam a ser o poder, quer dizer, a representação humana do Direito, da Justiça, e quase que da Ordem... (Esse mesmo fenômeno se observa nas revoluções, de fundo cívico ou sociológico. Quaisquer Olhos Brancos cívicos, vencendo, são automaticamente o Direito, ou a Lei; mas perdendo, são bandidos, e vão para a cadeia, ou para Paris e Portugal, sem câmbio, e com péssimas informações diplomáticas...). Ora, os Olhos Brancos, bandidos vulgares eram por canais ilegais, ou revolucionários, eram governo, poder de choque, o que é absolutamente a mesma coisa. Nessa altura, as consciências legalistas, ou jurídicas, quase achavam uma falta de respeito à ordem o fato do bicheiro [Lamas] se desmanchar em atitudes não conformadas, diante da carta dos gângsters. Não, esse indivíduo ordinário devia respeitar o poder; e já dizia Silveira Martins que ‘poder é poder’...<sup>480</sup>

Como sempre, as personagens são mais diretas, como Laurentino para Lamas:

os Olhos Brancos até aqui venceram, mostrando terem o poder, e exercerem o poder; ora o poder é um só, esteja nas mãos de um bandido, esteja nas mãos de um tribunal; é o poder, é a força bruta! É preciso muito cuidado que esse poder, de particular, não se torne público... E nesse caso então o pior bandido pode na hora em que quiser passar a presidente da República, ou o rei. Em todos os tempos o governo nasceu do banditismo da força, e esse banditismo é um só...<sup>481</sup>

É por estar em jogo o poder que o Dr. Hugo Calazans propõe de forma prática as soluções ao caso: maquiagem a ação dos bandidos, como se fossem acidentes, a respeito da ameaça de explosão do prédio do bicheiro; oferecer um prêmio pela cabeça dos bandidos; calar a imprensa, impedida de dar notícias sobre o caso. Se tudo isso não desse certo, havia ainda um último recurso: “o governo, incluindo o federal, promoverá de forma diplomática um acordo honroso com esses miseráveis. Eles irão passear a Europa, com algumas centenas de contos no bolso...”. E o diálogo segue nas palavras de Laurentino:

- Oh! oh! minha Nossa Senhora!! Isso é horrível... a vergonha das vergonhas!!!! – escandalizou-se o nobre chefe de Crimes de Morte – Estamos perdidos...
- Você, seu Laurentino – e o Sub-Chefe adozou-se, meio íntimo – tem razão e não têm... Não tem quando se esquece que o governo faz desses acordos a cada passo. Os bandidos com que o governo transaciona, dando-lhes dinheiro e comissões na Europa, nem sempre são da mesma espécie. Mas são sempre bandidos. Pelo menos, o governo os teme... Agora, pagos em ouro, caberia aos Olhos Brancos irem passear a Europa, sem a maçada de fiscalizar consulados, ou aprender bobagens navais, ou receber banquetes de embaixadores gotosos... Isso é assim mesmo. O governo, seu Laurentino, quer é o poder. Qualquer coisa que lhe queira encrencar esse queijo saboroso, merece uma comissão na Europa...<sup>482</sup>

Interessante notar a preocupação de ambas as autoridades policiais que o poder “de particular, não se torne público”. Ambos reconhecem o poder da força dos gangsters. Sobre tudo para Laurentino, o poder dos Olhos Brancos só pode ser combatido no campo simbólico

---

<sup>480</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 115.

<sup>481</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 134-135.

<sup>482</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 142-143.

para que não se espraie e não ameace o governo. Isso só pode ser feito através da propaganda, ou melhor, da contra-propaganda ou do silêncio em relação aos Olhos Brancos. Pois, nas palavras do delegado, em analogia com a Revolução de Outubro:

O caso destes bandidos Olhos Brancos (que podem ser comunistas... quem sabe?) no fundo se parece com os revolucionários, a gente de Outubro. O Barbado (e eu digo com o devido respeito...), o meu amigo Barbado tinha a mania da lei. E foi despejado do Catete por causa da lei. Foi a lei que o acachapou, foi a lei que lhe borrou a cartola... Como?... Tudo, seu Lamas de uma figa, tudo uma questão de publicidade. Note que eu não falo 'liberdade de imprensa', e sim 'publicidade'. O Barbado achava que, permitindo a lei que os revolucionários fizessem publicidade da Revolução, eles podiam pregar as excelências da ilegalidade, à vontade. E a Revolução, mesmo que ela fosse uma quadrilha do Lampeão, ou dos Olhos Brancos, havia de vencer, pois está provado hoje que tudo que tem boa publicidade há de vencer. Foi assim, só com boa publicidade, que o comunismo e o fascismo entraram. Essas formas de governo são oriundas apenas da técnica da publicidade moderna. Mas voltemos ao Barbado... Se, lançada a candidatura do Julinho (e eu o digo com o devido respeito...), o Barbado, pondo aliás as barbas de molho, proibisse a publicidade da Revolução... não havia o 24 de Outubro. É absolutamente impossível o triunfo de qualquer partido político sem publicidade, assim como acontece com os sabonetes, a gasolina, o azeite de algodão Bertolli, etc.<sup>483</sup>

Através do raciocínio de Laurentino, mais uma vez é ressaltada a importância do papel da imprensa na sociedade. Ela não afetaria apenas os destinos individuais pela promoção ou destruição de reputações, como nos romances sexuais, mas teria o poder de afetar os destinos coletivos e dos Estados, através da promoção de grupos políticos pela propaganda ideológica. Não é acaso que a personagem compare a propaganda política ao *marketing* de uma mercadoria, pois a fonte do poder econômico ou político adviria da manipulação ideológica das massas através da propaganda, um meio de difusão de produtos ou idéias, quaisquer que sejam.

Por conta disso, do ponto de vista do poder constituído, a solução não repousa na aplicação da lei de liberdade de imprensa, mas na criminalização de qualquer grupo ou propaganda contrária aos interesses dos que governam. Por conta disso, Laurentino atenta contra a publicidade das formas de pensamento divergentes e contrárias aos *status quo*:

O que a lei permite é a 'liberdade de imprensa', que não é o mesmo que 'publicidade'. Quer um exemplo palpável?... Tomar cocaína, vender cocaína, etc., não é crime? (...) É um crime horrível. Assim, você nunca viu publicidade de cocaína, anúncios sobre a venda cocaína, conselhos da redação do jornal fomentando a venda de cocaína, etc. Essa publicidade, sem afetar a liberdade de imprensa, é automaticamente proibida. Pelo menos, logo a polícia a destrói, com seu poder preventivo. Assim, sendo crime o uso de cocaína, ninguém jamais se lembrou de fazer publicidade da venda de cocaína. Ora, seu Lamas de uma figa, é crime também a mudança violenta do regime, assim como é crime atentar pela força contra o poder constituído. É a revolução que dá esses golpes. Logo, é proibida a publicidade da revolução.

---

<sup>483</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 131.

Em resumo, é e pode ser proibida a publicidade de todo e qualquer crime, isso sem atentar contra a liberdade de imprensa, que é coisa diferente.<sup>484</sup>

Esse é o raciocínio pelo qual o delegado chega à proibição de toda e qualquer notícia sobre os crimes dos seus adversários, os Olhos Brancos. O motivo da censura repousaria na crescente popularidade dos gangsters que, pelos crimes contra a alta sociedade e pelo desafio ao poder da polícia (ambos vistos como corruptos), teriam ganhado a simpatia das massas majoritariamente proletárias, em função da atuação da “imprensa amarela”:

Os gansters da rua Anhangabaú estavam tendo uma verdadeira publicidade ultimamente. A imprensa amarela já não disfarçava que eles estavam fazendo uma obra meritória, uma obra de nivelamento das riquezas, uma obra... como o direi... comunista. (...) Infelizmente, para o público, na sua maioria proletário, a idéia de crime não tem mais o eco jurídico anterior. (...) Um assassinato, si é hoje em dia cometido contra um milionário, é um crime diferente. Quase não é um assassinato... Os Olhos Brancos mataram e furtaram horripilantemente, mas eles o fizeram contra a tal Clotilde Ronelli, que vivia pelas garçonières chics bebendo champanhe, e dizem que entregue a amores invertidos, cheios de dinheiro... quando dezenas de mocinhas morrem de fome, trabalhando nos escritórios; e contra Sérgio Estader, que arrecadara centenas de contos das agonias e dos túmulos, ou da indústria da dor e da orfandade, fomentada por ele ferozmente... O povo, pois, vê nos Olhos Brancos verdadeiros beneméritos... quiçá agentes do paraíso terreal comunista... Pelo menos, ultimamente, a imprensa amarela estava descambando para o terreno dessa perigosa publicidade... criando-se mais a balela de que os setecentos contos furtados pelos bandidos iam ser distribuídos aos pobres... Proibimos, por tudo isso, a publicidade dos infames!<sup>485</sup>

Contrapondo-se ao fantasma do comunismo projetado nos gangsters pela população através da imprensa amarela, o qual alteraria a ordem estabelecida em prol das massas proletárias, Laurentino arremata: “Estamos defendendo a Ordem, a Justiça, o Direito ameaçados”<sup>486</sup>. Daí o crime do bicheiro Lamas contra o Estado, “mandando fazer escondido os vinte mil boletins, que na realidade desmoralizam cruelmente o poder... que não pode com o poder de uma simples quadrilha de vagabundos.”<sup>487</sup>

Essa crítica ao papel da imprensa no desenrolar dos eventos de 30 também era corrente entre a oposição perrepista ao governo federal nos primeiros anos de 30, desenvolvida por Renato Jardim em seu livro *A Aventura de Outubro e a Invasão de São Paulo*. Ele procura as causas de 30 e, após localizá-la na crise social advinda da crise do café, aponta o papel da imprensa como fator preponderante: “Esse jornalismo fez obra, e de vulto, para a ‘revolução’ de 1930. A consciência disso e justamente o que ora leva o ministra Oswaldo Aranha e o che-

---

<sup>484</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 132-133.

<sup>485</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 133-134.

<sup>486</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 135.

<sup>487</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 135.

fe da polícia Baptista Luzardo a lhe trancarem a voz, com rigor jamais visto, mesmo ao tempo de Arthur Bernardes”<sup>488</sup> Vesentini comenta esse trecho:

Aponta-se 30, não como revolução (as aspas são do Autor), mas como ângulo da reflexão sobre a queda do governo. O papel da imprensa, nesse caso, lista-se em três atitudes: ‘ataque sistemático... ao governo’; ‘péssimas causas’ advindas de ‘ideologias mal digeridas’; e a pregação livre da revolução, logo após março de 1930. Conjuntamente, teriam colocado a massa da população, moveram-na contra o governo anterior, de tal forma que este não consegue articular a resistência de outubro. Chama-me a atenção esta informação periodizadora sobre a liberdade de imprensa: ela se situaria entre o fim do governo Artur Bernardes e outubro de 30, encerrando-se após cumprir certo papel, na crítica ao governo derrotado. No entanto, sua relevância incide apenas aqui, na atitude antigovernamental. Tão séria que os próprios beneficiados ter-lhe-iam dado fim. Mas a sugestão, ao mesmo tempo que abre espaço para análise do peso político da imprensa, já a trabalha e a situa como explicativa para o confluir de 30<sup>489</sup>

Essa é a posição assumida pelas autoridades policiais no romance de João de Minas. Tanto é que, já atentos e calejados pela situação anterior a 30, como mostram as falas acima, impedem a propaganda dos Olhos Brancos junto aos meios de comunicação. O temor do delegado foi expresso para seu superior: “E se esses homens de uma hora para outra quiserem... despedaçar o governo?..”. E a solução providenciada era: “O que nos vale é que conseguimos ocultar das massas supersticiosas essa ameaça, e nesse sentido a imprensa e em seguida o rádio tem nos ajudado. Senão...”<sup>490</sup>.

Mais uma vez João de Minas coloca na boca de personagens falas que descrevem como funciona a lógica do mundo de seus romances. Laurentino e Calazans, com intenções distintas, têm a percepção de que o poder público funda-se na força e que qualquer procedimento vale para assegurar esse poder ameaçado, pois as massas seriam ignorantes o suficiente para apoiar e se submeter a qualquer um que demonstre força capaz de alterar o regime. Por isso, junto do ideal de patriotismo interiorizado no sentimento das pessoas (mobilizados para atender interesses particulares dos grupos dirigentes), o controle da imprensa seria fundamental para maquiagem uma situação de conflito, evitando sua difusão pela população.

João de Minas parece incorporar em sua literatura e em sua visão do estado de coisas do período 1930-1933 uma posição afinada com os liberais paulistas: a ausência de ruptura na prática política antes e depois de 30, o espaço do poder como politicalha voltada para interes-

---

<sup>488</sup> JARDIM, Renato. *A Aventura de Outubro e a Invasão de São Paulo*. Apud VESENTINI, Carlos Alberto. *A Teia do Fato: uma Proposta de Estudo sobre a Memória Histórica* São Paulo: Editora Hucitec / História Social – USP, 1997, p. 143.

<sup>489</sup> VESENTINI, Carlos Alberto. *A Teia do Fato: uma Proposta de Estudo sobre a Memória Histórica* São Paulo: Editora Hucitec / História Social – USP, 1997, p. 144-145.

<sup>490</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 140-141.

ses mesquinhos, o estado de instabilidade e caos político gerado por outubro de 30<sup>491</sup>, a ditadura como ausência de liberdades<sup>492</sup> e o papel mobilizador da imprensa na queda do governo Washington Luís. Todavia, ao contrário da posição do PRP nesse período, João de Minas não se engajou numa defesa do paulista pautada nos mitos bandeirantes, mas generalizou os argumentos liberais, englobando neles toda a classe política e econômica de São Paulo. No bojo das mobilizações concretas e simbólicas em torno de 30 e 32, satirizou de forma mordaz também os liberais paulistas, iguados a seus adversários na busca pelo poder, dinheiro, e dos prazeres sexuais, como nos revela a fala de Alina ao tentar induzir Altamira ao meretrício: “Mulher que eu lance, minha filha, está feita. A Chapa Única e São Paulo Unido tomam logo conta dela...”<sup>493</sup>. Esse tom irônico, que busca apresentar as patifarias presentes em torno dos eventos recentes da história do país e do estado de São Paulo, são tônica dos romances sexuais e policiais de João de Minas, e se inserem na dinâmica maior do seu mundo, já apresentada, um mundo regido pela utilização de valores de quaisquer tipo para finalidades pessoais.

#### “Meu reino...”

A representação de um mundo torpe, numa crítica ferina à hipocrisia social e extensiva a todas as convenções do gênero humano, pode levar à idéia de uma ausência de valores em João de Minas. Tal idéia deve ser considerada com cuidado pois, apesar da dificuldade, é possível entrever quais valores são defendidos pelo autor. Essa problemática foi suscitada a partir da análise feita por Umberto Eco acerca da obra de Pitigrilli<sup>494</sup>. A aproximação não é imperti-

---

<sup>491</sup> “Ao analisar a revolução de 30, em agosto de 1935 [na Assembléia Legislativa, no dia 2], Cyrilo Jr., deputado pelo PRP, sintetiza a visão que o partido construiu do evento: não uma restauração moral dos costumes políticos, mas uma troca de homens movidos por interesses mesquinhos. Sem projeto, sem substância, o que a revolução conseguiu foi criar um ambiente de profundo caos, em que seus próprios agentes não sabem como se mover.” COHEN, Ilka Stern. “*Para onde Vamos?*” *Alternativas políticas no Brasil (1930-1937)*, São Paulo, USP, 1997, Tese (Doutorado) em História, p. 199.

<sup>492</sup> “Nesse momento, *ditadura* significa o governo instalado em 1930, que instaura uma ordem política excepcional, marcada pela ausência de garantias do exercício de cidadania. / A qualificação desse governo provisório como ‘ditadura’ nasce em São Paulo, à medida que as relações entre o estado e o governo federal vão se deteriorando. A demanda pela restauração liberal se fortalece, apontando a convocação da Constituinte como solução. Constrói-se assim, na luta política, o inimigo a derrotar – a ‘ditadura’, fonte de todos os males.” Ou então: “Chamar de ‘ditadura’ o governo provisório foi a forma encontrada pelos políticos paulistas para designar ao mesmo tempo seus inimigos e construir sua própria identidade, reforçando seus atributos de *liberais* e *democratas*.” COHEN, Ilka Stern. “*Para onde Vamos?*” *Alternativas políticas no Brasil (1930-1937)*, São Paulo, USP, 1997, Tese (Doutorado) em História, p. 30 e 60 (grifos da autora).

<sup>493</sup> MINAS, João de. *A Datilógrafa Loura*, p. 160.

<sup>494</sup> Eco, Umberto. Pitigrilli: O homem que fez mamãe corar. In: *O Super-Homem de Massa: Retórica e ideologia no romance popular*. São Paulo: Perspectiva, 1991, pp. 119-147.

nente, pois além da pecha de escritor imoral em seus romances da segunda fase, João de Minas foi associado ao escritor italiano no seu modo de escrever<sup>495</sup>.

Umberto Eco, considerando Pitigrilli como texto (não Dino Segre, o homem), se propõe a analisar o que há de proibível num autor proibido, referindo-se ao rubor de sua família ao se mencionar o nome e os livros do autor. A primeira impressão de Eco é que Pitigrilli é um escritor agradável porém casto, passando a desconstruir pela análise textual os estereótipos a ele associados: cético, cínico, imoral, paradoxal, revolucionário, provocativo. Pelo contrário, a seu modo Pitigrilli seria um moralista que almejava secretamente a felicidade concebida como “sociedade patriarcal fundada na família, com adultério controlado pela responsabilidade moral, as mulheres virtuosas, a religião levada a sério, os defuntos venerados, os pactos respeitados, as profissões ilustradas por uma prática intemerada”<sup>496</sup>. Como esta era inexistente em sua sociedade, levava a um protesto generalizado contra tudo e contra todos, a partir de uma influência e estilo parisiense até então desconhecido na Itália (“Na Itália de então, Paris era o Pecado: ergo, Pitigrilli era o Pecado”<sup>497</sup>). Por ter como substância narrativa uma “batalha de idéias”, num movimento no qual não se sabe qual o final, não teria ideologia porque não apresenta soluções, pois nenhuma serve ou todas apresentam inconvenientes. Assim, Eco caracteriza o tipo como “anarco-conservador”.

Não pretendemos caracterizar a obra do escritor mineiro como representante do tipo “anarco-conservador”, o que exigiria um estudo específico, apesar das semelhanças com Pitigrilli. Nossa análise busca apreender numa obra aparentemente imoral e escandalosa quais os valores veiculados e/ou defendidos. Para isso, talvez no narrador encontremos um caminho possível de análise. João de Minas escreveu seus romances urbanos em terceira pessoa, onde cabia ao narrador contar os eventos e comentava eufemística e ambigualmente as “verdades” que as personagens diziam sem rodeios. Todavia, em três momentos fez figurações nas histórias.

---

<sup>495</sup> Ver “Um Vulto da Literatura Americana”, uma apresentação dos seus livros pela editora, a Editorial Paulista, que escreve: “Pitigrilli, o Eça, Vargas Vila, Euclides da Cunha, Danunzio, Shakespeare – esses gênios serenos da humanidade se esgueiram de longe em longe no estilo único, incomparável, de João de Minas”. In: MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 9.

<sup>496</sup> Eco, Umberto. Pitigrilli: O homem que fez mamãe corar. In: *O Super-Homem de Massa: Retórica e ideologia no romance popular*. São Paulo: Perspectiva, 1991, pp. 130. E continua o autor: “Seu sonho secreto era a Senhorita Felicidade. Parece dizer ‘não a quero’ mas efetivamente diz ‘ai de mim, ela se foi’. Ao escrever seus livros nada faz para que ela volte a existir, mas no fundo do coração deseja-a, apesar de convencido de que se voltasse ele próprio não saberia mais o que contar.”

<sup>497</sup> Eco, Umberto. Pitigrilli: O homem que fez mamãe corar. In: *O Super-Homem de Massa: Retórica e ideologia no romance popular*. São Paulo: Perspectiva, 1991, pp. 123.

A primeira delas ocorre no final de *A Mulher Carioca aos 22 anos*, único momento do romance em que a voz narrativa muda da terceira para a primeira pessoa, num cemitério no dia de finados onde o narrador conversa com o catolicíssimo Dr. Alberico Teixeira, o advogado que tramara com Asdrúbal o golpe do baú em Angélica. Após consolar o advogado que chorava no túmulo de um de seus filhos, João de Minas encontra a mulher de Albeico, D. Esterita, em frente ao túmulo de Angélica, uma cova comum, quase rasa. Esterita, após contar a história de Angélica, diz ao narrador: “Hei de ganhar um lindo túmulo para... para... santa Angélica! Sim, a comadre é santa. Outro dia peguei-me com a alma dela, e me aconteceu um verdadeiro milagre... Ela é santa. Tenho certeza!”<sup>498</sup>, palavras endossadas por João de Minas na seguinte exortação às suas leitoras: “Ó, lindas mulheres cariocas! Defendei o vosso destino e a vossa felicidade, como fez Angélica. Antes a morte do que a desonra, ou o casamento sem amor. Angélica viveu, e eu a conheci. Tenho para mim que ela é santa. E morreu, para ser feliz... Rezai por ela. Rezai por ela.”<sup>499</sup>

Aqui, contrariando a opinião de personagens como Asdrúbal ou Alberico, vinculadas ao poder político, que achavam Angélica “uma trouxa”, o narrador assume posição em favor de D. Esterita ao considerar a santidade de Angélica, que morreu de desgosto por seu amor. Frente ao mundo, o narrador se posiciona ao lado da protagonista em seus ideais, esperando que sua felicidade se realize com sua morte.

Em *A Prostituta do Céu* o narrador aparece de maneira inusitada, o que nos leva a considerar a estrutura do livro. Quando citamos este romance, em todas as passagens nos referíamos à sua primeira parte, estruturalmente semelhante aos outros romances por tratar dos padecimentos da protagonista em relação ao mundo que a cerca. Na segunda parte, bastante distinta, é contada a estadia de Cecília no céu, daí o título do livro. Aqui o autor parece condensar seu pensamento cristão, misturando elementos católicos e espíritas, se bem que de forma nada convencional. Após a morte de Cecília, morte “de fome e susto, com a boca metida no rego de um esgoto”, como “conspícuo prêmio que na terra ela tivera por sua incomparável caridade...”<sup>500</sup>, ela encontrou Jesus Cristo, que lhe disse o seguinte: “Tomei nota, dia a dia, do seu trabalho lá em baixo, entre os homens, minha filha. Vi tudo. Aliás, quando eu lá estive, expliquei peremptoriamente que sem caridade não há salvação (...) Todavia, parece que não fui compreendido!”<sup>501</sup>. Jesus explicou a Cecília que “ser bom, bom até à loucura, é

---

<sup>498</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 206.

<sup>499</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 Anos*, p. 206.

<sup>500</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 92.

<sup>501</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 93.



uma forma afinal, a única aliás, de gozar a vida à beça”<sup>502</sup> pois o criador colocou “no exercício da caridade, no exercício do amor ao próximo uma volúpia profunda, que condensa todas as volúpias, e tem até o sabor mesmo dos vícios mais requintados”<sup>503</sup>, o que compensava seu pecado mortal de “não ter amado sexualmente”.

Cecília, após acordar de um sono profundo, o qual não tivera na terra em função de sua pobreza, dialogou com os “boêmios do céu”, os poetas Virgílio, Dante, Camões, Petraca, Milton, Shakespeare, Castro Alves e Homero (o moço bonito com quem a moça se atracou aos beijos) sobre o amor perfeito, o qual, para Homero, “é o amor livre! É o amor dos micróbios, e dos mundos... É o amor da natureza, que não firma a posse do ser amado, que não têm direitos adquiridos”<sup>504</sup>.

O momento seguinte do romance é um passeio da santa com Jesus em velocíssimos cavalos de nuvens. Após mostrar-lhe o seu poder de criação, exibiu à moça a punição daqueles que a prejudicaram: o conde de Sabugosa e o padre Tibulo. No céu de João de Minas não há inferno nem demônio, que seria poder paralelo ao do Cristo, sendo a justiça divina exercida pelo próprio filho de Deus, na terra através de sua providência e no céu das formas mais mirabolantes e exageradas. Por exemplo, o suplício do padre Tibulo, feito mulher de um gorila tarado que o estuprava diariamente, é expresso em suas próprias palavras:

O pior é que aqui a gente é eterno, e o gozo daqui e a dor são sentidos mil vezes mais do que na terra. Este meu marido me rasga e estraçalha três vezes por dia, e assim o meu suplício é absolutamente inenarrável. Sou minuciosamente assassinado três vezes por dia, e os trapos da minha carne se recompõem de novo por si mesmos, para continuar o meu horrendo martírio...Assim vou sofrer, segundo a escrita de São Pedro, ainda... 4.432.543.895 e meio anos. Isso é demais... isso é um desaforo... um canalhismo<sup>505</sup>

Todavia, “todos, ao final se salvam, e vão saborear a nossa vidinha descansada”<sup>506</sup>.

Ao lado do seu imenso poder e autoridade como “juiz supremo destas regiões” para os quais era preciso manter a compostura, Jesus é apresentado de forma mais humana possível: deu murros em Cecília para acalmá-la da histeria (“Cala a boca, sua bandida! E toma mais este, que é de lambuja...”), apreciou a punição e sofrimento dos maus, concretizou desejos eróticos: “‘No corpo da mulher está o infinito. A mulher é Deus!...’ – refletiu Jesus, comovido. E ajoelhou-se, orou, com vontade de chorar, sentindo-se repassado da sabedoria absoluta.

<sup>502</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 100.

<sup>503</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 99.

<sup>504</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 123.

<sup>505</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 163.

<sup>506</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 101.

Depois, dormiu com Cecília.”<sup>507</sup> Também sentiu ciúmes quando a protagonista se excitou por um dos gorilas, brincava com crianças num jardim no céu, assim como não tinha respostas a todas as perguntas, principalmente duas: a primeira, que emudeceu Jesus, é clássica questão de Pilatos sobre a verdade e a segunda, feita pela própria Cecília, dizia respeito aos sofrimentos injustos:

Uma vez, na minha cidade natal, lá na terra, eu vi numa noite de frio cortante uma mulher, uma pobre mãe, agarrada ao filhinho quase nu, à porta de um palácio. Ela suplicava uma esmola... Ninguém a socorreu; as janelas do palácio se fecharam, pois lá realizava-se um banquete, e os convivas não podiam comer bem com o vento gelado... Ali mesmo a criancinha começou a morrer de fome e de frio. A desgraçada mãe chorava, e vos chamava! Eu não vi o vosso socorro! A criança morreu. Será possível Vós, meu pai, vistes impassível o banquete nas salas do palácio... quero dizer, vistes impassível a agonia dessa mísera criancinha?... Onde vos acháveis nessa ocasião? <sup>508</sup>

A ausência de resposta levou Cecília a ter “pensamentos revolucionários”, o que no contexto daquele céu queria dizer o seguinte:

Aqui é o paraíso, e portanto é o lugar onde somente se goza... É esse o sentido da salvação nesta outra vida. O gozo, só o gozo! Mas o que há de mais imoral do que essa ambição do crente, de ir viver eternamente num paraíso... onde só se goza? É horrível! Porque todo esse gozo, se fica fatalmente para trás e para adiante, no passado e no futuro, o sofrimento de outros seres, que não podemos socorrer, por estarmos ocupados só em gozar no paraíso? Não, eu não quero esse gozo, que é um roubo aos desamparados nos outros mundos! Só seria honesto o gozo católico no paraíso se todos os seres em todos os mundos fossem extintos e acabasse a dor e a lágrima em todo o cosmos, em todos os planetas. Não sendo assim, esse gozo cristão é uma crueldade inominável... Não quero ficar aqui. Quero voltar à terra, onde na minha cidadezinha criancinhas continuam a morrer de fome e de frio, à porta das igrejas, digo dos palácios...<sup>509</sup>

Inusitadamente, prepara-se outra aparição do escritor João de Minas em suas histórias

Anos depois, em Ouro Preto, nascia na mesma rua da Barra, em frente ao mesmo cruzeiro de pedra, um menino. Ele trazia o espírito revolucionário de Cecília, e ia ser um escritor, um pregador intelectual, um soldado das idéias de amparo aos pobres e aos humildes esfolados pelos poderosos. Dera-se o fenômeno da reencarnação da alma de Cecília no terrível homem de letras. Fora aliás o que Jesus pudera fazer, com pena da santa. Ela andara caçando pelas vastidões do céu uma portinha, para descer à terra. Assim lutou anos a fio nos espaços. Até que o Mestre, com pena dela, arranhou-lhe a porta da reencarnação. O que prova que os espíritas às vezes acertam. E esse escritor sou eu! <sup>510</sup>

O final reitera as palavras do narrador sobre si mesmo no início do romance quando, ao apresentar a praça do cruzeiro de pedra onde ficava a venda dos pais de Cecília, coloca

---

<sup>507</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 149.

<sup>508</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 176.

<sup>509</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 181-182.

<sup>510</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 182-183.

entre parênteses: “De passagem, informo que sou filho do barão veneziano Pompílio Doria e Ferrara Palombo. Não recomenda nada ser barão, mas é verdade”<sup>511</sup>. Cabe lembrar que este é o único romance no qual João de Minas fala de si como Palombo, fazendo referências autobiográficas que não se sabe se são verdadeiras<sup>512</sup>. A partir desse final circular, João de Minas dá sentido a sua posição como “escritor, pregador intelectual”, a partir de um imperativo íntimo adquirido em vidas anteriores e nos planos superiores da existência. Logo, o narrador não está mais ao lado da protagonista, mas é a própria protagonista de seu romance.

Percebemos que a esfera do sobrenatural continua existindo, mas ela se desmembra em duas. Por um lado temos os eventos estranhos “cientificamente explicáveis” que pouquíssimas vezes irrompem nos romances de João de Minas, como visões premonitórias, ao modo da que teve Mary Arlem em *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*; o “milagre” acima que teria sido recebido por D. Esterita após a visão da alma de Angélica; Altamira prevê o seu destino ao delirar em sonho, em *A Datilógrafa Loura*; Luciana tem visões de Setúbal e da morte de Felipe na Guerra Constitucionalista; uma médium viu a cena de seu pai sendo morto pelo português Manuel, sócio de Anfrísio em *A Mulher Carioca aos 22 Anos*. Mas esses eventos não têm papel estruturante, sendo apenas acessórios na narrativa.

Por outro lado, o sobrenatural está presente na forma de além em *A Prostituta do Céu*. Como vimos, o além não se manifesta “neste mundo”, ao modo dos contos de *Fêmeas e Santas*, que também se passam em Ouro Preto e têm um caráter autobiográfico. As potências superiores do universo não interferem na vida, mas atuam após a morte das personagens. João de Minas contrapõe o céu de gozos dos bons onde se encontra a felicidade ao mundo de sofrimentos no qual é preciso fazer a caridade.

Essa representação *sui generis* do além reforça o que já vimos nas outras partes da obra do escritor mineiro: o mundo seria um lugar de sofrimentos para as pessoas boas com ideais de caridade e amor sincero; nele apenas se dariam bem aqueles que, em busca de poder, dinheiro e satisfação dos desejos, explorassem a ingenuidade alheia expressa por ideais transcendentais e altruístas. Talvez em função disto, em João de Minas, o mundo estaria fechado ao diálogo com as potências superiores do universo, que fariam o julgamento das almas após a morte, premiando os bons e punindo os maus. A descrição e função do além na segunda parte de *A Prostituta do Céu* parecem se iluminar com a proposição de Roberto da Damatta:

---

<sup>511</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 9.

<sup>512</sup> Cf. a vida de João de Minas, acima.

Inicialmente pode-se dizer que o outro mundo está marcado pelo signo da eternidade e da relatividade. O outro mundo é – a meu ver – um local de síntese, um plano onde tudo pode se encontrar e fazer sentido. Assim, o outro mundo – o mundo dos mortos, fantasmas, espíritos, espectros, almas, santos, anjos e demônios – é também uma realidade social marcada por esperanças, desejos e vontades que aqui não puderam se realizar pessoal ou coletivamente. No caso brasileiro, é um mundo de esperanças e de potenciais que a história e o rumo dos acontecimentos não fez com que se realizassem (...) Tempo que em vez de durar ou passar, perdendo-se na memória, está aqui rigorosamente revertido, posto que neste ‘outro mundo’ ele é uma ‘zona eterna’, para sempre relacionada às nossas mais esperançosas memórias e valores. (...) Mas esse *outro mundo* é também um espaço que demarca uma zona de incrível igualdade moral, pois no ‘outro mundo’ tudo ‘será pago’ e todas as contas irão se ajustar com honestidade. Essa honestidade que nem sempre é possível aqui na terra, onde os ricos e os poderosos sempre escapam e os ‘santos’ estão sistematicamente ‘pagando pelos pecadores’. Mas no ‘outro mundo’, deste outro lado da nossa humanidade, existe uma *verdadeira isonomia* e todos são vistos e são pesados pelas ações pelas quais realmente foram responsáveis aqui neste mundo.<sup>513</sup>

O além construído por João de Minas em *A Prostituta do Céu* parece funcionar segundo essa dinâmica, mas esvaziado dos fantasmas e demônios, que são substituídos pela presença de espíritos dos mortos (no além) que gozam da beatitude ou do sofrimento, pela regência de Jesus, a única potência superior, e pelas feras fantásticas com finalidade de punir os maus. Ademais, esse além não se comunica com os vivos senão no momento da morte, ao contrário do que ocorre nos seus primeiros escritos sertanejos e em *Fêmeas e Santas*.

Importa notar que esse além é rejeitado em sua eficácia pelo narrador: “Não, eu não quero esse gozo, que é um roubo aos desamparados nos outros mundos! Só seria honesto o gozo católico no paraíso se todos os seres em todos os mundos fossem extintos e acabasse a dor e a lágrima em todo o cosmos, em todos os planetas. Não sendo assim, esse gozo cristão é uma crueldade inominável...”. Dessa forma, a atuação efetiva em favor do bem, para essa personagem que se mostra como o narrador, é “voltar à terra, onde na minha cidadezinha criancinhas continuam a morrer de fome e de frio, à porta das igrejas, digo dos palácios...”<sup>514</sup>.

Num artigo sobre assistência social católica, Cláudia Neves da Silva pontua que a caridade é entendida como a prática de uma assistência baseada na idéia de amor fraterno, a qual não visa interesses pessoais ou recompensas materiais. Segundo essa autora

Para exercê-la, segundo essa concepção, o critério exigido é a vontade de servir ao próximo, por ser um dever cristão para com os desfavorecidos, demonstrando, assim, um espírito nobre. Essa concepção de caridade podemos encontrar em várias passagens da Bíblia, e a Igreja Católica, em virtude de sua hegemonia em nossa sociedade, difundiu-a por meio de um discurso repetitivo e moral, objetivando o e-

---

<sup>513</sup> DAMATTA, Roberto. A Morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro. In: *A Casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985, cap. 5. p. 128 e 128-129.

<sup>514</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 181-182.

quilíbrio e a harmonia entre os diferentes segmentos sociais, evitando assim, o perigo de conflitos e revoltas daqueles que se encontram na miséria<sup>515</sup>.

Na sociedade brasileira dos anos 10 aos anos 30 do século XX, o papel do discurso da caridade era o de minimizar os conflitos de classe numa sociedade extremamente desigual, atuando junto a grupos marginalizados ou desfavorecidos como pobres, proletários, crianças abandonadas, prostitutas, mas mantendo intactas as estruturas sociais e políticas. Mesmo que por vezes a fala em prol da melhoria da situação dos pobres fosse utilizada por homens, como o paternalismo dos patrões das fábricas ou na fala moralizadora de médicos higienistas<sup>516</sup>, a caridade foi considerada apanágio natural das mulheres. Reforçando traços próprios do estereótipo de mães e esposas, como a moralização dos costumes, sensibilidade, cuidados etc, o discurso caritativo visava também manter intacta as relações de gênero no seio das elites, na medida que constituía uma alternativa das mulheres dessas camadas sociais para ingressarem na esfera pública, através do exercício não remunerado, evitando concorrência com os homens no mercado de trabalho<sup>517</sup>. Susan Besse aponta, a partir de estatísticas governamentais, que nessa época as associações de caridade composta exclusivamente por mulheres aumentou bastante na cidade de S. Paulo, havendo entre as mais ativas tanto instituições de caráter laico ou religioso: a Liga das Senhoras Católicas, a Cruz Vermelha Brasileira, a Pró-Madre, a Cruzada Pró-Infância, a Aliança Cívica Feminina etc.<sup>518</sup>

Não por acaso, também nos romances de João de Minas, a caridade está associada principalmente às personagens femininas, sendo representado de dois modos diferentes. O primeiro já vimos no discurso de D. Alina a Altamira no capítulo anterior: a caridade é vista como meio para atender interesses particulares, seja como fantasia para enganar os ingênuos e lhes roubar riquezas ou para encobrir algum negócio socialmente menos aceitável, como o prostíbulo. Além disso, as instituições de caridade não passam imunes à sátira do escritor. No trecho abaixo, Cecília, ao pedir ajuda, é expulsa de uma das instituições que fundara, presenciando o seguinte:

---

<sup>515</sup> SILVA, Cláudia Neves da. Igreja católica, assistência social e caridade: aproximações e divergências. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 8, nº 15, jan/jun 2006, p. 327.

<sup>516</sup> RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a Utopia da Cidade Disciplinar*. Brasil: 1890-1930 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987, pp. 33-36, e DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, cap. 2.

<sup>517</sup> BESSE, Susan. *Modernizando a Desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 172.

<sup>518</sup> BESSE, Susan. *Modernizando a Desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 169-170. O aumento foi de dez organizações de caridade em 1901, para cinquenta em 1910 e mais de cem na década de 20.

Cecília seguiu, arrastando-se. Ia cair de inanição, quando viu o Asilo dos Órfãos, que ela fundara com o dinheiro do Ferrador. Bateu, puxou a corda de um sinozinho. Ao mesmo tempo, lá dentro do Asilo uma criança suplicava, apanhando. Ouvia-se o ruído de chicotadas. Quando a pancadaria cessou, uma mulher de óculos, com uma bochecha inchada, veio abrir o portão.<sup>519</sup>

Todavia, para João de Minas, no próprio mundo dos romances, a caridade verdadeiramente desinteressada em relação aos pobres existia, sendo socialmente incômoda para as classes dominantes. É o caso de Cecília, caridosa do início ao fim do romance, mas só é deixada em paz quando se prostitui, atendendo aos interesses dos velhos ricos. Antes disso,

Realmente o traço fundamental do caráter de Cecília era a caridade, em forma evangélica, absoluta, profissional. Isso é verdade que era anti-social, era um escândalo. Irritava a vizinhança, que se sentia humilhada diante das prodigalidades imorais da vendeira. Os mendigos já só falavam em Cecília, como uma santa. (...) Cecília ficou definitivamente odiada pelos ricos. E ela, coitada! ia despertando esse ódio sem refletir nas suas conseqüências, cumprindo um destino, uma fatalidade de bondade irracional.<sup>520</sup>

Angélica foi mostrada de modo semelhante ao se identificar com uma leprosa por causa dos sofrimentos padecidos (“Eu também sou hoje uma leprosa. A minha alma é um canal de pus”). Após se comprometer a ajudar a mendiga, o narrador comenta: “A mendiga não pôde se conter. Tanta bondade a alarmava até as lágrimas. E chorou, pela primeira vez no mundo encontrado o Bem e a Piedade. Ali mesmo, arrimada ao seu pau, começou a rezar um Padre Nosso e uma Ave Maria por aquela moça tão boa, sem igual na terra. Quem seria aquele anjo?”<sup>521</sup>. Outro exemplo é Ana Petrina, prima pobre de Setúbal, que ajudava os pobres:

Era professora pública em Araraquara, e de noite lecionava aos meninos pobres. Fundara ultimamente uma associação cívica denominada ‘O Operário Agrícola Paulista está Morrendo de Fome’. Com esse gesto, afirmou definitivamente a sua reputação de maluca. Mas ganhou imenso prestígio, tornara-se uma líder feminina em todo o Oeste de S. Paulo. Aos domingos, ou sempre que fosse preciso socorrer um trabalhador agrícola faminto ou moribundo, ela percorria a cidade vestida de luto, pedindo, com um saco de boca aberta nas mãos, um ‘esmolinha pelo amor do Brasil, para os parias da fazenda de café!...’. Seca, amarelada, com pouco cabelo ruivo, óculos, voz muito doce, tinha trejeitos de palhaço. Fazia rir, usava botinas de homem, com saltos tortos<sup>522</sup>

Essa personagem lutara no conflito de 1932 em favor da ditadura, fundando um batalhão feminino anticonstitucionalista ‘Pau Neles!’. Foi presa por isso. Após a interseção de Luciana em seu favor junto ao delegado, repôs o batalhão na rua. Enfim, “deportaram então Ana Petrina para Mato Grosso, num vagão de gado, amarrada como um porco. E até hoje não

---

<sup>519</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 90-91.

<sup>520</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 30-31.

<sup>521</sup> MINAS, João de. *A Mulher Carioca aos 22 anos*, p. 151.

<sup>522</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 107.

se sabe de sua sorte”<sup>523</sup>. A caridade autêntica tem sucesso efêmero, enquanto durar o instrumento de poder ou ser tolerada pelas autoridades, mesmo que com maus olhos. Além disso, apresenta um aspecto sacrificial cujo limite é a perda da própria vida, o que ocorre com duas das quatro protagonistas e com outras personagens coadjuvantes que se apegam a esses ideais.

Cecília mostrava mais abertamente como que a caridade desinteressada era anti-social, uma força nociva que punha a nu a hipocrisia dos ricos. Percebemos isso trecho que a professora foi tachada de maluca. Levar esse tipo de discurso a sério num mundo onde se acredita que ele é esvaziado não é só sinal de loucura como socialmente ameaçador, capaz de catalisar as forças oprimidas da sociedade, como fica evidente nas injúrias da mendiga leprosa Izeza aos ricos, quando bêbada: “Os ricos desta terra são uns porquêra, uns safados. O seu Painha ficou rico comendo banana com casca. O seu Severão, seu Xavier da Veiga, isso tudo são uns miserável!... Ladrões!... O que vale é Deus, qui mandou prá nois dona Cecilia, que é mãe dos pobres!... Excomungados!... Fias da mãe!...”<sup>524</sup>. Mais interessante é o comentário subsequente do narrador, ao dizer que a “morfética” costumava “fazer desses despropósitos. Ela era uma espécie de justiça intangível, iluminada da sua trágica podridão. E andava pela cidade desagrandando pela palavra os oprimidos, denunciando crimes, insultando o jesuitismo dos poderosos. Era ela o Juízo de Deus, escorrendo o mel horripilante das chagas”<sup>525</sup>.

Portanto, talvez o princípio revolucionário capaz de alterar a ordem do mundo em favor dos pobres fosse a caridade, expresso pelos pensamentos de Cecília no céu. Aliás, foi a única vez que o autor, em todas as suas narrativas, empregou o termo com conotação positiva. As outras se referiam, negativamente, à Coluna Prestes em sua obra sertanista e à Revolução de 30 em sua obra urbana. Em ambas o sentido estava atrelado às mudanças políticas, num caso em defesa do legalismo e no outro pela referência ao golpe militar que instaurou Getúlio no poder. Aqui não: a revolução sai da esfera dos movimentos armados visando o poder estatal para repousar no íntimo e na ação das pessoas que conseguem ter empatia pelo sofrimento do semelhante. Assim, a “nossa revolução”<sup>526</sup> para João de Minas não passa pela política, mas

---

<sup>523</sup> MINAS, João de. *Uma Mulher... Mulher!*, p. 189.

<sup>524</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 30-31.

<sup>525</sup> MINAS, João de. *A Prostituta do Céu*, p. 31.

<sup>526</sup> Na mesma época, a “nossa revolução” tem seu sentido político esvaziado também em Sérgio Buarque de *Raízes do Brasil*, mas não em proveito de uma ética emotiva, pois “um amor humano sujeito à asfixia e à morte fora de seu círculo restrito não pode servir de cimento a nenhuma organização humana concebida em escala mais ampla. Com a simples cordialidade não se criam os bons princípios.” (p. 205). Assim, “a grande revolução brasileira não é um fato que se registrasse em um instante preciso; é antes um processo demorado e que vem durando pelo menos há três quartos de século.” (p. 188), processo fundado na história que, com o desaparecimento dos fatores tradicionais de origem ibérica, geraria um autêntico americanismo ainda incon-

por uma ética emotiva individual que, pela sua própria manifestação de maneira global, fosse capaz de desestruturar a sociedade ao mostrar o engano e exploração. Todavia, para o autor a caridade seria impotente e circunscrita, ainda incapaz de maiores transformações sociais, motivo pelo qual seus agentes sofreriam o peso de um sistema, pagando sua atitude com a vida.

Outra vertente da transformação da realidade por meio da ética emotiva aparece na última figuração do narrador em uma de seus romances, no fim de *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, que acaba sendo sua despedida da literatura. Recebe o agradecimento de Paulo Borborema nos seguintes termos: “Afinal, um abraço no escritor João de Minas, que tem a exclusividade mundial de narrar as minhas façanhas, aliás modestas, e que muito me ajudou com seus conhecimentos de estudioso de tudo que faz o detetive supremo, biológico”<sup>527</sup>. Contar as façanhas de Borborema apresenta um aspecto ambíguo, até irônico: ao mesmo tempo em que o protagonista busca restaurar a ordem pública vigente contra um poder que a ameaça, o narrador revela suas brechas ao desconstruir os elementos positivos de uma identidade paulista, descrevendo a corrupção da polícia e das camadas sociais elevadas, o tratamento dado aos pobres e proletários, e as contradições do progresso. No final do romance, o narrador não se posiciona ao lado de sua protagonista ou é ela própria, mas conta os seus feitos, isto é, atua no mundo como intelectual literato, com as armas da ironia e do humor.

Generalizando esta observação para todos os seus livros, João de Minas busca praticar o que prometera no final de *A Prostituta do Céu*, referindo-se a si mesmo: “Ele trazia o espírito revolucionário de Cecília, e ia ser um escritor, um pregador intelectual, um soldado das idéias de amparo aos pobres e aos humildes esfolados pelos poderosos”. Procurava realizar seu intento revelando as ações perversas dos agentes sociais, utilizando como arma o sarcasmo, a ironia e a estereotipia exagerada, caricata, permeando seus livros com sexo. Outro sentido positivo é atribuído à palavra “revolução” quando o autor se dirige aos seus leitores:

Creio que meus livros, principalmente os meus romances (Revolução Sexual Brasileira), devassam um mundo novo à mocidade, aos rapazes e às moças que rolam para um futuro absolutamente imprevisto, e que os velhos caturras de hoje não podem sequer sonhar... Eu escrevo para os moços, e espero uma revolução social que de um momento para outro vire o mundo de pernas para o ar.<sup>528</sup>

Sua denúncia e crítica social se orientam pelo humor hiper-expositivo que busca dissolver no riso as identidades e aparências construídas. Essa constatação é importante porque

---

cebível cujo centro de gravidade seriam os centros urbanos. Ver HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Edição comemorativa dos 70 anos. São Paulo: Cia das Letras, 2006, cap. 7 (nossa revolução).

<sup>527</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, p. 190.

<sup>528</sup> MINAS, João de. *Revolução Sexual Brasileira, Uma Mulher... Mulher!*, p. 201.



O humor ocupou um significativo espaço de representação na sociedade brasileira, mas foi – ou ainda é – um espaço peculiar misturado à prática da vida, e que por isso regride sempre à ética individual, desmascarando as morais sociais dos interesses privados, explorando ou acentuando seus contrastes com o impessoal e o público. Foi entre o universo hierárquico das relações sociais, regidas por regras de racionalidade e igualdade – e a dimensão informal e tácita da convivência personalista e da vida cotidiana –, que, particularmente neste período, construiu-se e inventou-se uma narrativa humorística da sociedade brasileira. (...) Ao jogar com o contraste abrupto, rápido, efêmero e conciso de dois sistemas de significados, o humor escancarava as diferenças entre a espontaneidade da vida cotidiana e o formalismo das instituições sociais, deixando transparecer os vícios do personalismo crônico nas relações humanas.<sup>529</sup>

Analizamos anteriormente o conteúdo desse escancaramento na obra urbana do autor, procurando também desvelar o seu sentido. Vale o que já foi dito sobre outros humoristas:

A representação da sociedade e da história brasileiras pela dimensão humorística também criava, por assim dizer, um espaço para o indivíduo afirmar-se perante aquela espécie de vazio moral que se abria cada vez que a aceleração da história reforçava, por estruturas mais gerais e vastas temporalidades, os reductos da racionalidade. O humor permitia, assim, tanto na vida cotidiana como nas situações coletivas, livrar-se, pela irreverência, de autoridades e gestos incômodos, de si mesmo ou de outros, dando ao indivíduo, por efêmeros momentos, a sensação de pertencimento que o nível público lhe subtraía e que, lentamente, ele tentava conquistar.<sup>530</sup>

João de Minas também recorreu ao humor num momento crítico<sup>531</sup>: o vazio moral que se criou, para ele, com a sensação de deslocamento em função de mais uma aceleração da história, que ele entendeu, na sua literatura de 1934 em diante, ter ocorrido em 1930. Vimos o que lhe era incômodo: a nova situação política dominada pelos seus antigos rivais, vista como corrupta, situação que foi projetada para toda a sociedade. E, assim como o humor de outros escritores brasileiros ou a caridade de suas protagonistas, o humor de João de Minas não se mostrou capaz de construir identidades ou de fornecer razões estáveis, mas serviu de esteio à ética emocional e descompromissada<sup>532</sup>. Foi provavelmente esse o motivo tanto do tom irônico do narrador em todos os romances urbanos, que atingiu o ápice em *Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo*, quanto do descompromisso com quaisquer programas ou projetos duradouros, visto que seus livros não apresentam orientações expressas sobre como agir no mundo. Ambas as posturas do narrador se somam à terceira: a distância que tinha do que con-

---

<sup>529</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: A Representação Humorística na História Brasileira: Da Belle Époque aos Primeiros Tempos do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 303-304.

<sup>530</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: A Representação Humorística na História Brasileira: Da Belle Époque aos Primeiros Tempos do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 303-304.

<sup>531</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: A Representação Humorística na História Brasileira: Da Belle Époque aos Primeiros Tempos do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 305.

<sup>532</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: A Representação Humorística na História Brasileira: Da Belle Époque aos Primeiros Tempos do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 305

tava, provavelmente paralela à sensação de distância que o escritor tinha de sua realidade, considerando-se “um fantasma de uma idade morta”.

As aparições do narrador evidenciam a existência de uma comunidade invisível, à qual aderem o próprio narrador, a maioria de suas protagonistas e algumas outras personagens secundárias. São caracterizados pelos valores e posturas diversos da esmagadora maioria de suas personagens, tendendo por isso a serem tragados, explorados ou oprimidos. Portanto, em João de Minas se contrapõem dois regimes éticos que geram duas práticas de vida distintas: aquele das personagens em busca de poder, dinheiro e prazer sexual, pautado na exploração das pessoas e seus valores; e outro pautado na real caridade orientada a mitigar o sofrimento alheio, em sintonia com uma ordem cósmica transcendente mas inoperante na sociedade dos vivos. Esta “perspectiva revolucionária” tem esteio numa ética emotiva que regride ao individual, que se manifesta de dois modos: no caso das personagens, confiar em si mesmas e no ideal, agindo no cotidiano conforme seu sentimento caridoso, mesmo que isso lhes custe a vida; ou, como o narrador, utilizar a palavra como arma para desnudar e colocar às claras, através do humor, o funcionamento do mundo corrupto, mesmo que não se apresente orientação alguma sobre como transformá-lo.

A essa altura da análise, uma pergunta pode incomodar o leitor, e nos incomodou também: pode todo esse movimento em defesa da caridade e utilização da palavra em prol dos pobres ser também um recurso irônico? Seriam ambos menos objeto de defesa por parte do narrador do que mais uma defesa de valores destinada a ser alvo da sátira pela sua pena no movimento do próprio romance, tal como os outros valores de fidelidade, progresso, patriotismo etc., destinados a servir de uso aos mais mesquinhos objetivos? A resposta provável, pois sobre a obra do escritor mineiro é difícil dizer algo com certeza plena, é que não. Uma pista encontra-se numa epígrafe que sintetiza tais valores, inserta a partir de 1934 pelo próprio João de Minas em alguns de seus escritos sexuais:

*Faço parte de Deus porque sou um artista.*

*Todo livro meu contém todo o meu sangue.*

*Em verdade vos digo que o meu reino é deste mundo, entre os humildes e os que sofrem e onde minha memória jamais se apagará.*

*João de Minas*<sup>533</sup>

---

<sup>533</sup> Esta epígrafe consta nos livros *Pelas Terras Perdidas*, *Uma Mulher... Mulher!* e *Fêmeas e Santas*.

Considerações

Finais

## A encruzilhada de João de Minas

*Só em instantes de forte tensão interior é que os homens se encontram frente a frente com as forças subterrâneas e criminosas que vêm dismantelar essas sínteses admiráveis. Mas é difícil não compreender que esses 'instantes' representam o que há de mais importante e que todo o resto se anula diante de sua força(...) Nesses momentos todas as forças ordenadoras são sacrificadas e aparece então, nitidamente, a inanição das polícias humans e divinas.*

Sérgio Buarque de Holanda  
O Testamento de Thomas Hardy

### Olvidamento

Mencionamos na introdução desta dissertação a ausência das obras de João de Minas das histórias e dicionários de literatura brasileira. Durante o período de mestrado nos questionamos o que levou a tal esquecimento. Algumas hipóteses, formuladas a partir de indícios obtidos durante a pesquisa, podem indicar futuros caminhos reflexivos sobre a questão.

É muito provável que a fundação da Igreja Brasileira Cristã Científica tenha contribuído bastante para que o autor e sua obra fossem lançados no olvido. Um exemplo da influência negativa da religião na sua reputação de escritor já foi mencionada por Caio Porfírio Carneiro:

Continuava, na velhice, a ser o mesmo João de Minas cheio de novidades e imprevistos. O escritor Paulo Duarte, presidente da União Brasileira de Escritores, não aceitou sua proposta de inscrição na entidade. Levou mais em conta as atitudes insólitas do escritor do que o valor de sua obra.<sup>534</sup>

Dentre os motivos estéticos, notemos que João de Minas opunha-se à escola literária que ganhou destaque posteriormente, tornando-se cânone universitário e escolar brasileiro: o modernismo. Sua posição antimodernista foi explicitada numo artigo publicado no O Paiz, intitulado “A Velha Arte Nova”, cujos argumentos enfatizam a organicidade da arte e sua vocação para captar a beleza, contrariando o experimentalismo das vanguardas, assemelhando-se à posição da ABL e de Mário Guastini em *A Hora Futurista*, de 1926. Para contestar a validade da liberdade literária, não perdeu a oportunidade da paródia:

---

<sup>534</sup> CARNEIRO, Caio Porfírio. O Incrível João de Minas. *DO Leitura*, São Paulo, 11(123), agosto de 1992, p. 10, referente à tentativa de João de Minas de entrar para a UBE. Cf. p. 42-43, infra.

Oh, os trilhos, os trilhos! O gafanhoto preto do trem lhes finca nas ancas a volúpia do estupro das distâncias. Depois, o trem é passado no engenho de cana no fundo da horta. Sai uma cerveja de aço derretido, para a bebedeira dos arranha-céus. Os olhos dela chupam os soldados negros da ronda. Vamos todos, montados em Floriano Peixoto, para a casa de jogo da Independência ou Morte, nas ventas do cel. Ipiranga. D. Pedro I cozido com pés de porco. Encontrei a orelha dele na feijoada. A marqueza de Santos grelhada, com dos ovos por baixo. Bife a cavalo, no cavalo de Napoleão. O corpo da Luíza tem portas, entradas e saídas. O coração dela é minhas polainas. O azul é uma lingüiça. O sal dos teus olhos nos ponteiros dos meus bigodinhos...<sup>535</sup>

Ao final arremata: “Não, não é possível. Como pode uma pessoa se deixar influenciar por essa maluquice modernista?” Mas não nega certa influência ao dizer que “é verdade que às vezes ela escorre da nossa pena, dada a sugestão do ambiente. Mas deve-se breçar logo. A menos que, para fazer escândalo...”<sup>536</sup>. Além de louvores a autores considerados passadistas, como Humberto de Campos, Coelho Neto, Olavo Bilac, seu antimodernismo levou-o a produzir livros que se distanciavam do modelo de literatura que se tornaria canônico. Não encontramos até o momento textos de João de Minas sobre crítica literária após 1930, mas é provável que sua posição tenha se mantido a mesma.

A despeito desta polêmica literária, é provável que sua obra causasse algum tipo de incômodo. Sua obra sertaneja dos primeiros tempos serviu de esteio ao conservadorismo político, por isso mesmo louvada por alguns ilustres contemporâneos como Humberto de Campos, Carlos Dias Fernandes e Veiga Miranda, acerca da Coluna Prestes<sup>537</sup>. Mas, ao contrário dos livros sertanejos, sobre os quais é possível rastrear informações sobre sua recepção, sobre os romances sexuais não encontramos quase nada. A única informação sobre um desses livros, fornecida indiretamente, diz de *Fêmeas e Santas*: “não nego ao sr. João de Minas o mérito que lhe pertence. Nego, tão somente, o valor de seu último livro que se intitula *Fêmeas e Santas* (...) Mau gosto no título, mau gosto das cores que ilustram a capa (verde, amarelo e preto); mau gosto do desenho (uma santa nua, de mãos postas)”<sup>538</sup>.

O comentário acima deixa entrever que, ao contrário dos elogios às suas obras sertanejas, parece que os livros da coleção *Revolução Sexual Brasileira* receberam a pecha de *kitsch* e provavelmente foram considerados baixa literatura. O próprio João de Minas tinha consci-

---

<sup>535</sup> A Velha Arte Nova. *O Paiz*, 07/10/1928, p. 6.

<sup>536</sup> A Velha Arte Nova. *O Paiz*, 07/10/1928, p. 6.

<sup>537</sup> ALMEIDA, Leandro A. de. Leituras de Jantando um Defunto. *Revista de História*, DH-USP, n. 155, 2º semestre de 2006, pp. 261-282.

<sup>538</sup> CABRAL, Mário. Vida Literária (Coluna) *Correio de Aracaju*, 17/05/1941, Apud Site disponível em [http://mascandocliche.zip.net/arch2005-11-20\\_2005-11-26.html](http://mascandocliche.zip.net/arch2005-11-20_2005-11-26.html), acessado em 06/01/2006.

ência do incômodo que causava, quando, num posfácio, ao apresentar sua coleção, se dirige “a todos os meus queridos leitores”<sup>539</sup>, comenta:

Alguns livros meus têm me permitido receber cartas de meus fãs, homens e mulheres. Todavia, ordena-me a verdade que diga que alguns desses documentos nem sempre são de fãs, ou de meus possíveis admiradores. Tenho recebido cartas de pessoas ferozes, algumas até insultadas com certas audácias de meus romances...<sup>540</sup>

E conta que teria recebido uma carta ameaçando-o de morte, enviada por um marido que foi preso por assassinar a esposa, e dentre os pertences dela teria encontrado *A Mulher Carioca aos 22 anos*, o qual teria influenciado-a a cometer adultério: “I vi qui o seu libro é que insinou a mia molher as patifaria da posiçon em que ela tava no sofá da sala”<sup>541</sup>. Além dessas, diz estabelecer polêmicas com seus leitores, como “ainda agora, por exemplo, estou brigando com Nelly Kakalem, pseudônimo de uma gentilíssima senhorinha da Avenida Angélica, que me proibiu de procurar conhecê-la pessoalmente...”<sup>542</sup>.

Se à época sua obra recebeu a pecha de imoral ou de mau gosto, na década de 50 ou 60 deve ter sido considerada *demodé*, como os livros de Theo Filho e Benjamin Costallat, que ainda atuavam na literatura. Devido à semelhança de gênero, talvez tenha sido atribuído aos romances sexuais de João de Minas o que Brito Broca escreveu sobre aqueles dois autores:

Lê-se uma crônica de Costallat e vê-se que a sua ‘linguagem’, no sentido afetivo da palavra, já não é a dos nossos dias. Por quê? Porque o êxito desse escritor, como o de Théo Filho e outros, se fez integrado numa ‘paisagem’ que não mais existe. O Rio mudou radicalmente de trinta anos para cá – o Rio, São Paulo, a própria vida do inteiror. (...) Muitos deles perderam a graça, porque a sua graça estava ligada às mesas de café, às reuniões vesperais à porta do Alvear e às remanescências de boêmia da Lapa. A incapacidade de readaptar-se levou-os a um progressivo afastamento, que acabou por torná-los deslocados no ambiente literário e, conseqüentemete, fora de foco: *demodés*.<sup>543</sup>

Mas, ao contrário de Costallat e Theo Filho, lembremos que João de Minas não continuou produzindo literatura, apesar de frequentemente bradar nas propagandas da sua Igreja que era escritor. Segundo Aderbal Freire Filho, o autor mineiro, num balanço, teria dito que fora “o mais goiano dos maus escritores”, que suas “indústrias, como conhecido literato, da praça, havia sido a fabricação de palavras”<sup>544</sup> das quais um dia se cansou. E abandonou.

<sup>539</sup> MINAS, João de. Revolução Sexual Brasileira, *Uma Mulher... Mulher!*, p. 199.

<sup>540</sup> MINAS, João de. Revolução Sexual Brasileira, *Uma Mulher... Mulher!*, p. 199.

<sup>541</sup> MINAS, João de. Revolução Sexual Brasileira, *Uma Mulher... Mulher!*, p. 200.

<sup>542</sup> MINAS, João de. Revolução Sexual Brasileira, *Uma Mulher... Mulher!*, p. 201.

<sup>543</sup> BROCA, Brito. Escritores que ficaram demodés. In. *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: Vida Literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas: Unicamp, 1991, pp. 342.

<sup>544</sup> *Apud* FREIRE FILHO, Aderbal., p. 259.

Provavelmente esses fatores conjugados – o abandono da literatura, a fundação da religião, o antimodernismo estético, a pecha de conservador, imoral ou *démodé* – tenham contribuído para lançar a obra do autor no olvido literário, do qual começou a sair com a recuperação feita por Aderbal Freire Filho através do teatro, com a publicação da 3ª edição de *A Mulher Carioca aos 22 anos* e com os comentários, resenhas e críticas por ela suscitados. Mas nenhuma das inúmeras contribuições ultrapassou o nível imediato ou se engajou numa tentativa de compreensão aprofundada, e muitas vezes passaram adiante os estereótipos.

Nossa dissertação é uma tentativa de compreender e interpretar sua obra literária. Por conta disso, muitas coisas ainda precisam ser feitas. É importante estudar a trajetória de João de Minas para além do período abordado, tanto para frente quanto para trás: resta levantar e estudar os escritos juvenis do autor (até c. 1921) como os da fase de Uberaba, no jornal *Lavoura e Comércio* (1920-1929); assim como é preciso buscar textos no jornal uberabense a partir de 1935, no qual retornou sua colaboração. Também resta localizar outras fontes sobre a Igreja Brasileira Cristã Científica e analisar cuidadosamente os livros da fase religiosa.

Dentro do período estudado, uma gama enorme de artigos de jornal espera por estudo. Vislumbramos algumas possibilidades. A primeira é analisar os textos dos jornais *O Paiz* e o *Correio Paulistano*, comparando-os com as crônicas ou contos insertos em seus livros ou em outros periódicos nos quais foram publicados, pois a mudança de suporte do texto pode revelar facetas por nós não captadas. Podemos dizer desde já que as mudanças existem, mas optamos por não nos determos nelas. Outra brecha aberta é considerar mais detidamente os artigos publicados em *O Imparcial* de Araraquara e no *Diário Oficial de São Paulo*, que revelam a atividade intelectual e política de João de Minas antes de seu retorno à literatura em 1934. Além disso, não demos conta totalmente da recepção dos livros do escritor, apenas analisando a crítica a *Jantando um Defunto*. É possível ampliar o leque, considerando a parca crítica aos seus outros livros e os anúncios ou notas nas seções de publicações dos jornais.

Quanto à abordagem das fontes narrativas propriamente ditas, nos centramos, por motivos já expostos, na análise da estruturação dos temas. Todavia, se fazem necessários estudos detalhados em torno do aspecto lingüístico e estilístico empregado por João de Minas. Por exemplo, nos parece, a partir de repetidas leituras, que o estilo do autor é se alterou nos seus últimos livros, se comparados com primeiros, mas não precisamos o grau e a direção de tal mudança. Além disso, chamaram nossa atenção tanto a farta utilização das metáforas quanto o uso do humor em João de Minas, os quais merecem análises mais detalhadas e refinadas.

Em face desses limites de nossa dissertação, e considerando as narrativas publicadas entre 1929 e 1936, nos perguntamos: como e por que João de Minas escreveu o que escreveu?

### Uma obra garatujada de sangue

Duas vezes, em dois momentos distintos, João de Minas mencionou que seus livros eram tingidos com seu “sangue vivo, quente e sincero”, para ele o “sangue divino, que nos rega um corpo imortal”, um corpo “que não se sabe bem o que é. Mas que talvez seja a alma, ou uma faísca do ‘fiat’ divino”, ou seja, “o sangue das ilusões, da fé, dos afetos, da bondade, e também do ódio”<sup>545</sup>.

A primeira delas, donde provém as palavras citadas, é no livro *Sangue de Ilusões*. Foi lançado, assim como sua obra sertaneja, naquele final de década de 20 no qual

os tempos se tornaram convulsos e as mentes se turvaram. O acirramento das militâncias queria ver em cada criatura um soldado, numa guerra que só admitia dois lados, o certo e o errado, o justo e o opressivo, o bem e o mal. As metáforas militares se tornam cumulativas, dominantes, sufocantes. Por toda parte se fala e se repete, exaustivas vezes, em frente única, combate, vitória e líder.<sup>546</sup>

Em função do tom jacobino proposto pelos críticos do governo, “as autoridades oficiais contra-atacaram, mobilizando-se os escritores ligados aos quadros e jornais do PRP para uma autêntica batalha de manifestos”<sup>547</sup>, batalha que se estendeu do debate sócio cultural sobre o nacionalismo para o campo político às vésperas das eleições de 30. Em ambos os debates, João de Minas foi um dos que se alistou ao lado do governo:

Combati ao lado da Concentração Conservadora. Sou mineiro, ouropretano, e quero um bem imenso ao meu Estado. Interessa-me a política nacional. Quero com a alma à minha pátria. Não posso vê-la presa dos velhacos, tratantes e ladrões. Sou brutalmente honesto, no meu patriotismo. Assim, não quero saber – uma hipótese – se o meu partido, de que sou um ínfimo soldado, de que sou um piolho, ou um pouco de pó, não quero saber se o meu partido perdeu ou ganhou. Eu estou com ele, eu sou dele! (...) continuo, ferreamente, a minha obra de panfletário político, concentrista agora, é que eu a quero bem pública.<sup>548</sup>

Publicada em julho de 30, *Sangue de Ilusões* é o terceiro volume da série de livros do autor que reúne as crônicas que antes saíram no *O Paiz*, quando sua pena servia aos propósitos do PRP. A preocupação fundamental dos jornais era então o fato político, “a área ocupada por aqueles que estão ligados aos problemas do poder”, dando um caráter pessoal às campanhas e ao debate, elemento que João de Minas soube explorar muito bem tendo em vista os

<sup>545</sup> MINAS, João de. *Sangue de Ilusões*, *Sangue de Ilusões*, p. 5.

<sup>546</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*, p. 300.

<sup>547</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*, p. 299.

<sup>548</sup> MINAS, João de. *Sangue de Ilusões*, *Sangue de Ilusões*, p. 6-7.



ataques a Prestes e Antonio Carlos, e a defesa de Washington Luís e Mello Viana, estando *O Paiz* vinculado ao governo federal<sup>549</sup>.

É deste universo de preocupações dos anos 20, o fogo cerrado contra o regime vigente partindo de diversos setores sociais – intelectuais, tenentes, proletários, oligarquias insatisfeitas –, que não podem ser desvinculadas as narrativas dos primeiros livros do autor. Para o João de Minas de 1929 e 1930, em *Jantando um Defunto*, *Farras com o Demônio* e *Fêmeas e Santas* (publicado posteriormente), o ordenamento do mundo se apresentava como imutável. As personagens são incapazes de alterá-lo, podendo pela sua ação promover apenas mudanças pontuais. Se tentam alterá-lo, é para pior, como exemplarmente expressa a Coluna Prestes. Tal cosmos era interconectado em todas as suas dimensões (natural, social, subjetiva, institucional e sobrenatural), sendo que as mudanças em uma dimensão repercutiam em todas as outras, em geral de modo negativo, pois aquela interconexão era representada harmonicamente.

Tendo isso em mente, entendemos a motivação e o problema central de sua primeira obra sertaneja, além do aspecto político. Partindo das viagens do escritor aos “sertões do Brasil Central”, o principal objetivo desses textos era apresentar uma realidade diferente, exótica ao leitor urbano e letrado. Suas narrativas distinguem um sertão próximo, com aspectos culturais e civilizacionais próprios do mundo agrário português que se instalou no Brasil, e um sertão profundo, “mata virgem” onde essa civilização não teria alcançado, marcado por espécies animais desconhecidas, tribos indígenas e civilizações perdidas. Ambos os espaços apresentam uma natureza exuberante e personagens com sentimentos autênticos. Sua perspectiva deve muito ao movimento de “revalorização do Brasil” em voga na intelectualidade do período, também adotada pelo governo perrepista para justificar sua política de expansão das fronteiras internas, sintetizada no famoso dístico “governar é fazer estradas”, em benefício dos latifundiários e coronéis regionais, positivamente retratados nos primeiros livros do escritor mineiro.

Todavia, o paradigma da ciência oficial e a ideologia do progresso criaram pontos de tensão nos escritos sertanejos de João de Minas. O primeiro deles é a oscilação entre uma visão eufórica do progresso tecnológico e do naturalismo desqualificador das populações interiores, e uma visão melancólica que vislumbrava a destruição da paisagem, assim como valorizava os saberes das populações locais. Onde essa tensão atinge o ápice é na problemática do fantástico. A visão de mundo materialista vigente nas principais instituições e pensadores ex-

---

<sup>549</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 317. Sobre a imprensa e a batalha de jornais no período que antecede a Revolução de 30, ver MEIRELLES, Domingos. *Os Órfãos da Revolução*. São Paulo, Rio de Janeiro: Record, 2005.

cluía uma dimensão importante da experiência não só da formação do autor como das populações interioranas. Os escritos então oscilam entre a negação de uma dimensão sobrenatural (atribuindo-a a ilusões causadas pela superstição, fruto da ação da paisagem na mente sertaneja), a aceitação do sobrenatural em si e suas relações com os vivos, e uma terceira perspectiva que explica os eventos estranhos segundo uma “ciência” de matiz espiritualizante. O autor tende a aceitar as duas últimas posições, numa crítica à ciência oficial da época que desconsiderava aspectos do mundo sertanejo por não conhecê-los de perto, função então exercida pelo cronista. Na esteira de Graça Aranha, que tenta pensar o Brasil em suas peculiaridades a partir dos traços imediatamente reconhecíveis da “alma brasileira”, na obra de João de Minas também aparece o dilema da impossibilidade de apreensão racional do mundo fora da intuição<sup>550</sup>. Mas no autor mineiro o dilema diz respeito tanto ao aspecto psicológico quanto ontológico, referindo-se ora à constituição da alma brasileira ora às dimensões constitutivas da realidade, em especial no mundo sertanejo. Portanto, em João de Minas, a recuperação do sobrenatural se coaduna com o projeto de conhecimento (e incorporação) dos sertões do Brasil Central.

A estruturação das suas primeiras obras segundo a idéia de um cosmos têm como base uma ideologia determinada que atribui ao Estado e à política a centralidade no processo histórico. A concepção do “Estado Demiurgo”, que pela sua elite conduziria os destinos do país, é uma marca de origem da classe dominante brasileira, forjada no século XIX no seio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ligado ao poder imperial. Seus conteúdos se alteraram no tempo na medida em que cada grupo político dirigente conseguia difundir pela sociedade as valorações que forjava, via propaganda e ensino oficial, estigmatizando os grupos políticos derrotados, apagando a complexidade do debate e reduzindo o sentido da história à realização do triunfo político, tido como momento superior da história do país<sup>551</sup>. Assim, o olhar de João de Minas sobre o mundo estava enquadrado pela equação secular que associa sociedade (povo ou nação) e o “sentido da história” ao Estado. No caso estudado, mais especificamente a um Estado governado por oligarquias que suportam um partido (PRP) ao qual o autor aderira e que sustentava seu prestígio como intelectual.

A centralidade dessa idéia no pensamento de João de Minas, aliada a seus vínculos sociais, o levou a priorizar a militância política no período que vai do segundo semestre de 1930 ao segundo de 1933. Tal militância ficou ao sabor dos eventos ocorridos nesse ínterim, varia-

---

<sup>550</sup> Sobre a apreensão intuitiva do mundo em Graça Aranha, ver SALIBA, Elias Thomé. A discussão do Brasil em ‘Canaã’, de Graça Aranha. *O Estado de São Paulo*, domingo, 23/06/2002, Caderno 2/Cultura, p. D5

<sup>551</sup> BORGES, Vavy Pacheco. Anos 30 e política: História e Historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 160

ção que pode ser captada na sua produção intelectual, expressa por três livros abortados ou natimortos. O primeiro foi *Sangue de Ilusões*, publicado no debate sobre a sucessão de Washington Luís. Apaixonadamente favorável ao PRP, muito provavelmente se tornou impertinente com o movimento de outubro de 1930, o que deve ter levado João de Minas a nunca mencionar ou arrolar esse livro entre suas obras publicadas, motivo pelo qual é desconhecido. Os outros dois livros nunca saíram das páginas dos jornais. Pretendia lançar *Araraquara* a partir dos artigos publicados no *O Imparcial* no final de 1932, com temas que giravam em torno da política local e nacional, opondo-se a Getúlio, num tom um pouco mais cortês que o livro anterior. A publicação de *Araraquara* talvez foi abandonada porque João de Minas, no ano seguinte, aparece vinculado ao meio oficial, quando elaborou o livro intitulado *O Estado de São Paulo no Ano de 1933*. Este ficou restrito às páginas de junho e julho do *Jornal do Estado*, por sua em defesa do plano quinquenal rodoviário proposto pelo seu amigo Dirlemando de Assis, na Interventoria de Waldormiro Lima. Provavelmente, com a destituição de Waldomiro, o pedido de exoneração de Dilermando da Secretaria de Obras Públicas levou João de Minas a abortar mais esse projeto.

Foi apenas então, no segundo semestre de 1933, que o autor passou a se dedicar integralmente à literatura, reeditando livros ou lançando novos, quase sempre romances.

As narrativas compostas entre 1931 e 1935, publicadas a partir de 34, foram marcadas pela sensação de que se vivia novos tempos, inaugurados pela Revolução de 30. Carlos Alberto Vesentini mostrou como após 1930 os grupos dirigentes reelaboraram a história nacional (cuja força simbólica de 30 passou a transcender o evento) e como essa nova tessitura reverberou nos contemporâneos, re-condicionando o sentido que davam à sua trajetória pessoal<sup>552</sup>. Essa percepção generalizada, captada por Vesentini, nos possibilitou marcar uma ruptura no pensamento de João de Minas, pois o autor partilhou com seus contemporâneos essa idéia de mudança histórica, que estruturou sua própria vivência e visão de mundo nos anos seguintes. João de Minas, distante do meio político, não se sentia parte nem vinculado ao Estado, o que para ele significava estar fora da história, ser “um fantasma de uma idade morta”. Esta frase talvez deva ser lida talvez como expressão de um desespero, de uma crise, na medida em que para ele o mundo no qual viveu e pelo qual combateu com sua pena e seu sangue não existiria mais, acrescentando-se ao quadro o agravante das tentativas frustradas de reinserção, que se mostraram infrutíferas pelas contingências dos acontecimentos.

---

<sup>552</sup> VESENTINI, Carlos Alberto. *A Teia do Fato: uma Proposta de Estudo sobre a Memória Histórica*. São Paulo: Editora Hucitec / História Social – USP, 1997

É nesse contexto, como epígrafe de alguns seus romances, que o autor disse pela segunda vez: “todo livro meu contém todo o meu sangue”, agora com um significado completamente diferente. O vínculo entre a ação do Estado, o meio social e o sentido da história permaneceu na obra literária de João de Minas do período, mas a euforia de outrora se transformou em tragédia, e o engajamento em distância. Aqui, todo o seu sangue estava empenhado em lidar com esse novo estado de coisas, percebido de forma extremamente negativa, marcada por hipocrisia, conflitos, injustiças e patifarias. Já vimos como se deu a mudança na própria obra sertaneja: *Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos*, em relação aos livros anteriores, é marcado pela sátira ao discurso nacionalista (que se presta às conveniências), pelo esvaziamento do sobrenatural e pela maior presença de tensões sociais.

Mas para tratar desse mundo o autor, na esteira de Costallat, João do Rio, Pitigrilli, entre outros, escolheu um gênero literário que há muito, seja na Europa ou no Brasil, priorizava a representação negativa de um mundo urbano marcado por uma modernidade desencantada e esvaziada de valores solidários, no qual tudo se tornou mercadoria. Considerando especialmente os romances urbanos de João de Minas, o aspecto central que estrutura as narrativas é a representação de um mundo corrompido. O mundo privado e público (civil e estatal) é repleto de pessoas egoístas, interesseiras, em busca de poder político, prazer sexual e sucesso financeiro. Para atingir seus fins, as personagens hipocritamente utilizavam as convenções sociais e valores positivamente aceitos mas, quando seus objetivos não eram alcançados desse modo, recorriam a extorsões, chantagens e assassinatos. Além disso, exploravam e maltratavam aqueles que não lhes despertam interesses imediatos, como pobres e proletários.

Esse mundo entra em conflito com o sentimento e ação das protagonistas e de algumas personagens secundárias. No caso das mulheres, seu destino costuma ser trágico, oscilando entre a morte e a adequação resignada à ordem das coisas, abrindo mão de uma vida pautada nos valores cristãos e de sinceros relacionamentos amorosos, explorados e ridicularizados pelas outras personagens. Já Paulo Borborema é repleto de glórias, mas está a serviço (à sua revelia) de uma sociedade corrupta em todas as instâncias. Em função de tal estado de coisas o sobrenatural, outrora uma das dimensões importantes na obra do autor, deixou de ser estruturante da narrativa: existe apenas o natural explicado no mundo do “aqui e agora”, as personagens não se comunicam mais com o além a partir do cotidiano, visto que este além só está acessível às personagens após a morte, onde se realiza a justiça. Tal justiça divina é medida pelo sentimento e pelas atitudes caridosas feitas pelas personagens durante a vida, mas mal-

vistas pela sociedade pautada em fins materiais e pessoais, não tendo eficácia concreta na melhoria do mundo corrupto, apesar do potencial que têm de agregar os excluídos.

É visível como essa postura anarquizante, à qual adere o narrador, é própria da visão negativa do escritor acerca do rumo que a sociedade teria tomado após 1930, com a mudança de grupos políticos. Essa posição, explicitada na crônica *Depois, Miseravelmente Depois*, também permeia o enredo das histórias. Mas, longe de defender a ordem política anterior, como fizeram muitos contemporâneos perrepiristas, tal ordem também foi alvo de sua sátira, colocada no mesmo nível de corrupção do novo regime. Por isso mesmo, não há na obra urbana de João de Minas uma perspectiva de mudança social para melhor que parta de forças sociais ou da atuação de movimentos organizados. A única perspectiva de mudança coletiva é uma sucessão de ditaduras no governo do país, através de golpe militar. Assim, a defesa da efetiva caridade individual e da crítica intelectual às convenções ou práticas sociais pressupõe a desilusão do autor em relação às instâncias coletivas de ação. Portanto, a obra urbana do autor representa um Estado corrupto associado a uma sociedade moralmente degenerada, fruto do desencanto do escritor com o presente em que vivia.

Por outro lado, percebemos que a mudança na representação da realidade trouxe um avanço na crítica do autor. Alijando-se do poder político que tanto valorizava, sua obra expressa o ataque a uma proposta e a uma euforia modernizadora veiculada por intelectuais e pelo governo getulista do período. Sua crítica ataca, por meio da sátira, as classes altas e médias da sociedade, em suas múltiplas dimensões (política, econômica, social e intelectual), procurando mostrar sua falência moral pelo contraste entre seu discurso e valores apregoados com sua prática efetiva, esvaziada de valores humanos porque pautada nos próprios interesses. As classes mais baixas não escapam a esse ataque quando sua prática se lhes assemelha.

Seu sentimento de deslocamento no presente levou o escritor a se identificar com os mais pobres (proletários ou não), socialmente desalojados. O escritor reconhecia seu sofrimento e exploração sofrida, tanto pela ação pessoal dos indivíduos das classes alta e média, como pela impessoalidade do ritmo urbano engendrado pela aplicação cotidiana das novas tecnologias. Todavia, mais uma vez, uma posição elitista tolhe uma visão mais ampla da questão, pois o escritor atribui a capacidade de mudança da condição dessas pessoas a agentes externos, em geral das classes altas, os quais, impelidos pelo sentimento real de caridade, mitigam os sofrimentos alheios. Aqui continua a repetir um aspecto também presente em seus livros sertanejos, nos quais as camadas mais baixas não são apresentadas como agentes de mudança da história: nos romances urbanos, ou mudavam seu próprio destino quando deci-

dem se inserir na lógica perversa do sistema, ou se mantinham explorados. Portanto, os pobres não falavam por si enquanto classe, mas eram objeto de exploração dos ricos, havendo quando muito uma mão amiga a lhes amparar (como Angélica, Cecília, Ana Petrina ou Helena Stader) ou uma voz engajada a denunciar seus padecimentos, como a do narrador.

Em síntese, a mudança na obra de João de Minas entre 1929-1936 está enquadrada por um substrato comum, a equação Estado – Sociedade – História, com valorações distintas. Antes de 30 é positiva, em função dos vínculos do escritor com o grupo dirigente, que o levou a defendê-lo com o engajamento da sua prática política e da literatura, construindo suas histórias segundo valores apregoados por esse governo, sem descuidar da visão do mundo das populações (principalmente sertanejas) dos locais que visitava. Por isso, o regime oligárquico seria bom, a sociedade virtuosa, e o sentido da história tendia a uma incorporação maior das áreas desconhecidas a esse estado (pensamento não isento de tensões na obra do escritor), a despeito das oposições. A partir de 1934 o sinal da equação se tornou negativo, tendo em vista o sentimento de deslocamento histórico atribuído pelo autor à mudança de 1930, que o levou a olhar para o Estado e para a Sociedade como corruptos, enganadores e exploradores, e o sentido da história como corolário dessa corrupção pela sucessão de ditaduras pela força. Os valores transcendentais perderam função, tornando-se fantasias “que se vendem a preços fabulosos”, pois o que rege esse universo são os prazeres da carne, o poder econômico e político. O distanciamento irônico do narrador e sobretudo o destino trágico das protagonistas dão um tom de desolação a esse universo, no qual as portas do céu se fecharam e o sentimento altruísta é tanto motivo de perseguição quanto ineficaz na construção de uma nova realidade. Nesse movimento, João de Minas consegue olhar para as patifarias dos ricos e poderosos e para o sofrimento dos oprimidos (“meu reino é deste mundo, entre os humildes e os que sofrem”), mas sua perspectiva de futuro é a da manutenção indefinida deste presente. Diante dele, o autor-narrador encontrou uma única saída: no escrever, humoristicamente escrever.

Mas qual o sentido em estudar as mudanças e os limites da obra desse escritor? Interessamo-nos pelo aspecto de mudança *efetivo* do pensamento do autor, apreendido a partir da análise detalhada de sua obra literária, por a considerarmos fonte privilegiada de projeções, frustrações, expectativas, debates e problemas que assolavam João de Minas em momentos distintos de sua trajetória intelectual, num diálogo que estabeleceu com a realidade ao seu entorno. Partindo disso, nos perguntamos: o que leva um intelectual a se posicionar de forma mais crítica perante sua realidade? O que o faz abandonar determinados enquadramentos ideológicos ou identidades estabelecidas, e a manter outros?

### Caminho inusitado

As respostas transcendem o escopo dessa dissertação, mas é possível vislumbrar seus caminhos dentro da própria trajetória do escritor mineiro, a partir de uma segunda mudança de rumo empreendida por sua própria decisão. Já dissemos que João de Minas a partir de 1935 se engajou na fundação de uma nova religião, à qual se dedicou intensamente a partir dos anos 50. Como tal mudança repercutiu no meio intelectual transparece num artigo do *Última Hora*:

João de Minas, cujo verdadeiro nome é Ariosto Palombo, por motivos que ninguém até hoje sabe, resolveu fundar uma religião. Afirmando que o Novo Testamento não era seguido devidamente e achando uma série de irregularidades nos numerosíssimos credos já existentes, se fez tomar de inspiração extraterrena e, por ordem de um espírito misterioso, começou a anotar as leis divinas. Depois de firmadas as bases, principiou por divulgar o novo credo entre seus amigos mais chegados, expondo com ardente fé os princípios de sua Ciência Divina. Os fiéis surgiram rapidamente e João de Minas começou então a viajar. Desde então, chama-se de monge titular do Santuário da Estrela Violeta, e também primeiro Papa Brasileiro ou Rabi de Ouro Preto, por inspiração profética. Quando seus seguidores já atingiam a casa dos cem mil, escreveu a primeira bíblia sagrada de sua seita, livro que por sua carga mágica é remédio criador, desenfeitiçador.<sup>553</sup>

Em geral, os artigos da imprensa escritos por intelectuais e os relatórios da polícia adotavam a tonalidade irônica do texto acima, apontando que o motivo da fundação da religião foi para angariar dinheiro dos pobres, explorando a credulidade das massas para fins pessoais ou políticos. Ao contrário, as pessoas que conheceram João de Minas comentam a real convicção do escritor em sua crença, fruto de uma religiosidade sincera e de uma iluminação interior. É preciso um estudo detalhado da trajetória do escritor e da instituição para chegar a uma conclusão mais firme, e qualquer avaliação neste momento seria precipitada.

Na finalização dessa dissertação, nem é o que nos interessa. Importa notar que havia diversos caminhos possíveis a serem trilhados pelo escritor nos anos 1930: ele poderia se manter na oposição política ao governo estabelecido, em função dos contatos que manteve dentro do PRP e do ressurgido Correio Paulistano, como fez na sua estadia em Araraquara em 1932; poderia, por outro lado, ser cooptado pelo governo de Getúlio, como chegou a fazer nos curtos meses de junho e julho de 1933; poderia dedicar-se apenas à literatura, criticando por meio dela política e a sociedade como um todo, como fez entre 1934 e 1936, cuja continuidade é indicada pelos anúncios de publicação de novos livros. Todavia, a opção adotada foi inusitada: a constituição da Igreja Brasileira Cristã Científica a partir de 1935, ao que se seguiu o abandono da vida literária.

---

<sup>553</sup> Seita religiosa quer fundar um sindicato. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 24/08/1959.

Por que ele se voltou para a religião, até que se façam pesquisas detalhadas, permanece um mistério. Mas, qualquer que seja o motivo imediato, sua “conversão” pode ser melhor compreendida pela alteração no seu pensar oriunda do modo como filtrou os acontecimentos de início dos anos 30. Provavelmente, como hipótese, entendemos que a religião tenha sido uma resposta do escritor às inquietações pessoais dessa época: o sentimento de deslocamento teria levado-o paulatinamente, bem ou mal intencionado, a se aproximar e atuar junto aos mais pobres, falando uma linguagem capaz de atingi-los, através de uma simbologia que já estava presente no mercado de magia paulistano, localidade onde nasceu a Igreja<sup>554</sup>.

Na primeira orelha de seu último livro, *Nos Misteriosos Subterrâneos de S. Paulo*, o autor promete uma segunda edição de *A Prostituta do Céu*, na verdade alterando seu título e já reorientando sua leitura:

É um romance sexual e sociológico, de uma crítica que tanto possui navalhas como arminhos. O autor aí descreve, com boa verdade biográfica, a sua vida na imortal Ouro Preto, antiga capital das Minas gerais, sua terra natal, cheia de templos recamados de ouro puro, trescalando o perfume de uma idade morta sublime. Daí a protagonista, a pecadora do céu, se desencarna, e o seu espírito é levado por Jesus Cristo à casa de seu Pai, que o famoso novelista descreve com vertigens de mediunidade excelsa. ‘A PECA-DORA DO CÉU’ é a bíblia do mahatma brasileiro Patiala, chefe gandista do Brasil, que está fundando uma nova religião e uma nova sociologia sem sangue e sem agonias, neste negro vale de lágrimas, em que os homens rolam as suas carcaças indecorosas.<sup>555</sup>

Comparado ao primeiro volume de sua Bíblia “A Vida Começa na Ciência Divina”, a *Prostituta do Céu* parece um esboço de projeto. A complexidade do livro de 1957, portanto escrito 20 anos após ter abandonado a carreira literária, impede análises superficiais, e o que apresentamos são nossas impressões. Primeiramente notamos que a voz narrativa do texto é a do Cristo: “Eis que, meus amados da minha Ciência Divina, para vos da nova fé cristã científica sem dúvida eu, que sou o Cristo Vivo (...)”<sup>556</sup>. Além disso, seu conteúdo é extremamente variado, no qual busca dar conta de vários aspectos da nova religião. Ela contém ensinamentos morais, parábolas, casos, orações, canções ou hinos, pensamentos, provérbios, instruções alimentares, instruções para execução dos rituais ou missas (como a “missa das almas penadas”), solicitações de engajamento político, e termina com a “VIDA SOBRENATURAL DO APÓSTOLO JOÃO DE MINAS, O CAMPEÃO MUNDIAL DA NOVA RELIGIÃO RE-

---

<sup>554</sup> WISSENBACH, Maria Cristina Cortês. A mercantilização da magia na urbanização de São Paulo, 1910-1940. *Revista de História*, São Paulo, n. 150, 1o. sem. 2004, p. 11-39. WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Ritos de magia e sobrevivência: sociabilidades e práticas mágico-religiosas no Brasil (1890/1940). São Paulo, USP, 1997, Tese (Doutorado) em História Social.

<sup>555</sup> MINAS, João de. *Nos Misteriosos Subterrâneos de S. Paulo*, primeira orelha.

<sup>556</sup> MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 6.



FORMADORA CIÊNCIA DIVINA, OU SEGUNDA REFORMA”, que ocupa um terço do livro. Nela conta o nascimento, infância e idade adulta de Ariosto em Uberaba, narrativa que provavelmente continua no segundo volume<sup>557</sup>. A narrativa é feita ao estilo hagiográfico, na qual ocorrem milagres, presença de seres sobrenaturais, profecias etc. Como exemplo do conteúdo, o primeiro parágrafo do capítulo 1 “Assim diz o Espírito de Luz da Ciência Divina”:

#### UMA FORTUNA ESPIRITUAL

1- Deveis sempre vos esforçar para adquirir um pouco de inocência, de ingenuidade, de pureza mesmo que seja aparentemente tola, de sinceridade casta e apaixonada, ou da ternura de um cão. Copiaie o olhar vidrado de amor de um cachorro<sup>558</sup>

Outro exemplo, em tom de denúncia, aparece em passagens como o 42º pensamento da Ciência Divina: “A mais terrível moléstia, pior do que o cancer, ataca imensamente o pobre. Essa doença é o trabalho excessivo, com fome. Todavia essa doença trabalhista horripilante... cura sim, cura, engorda e arredonda os patrões, os chamados capitães de indústria. Estes espirram saúde, e whisky por todo os póros...”<sup>559</sup> Ao que parece, algumas canções com um teor parecido e numa outra grafia eram entoadas nas romarias feitas aos túmulos dos santos, como “Ino de Santo Pae Umbanda, o Cristo Negro – Ino dos trabalhadores escravizados do mundo”, intitulado “Ocê foi pro trabaio com fome”:

Ocê foi pro trabaio com fome...  
Deus te ajudou, e ocê num cegou lá  
Veio a morte te consolá, e te levou  
Ansim, ansim... ansim acabou o teu pená!<sup>560</sup>

A chave para compreensão inicial desse livro é entender que era destinado a um público cuja visão de mundo marcada pela religiosidade calcada no ethos popular católico, que se reestruturava nos anos 50. Num período de transformação social, fruto da aceleração industrial e migração populacional para os grandes centros urbanos, surgiu o protestantismo de conversão, que inovava na utilização dos meios de comunicação de massa (rádio, tendas de lona, concentração em praças públicas), na mensagem (que se colou à denominação dessas igrejas) de “cura divina” para as doenças do corpo, da mente e da alma, e ao prescindir da hierarquia sacerdotal, colocando a salvação nas mãos dos fiéis. A emergência dessas igrejas iam de encontro aos valores tradicionais dos imigrantes, ligados à terapêutica mágica ou à medicina tradicional, ao mesmo tempo que lhes dava um senso de comunidade/pertencimento e acesso

<sup>557</sup> A informação é do autor, no v. 1. Não localizamos o v. 2, para confirmar se a continuação da biografia existe.

<sup>558</sup> MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 5.

<sup>559</sup> MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 68.

<sup>560</sup> MINAS, João de. *A Vida Começa na Ciência Divina*, p. 43.

ao sobrenatural pela fé, sem mediação via sacerdotes. Ao mesmo tempo na umbanda, criada nos anos 20 e 30 mas que se torna popular nesses anos 50 e 60, se juntam elementos do espiritismo kardecista com traços dos cultos afro-brasileiros, numa religião mediúnica que se pretende autenticamente nacional<sup>561</sup>.

João de Minas, ou o já Mahatma Patiala, entendeu que a sensibilidade de boa parte da população brasileira é fortemente marcada em suas relações com o além, motivo pelo qual misturou elementos de diversos segmentos religiosos brasileiros, catolicismo, umbanda, espiritismo, esoterismo e nacionalismo, buscando atingir desde os mais pobres até os ricos, visando também intelectuais espiritualizados.

O resultado é um trabalho de linguagem *sui generis*, que descola do cotidiano tal como a acostumamos a ver, através da configuração de um mundo interno a *A Vida Começa na Ciência Divina*. O livro busca criar um nova realidade que reconfigura todos os aspectos exteriores em função da noção de que João de Minas é o apóstolo da nova era e que a Ciência Divina ou Cura Divina Total é a religião nacional destinada a substituir todas as outras.

Por exemplo, adotaram um procedimento utilizado quando se busca instaurar uma nova ordem: renomear os lugares. Assim como fazem os novos regimes políticos, também a nova religião alterou a designação das ruas de São Paulo, cujos nomes usuais foram substituídos por referências a santos da Igreja:

Os chefes da nova seita modificaram os nomes de nossas principais praças. Assim, a praça da Sé passou a chamar-se praça Santo Padre Cícero; a praça do Patriarca, pra Santo Eurípedes Barsanulfo; largo de São Bento, largo Santo Antoninho Marmo; praça Roosevelt, passou para praça da Ciência Divina; avenida São João, é agora conhecida como avenida Apóstolo João de Minas e, finalmente, o cemitério da Consolação – onde está enterrado Antoninho Marmo – recebeu o honroso título de Santo Sepulcro.<sup>562</sup>

Tanto a alteração dos logradouros quanto a criação religiosa podem parecer loucura, fantasia ou até piada, mas mobilizou as mentes, os sentimentos e ações de inúmeras pessoas de diversos estratos sociais ao longo de ao menos três décadas de sua atividade. Assim, talvez o maior trabalho de linguagem de João de Minas tenha se realizado fora do âmbito literário, visando atuar e recriar a realidade a partir de um (novo e inusitado) ponto de vista religioso.

---

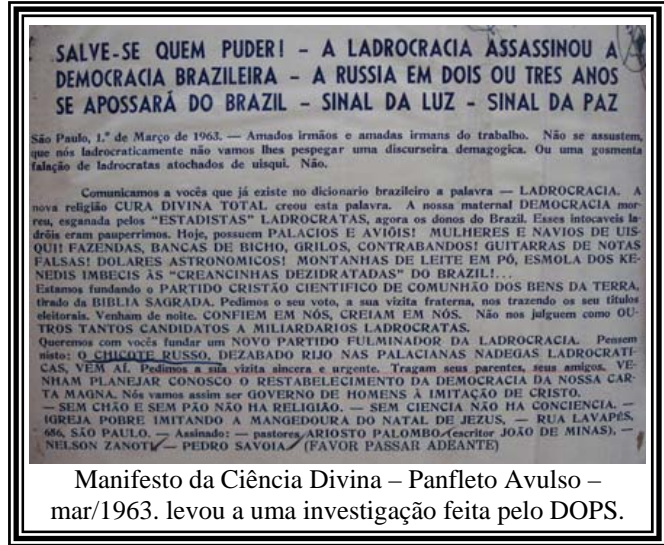
<sup>561</sup> Parágrafo baseado em MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea*, São Paulo: Cia das Letras, 1998 (História da Vida Privada no Brasil, v. 4), pp. 82-84, 95-97.

<sup>562</sup> Seita Religiosa criou o Calipso Brasileiro e Organiza o 1º concurso para Miss Umbanda. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 de janeiro de 1959, Ilustrada. Tal procedimento foi utilizado de modo inverso pelos humoristas paulistas para desconstruir a euforia do progresso em São Paulo, ao manter em suas crônicas os nomes antigos dos logradouros. Ver SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: A Representação Humorística na História Brasileira: Da Belle Époque aos Primeiros Tempos do Rádio*. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p. 186-187.

# Ciência Divina ou Cura Divina Total



Capa da Bíblia – vol. 1 – 1957



Manifesto da Ciência Divina – Panfleto Avulso – mar/1963. levou a uma investigação feita pelo DOPS.



Capa da Bíblia – vol. 3 – 2ª ed. – 1964 (tirada por Iara Correia)



Propaganda da Cura Divina – Diário Popular – maio 1964



Panfleto com Padre Cícero, Eurípedes Barsanulfo, Antoninho Marmo e João Relojeiro – 1966 (Iara Correia)



Propaganda da Cura Divina – Diário Popular – jan. 1963

# ***Referências***

## Fontes

### **Livros de João de Minas**

#### Literatura sertaneja

*Jantando um Defunto.* Rio de Janeiro: Alpha, 1929.

*Farras com o Demônio: Historias Vividas por João de Minas.* Rio de Janeiro: Orozio, 1930.

*Mulheres e Monstros.* São Paulo: Gráfico Editora Unitas, 1933.

*Horrores e Mistérios nos Sertões Desconhecidos.* São Paulo: Record, 1934.

*Pelas Terras Perdidas.* São Paulo: Editorial Paulista, 1934.

#### Literatura urbana

*A mulher Carioca aos 22 anos.* Rio de Janeiro: Dantes, 1999 (1934).

*A Datilografa Loura (Romance da Mulher Proletária em São Paulo).* Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934.

*Uma Mulher... Mulher* São Paulo: Editorial Paulista, 1934.

*Fêmeas e Santas.* São Paulo: Editorial Paulista, 1935.

*A Prostituta do céu.* São Paulo: Editorial Paulista, 1935.

*Nos Misteriosos Subterrâneos de São Paulo.* São Paulo: Imprensa Americana Editora, 1936.

#### Outros

*Sangue de Ilusões.* Rio de Janeiro: Casa Leuzinger, 1930

*A Vida Começa na Ciência Divina.* São Paulo: Imprensa Americana Editora, 1957

### **Colaborações em periódicos**

#### Jornais diários

*O Paiz.* Rio de Janeiro, 1927-1929 (83 textos)

*O Correio Paulistano.* São Paulo, 1929-1930 (22 textos)

*O Imparcial.* Araraquara-SP, nov-dez de 1932 (21 textos)

*Jornal do Estado (Diário Oficial).* São Paulo, jun-jul 1933 (22 textos)

#### Revistas

*Sul América* Rio de Janeiro, trimestral, 1933-1937 (12 textos)

*O Malho* Rio de Janeiro, semanal, 1933-1934 (7 textos)

*A Noite Ilustrada* Rio de Janeiro, semanal, 1934 (2 textos)

*Ilustração Brasileira* Rio de Janeiro, mensal, jun-ago de 1930 (3 textos)

*O Cruzeiro* Rio de Janeiro, semanal, jun de 1930 (1 texto)

### **Documentos diversos sobre sua vida**

HOMENAGENS a um Ilustre Jornalista, em Pouso Alto. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 13/01/1928, p. 2

HÉLIOS (pseud. de Menotti Del Picchia). Crônica Social – João de Minas. *O Correio Paulistano*, São Paulo, 17/10/1929, p. 6

UM ESCRITOR consagrado. *Jornal do Estado*, São Paulo, 22/06/1933 p. 2

LOBATO, Monteiro. Carta a João de Minas. *Jornal do Estado*, São Paulo, 18/07/1933, p. 2.

CARTA da Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Rio Preto. *Jornal do Estado*, São Paulo, 20/07/1933, p. 2.

UM MONSTRO Pré-Histórico num lago misterioso de Mato Grosso. *O Malho*, Rio de Janeiro, 21/09/1933, p. 32.

MESQUITA FILHO, Julio. “*Memórias de um Revolucionário*”: Notas para um ensaio de Sociologia Política. São Paulo: Anhembi, 1954, pp. 16-17.

ESTATUTOS da Igreja Brasileira Cristã Científica. 1º Ofício de Registros de Títulos e Documentos, livro A, nº 3 reg. pessoas jurídicas, nº ordem 1772. Estatutos antigos, de 1940; Estatutos novos, de 1969.

Prontuário 112863 sobre a Igreja Brasileira Cristã Científica, DOPS-SP (Arquivo do Estado SP). Dados referentes a 1951, 1963 e 1972.

ATUAÇÃO do Exército Mundial da Política de Cristo na Guanabara. Setor Comunismo, Pasta 86, fls 16-20 do Fundo Polícias Políticas do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Dados referentes a novembro de 1967

3º Cartório Criminal, proc. n. 445, 1939, indiciado no art. 157 do CP. "Ocultismo" – A Justiça versus Ariosto Palombo, vulgo João de Minas, e Mahatma Patiala diretor da Igreja Científica Brasileira e da Academia Brasileira de Sciencia Divina, que prega um ocultismo de resultados práticos; apoio explícito ao Estado Forte, à Getúlia e contra o Estado Liberal.

Escritura de Doação. 9o Tabelionato da Capital, livro 606, fl. 96 v. e 97. Doação de um terreno, por Martha Erna Virgínia Griesbach, à Igreja Brasileira Cristã Científica. 14/08/1963.

## Bibliografia

### Sobre João de Minas - recente

ALMEIDA, Leandro Antonio de. Sangue de Ilusões de João de Minas: Um livro esquecido de um autor obscuro. *Revista da ASBRAP*, nº 12, 2006, pp. 47-54

\_\_\_\_\_. Leituras de Jantando um Defunto. *Revista de História*, DH-USP, n. 155, 2º semestre de 2006, pp. 261-282.

\_\_\_\_\_. A Canaã dos Flagelados: Representação dos trabalhadores na obra de João de Minas. *Anais do III Simpósio de História Cultural: Do texto à Imagem*. Florianópolis: GT de História Cultural da ANPUH, 2006, pp. 2479-2489

\_\_\_\_\_. Realidades sobrenaturais nos sertões de João de Minas. CAMPOS, A. P. et. al. (Org.). *Anais eletrônicos do congresso internacional UFES/Université de Paris-Est: Impérios, religiosidades e etnias*. Vitória: GM Editora, 2007, p. 1-13

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a pergunta do morto de João de Minas. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, NEHAC-UFU, vol. 4, ano IV, n. 3, julho /agosto /setembro de 2007. Site acessado em 17/01/2008 e disponível em <http://www.revistafenix.pro.br/PDF12/secaolive.artigo.2-Leandro.Antonio.de.Almeida.pdf>

ASSIS, José Renato. Santa Dica: um livro contra a guerreira goiana. *Diário da Manhã*, s.l., [? de] abril de 1983, p. 34

BRITO, Haroldo *et alii*. Entrevista com Bernardo Ellis. *Jornal Opção*, Goiânia, julho de 1996, item “Um trágico Sertão”. Disponível em <http://www.jornalopcao.com.br/index.asp?secao=Especiais&subsecao=Especiais&idjornal=14&idesp=14>, acessado em 05 de março de 2007. Referência a João de Minas no item “Um Trágico Sertão”.

CARNEIRO, Caio Porfírio. O Incrível João de Minas. *DO Leitura*, São Paulo, 11(123), agosto de 1992, p. 10

\_\_\_\_\_. Depoimento a Leandro Antonio de Almeida. São Paulo: 26-out-2006, 8 p.

CASTRO, Ruy. A volta do incrível escritor João de Minas. *O Estado de São Paulo*, Caderno 2, Sábado, 21/08/1999, p. D9

CORREIA, Iara Toscano. *João Relojoeiro: a Construção de um Santo no Imaginário Popular – Uberlândia/ MG (1956-2202)*, Dissertação (Mestrado em História Social), UFU, Uberlândia, 2003, pp. 197-210

FREIRE FILHO, Aderbal. Quem é Esse Cara? In: Minas, João de. *A Mulher Carioca aos 22 anos*. Rio de Janeiro: Dantes, 1999, p 211-266

GRAIEB, Carlos. Esbórnica no Rio. *Veja*, 08/09/1999, p. 150-151

- GIORDANO, Cláudio. Um João Esquecido. *Jornal Pró-Arte*. Acessado em 20/01/2005. Disponível em [http://www.jornalproarte.com.br/index.php?issue=3&session=mater&\\_id=7](http://www.jornalproarte.com.br/index.php?issue=3&session=mater&_id=7).
- MARTINS, Mário Ribeiro. *Dicionário Biobibliográfico de Goiás*. Rio de Janeiro: Master, 1999, pp. 45-46 (AG Pinto), 571 (João de Minas), 1055-1056 (Teófilo Neto).
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1978, v. 6, pp. 446, 485, 554, 556.
- PALOMBO, Regis. Origens. Disponível em [www.regispalombo.com/origens.html](http://www.regispalombo.com/origens.html), acessado em 05/01/2005.
- RIBEIRO, Rui. Nos caminhos de João de Minas. *isto é inconfidência*: boletim informativo do museu da inconfidência, ano vi, nº 13, 2004, p. 3. Acessado em 15/07/2007, disponível em [http://www.museudainconfidencia.iphan.gov.br/informativo\\_13.htm](http://www.museudainconfidencia.iphan.gov.br/informativo_13.htm).
- SEIXAS SOBRINHO, J. Sessenta anos depois tarefeiro da imprensa chega ao estrelato. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 2, sexta 04/01/1991, p. 8-9

### **Literatura e História do Brasil**

- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição Regionalista no Romance Brasileiro (1875-1945)*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Topbooks, 1999
- ALMEIDA, Ângela Mendes de; ZILLY, Bertold; LIMA, Eli Napoleão (orgs.). *De Sertões, Desertos e Espaços Incivilizados*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ MAUAD, 2001
- AMADO, Janaina. "Região, Sertão, Nação" *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 145-151
- AZEVEDO, Raquel de. *A Resistência Anarquista: uma questão de Identidade (1927-1937)*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2002
- BESSE, Susan. *Modernizando a Desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940*. São Paulo: Edusp, 1999
- BORGES, Vavy Pacheco. Anos 30 e política: História e Historiografia. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001, pp. 159-182 e 439-446 (notas).
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 36ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994
- BROCA, Brito. Costallat e Mlle. Cinema. In. *Escrita e Vivência*. Campinas: Unicamp, 1993, pp. 130-133
- \_\_\_\_\_. Costallat: Uma época. In. *Escrita e Vivência*. Campinas: Unicamp, 1993, pp. 183-187
- \_\_\_\_\_. Escritores que ficaram demodés. In. *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: Vida Literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas: Unicamp, 1991, pp. 340-344



- CÂNDIDO, Antonio. A Revolução de 1930 e a Cultura In: *A Educação Pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1989 (1983), pp. 181-198
- \_\_\_\_\_. A Vida ao Réis do Chão. In: *A Crônica: O Gênero, sua Fixação e suas Transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992, pp. 13-22
- CAPELATO, Maria Helena. *Os Arautos do Liberalismo: Imprensa Paulista (1920-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1989
- \_\_\_\_\_. *A Imprensa no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994
- CARONE, Edgar. *O Tenentismo: Acontecimentos, Personagens, Programas*. São Paulo, Rio de Janeiro: Difel, 1975
- CARVALHO, Flávia Paula. *A Natureza na Literatura Brasileira: Regionalismo Pré-Modernista*. São Paulo: Hucitec / Terceira Margem, 2005
- CASALECCHI, José Enio. *O Partido Republicano Paulista*. São Paulo: Brasiliense, 1987
- CAUSO, Roberto de Sousa. *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil 1875-1950*. Belo Horizonte: UFMG, 2003
- COHEN, Ilka Stern. “Para onde Vamos?” *Alternativas políticas no Brasil (1930-1937)*, São Paulo, USP, 1997, Tese (Doutorado) em História.
- CAULFIELD, Sueann. *Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. São Paulo: Unicamp, 2000
- CHIAPPINI, Ligia. “Do Beco ao Belo: Dez teses sobre regionalismo na literatura.” *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p. 153-159
- CRISTÓVÃO, Fernando. A Transfiguração da Realidade Sertaneja e sua Passagem a Mito. *Revista USP*, nº 20, dez-jan-fev 1933-1994, pp. 42-53
- DAMATTA, Roberto. A Morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro. In: *A Casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985, cap. 5.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- DE DECCA, Edgar Salvatori. *1930: O Silêncio dos Vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981
- DE LORENZO, Helena Carvalho & COSTA, Wilma Peres da. (orgs.) *A Década de 1920 e as Origens do Brasil Moderno*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997
- DRUMMOND, J. A. *A Coluna Prestes*. São Paulo: Brasiliense, 1986, (primeiros passos)
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: História e Historiografia*. 16<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997
- \_\_\_\_\_. (org). *História Geral da Civilização Brasileira*, 6<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, t. 3, 4v.
- \_\_\_\_\_. *Trabalho Urbano e Conflito Social no Brasil*. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Difel, 1986
- FERNANDES, Florestan. *O Folclore em Questão*. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Hucitec, 1989
- FERREIRA, Antonio Celso. *A Epopéia Bandeirante: Letrados, Instituições, Invenção Histórica (1870-1945)*. São Paulo: UNESP, 2002
- FERREIRA, Gracy Tadeu da Silva. “O coronelismo em Goiás (1889-1930): as construções feitas do fenômeno pela história e literatura” In: Chaul, Nasr Fayad (org.) *Coronelismo em Goiás: Estudos de Casos e Famílias*. Goiânia: Mestrado em História, 1998, pp. 45-118
- FERRETI, Danilo José. *A Construção da Paulistanidade. Identidade, Historiografia e Política em São Paulo (1856-1930)*. Doutorado em História Social, São Paulo, USP, 2004
- GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos Confins da Civilização: Sertão fronteira e Civilização nas representações sobre Mato-Grosso*. Tese (Doutorado), USP, São Paulo, 2000
- GODOY, Alexandre Pianelli. *Nelson Rodrigues: O Fracasso do Moderno no Brasil (1940-1950)* Tese de Doutorado em História Social, PUC-SP, 2005
- GUIMARÃES, Valéria. Paixão que mata – leitura popular no início do século XX em São Paulo. *Anais do I Simpósio Nacional de História Cultural*, RS, 2002, GT- História Cultural – ANPUH-RS, CD-ROM, Ventura Livros/Livraria Terceiro Mundo. Disponível em <http://www.klepsidra.net/klepsidra13/cigarra.htm>, acessado em 29/05/2007.
- HARDMAN, Francisco Foot. (org.) *Cultura Brasileira como Apagamento de Rastros*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998
- \_\_\_\_\_. *Nem Pátria, Nem Patrão: (vida operária e cultura anarquista no Brasil)*. São Paulo: Brasiliense, 1983
- \_\_\_\_\_. Antigos Modernistas. In: NOVAES, Adauto (org.) *Tempo e História*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura; Companhia das Letras, 1998
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Edição comemorativa dos 70 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000
- \_\_\_\_\_. O testamento de Thomas Hardy. In: *O Espírito e a Letra*. (Org. Introd. e notas de Antonio Arnoni Prado). São Paulo: Cia das Letras, 1996, pp. 238-245
- \_\_\_\_\_. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

- JOHNSON, Randal. A Dinâmica do Campo Literário Brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, nº 26, Jun/Ago, 1995, pp. 164-181
- LEONARDI, Victor. *Entre Árvores e Esquecimentos: história social nos sertões do Brasil*. Brasília: Paralelo 15 editores, 1996
- LEVINE, Robert M. *O Regime de Vargas: Os Anos Críticos, 1934-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 (1970), Coleção Brasil Século 20.
- LIMA, Luís Costa. *O Controle do Imaginário: Razão e Imaginação no Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1984
- \_\_\_\_\_. *Pensando nos Trópicos: Dispersa Demanda II*, Rio de Janeiro: Rocco, 1991
- LIMA, Nísia Trindade. *Um Sertão Chamado Brasil: Intelectuais e Representação Geográfica da Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Revan; IUPERJ/UCAM, 1999
- LIMA, Vilma Marcelino de. 1930: História e Memória. A construção do imaginário sobre a Revolução de Trinta no Triângulo Mineiro. *História & Perspectivas*, Uberlândia, (7) Jul-Dez 1992, pp. 65-86
- LOVE, Joseph Leroy. *A Locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira (1889-1937)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982
- MACHADO NETO, A. L. *Estrutura Social da República das Letras 1870-1930*. São Paulo: Editorial Grijalbo/EDUSP, 1973
- MALUF, Marina e MOTT, Mária Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). *História da Vida Privada no Brasil* v. 3: República: Da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 367-421
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1976-1979, v.6
- MEIRELLES, Domingos. *Os Órfãos da Revolução*. São Paulo, Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MENEZES, Eduardo D. B. de. “Novas formas de Religiosidades: A crença nas Paraciências”. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 15/2-3, 1990, pp. 80-93
- MEYER, Marlise. *Folhetim: Uma História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- \_\_\_\_\_. *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1996
- MICELI, Sérgio. *Poder, Sexo e Letras na República Velha*. (1977) In: *idem*. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 13-68
- \_\_\_\_\_. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. (1979) In: *idem*. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 69-291
- \_\_\_\_\_. *Intelectuais Brasileiros* (1999) In: *idem*. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 369-400
- MONTES, Maria Lúcia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da intimi-*

- dade contemporânea, São Paulo: Cia das Letras, 1998 (História da Vida Privada no Brasil, v. 4), pp. 63-171.
- MORAIS, Eduardo J. *A Brasilidade Modernista: Sua Dimensão Filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978
- \_\_\_\_\_. Modernismo Revisitado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1988, pp. 220-238
- MURARI, Luciana. *Tudo o Mais é Paisagem: Representações da Natureza na Cultura Brasileira*, São Paulo, 2002, Tese (Doutorado em História Social), USP
- \_\_\_\_\_. Pelo Rumo do Ermo: Caipiras, Sertanejos e Retirantes em Marcha pelo Brasil. *Projeto História*. São Paulo, n. 27, p. 85-106, dez. 2003
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. As Religiões Não-Cristãs e Afro-Brasileiras em São Paulo In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, v. 2, pp. 550-581
- NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempos: Memória, Ordem e Progresso nas Crônicas Cariocas. *A Crônica: O Gênero, sua Fixação e suas Transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992
- OLIVEIRA, Letícia Fagundes de. *A Cruzada Eugênica no Brasil: Eugenia e Sexualidade nas Décadas de 20 e 30*, São Paulo, USP, 2003, Dissertação (Mestrado) em História Social.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990
- \_\_\_\_\_. (coord.) *Elite Intelectual e debate político nos anos 30: uma bibliografia comentada da Revolução de 30*. Rio de Janeiro: FGV, 1980
- ORTIZ, Renato. *Cultura Popular: Românticos e Folcloristas*. São Paulo: PUC, 1985
- PARA onde vae o Brasil? Para o comunismo? o fascismo? o integralismo? a democracia? o socialismo? o federalismo? a ditadura?* Rio de Janeiro: Renascença, 1933
- PECAULT, Daniel. *Os intelectuais e a Política no Brasil: Entre o Povo e a Nação*. São Paulo: Ática, 1990
- PIRES, Clelia Simeão. *Violência, erotismo e transgressão: A grande arte, um romance policial*. de Rubem Fonseca. UFRJ, Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira), Rio de Janeiro, 2006, 102 p.
- RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a Utopia da Cidade Disciplinar*. Brasil: 1890-1930 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987
- \_\_\_\_\_. *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991
- \_\_\_\_\_. Trabalho Feminino e Sexualidade In: Del PRIORE, Mary (org.) *História das mulheres no Brasil* São Paulo: Contexto, 1997, pp. 578-606

- REIMÃO, Sandra Lúcia. *Literatura Policial Brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: A Representação Humorística na História Brasileira: Da Belle Époque aos Primeiros Tempos do Rádio*. São Paulo: Cia das Letras, 2002
- \_\_\_\_\_. Histórias, memórias, tramas e dramas da identidade paulistana. In: Porta, Paula. *História da cidade de São Paulo*, v. 3: A cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004, pp. 555-587
- \_\_\_\_\_. Cincinato Braga e a Modernização Econômica do País. In: *Idem* (introd., notas bibliográficas e textos selecionados) *Idéias Econômicas de Cincinato Braga*. Brasília: Senado Federal; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1983, pp. 23-39.
- \_\_\_\_\_. A dimensão cômica da vida privada na República. In: *Idem* (Org). *História da Vida Privada no Brasil* v. 3: República: Da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 289-365
- \_\_\_\_\_. Peruísmos na Belle Epoque. *O Estado de São Paulo*, domingo, 9/01/2005, Caderno 2/Cultura, p. D7
- \_\_\_\_\_. A discussão do Brasil em ‘Canaã’, de Graça Aranha. *O Estado de São Paulo*, domingo, 23/06/2002, Caderno 2/Cultura, p. D5
- SÁVIO, Marco Antônio Cornacioni. *A Modernidade sobre Rodas: Tecnologia Automotiva, Culturæ e Sociedade*. São Paulo: EDUC, 2002
- SCHWARZ, Roberto. *Cultura e Política*. São Paulo: Paz e Terra, 2001
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil – 1870-1930* São Paulo: Companhia das Letras, 1993
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992
- \_\_\_\_\_. *Literatura como Missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983
- \_\_\_\_\_. A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio. In: *Idem* (Org). *História da Vida Privada no Brasil* v. 3: República: Da Belle Époque aos primeiros tempos do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 513-619
- SCHPUN, Mônica Raisa. *Les Années Folles à São Paulo: Hommes et Femmes au temps de l’explosion urbaine (1920-1929)* Paris: L’Harmattan, 1997
- \_\_\_\_\_. O amor na literatura: um exercício de compreensão histórica. *Cadernos Pagu* (8/9) 1997, Núcleo de Estudo do Gênero, Unicamp, Campinas-SP, pp 177-209
- SILVA, Cláudia Neves da. Igreja católica, assistência social e caridade: aproximações e divergências. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 8, nº 15, jan/jun 2006, p. 326-351.
- SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: Raça e Nacionalidade no Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966

TAVARES, Bráulio. Nas Periferias do Real ou O Fantástico e Seus Arredores. In: *idem* (org.) *Páginas de Sombra: contos fantásticos brasileiros*. São Paulo: Casa da Palavra, 2003, pp. 7-18

\_\_\_\_\_. Algumas interfaces com o Fantástico. In: *Rascunho: O Jornal de literatura do Brasil*, Curitiba-PR, seção Críticas e Resenhas, Outubro de 2006. Disponível em <http://rascunho.ondarpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=25&lista=0&subsecao=0&ordem=1080>, acessado em 08 janeiro de 2007.

TRINDADE, Liana Maria Salvia. Ethos Urbano e Hierarquia do Saber In: *Construções Míticas e História: Estudos sobre as Representações Simbólicas e Relações Raciais em São Paulo do séc. XVIII à Atualidade*. Tese de Livre Docência (Antropologia), USP, São Paulo, 1991, pp. 126-173

VESENTINI, Carlos Alberto. *A Teia do Fato: uma Proposta de Estudo sobre a Memória Histórica*. São Paulo: Editora Hucitec / História Social – USP, 1997

VISCARDI, Cláudia M. R. *O Teatro das Oligarquias*. Belo Horizonte: C/ Arte, 2001

WIRTH, John D. *Fiel da Balança: Minas Gerais na Federação Brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Ritos de magia e sobrevivência: sociabilidades e práticas mágico-religiosas no Brasil (1890/1940). São Paulo, USP, 1997, Tese (Doutorado) em História Social

\_\_\_\_\_. A mercantilização da magia na urbanização de São Paulo, 1910-1940. *Revista de História*, São Paulo, n. 150, 1o. sem. 2004, , p. 11-39

### **Teórico-Methodológica**

ADORNO, Theodor. *Minima Moralia: Reflexões a partir da vida danificada*. São Paulo: Ática, 1992

\_\_\_\_\_. *Notas de Literatura I*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2003

\_\_\_\_\_. “Crítica Cultural e Sociedade” In: *Prismas*. São Paulo: Ática, 1998, pp. 7-26

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989

AUERBACH, Erich. *Mimesis: A Representação da Realidade na Literatura Ocidental*. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1994 (1946)

BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um Mapa da Questão Nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000

BARTHES, Roland. A Morte do Autor In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988, pp. 65-70

- \_\_\_\_\_. Estrutura da Notícia. In: *Crítica & Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970, pp. 57-67
- BENJAMIN, Walter. O Autor como Produtor In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1986 (1934), pp. 120-136
- BHABHA, Homi. Disseminação: O Tempo, a Narrativa e as Margens da Nação Moderna. In: *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, pp. 198-238
- BOSI, Alfredo. A Interpretação da Obra Literária In: *Céu e Inferno*. São Paulo: Ática, 1988, pp. 274-287
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001
- ECO, Humberto. O homem que fez mamãe corar. In: *O Supe-Homem de Massa: Retórica e Ideologia no Romance Popular*. São Paulo: Perspectiva, 1991 (1978)
- EVERDELL, William R. *Os Primeiros Modernos* Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2000
- FREADMAN, Richard & MILLER, Seumas. *Re-Pensando a Teoria: Uma Crítica da Teoria Literária Contemporânea*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1994
- FOUCAULT, Michel. *O que é um Autor*. S/l: Passagens, 1997, 3ª ed.
- GADAMER, Hans George. *O problema da Consciência Histórica*. Rio de Janeiro: FGV editora, 1998 (1963 e introdução de 1975)
- \_\_\_\_\_. *Verdade e Método: Traços Fundamentais de uma Hermenêutica Filosófica*. Petrópolis: Vozes, 1997 (1ª ed. 1960)
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia das Letras, 1999
- \_\_\_\_\_. *O Fio e Os Rastros*. São Paulo: Cia das Letras, 2007
- \_\_\_\_\_. *Relações de Força: História, Retórica, Prova*. São Paulo: Cia das Letras, 2002
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987
- GOULD, Stephen Jay. *A Falsa Medida do Homem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- HANSEN, J. A. "Autor" In: JOBIM, J. Luís (org.). *Palavras da Crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, pp. 11-43
- HERF, Jeffrey. *O Modernismo Reacionário: Tecnologia, Cultura e Política na República de Weimar e no Terceiro Reich*. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993
- HOBSBAWN, Eric J. Introdução: A invenção das Tradições In: RANGER, Terence & HOBSBAWN, Eric J. (Org.) *A invenção das tradições* São Paulo: Paz & Terra, 1984, pp. 9-23

- \_\_\_\_\_. *Nações e Nacionalismos desde 1780: Programa, Mito, Realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990
- \_\_\_\_\_. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- HUME, Kathryn. *Fantasy and Mimesis: responses to reality in western literature*. New York: Methuen, 1984
- LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos. In: PALTI, Elias Jose (org.) *“Giro Linguístico” e Historia Intelectual*. Universidad Nacional de Quilmes, s/d, pp. 237-293 (original em inglês de 1980, em History and Theory)
- MORAES, Eliane Robert. *Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina*. São Paulo: Iluminuras, 2006
- MORETTI, Franco. *Atlas do Romance Europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2000
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papirus, 1994, 1995 e 1997, 3 v.
- \_\_\_\_\_. *A Metáfora Viva*. São Paulo: Loyola, 2000
- \_\_\_\_\_. *Interpretação e Ideologias*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988
- SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1999 (Série Princípios)
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1992
- WATT, Ian. *A Ascensão do Romance: Estudos Sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Cia das Letras, 1996
- WILLIAMS, Raymond. *O Campo e A Cidade: na História e na Literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.



*Anexos:*  
*Contos de*  
*João de Minas*

## ANEXO A - A pergunta do morto

Uma noite de terna beleza.

A lua nova subia, ao fundo, na linha negra de uma floresta. O céu, muito puro, parecia feito de água do mar. E a lua parecia uma gaivota de prata, que ia voar.

O *chevrolet* rolava agora no começo de um chapadão, que já se nos mostrava sob uma nevoa sonhadora, dando-nos a impressão de que a terra subia, flutuava, se dissolvia em luz palida... O silêncio punha em tudo uma castidade, uma virgindade fluida.

Iamos eu e o dr. Freire de Carvalho, notável médico bahiano, da cidade de Jataí, no sudoeste goiano, para a fazenda do coronel Zéca Lopes, nesse município, e quase na divisa do município de mineiros.

A fazenda, uma rica propriedade de 20.000 alqueires, fica a 17 leguas da cidade, que é agravado sob vários aspectos. Principalmente quanto ao consolador número de moças lindas, de fina educação, muito sociáveis, apreciando devidamente a dança.

Chegamos à fazenda às 11 horas. Tudo dormia. Isso não impediu, todavia, que uma hora depois o fazendeiro, um grande chefe de todo o sudoeste, mas homem bom e simples, nos oferecesse uma magnífica ceia.

Seria meia noite quando evocou o dr. Freire uma forte página trágica da fazenda.

\* \* \*

Foi um combate terrível, entre 70 soldados mineiros, sob o comando de Klinger, e um destacamento de Prestes, quando este, em Junho de... 1925, voltando de Mato Grosso, por Coxim, entrou em Goiás por Mineiros, que foi crapulamente saqueada.

O combate foi a uma legua da casa da fazenda. Um capitão revoltoso, ao assaltar um caminhão, recebeu uma descarga. Deceu do caminhão, e ainda andou até o riacho que leva à cozinha da fazenda.

Ali os seus companheiros viram que ele vinha segurando um rolo de intestinos à mostra. Os intestinos estavam sujos de lama, o que mostra que o herói mais de uma vez os apANHOU no chão, tendo os ditos escorregado, naturalmente.

O infeliz aí se agachou, e morreu em silêncio. Os seus companheiros, à pressa, o enter-raram na lama do riacho, envolto num capote. Por minutos ainda a água do riacho deceu, suja de sangue, excrementos e heroísmo...

Aquela água ia, na cozinha da fazenda, lavar os pratos para o jantar da gente de Klinger, vencedora no combate

O coronel Zéca Lopes, que se achava na cidade, quando voltou mandou desenterrar o capitão, cuidadoso da pureza da sua água. Enterrou-o atrás da fazenda.

Vi essa sepultura, no dia seguinte.

O dr. Freire olhou-a, muito sério. O capim começava a cobri-la, um capim cheio e rico. Por ali, numa área de uma legua quadrada, uns oitenta combatentes dormiam para sempre. Aquilo era um cemitério, com a vantagem de ser também uma ótima invernoada.

\* \* \*

Nessa noite, após a ceia, ao nos dirigirmos para os nossos quartos, o coronel Zéca Lopes nos informou que encontrara então, ao chegar em casa, após esses trágicos acontecimentos, uma mão decepada no alpendre.

A mão tinha uma aliança de casamento, e por ella, pela data, se podia verificar que o dono da mão ainda estaria na lua de mel.

A mão não apodrecera. Estava murcha, triste, espiritualizada numa saudade, com qualquer coisa de amor e de ilusão... O coronel Zéca Lopes mandou enterrar aquele despojo, onde reluzia o simbolo do amor conjugal.

- A mão depois apodreceu, com certeza – assegurou o ilustre medico bahiano.

O coronel Zéca Lopes sorriu, como que duvidando. Eu fiquei pensativo, não sei porque.

Uma voz, duma sombra, perguntou, soturna:

- E será que o anel de casamento da mão também apodrece?...

Ninguém respondeu a essa pergunta, certamente feita por algum peão. Como nós não o vimos, mas só lhe ouvimos a voz, eu, momentos depois, quando o coronel Zéca Lopes se retirou, procurei o peão no ponto de onde, num canto da sala, partira a pergunta.

Ali não estava ninguém. Não havia ninguém na sala. Chamei a atenção do dr. Freire para o fato, que ele por sua vez achou estranho.

No dia seguinte, cedo, interroguei a todos da fazenda. Ninguém fizera a pergunta dolorosa – si o simbolo do amor conjugal também apodreceria...

Creio que foi o espirito do morto, dono da mão decepada, que nos fez aquela pergunta. O dr. Freire, homem de vasta ilustração, admite o fenomeno, mas sem o discutir...

João de Minas, In: Jantando um Defunto (1929)

## ANEXO B – Deus é qui varia...

Eu dessa vez me impliquei com o caso.

Era já a decima ou vigezima vez que o Pulcherio da Anunciação Nunca-vortou-meia-vorta-atraís me mentia descaradamente.

Eu me firmava bem nas sélas, sentindo uma vaga volupia de viver esparso, viver espalhado e imortal nas seivas secretas daquelas doidas florestas virgens, já participando dos sertões amazonicos de Mato-Grosso.

E eu perguntava ao meu capataz:

- Que especie de passarinho é aquele?

A minha mão, com o pulso calçado de sola, com taxas paraguaias de ouro falso, apontava num galho um passarinho, sempre diferente, e sempre cantando de um modo diferente. Pulcherio ia me mentindo, com a maior calma deste mundo, e tambem do outro:

- Esse passarim é o tar de Sem-Fim. Isso é bão qui dóe, seu dôtô...

Pulcherio não tinha uma orelha. Um amor atrapalhado, no sertão da Bahia, diminuiralhe uma orelha, num golpe de facão de um cabra ciumento.

Fato interessante: olhando para a cara de Pulcherio, eu olhava sempre era para a sua orelha, isto é, que não existia. Eu via, positivamente via essa orelha, podada ha vinte anos...

Daquela vez, encarei serio e grave a orelha invisivel do meu camarada. E o repreendi:

- Pulcherio, você não está andando direito... Voce sabe como eu gosto de passaros... Os passaros mais diversos você me diz sempre que é o mesmo passarinho, o tal do Sem-Fim... Seria melhor, em vez de você mentir, dizer que não conhece os passaros, os bichos destas imensas florestas...

Pulcherio era mulato, e ficou roxo, melhormente entupido de roxo, como uma linguça de roxo, dando a impressão de que a côr roxa tinha sido socada nelle bem socada.

Acrece que eu positivamente estava insultando o meu companheiro, chamando-o de mentiroso.

Aquele homem era considerado, num raio de duzentas leguas o pae da propria honra, tido como um baluarte da honestidade, sendo a sua palavra absolutamente verdadeira.

Eu lidava com ele ha mais de dois anos, e jamais o apanhara numa mentira, ou numa falta intencional levissima.

De todo o esplendor de carater é que vinha o apelido de Pulcherio, ou melhor, o seu sobre-nome: Nunca-vortou-meia-vorta-atraís! Quer dizer: ele nunca voltava atraz na sua palavra, falando uma só vez, mas falando a eterna verdade.

E agora, nas bochechas, eu chamava o coitado de mentiroso... Era duro!

Pulcherio desarroxou, como si uma subita ideia o penetrasse; quasi sorriu, de repente calmo; e me declarou:

- Vancê tem rezão...

“E ele é descarado”, pensei eu.

O peão cuiabano continuou, enquanto os nossos burros iam batendo aqueles chãos misteriosos da sensual floresta virgem, chamada a Mata das Corujas Velhas:

- ... e eu tombem tenho razão. Nois tupiamo nesse causo do tar de Sem-Fim.

\* \* \*

Chegara-nos a noticia de que duzentos homens de uns riquissimos garimpos de diamantes, no Rio Malhado (cujas aguas eram malhadas, rajadas como o pêlo da onça), tinham sido assados e comidos por uma tribu de indios caigangs. Era horrivel!

Assim, por muitos motivos, eu e Pulcherio (e mais os nossos dois irmãos que montavamos, os burros) iam a toda préssa. Os burros adivinhavam o perigo, e ora escorriam as orelhas, “pegando o vento”, ora as empinavam como agulhas de S O S, pegando as eletricidades ezotericas, os fluidos do invisivel tenebroso.

De repente, Pulcherio “chamou” a rédea, com força, “ensinando” o queixo da montaria, que mordeu os freios (sinal de angustia da alma animal).

- Agora vou li isplíca o causo do tar di Sem-Fim...

Pulcherio, sem préssa, sem medo, arrostando o perigo horripilante dos caigangs antropofagos, sentou de banda na séla. E apontou uma arvore sublime, a uns dez metros dentro do mato. Eu não a vira.

Fiquei bebedo de deslumbramento, olhando...

A minha alma se esvasiava, jogava no lixo, na lata do lixo todos os seus pensamentos tôrpes, toda a imundicie do sentimento humano, para receber as emoções celestes, dulcissimas, que me vinham da visão daquela arvore.

O crepusculo começava, no veludo solar das quatro horas. Um esbanjamento de luzes doces rolava pela natureza.

E a arvore estava vestida de trepadeiras, de parasitas, de todas as côres. A arvore parecia flutuar, pairar, como um assombramento de fulgores vegetaes. Que mulher seria aquela?... Que mulher seria aquela arvore de sonho?...

Pulcherio, cuja palavra nunca voltava atrais, nem mesmo para fazer uma simples meia vorta reúna, começou a me explicar:

- Essa arve é o Sofre-Sofre. Tudas as semente de frô vem, pôsa nela, ama, e dá frô. A arve, qui num ama, e nem dá frô, coitada! fica ispiano,sofreno o amô dos outro. Quano vem setembro, cumu agora, todas as parasita e trepadêra gozeria (quer dizer – filante) intão si abre numa imundice di frô, di tudus us tamanho, di tudas as cô. É cumu vancê tá veno co os oio. Intão, vem aquela purção di Sem-Fim avuano, i fais os ninho dreto das frô. Mais as frô é di tudas as cô, cada uma diferente da outra, i os passarin ansim cria as pena conforme as cô do cacho di trepadêra qui dá sombra no ninho. Essa cô infrôe no canto da ave, amode qui o fióte di Sem-Fim qui nace dibaxo de um cacho di trepadêra vremeia sae vremeio, i canta vremeio, qué dizê, canta diferente do fióte azur, ou branco, divido a cô do seu ninho di frô... Vancê compredeu agora a dizarrumação da famiage do passo Sem-Fim?...

Eu estava comovido, deante do peão cuiabano, que me olhava macio, com o rifle de “sete trava” (sete córtes, feitos perto da mira com a lima, indicando sete assassinatos) a tiracollo.

E elle me esmagou, assim:

- Apois, seu mano patrão, o passo Sem-Fim é o mêmo... Deus é qui varia!

João de Minas, In: Fêmeas e Santas (1935)

## ANEXO C – O meu encontro pessoal com Jesus Cristo

### **Em Ouro Preto, a ex-Vila Rica, a ex-Imperial Cidade, a bi-secular e antiga capital das Minas Geraes, fundada pelo bandeirante Antonio Dias**

\* \* \*

#### 1

Naquela noite Maria Julia sahia toda de branco para a missa do Galo. Eu, que era seu vizinho - na imortal cidade de antanho – fui acompanhando o seu vulto de flor pálida.

Ela ia com d. Carlota, uma sua tia, seca e triste, e que aos 40 anos, já de olhos de aros de latão, ainda esperava um Romeu.

A rua, em ladeira, tinha voltas e bêcos. Das casas sahiam vultos de devotas, com uma serenidade feliz, como si as edades, vestidas de saias, é que estivessem passando, passando, silente e religiosamente. Eu ia comendo, ceiado com os olhos o corpo branco de Maria Julia.

O luar era o perdão de Jesus, desfolhando-se em rosas, sobre o casario colonial. Era um luar macio como a palavra do Divino Mestre, ensinando aos homens as fraquezas da bondade suprema...

Lembro-me que, durante um meio minuto, tirei as pupilas doidas das curvas de joia do corpo da minha amada. Fiquei parado, extasiado para as bemaventuranças luminosas... E vi então – realmente vi – eu e Maria subindo para os céos, por uma larga estrada coberta de flores, que eram estrelas encantadas.

Nós dois, pisando no infinito, iamos trepando para a gloria de um amor eterno e profundo. E tão bom, tão honesto, que só poderia ter por alcôva a palma da mão de Deus...

Sim, era mesmo verdade: eu e ela, a mulher que eu amava desde creança, iamos assim caminhando para esse ninho de uma volupia que a linguagem animal e comum não póde descrever...

Continuei a andar, coçando os olhos.

Depois me veio uma emoção forte, digna da sinceridade sanguinea dos meus 15 anos. Chorei; creio que chorei, pensando, bem no intimo da minha pobreza, da minha prontidão, que talvez eu nunca pudesse me casar com Maria Julia.

Esse desespero, esse pavor me fez parar de novo.

Com raiva, para desabafar, dei uma bordoadada na barriga de um muro historico, com o meu competente pau mulato chumbado, que me servia de bengala. “Eu fujo com essa diaba! E vamos viver no mato, como os indios... Comigo é nove!” – pensei. Nova cacetada na pança do muro.

E deci corendo, porque a minha namorada já entrara na matriz, e a torre dera o signal do começo da missa. Cheguei.

Lá no fundo, no altar-mór, movia-se o vulto redondo do padre Bertolo. Os ouros, as pratas, as imagens, as flores, os panos refulgentes, tudo adormecia em pouca luz, apenas alguns tocheiros, dando um misterio ancestral áquela hora inapagavel. Jeus nacia, e a bondade e o perdão alagavam o mundo.

Eu, ajoelhado numa sombra, rezava, esmurrava os peitos.

\* \* \*

Acabou a missa de Natal. Todos foram saíndo. Mas Maria Julia ficara um pouco olhando o presepe roceiro. Eu me aproximei dela, e deliciosamente autoritário a vim puxando pela mão, para fóra da igreja.

Paramos á porta, mudos, deslumbrados diante das alvas solidões lunares. Esse, sim! esse foi o maior luar da minha vida!!

Tudo florescia, tudo maternalmente florescia, tudo dava flores, tudo se rasgava em brancos jardins. Uma florada imensa, em ondas lentas, nacia de tudo, das velhas casas, das ruínas, do chão, do aleijado cruzeiro do adro, de mim, de Maria Julia, do mundo...

Era a alma de Jesus que rolava pela imensidade. Flores! flores! flores!... E tudo branco, uma geleira, uma campina polar de flores.

Eu, alucinado de paixão, e de fé, vítima de uma exaltação visual, sentimental doentio que sou, percebi que ia ter um desmaio, ia cair. Agarrei a Maria: e ela me amparou, me socorreu, me segurou.

Passado talvez um minuto, eu fui voltando a mim do meu ataque emocional.

Maria então – ah, como me lembro! – muito de leve, como uma sutil sombra de prata, me deu um beijo na face. E me disse, com uma voz que parecia vir de outros mundos, de outras vidas, de outros amores nossos, uma voz imemorial:

- Eu o amo, para sempre! Alguma coisa me diz que você é meio maluco... Mas eu o amarei, até á morte! Ouviu bem?

\* \* \*

Dias depois, chegou na cidade o Circo Espinelli, com uma moça que dançava no arame. Ah, foi uma enxurrada de loucuras! Apaixonei-me pela dançarina.

Ela não tardou a me trair, picando o meu coração com o sabre policial de um sargento, um mulato zarolho e valiente. Sofri. Sofri como um danado!

E fugi da minha cidade de bençãos, andei dando cabeçadas nas trevas ferozes do mundo.

Fiz-me um miserável. E nos dentes do martírio, no silêncio sangrento das desgraças, quando eu procurava o revólver para arrolhar com uma bala a garrafa de fêl do meu destino, alguma coisa muito doce, como uma luzinha de altar, se acendia no meu coração. Era aquele beijo de Maria Julia! Aquele beijo branco, alvíssimo, que ela me dera naquela noite de Natal!

Mas tudo isso - como o tempo é perverso! – se tinha passado ha tantos anos!...

## 2

Vinte anos. Fazia 20 anos, agora, que se passara aquele beijo...

Eu voltara á terra do meu berço. Viera buscar, caçar, desenterrar o passado...

Agora, outra vez, era a noite de Natal. Tudo como outrora, naquela rua aleijada de voltas e bêcos medievaes. Como no outro tempo, eu fui decendo a rua da minha vida. Meu coração chorava, e minha boca fumava um tóco ardido de cigarro.

Depois de tantos anos de pontapés da sorte, eu voltava á procura de Maria Julia, do seu amor, da sua beleza como que irreal, da sua proteção espiritual.

Lá em baixo, na Matriz balsâmica, já déra a primeira chamada para a missa do Galo. Era tão bom!

Eu me sentia reviver, nacer de novo, mergulhado no leite saboroso das ilusões, da mocidade longe...

Fazia uma hora, si tanto, que eu apeiara do trem de ferro, que me trouxera da ausencia brutal e ingrata. E, no entanto, já me ia parecendo que eu nunca saíra do meu torrão natal, daquele perfume de coisas sagradas, heroicas e simples.

No meu espirito, agora, Maria Julia aparecia consoladora como uma santa. Os seus olhos lentos e ingenuos era como os da Virgem Maria.

Não! Eu estava louco por vel-a... Vel-a, e segurar-lhe as mãos de crepusculo, de lua nova tímida abençoando o sono dos campos azulados...

E eu, como fôra ordinario, cretino, em abandonal-a! Mas não tardara o meu arrependimento.

Eu nunca lhe escrevera, nunca mais lhe pronunciara o nome: a principio, por orgulho; depois, por vergonha; e afinal, para melhor lebrar-a na catedral do meu coração, no pungente silencio da ruína...

\* \* \*

Não tive coragem de entrar no templo avoengo.

Fiquei á porta, esperando que a missa acabasse, porque Maria Julia já devia estar lá dentro.

O luar, aos meus olhos dolorosos, outra vez se transformava em flores, flores eternas, um paraíso de petalas, de azinhas vegetaes... Que maravilha!

Fazia frio. Esfarrapado, misero, eu me encolhia no portal da igreja. Acendi o ultimo toco de cigarro.

As flores do céu fluíam, rolavam, passavam numa procissão veludosa de esplendores.

A missa acabou. Os devotos foram saindo. Sairam todos. E ella? E a mulher inolvidavel?... Onde estava ela?... Desesperado, eu ia entrar no templo, para procural-a. Si eu não a encontrasse, eu até me mataria...

Arranquei-me do portal, cambalêando. Mas parei, como num sonho...

As portas da Matriz, por dentro, se fechavam sem ruido. E senti todo o horror do abandono e da solidão. Comecei a chorar...

Foi quando uma voz dulcissima me disse:

- Aqui estou, meu filho!

Eu caí de joelhos, com as mãos postas. Jesus Christo estava deante de mim, feito de uma luz tão bela que não sei como ela é. Eu chorava, com os olhos arregalados.

E o Meu Pae continuou.

- Olha!

E olhei, no rumo da Mão que Jesus apontava apontava para os céos. E vi, subindo para o infinito, toda juncada de flores encantadas, aquela mesma estrada miraculosa, com que vinte anos antes eu sonhara acordado, numa noite como aquela... Maria Julia, lavada de luz, ia por aquela rua da imortalidade. E ia sosinha, distanciando-se de mim cada vez mais, transfundin-



do-se nos paramos de Deus. Por fim, ela foi sumindo, foi se desprendendo no vacuo das sublimações insondáveis...

Jesus me falou de novo:

- Aquela que você procura, meu filho, morreu hoje, por causa do seu abandono. Ela o esperou, até o ultimo alento. Morreu pronunciando o seu nome. Você a matou... Vae pelo mundo, sofre de novo. E você pagará assim o seu imenso pecado. Porque é pecado mortal mentir ao amor de uma mulher! Vae, meu filho. E quando eu o chamar, é que já o perdoei...

Eu caí de bruços, querendo abraçar os pés de Meu Pae. Mas Ele já se tinha dissolvido no luar e no silêncio.

E eu fiquei desacordado, como morto, sobre as lages tumulares, sobre o chão feito de paz e aniquilamento, diante do portão da Matriz de meus avós...

\* \* \*

É por isso, em verdade vos digo, que sou triste e solitario, e às vezes a horas mortas ando sem destino pelas ruas desertas, como uma alma penada... É por isso. É por isso!

Ai, que saudade!...

João de Minas, In: Fêmeas e Santas (1935)

## ANEXO D – Arranha-céu rádio

(Trailer do romance Sexual “A Mulher Carioca aos 30 Anos, em preparo)

Na caixinha de xarão estavam guardadas todas as recordações, em forma comprimida e rápida. Ellas eram tres, ou melhor, eram tres photographias.

A primeira representava Semiramis aos 22 anos, quando tomara o veu de freira, no Convento das Filhas Eternas de Maria, que fica lá para os cafundós coloniaes das Aguas Fereas.

A segunda, representava uma outra phase sensacional da vida de Semiramis. Ella não estava com o veu barato de irmã da caridade, embrulhada em roupas do céo mal cortadas.

Achava-se vestida de princeza arabe do deserto, com a mãosinha na orelha de um camello. Palmeiras do oasis ao fundo. E um beduino a fixal-a, com um amor bruto.

O camello era da familia cinematographica de Hollywood, e o beduino barbudo era José Mojica.

Ella era então extra de cinema, por conta da Paramout, que a levara do Brasil através de um concurso de beleza feito pel’ “O Malho”.

A terceira photographia era o minuto passadista do seu casamento. Ella estava recebendo o anel matrimonial da mão papuda do noivo. Ia chorar nesse instante tolo, lembrava-se bem.

Elle, Arxexel Salazar, nada photogenico, sahira com a cara inchada, os olhos mortos de peixe cosido.

Ao redor, um ramilhete alvo e fluido de moças com caras compungidas.

Ao fundo, o altar phosphorecente da Cruz dos Militares, onde ella se casara por promessa.

\* \* \*

“Vivi todas essas tolices”, pensou philosophicamente Semiramis Pujol, olhando as tres photographias dasua vida agitada de trinta annos.

Ficou assim um meio minuto, afundada no passado, espiando os degraus de suas illuções, que o tempo ia sujando de poeira. Poeira do asfalto, petalas de rua, desfolhar de lixo, minusculas canalhices do olvido...

Semiramis ia guardar esses tres documentos biographicos, quando notou que alguma coisa os romanceava, no fundo da caixinha de xarão.

Ella os guardava ali, e mais nada. Mas agora aparecia no cofresinho um outro objecto. Ella extranhou, e pegou-o de pressa.

Era talvez alguma carta de amor, dos muitos que ella havia tido, uns comerciais, outros romanticos...

Sorriu, apunhalada pela estupidez das realidades de emboscada. O papel era um rol de roupa, uma conta da lavadeira, e que ella por qualquer motivo carnavalesco esquecera ali, com as tres calamidades photographicas...

O rol dizia, diabolicamente (redigido pelo marido):

“Treis cueca . . . . . 1\$500

Quatro paris di meia . . . . . 1\$600  
Um terno di linho . . . . . 5\$000”

.....

E assim por ai fóra o rol ia narrando as escabrosidades de um guarda-roupa econômico, nitidamente suburbano, e anti-gramatical.

Semiramis quasi deu uma risada. Lembrou-se, de repente, da importancia historica daquella escripta.

Ella tinha então se casado fazia 7 mezes, e elle, que começara a sua fortuna carregando fardos na descarga dos vapores, discutia as contas com uma avareza microscopica.

Por causa daquella conta excessiva ella tivera a ultima luta de box com o marido. E fora dormir na rua, em qualquer parte...

O rol era, pois, o Destino!

\* \* \*

Semiramis guardou a caixinha de xarão numa gavetinha do guarda roupa, trancou, e poz a chave notro lugar.

“Morri para traz, e estou sepultada neste tumulo de pau rosa falsificado. Com uma vantagem: não apodreço, não cheiro mal, não faço nudismo para os vermes, não permitto commentarios ao nada...” – concluiu com uma ruga na testa, muito de leve, a formosa mulher carioca aos 30 anos.

\* \* \*

Anoitecia, com a noite pintada das estrellas de maio. Entrava por ali, no apartamento rico, a immensidade lilaz do mar de Copacabana.

O ruido dos automoveis trepava pelo Arranha-céo Radio, e vinha naquelle 28 andar se esmaecer docemente, como si fosse baratas e ratinhos que corressem no verniz do pavimento.

O jaz do jantar no Lido, distante duas quadras, era ouvido como uma descompostura que vinha de cima, das estrellas e da lua nova.

A vida era bem boa naquela recanto de fatalidade.

Havia, no cimento armado do casarão como que uma loja de almas e prestações.

Musicas subitas, que se enfureciam, e paravam; vitrolas; radio, Buenos-Aires, Hitler, Odol, Café Paraventi, Educadora Paulista, guerra do Chaco...; informações, discursos, sambas, do mundo inteiro, pelas ondas hertzianas; caras novas, amores novos, noivados repentinos, brigas de amantes internacionaes, buracos, rasgões negros entre duas almas; menages a trois; policias de chapéo de palha, que vieram saber si estava se tramando uma nova revolução no quarto andar; e elles esbofetearam um moço de bigodinho, cheio de documentos graves, e que trazia o glorioso apelido de tenente Itararé; uma dansarina que se suicidou na garçoniére 302, á esquerda, acabando com o sortimento de cocaina de uma pharmacia da rua do Ouvidor; numa sala do ultimo andar, o 32, uma firma que exporta cêra de carnauba; mas é mentira, pois o seu negocio é o olho de Moscou; tres escolas de dansa, que não dansam, mas importam escravas brancas e mulatas; um official de gabinete com uma franceza, no 6<sup>o</sup> andar, e com a esposa e filharada no 7<sup>o</sup>.; ficou rico no gabinete, e anda arrotando que vai comprar o predio, para installar nele o Ministerio do Espirito Revolucionario, depois da Constituinte; familias de escripturarios nas repartições, que lavam em casa, e põem ceroulas e calçinhas enxugando numa corda, nas janellas dos fundos; calistas, manicures, meia duzia de dr. Pires multiplican-

do as rugas dos otarios; um escriptorio de publicidade plastica confidencial, incumbido de enviar sob registro photographias de moçinhas nuas e sabidas a velhos ricos; um departamento do Vintem do Leproso e do Vintem da Syphilis, que anda enriquecendo umas rameiras caritativas da alta sociedade; garçonières de pintores, escriptores e bachareis automaticos, caçando casamentos ricos na policia; um escriptorio methodista, dos Amigos da Biblia, lamuriando salmos de repente, a horas mortas, com um gago furioso e berrador, nos fundos do andar 21; dois elevadores monstros puxando a canalha toda; os acesoristas fazendo ligações discretas com as mulheres prohibidas de mentira e os coroneis do amor; uma bagunça estandarizada e gostosa; aqui, o chulé de um labrego rico; ali, o fedor de violetas de uma dactylographa, que quer se matar numa comedia do Beira Mar Casino, mas não foi tomada a serio pelo Joracy Camargo; uma encrenca sapequissima...

Tudo isso é o Arranha-céu Radio.

\* \* \*

Semiramis viera para ali a tres mezes. Estava bem.

\* \* \*

Tinha anoitecido completamente, e só então ella se lembrou de accender a luz. Ia se vestir, para jantar. Depois, rodaria um pouco nos mysterios sem novidades da noite encantadora, noite expressamente feminina e carioca.

O dr. Pedro Ernesto...

João de Minas, In: Fêmeas e Santas (1935)

## ANEXO E – O Misterioso assassinio do millionario das estatuas de ouro

O tragico passamento do millionario Carlos Moncorvo de Padua fôra em circunstancias mysteriosas. Eis como se desenrolaram os factos.

\* \* \*

O grande capitalista de Santos, o velho Padua, como era chamado, era de uma avareza especial. tinha paixão quasi carnal pelo ouro, fundido em estatuas de mulher. Era uma doença psychica do millionario: elle se cercava de corpos femininos maravilhosos, “girls” esplendidas, pequenas da pontinha, e todas em trajes edenicos.

Mas esse mulherio era morto, era insensivel, era fundido em ouro puro, era como que amoedado em plasticos gelados e ironicos.

Isso era certametne uma doença, uma fórmula de loucura do argentario. Por outro lado, isso illuminava e sublimava a sua infame fome de ouro. Sim, elle era um avarento, um unhas-de-fome, mas amava o ouro traduzido em belleza, em curvas femininas, em seios divinos, em cabeças sonhadoras, em pernas que tinham a leveza fluida das asas.

E dahi uma certa forma de artista que cercava o velho Padua, e mesmo um vago cunho de bohemia e poesia que aureolava o seu bazar de evas de todos os tamanhos, até do tamanho natural. E todas suando fulgurações amarellas, desse amarello apaixonante do vil metal. Visitas illustres iam saborear as mulheres exquisitas do velho Padua, no seu palacio, quasi todo fechado, á rua das Palmeiras, 307 B.

Padua ia pelos 70 annos. Enriquecera prodigiosamente em Santos, com negocios e ladroeiras de café, durante coisa de trinta annos. Casara-se e em breve perdia a mulher, ficando-lhe um filho, o Clarimundo.

Retirando-se dos negocios (com Clarimundo já maior), e já atacado da mania das estatuas de ouro puro, o velho Padua viera para o casarão sujo da rua das Palmeiras. Ali vivia relativamente feliz, dono de oitenta e dois predios da E.F. Paulista. Era uma bellissima fortuna.

Clarimundo era adorado pelo pae, que apreciava tanto quanto as messalinas de ouro. Era um moço ajuizado, modesto e calado, só vivendo para gerir a fortuna paterna, sem amores ou complicações de qualquer especie na sua mocidade morta. E era o unico herdeiro da bola-da-monstro.

Esses dois homens viviam modestamente, com uma cozinheira e um homem de jardim e rua, para todo serviço pesado. Só isso, e nada de exhibições doentias e cretinas na alta sociedade. Até Padua costumava ironisar a alta roda, dizendo ser elle composta de “vagabundos sortidos que escreveram livros ensinando os outros a trabalhar”... Esse ricaço era realmente um pandego.

Ha um anno mais ou menos, o misero millionario fôra ferido no arminho mais terno de seu coração: Clarimundo fizera uma viagem ao Rio, e lá fôra victima de um golpe de ar, ou seja de alguma coisa parecida com uma constirpação; e escrevera ao pae francamente o que se passava – elle estava atacado de violenta lepra, estava lazaro: assim, tinha vergonha de voltar a São Paulo, e ia dar um giro pela Europa, a ver se se tratava; e pedia ao velho que guardasse o sigilo de sua desgraça.

O bom pae soffreu muito com isso, mas forneceu ao rapaz grandes recursos para se tratar. Passados tres mezes, Clarimundo chegava occultamente a S. Paulo, e ia morar numa casa modesta e baixa, pegada á do pae, com a mesma se communicando.

Quando o velho Padua viu Clarimundo, chorou como uma criança.

A cara do rapaz abria-se em chagas purulentas; era uma lepra infernal, rebentando em pus e sangue negro, com feridas tragicas; estava ali como que outro individuo, um monstro arrepiante e unico.

Clarimundo apresentou então a seu progenitor uma santa mulher, que era a sua enfermeira, enfermeira e amante, e com a qual elle travara conhecimento por um milagre da divina Providencia.

O velho Padua, mais amoroso ainda o filho naquella inenarravel desgraça, acolheu Margarida (era o nome dessa martyr) com lacrimosa sympathia.

(E lá com seus botões prometeu fundir ainda em ouro o corpo de Margarida, que tão heroicamente supportava os carinhos lazarentos de seu filho).

O capitalista não podia supor que ella fosse uma cavadora de ouro, porquanto a troco de apanhar a lepra não valia a pena ficar rica nem de todo o ouro do mundo.

Assim ficava provado que Margarida era tarada, e amava mesmo a podridão ambulante em que se transformara Clarimundo.

\* \* \*

Releva notar que Carlos Moncorvo de Padua tinha um amor louco ás suas estatuas de ouro; e, não podendo á noite transportal-as para a caixa de um banco, e não aguentando essa ausencia, pois o seu prazer era viver mesmo com todas essas diabas, elle tinha todo esse thesouro num amplo salão. Ali dormia, todo aferrolhado por dentro. Não havia sinão uma porta, e em cima da parede de um lado havia cinco respiradouros circulares, onde apenas poderia passar o corpo de um gato, e nada mais.

Ora, uma tarde, ás quatorze horas, o dr. Abelardo Laurentino, chefe da Delegacia de Crimes de Morte, á rua de Santa Ephigenia, recebeu o seguinte telefonema:

- É da policia?... Aqui quem fala é Margarida, creada de servir na rua das Palmeiras, 307 B. Peço a intervenção da policia, pois o dono da casa não sahiu ainda do quarto, e não responde aos chamados. Trata-se do millionario sr. Padua...

Os jornaes da noite noticiaram o caso curioso: o velho Padua, depois de arrombada a porta com immensa difficuldade, de tal maneira elle se fechava por dentro, fôra encontrado morto, cahido da cama, parecendo ter havido lucta, ou ter o millionario bracejado na agonia; o seu pescoço estava mole, quebrado como si mãos de ferro o tivessem suffocado, e era só, nada faltava no thesouro, nada fôra furtado; também nem podia ali ter entrado ninguem, pois o morto estava terrivelmente fechado por si mesmo; as estatuas de ouro serenamente olhavam o vacuo, sorrindo com a sua belleza amarella, exhibindo as suas formas de milagre; tudo estava em ordem; e um pacote de notas de quinhentos mil réis, que o morto tinha por distracção no bolso do casaco, lá estava. Como se explicar essa morte?

A policia official ouviu o parecer ponderado do dr. Abelardo Laurentino; e elle, o futuro autor do terrivel livro de policia scientifica “COM A BOCCA NA BOTIJA”, sentenciou:

- Não é caso de autopsia. A morte foi natural, e eu vou mandar o legista attestar. O morto teve um ataque qualquer, elle tinha mais de sessenta annos; e rodou pelo quarto, abraçado ás suas mulheres de ouro... Cahiu, quebrou o pescoço; e assim o “cadaver do defunto morreu” por uma vez... Sei que o policia amator Paulo Borborema andou catando umas porcarias pelo chão, ao redor do morto, mas isso não passa de estupidez... E a policia official não pode, para agradar a imprensa amarella, fazer escandalo em torno da morte de um homem da nossa melhor sociedade, como era o nosso Padua, meu amigo particular...

O escrivão Caminha sacudiu a vasta caspa da sua inspirada cabelleira sobre os presentes, na sala do dr. Laurentino; e lamentou:

- Pena é que tão gorssa fortuna passe ás mãos de um leproso, que é o Clarimundo!

- É verdade, disse o dr. Costa Netto, que se achava presente. E decretou, depois de fazer uma careta juridica energica:

- Mas nesse facto, na posse da herança por um inutil leproso, ainda ha belleza, a belleza do nosso direito, que se baseia na propriedade e na familia. O dinheiro é do leproso, e elle o tera em serenissimo pagamento do inventario.

Assim ficou liquidado o caso da morte tragica... mas natural do famoso adorador das mulheres de ouro. E Clarimundo ia receber uma fortuna avaliada em 84 mil contos, muito por baixo, para favorecimento de custos.

\* \* \*

Uma tarde rebenta a novidade formidolosa: o velho Padua fôra barbaramente assassinado, fôra outros aspectos do caso, que faziam desse crime uma outra serie de crimes, ou cousa que com isso se pareça; os jornaes paulistas da tarde vieram com reportagens vertiginosas; e na manhã seguinte “O DIA”, o jornal de que era reporter o detetive amator Paulo Borborema, tirava 60.000 exemplares, em tres edições, com titulos e clicherie inedita e côres; era afinal um sucesso medonho e furioso!

\* \* \*

Agora, vejam como Paulo Borborema deslindou esse monstruoso crime.

\* \* \*

Os arredores do Mappin estavam simplesmente deliciosos, naquella tarde amorosa; banhada de petalas subtis de elegancia. Um casal chic, parecendo estrangeiro, mais propriamente parisiense, desceu de um Rolls-Roice sumptuoso, e tomou o discreto elevador do chá do Mappin. Esse par ali vinha pela quarta vez, cultivando aquelle ponto da moda.

Paulo Borborema, que tinha se disfarçado em um velho elegante e curvo, de oculos escuros, e que já tinha se entendido com o ascesorista, fez parar o elevador entre dois andares. Sacou do revolver e em tres tempos algemou o casal, sem dar explicações.

O elevador voltou e os presos fizeram um bruto alarme. Juntou gente e elles foram jogados num auto de praça, que rodou para a Policia Central.

Surgiram protestos da multidão, que não concordavam que um casal de lordes fosse preso, algemado esmurrado sem forma inicial de juizo. Mas fez-se brutal violencia, com enorme escandalo.

Quando já se tinha regularizado, e os bandidos confessado os seus crimes, deante das provas esmagadoras, Paulo Borborema resumiu da seguinte fórma a sua acção genial, para chegar áquelle resultado estupendo.

- O dia em que o velho Padua appareceu morto eu fui um dos primeiros que compareceram no local. Examinei tudo, esfalfei-me em pesquisas no aposento. Andei mesmo de gatos pelo chão, e lembro-me que o dr. Abelardo Laurentino, o talentoso delegado, fez até troça a meu respeito... Fiquei convencido de que o assassino só teria meios de ali entrar e sahir através dos buracos ou respiradouros na parede. Ora, por esses orificios so podiam passar gatos. Era horrivel o beco sem sahida em que eu ficava. Durante a minha estadia no salão do crime, vi com horror aparecer chorando o filho e herdeiro do morto. O seu rosto monstruoso escorria um melado amarello, um pús grosso... O infeliz, percebendo o asco que causava, logo desap-

pareceu, pelo braço de Margarida, em quem vi uma louca, pois não era possível que uma mulher normal amasse aquelle monstro, e dormisse com elle. Acontece que no logar onde Clarimundo estivera, e fizera caretas de choro, cahiu no chão uns residuos, como que umas casquinhas de feridas. Eu, com muito cuidado, não sei porque apanhei essas casquinhas, e mais umas escamazinhas brilhantes, sendo estas mais abundantes, e que se viam até nas prateleiras, de um grande armario, que estava encostado na parede, indo até um palmo abaixo de um dos orificios. De posse desse material, mas muito desanimado, fui para o microscopio, fui para o meu laboratorio scientifico. E cahi das nuvens... Descobri que as escamasinhas eram de uma cobra africana, a piton, e os residuos eram de alvaiade, ou eram material de maquilage, como se o leproso fosse um leproso artificial, com chagas e feridas horriveis feitas para uma representação theatral. Nós sabemos que hoje se pode, com os progressos da caracterização theatral e cinematographica, fantasiar uma lepra tragica na cara mais sã deste mundo. Cheguei a duas conclusões categoricas: o millionario fôra assassinado por uma piton africana, que luctara com a victima, depois de atacal-a dormindo; matara-a com facilidade, apertando-lhe o laço dos seus terriveis aneis no pescoço, e depois sahira por onde entrara, por um dos respiradouros, razão por que as prateleiras do armario tinham escamasinhas da cobra; pois eu duvido que ella subisse pela parede lisa. Essas duas conclusões me levaram a admittir que o Clarimundo falso leproso não era filho do millionario; se não era, o verdadeiro Clarimundo devia ter sido assassinado, ou estar sequestrado nalgum logar; por outro lado, esse falso Clarimundo é que teria interesse na morte do velho, para como seu filho herdar-lhe a fortuna; logo, elle é que ensinara a cobra a matar o velho de qualquer forma; ficava tambem explicado porque Margarida era amante do leproso, com a maior alegria; ella antes já era amante do bandido, sua cumplice, e certamente ajudara a consumir o verdadeiro Clarimundo. Armado assim o meu arsenal de motivos logicos, eu assaltei uma noite a casa do leproso, que alias já estava em posse de todos os thesouros do seu supposto pae. Narcotisei os bandidos, que dormiam juntos, elle sem nenhum signal de lepra, um rapagão, e que não me era extranho; aquelle individuo ha dois annos eu vira trabalhando no circo Piolin, com uma enorme serpente, que recebia ordens do domador, e atacava e enforcava um boneco de borracha adormecido, um homem perfeito, e que tinha por dentro uma machina que lhe permittia gritar pedindo socorro, como se fosse um ser vivo; e justamente esse artista excentrico era um mestre em caracterizar-se apparecendo com enorme successo na pelle do *Homem que Ri*, do romance de Victor Hugo, e mesmo ás vezes como leproso, causando horror na platéa, tal era a perfeição de suas chagas; encontrei a cobra, num compartimentobem difarçado, e que era a mesma do Circo Piolin; deixei tudo como estava, e retirei-me. Com espanto, emquanto eu fazia pesquisas no Rio, por meio de documentos encontrados na minha visita nocturna, notei que os bandidos, cansados de fingir e se acautelar, e já certos de terem triumphado, saham de noite, indo para um palacete discreto no Jardim America, rua Barroso, nº 12, rodando então no dia seguinte de Rolls-Roice, como nababos, sendo que na certa ninguem os podia conhecer. E assim foi que eu os preendi no elevador do mappin. Afinal, liquidada a herança, o supposto filho do Padua embarcaria para a Europa, para se “tratar”, com a enfermeira “martyr”; e iriam gosar os milhões furtados tão habilissimamente...

O chefe da quadrilha acrescentara tudo quanto apurara Paulo Borborema, accrescentando: que, ao entrar para o circo Piolin, já era amante de margarida Gusman, dansarina; que, indo certo dia ao alfaiate Patrasso, que lhe recomendaram como o rei da elegancia, tomou ali medidas para um terno, que o alfaiate muito admirado lhe disse que naquelle instante o archimillionario Clarimundo Padua tomára ali tambem medidas para um terno, tendo exactamente as mesmas medidas que o depoente, sendo os seus corpos eguaes; que o contou orgulhoso esse factó á sua amante, e ella, filha de bandidos argentino, começou a forgicar o plano infernal; assim, dias depois, sua amante lhe disséra que vira o millionario, que de cara não se parecia com o depoente, mas como elle tinha os cabellos lisos e castanhos e os olhos pardos;



que extranhou esse interesse da amante; quando ella dias depois lhe expoz o plano do crime, que os faria donos de toda a fortuna do velho Padua, e que não haveria perigo da policia descobrir, pois, com a Revolução, a policia de S. Paulo passara a ser uma droga; que elle depoente se empregou como copeiro e jardineiro oito mezes em casa do velho Padua, aprendendo a fundo todos os particulares da casa da familia, assim como furtando cartas com a letra de Clarimundo; que depois retirou-se, passando uma irmã de Margarida (a linda Punes Gusman, dansarina, e que veio de Buenos Aires só para isso) a conquistar Clarimundo, fazendo-se sua amante; que Clarimundo foi attrahido ao Rio por Punes, que occupava o bangalow nº 64, na rua Pedro Ernesto, em Santa Thereza; que ali, na noite de 12 de setembro de 1933, o depoente assassinou Clarimundo por enforcamento, evitando fazer sangue, ajudado pelas duas irmãs, que o embriagaram de champagne com cocaina; que o cadaver, mettido num grande sacco com cal, foi enterrado de noite no quintal; que o depoente aproveitou todas as roupas e papeis do morto; e de posse da sua letra, foram a um cumplice argentino, Salomão Ibanez, á rua do Chile, 4, sob., com escriptorio da Swy Migdal, e formidavel falsario; que Ibanez fez uma carta para o velho Padua, com a letra exacta do filho, e com detalhes sobre a casa e os habitos do velho, o que elle depoente aprendera durante o tempo do seu emprego na casa da rua das Palmeiras; que, sendo o depoente em tudo parecido com Clarimundo excepto no rosto, a lepra foi inventada para que o depoente pudesse alterar as feições, adoptar uma mascara diferente, sem o velho e a policia poderem desconfiar de nada; disse que a lepra affasta a todos, o que no caso ainda era uma vantagem; que, pedindo dinheiro ao velho, este mandou ao supposto filho um cheque em branco contra o Banco do Brasil; que o depoente e cumplices foram passear na Europa; que o resto, foi facil, vindo o depoente e Margarida morar na casa pegada á do velho Padua, que ás vezes agora podia sahir em passeios hygienicos a pé, tendo o “filho” em casa para tomar conta dos seus thesouros; que nessas ausencias do millionario os criminosos, com um boneco de borracha feito na Europa á semelhança do velho, treinaram calmamente a piton no enforcamento do dito millionario; que pelo codigo penal do Brasil, um codigo falho e infame, elle depoente não matou o millionario, sendo a piton é que deve ir para a cadeia...; que tinha commetido um crime perfeito, mas a policia de São Paulo é mesmo um colosso, ao contrário do que dizem...”

João de Minas, In: O Malho (8/11/1934)